

CARLOS ROBERTO MASSAO HAYASHI

**O CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL:
UM ESTUDO BASEADO NOS GRUPOS DE PESQUISA**

Trabalho apresentado como cumprimento aos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, sob a orientação do Prof. Dr. Amarílio Ferreira Jr.

**São Carlos
abril/2007**

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária/UFSCar**

H412ch	<p>Hayashi, Carlos Roberto Massao. O campo da História da Educação no Brasil : um estudo baseado nos grupos de pesquisa / Carlos Roberto Massao Hayashi. -- São Carlos : UFSCar, 2007. 249 f. -- (Anexos).</p> <p>Tese (Doutorado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2007.</p> <p>1. Educação. 2. História da educação. 3. Análise bibliométrica. 4. Produção científica. I. Título.</p> <p>CDD: 370 (20^a)</p>
--------	--

BANCA EXAMINADORA

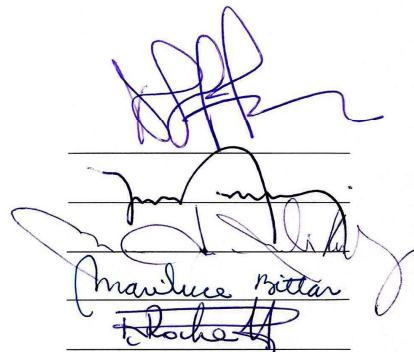
Prof. Dr. Amarílio Ferreira Júnior

Prof. Dr. Julio Romero Ferreira

Profª Drª Maria Teresa Miceli Kerbauy

Profª Drª Mariluce Bittar

Prof. Dr. Romeu Cardozo Rocha Filho



Handwritten signatures of the exam board members, corresponding to the names listed on the left. The signatures are written in blue ink and are placed on horizontal lines. The first signature is a stylized 'A' for Amarílio Ferreira Júnior. The second is a stylized 'J' for Julio Romero Ferreira. The third is 'M.T. Miceli Kerbauy'. The fourth is 'Mariluce Bittar'. The fifth is 'Romeu Cardozo Rocha Filho'.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Amarílio Ferreira Júnior, orientador desta tese, de quem sempre recebi orientação segura e competente que resultou no aprimoramento deste trabalho, pela confiança incondicional que depositou em meu trabalho, além dos constantes incentivos para a sua consecução.

Aos professores Dr. Júlio Romero Ferreira (Unimep) e Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy (UNESP/FCLar), membros externos da banca examinadora, que contribuíram com suas sugestões para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Romeu Cardozo Rocha Filho, Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSCar e membro interno da banca, com o qual tive o privilégio de conviver ainda que por um curto período de tempo, no curso de minhas atividades na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, pela compreensão demonstrada a respeito da importância do trabalho com os grupos de pesquisa institucionais.

À professora Dra. Mariluce Bittar (UCDB) que me incentivou a dar prosseguimento nos estudos sobre a produção científica na área de Educação, por ter aceitado compor a banca final de defesa desta tese.

À professora Dra. Marisa Bittar, que ainda no Mestrado, ao apresentar a perspectiva histórica dos fundamentos da educação ampliou as bases essenciais para a uma melhor compreensão sobre a produção do conhecimento em História da Educação no país.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar pelos ensinamentos recebidos.

Aos colegas de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar pela troca de conhecimentos e apoio mútuos: Thais, Karina e Plínio.

A secretária do PPGE/UFSCar pela atenção e presteza durante o desenvolvimento do doutorado.

Aos amigos e colegas do Departamento de Ciência da Informação/CECH.

Ao NIT/Materiais da UFSCar e ao Prof. Dr. Leandro Innocentini Lopes de Faria, por facultar o acesso à utilização do software para análise bibliométrica.

À bibliotecária Márcia Regina da Silva, pelo apoio em todas as fases desta pesquisa, meus agradecimentos pela oportunidade de convivência que tem resultado em importantes parcerias científicas.

Aos bolsistas e graduandos em Biblioteconomia e Ciência da Informação, Felipe Dorn Coelho Barroso e Maycke Young de Lima, pela colaboração na organização dos dados para análises automatizadas com o Vantage Point.

A minha família, por tudo.

RESUMO

Hayashi, C. R. M. **O campo da História da Educação no Brasil**: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

O estudo realizado refere-se ao campo da História da Educação no Brasil e foi baseado na análise dos grupos de pesquisa que integram o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, visando verificar a sua contribuição para a consolidação dessa área de pesquisa no país. O critério para o reconhecimento de grupo integrante da massa crítica em História da Educação foi o desenvolvimento, pelo menos, de uma linha de pesquisa nessa área, conforme definido pelo líder do grupo. A metodologia utilizada foi desenvolvida nas seguintes etapas: 1) revisão de literatura sobre a pesquisa em educação no Brasil com foco na História da Educação; 2) coleta de dados no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq para identificação dos grupos de pesquisa e na Plataforma de Currículo Lattes para recuperação da produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa; 3) descrição e categorização dos dados obtidos e 4) análise e interpretação dos resultados obtidos realizadas à luz da abordagem bibliométrica. Para o desenvolvimento da metodologia foi utilizado software de análise bibliométrica que teve por objetivo identificar as características dos grupos de pesquisa da área de Educação, com relação aos seguintes aspectos: a) área de conhecimento; b) ano de criação; b) liderança; c) linhas de pesquisa; d) composição (pesquisadores, estudantes e técnicos); e) repercussões das atividades do grupo; f) produção científica e tecnológica; g) região; h) vinculação institucional; i) colaboração científica. Os resultados obtidos na base censitária 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa/CNPq identificaram a existência de 108 grupos e 317 linhas de pesquisa. As análises realizadas permitiram delinear as atividades científicas realizadas pelos grupos de pesquisa em História da Educação, sua distribuição geográfica e institucional, os temas de pesquisa, os padrões de divulgação de resultados das pesquisas e a relevância social das pesquisas realizadas. Os dados obtidos foram confrontados com o referencial teórico objetivando-se garantir validade e fidelidade na sua interpretação.

Palavras-Chave: Educação. História da Educação. Análise bibliométrica. Produção científica.

ABSTRACT

Hayashi, C. R. M. **The field of History of Education in Brazil**: a study based on the research groups. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

This study is about the field of the History of Education in Brazil and it was based on the analysis of the research groups that integrate the Directory of Research Groups in Brazil/CNPq, in order to verify its contribution for the consolidation of this research area in the country. The criterion for the recognition of group integrant of the critical mass in History of the Education was the development, at least, of a research line in this area, as defined for the group leader. The methodology was developed in the following stages: 1) literature review on the research in education in Brazil with focus on the History of the Education; 2) data retrieval in the Directory of Research Groups in Brazil/CNPq for identification of the research groups and in the Lattes Platform Résumé for recovery of the scientific production of the research groups' leaders; 3) description and categorization of the retrieved data and 4) analysis and interpretation of the results achieved through the bibliometrical approach. For the development of the methodology, a software of bibliometrical analysis was used, and that had as objective to identify the characteristics of the research groups of the area of Education, consisting of the following aspects: a) area of knowledge; b) year of creation; b) leadership; c) research lines; d) composition (researchers, students and technicians); e) repercussions of the group activities; f) scientific and technological production; g) region; h) institutional entailing; i) scientific collaboration. The results achieved in the censused base 2004 of the Directory of Research Groups/CNPq had identified the existence of 108 groups and 317 research lines. The analyses allowed to delineate the scientific activities of the research groups in History of the Education, its geographic and institutional distribution, the subjects of research, the standards of the spreading of results of the researches and the social relevance of the realized researches. The retrieved data were collated with the theoretical review objectifying to guarantee validity and fidelity in its interpretation.

Keywords: Education. History of Education. Bibliometric Analysis. Scientific Production.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Grupos de Pesquisa em Educação nas bases censitárias do Diretório	103
Tabela 2 - Grupos de Pesquisa em sub-áreas da Educação	103
Tabela 3 – Síntese das informações sobre os grupos de pesquisa	104
Tabela 4 – Distribuição dos Recursos Humanos nos Grupos de Pesquisa	109
Tabela 5 – Número de pesquisadores por sexo, segundo a grande área predominante do Grupo no Censo 2004/CNPq	112
Tabela 6 – Distribuição percentual dos pesquisadores por sexo, segundo a condição de liderança – 1995-2004 (total pela condição de liderança: 100%)	112
Tabela 7 - Distribuição dos grupos de pesquisa por ano de criação	115
Tabela 8 – Distribuição geográfica dos grupos de pesquisa e dos Programas de Pós-Graduação por região do país	118
Tabela 9 – Distribuição institucional dos grupos de pesquisa	119
Tabela 10 – Setores de atividade dos Grupos de Pesquisa	121
Tabela 11 – Distribuição dos Grupos de Pesquisa por área de conhecimento	122
Tabela 12 – Síntese das linhas de pesquisa desenvolvidas pelos grupos de pesquisa	125
Tabela 13 – Palavras-chave das linhas de pesquisa	126
Tabela 14 – Síntese dos eixos temáticos e trabalhos aprovados no CBHE	130
Tabela 15 – Distribuição da produção científica e tecnológica dos grupos de pesquisa	138
Tabela 16 – Síntese das informações sobre os grupos de pesquisa em “História da Educação”	143
Tabela 17 – Produção bibliográfica dos 73 líderes dos grupos de pesquisa	148
Tabela 18 – Total de artigos, livros e capítulos por líderes	151

Tabela 19 – Produção científica no campo da “História da Educação”	154
Tabela 20 – Distribuição da produção científica dos grupos de pesquisa	155
Tabela 21 – Distribuição anual dos artigos	162
Tabela 22 – Periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação”	168
Tabela 23 – Distribuição anual de livros e capítulos	179
Tabela 24 – Editoras dos livros e capítulos	181
Tabela 25 – Caracterização da autoria dos artigos, livros e capítulos	184
Tabela 26 – Coletâneas organizadas com mais de dois capítulos	185
Tabela 27 – Categorização das temáticas dos artigos, livros e capítulos	188

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação nominal dos grupos de pesquisa em “História da Educação”	105
Quadro 2 - Relação nominal dos líderes dos grupos de pesquisa	110
Quadro 3 – Denominação dos grupos de pesquisa que não atuam na área de conhecimento da Educação	123
Quadro 4 – Exemplos de objetivos das linhas de pesquisa desenvolvidas pelos grupos	128
Quadro 5 – Categorias temáticas das linhas de pesquisa	131
Quadro 6 – Categorização das temáticas desenvolvidas nas linhas de pesquisa	132
Quadro 7 – Repercussões dos trabalhos dos grupos	135
Quadro 8 – Configuração dos 46 grupos de pesquisa	144
Quadro 9 – Líderes com Bolsa Produtividade em Pesquisa/CNPq	146
Quadro 10 – Indexação dos periódicos na base Qualis/CAPES	162
Quadro 11 – Autores dos 50 artigos publicados nos 4 periódicos que mais publicaram no campo “História da Educação”	174

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura da pesquisa	23
Figura 2 – Visão geral do Vantage Point	100
Figura 3 – Evolução dos grupos de pesquisa por ano de criação	114

LISTA DE SIGLAS

ABC - Academia Brasileira de Ciências
ABE - Associação Brasileira de Educação
ANPAE - Associação Nacional de Política e Administração da Educação
ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
ANPUH – Associação Nacional dos Professores Universitários de História
ASPHE - Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores de História da Educação
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBPE - Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COMPED - Comitê dos Produtores da Informação Educacional
CRPE - Centros Regionais de Pesquisas Educacionais
CT&I – Ciência, tecnologia e inovação
ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências
ERIC - Educational Resources Information Center
FCC - Fundação Carlos Chagas
FE-Unicamp – Faculdade de Educação - Unicamp
FE-USP – Faculdade de Educação - USP
FURB – Universidade Regional de Blumenau
GACH - Grande área de ciências humanas
HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil
IHGB - Instituto Histórico Geográfico do Brasil
INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
INTERCOM - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
LDB – Leis de Diretrizes e Bases
MEC – Ministério da Educação e Cultura
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação
PUC - Pontifícia Universidade Católica
PUCRS – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RBEP - Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação
SEADE - Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
UCDB – Universidade Católica Dom Bosco
UCG – Universidade Católica de Goiás
UCP – Universidade Católica de Petrópolis
UECE – Universidade Estadual do Ceará
UEM – Universidade Estadual de Maringá
UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
UFAC – Universidade Federal do Acre
UFAL – Universidade Federal de Alagoas
UFAM – Universidade Federal do Amazonas
UFBA – Universidade Federal da Bahia
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFF – Universidade Federal Fluminense
UFG – Universidade Federal de Goiás
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso
UFPA – Universidade Federal do Pará
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UFPI – Universidade Federal do Piauí
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS – Universidade Federal do Sergipe
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UFT – Universidade Federal do Tocantins
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
ULisboa – Universidade de Lisboa
UNAMA – Universidade da Amazônia
UNEB – Universidade do Estado da Bahia
UNESA – Universidade Estácio de Sá
UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
UNIBAN – Universidade Bandeirantes
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
UNISANTOS – Universidade Católica de Santos
UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISO – Universidade de Sorocaba
UNITRI – Centro Universitário do Triângulo
USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 AS ROTAS DA PESQUISA	16
1.1 O tema e sua justificativa	17
1.2 O problema e as hipóteses de pesquisa	20
1.3 Os objetivos	22
1.4 A organização do estudo	23
2 PESQUISA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL	25
2.1 A pesquisa em Educação no Brasil	26
2.2 A produção científica em Educação no Brasil	35
2.2.1 Os estudos de “estado do conhecimento” em Educação	39
2.2.2 A pesquisa em Educação consolidada em artigos científicos	47
2.2.3 A produção científica de teses e dissertações sobre Educação	49
2.2.4 As pesquisas em Educação promovidas por Associações, Grupos de Estudo e Sociedades da área e veiculadas em eventos científicos	51
2.2.5 A produção científica em Educação: os estudos bibliométricos	61
2.2.6 As reflexões críticas sobre a pesquisa em Educação	64
2.3 As pesquisas no campo da História da Educação no Brasil	68
2.4 A avaliação da pesquisa em Educação no contexto da pós-graduação	83
3 A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA	93
3.1 Breves reflexões sobre os aspectos metodológicos da pesquisa	93
3.2 <i>Corpus</i> da pesquisa	96
3.3 Ferramentas automatizadas para análises de dados	98
3.3.1 O uso do Vantage Point® em análises bibliométricas	99
3.4 Etapas de desenvolvimento da pesquisa	100
4 PERFIL DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL	102
4.1 Recuperação da informação no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq	102
4.2 A configuração dos grupos de pesquisa em História da Educação	105
4.2.1 Os recursos humanos envolvidos na pesquisa em História da Educação	108
4.2.2 A evolução temporal dos grupos de pesquisa	114
4.2.3 A localização geográfica e a vinculação institucional dos grupos de pesquisa	117
4.2.4. Relacionamento dos grupos de pesquisa com os setores de atividade	120
4.2.5 As áreas de conhecimento dos grupos de pesquisa	121

4.3 As temáticas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa: as linhas de pesquisa e as palavras-chave associadas	124
4.4 As repercussões dos trabalhos dos grupos de pesquisa	135
4.5 A produção científica dos grupos de pesquisa	138
5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	142
5.1 Caracterização da produção científica dos grupos pesquisa em História da Educação	147
5.1.1 A produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa	150
5.1.2 A produção científica dos grupos de pesquisa	155
5.1.3 As publicações no campo da História da Educação	158
5.1.3.1 Os periódicos científicos	160
5.1.3.2 Os livros e capítulos de livros	178
5.1.4 As temáticas da produção científica	188
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	196
7 REFERÊNCIAS	201
ANEXO 1 – Relação dos artigos	214
ANEXO 2 – Relação dos livros	225
ANEXO 3 – Relação dos capítulos de livros	230

1 AS ROTAS DA PESQUISA

O presente trabalho, em certo sentido, representa uma continuidade de estudos anteriores (HAYASHI, 2004; HAYASHI et al, 2005; HAYASHI et al, 2006) em que foram realizadas análises e avaliações da produção científica no contexto da Educação. Do ponto de vista acadêmico, vincula-se à linha de pesquisa “Educação Brasileira” do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFSCar), voltada para os estudos da história e a filosofia da Educação brasileira, das políticas educacionais e das instituições escolares. Além disto, também mantém interface com a linha de pesquisa “Fundamentos da Educação”, que se propõe a realizar reflexões histórico-filosóficas e sociológicas da Educação.

A temática de pesquisa que se propôs investigar nesta tese de doutorado está circunscrita ao campo da História da Educação no Brasil. A necessidade de buscar uma melhor compreensão sobre como se configura este campo com base na produção científica dos pesquisadores da área motivou a realização deste estudo, que teve como objetivo investigar o papel dos grupos de pesquisa que atuam neste campo e suas contribuições para a construção e consolidação da pesquisa em Educação no Brasil.

Na medida em que se propõe a produzir reflexões sobre a pesquisa em Educação com base na produção de conhecimentos científicos de grupos de pesquisa, o trabalho deixa explícita a interface entre Ciência da Informação e Educação.

Deste aspecto, justifica-se a sua vinculação à linha de pesquisa *Produção e Comunicação do Conhecimento Científico e Tecnológico* do grupo de pesquisa “Ciência, Tecnologia e Sociedade”, cadastrado no Diretório de Grupo de Pesquisas no Brasil/CNPq e vinculado ao Departamento de Ciência da Informação/UFSCar.

1.1 O tema e sua justificativa

Qualquer reflexão histórica sobre a pesquisa em Educação no Brasil exige que se considere a existência de um conjunto de textos que, conforme Warde (1984), já se converteram em paradigmas. Entre estes, encontram-se os produzidos por Aparecida Joly Gouveia na década de 1970 (1970, 1974 e 1976) e os de Luiz Antonio Cunha (1979), nos quais os autores lançam-se a descobrir as tendências da pesquisa em Educação. Warde (1990a) também realizou reflexões sobre o papel da pesquisa na pós-graduação em Educação e sobre as contribuições da história para a Educação (1990b), assinalando que o crescimento quantitativo das pesquisas na área da Educação “representa conquista de alto valor que deve ser imputada ao surgimento e expansão dos cursos de pós-graduação na área” (1990a, p.68).

No início dos anos 2000 outras contribuições teórico-metodológicas para o crescimento da pesquisa em Educação também foram objeto de estudo em um conjunto de trabalhos patrocinados pelo Inep e denominados “estado do conhecimento” (Inep, 2004). As temáticas abordadas nesses estudos foram a alfabetização, a educação infantil, a formação de professores, a educação superior, as políticas e gestão da educação, a avaliação da educação básica, a juventude e escolarização e a educação de jovens e adultos no Brasil, os quais trouxeram importantes contribuições para a área.

Além dos estudos sobre “estados do conhecimento” na área de Educação, outras iniciativas semelhantes têm sido realizadas no âmbito dos periódicos científicos. Entre essas, cabe citar aquela promovida pela revista *Educação e Pesquisa* (2004), que organizou um fascículo especial dedicado inteiramente à publicação de artigos de revisão que apresentam balanços e análises críticas sobre temas relevantes da produção

científica em Educação, objetivando, segundo Carvalho e Bueno (2004, p.8), “colaborar na organização da produção científica no campo educacional”.

Por meio da breve síntese das reflexões desses autores pode-se verificar que nos últimos anos ampliaram-se os espaços de produção de conhecimento sobre a pesquisa em Educação no país.

O papel dos grupos de pesquisa e/ou associações de pesquisadores, nos níveis regionais, estaduais e nacionais, também impulsionou a produção científica na área. Essas associações reúnem seus associados em grupos temáticos, os quais se constituem em espaço privilegiado de conhecimento e reflexão para a pesquisa e pós-graduação e, além disso, têm realizado estudos de análise da produção científica da área, colaborando assim para traçar um painel de uma parte importante dos projetos e programas existentes.

Em pesquisa anterior (HAYASHI, 2004) que enfocou os canais formais e informais da produção científica em Educação - principalmente os artigos científicos - verificamos como se configura a área de pesquisa em Educação no Brasil em uma base de dados internacional – a base de dados Francis[®] do *Institut de l'Information Scientifique et Technique*, órgão vinculado ao *Centre National de la Recherche Scientifique*. Os resultados obtidos permitiram identificar as tendências e crescimento do conhecimento na área de Educação, ao caracterizar os periódicos, os temas abordados, as instituições e autores e as parcerias científicas no campo estudado, bem como possibilitaram verificar que nem sempre a divulgação do conhecimento em Educação faz justiça ao capital intelectual existente, haja vista a consistência e visibilidade da produção científica da pesquisa em Educação brasileira no contexto de uma base de dados internacional.

A motivação para a realização desta pesquisa de doutorado deve-se, em parte, ao desenvolvimento dessa pesquisa anterior (HAYASHI, 2004) na medida em que se propõe a dar continuidade à temática da configuração do campo da Educação no Brasil e da comunicação científica de pesquisadores da Educação, agora sob a ótica das atividades de pesquisa desenvolvidas pelos grupos de pesquisa em Educação. Em particular, objetiva-se traçar um perfil dos seus integrantes - pesquisadores, estudantes e técnicos -, com vistas a delinear a configuração do grupo no que se refere às linhas de pesquisa desenvolvidas bem como a produção científica produzida.

Assim, a unidade de análise será o grupo de pesquisa, mais especificamente, aqueles de História da Educação cadastrados e certificados no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq.

A justificativa para a realização desta pesquisa é preencher uma lacuna existente no que tange aos estudos que se dedicam a analisar as atividades e a produção científica da área de Educação, os quais, acreditamos, têm trazido importantes contribuições teórico-metodológicas para a área.

O estudo realizado tem caráter interdisciplinar e se constitui em uma contribuição da área de Ciência da Informação para a Educação, no âmbito da linha de pesquisa “Educação Brasileira” desenvolvida no PPGE/UFSCar. Desta perspectiva pretende-se compreender a contribuição dos grupos de pesquisa em Educação para “a história e a filosofia da Educação brasileira, as políticas educacionais e as instituições escolares” (PPGE/UFSCar, 2006), por meio da análise de suas atividades e produção científica.

Implícita à idéia geral da pesquisa – analisar as atividades e produção científica dos grupos de pesquisa – subjaz o conceito de avaliação, que nesta tese é visto da

perspectiva adotada por Vanti (2002, p.152) ao assinalar que nas últimas décadas, acompanhando a expansão da ciência e da tecnologia, tornou-se mais evidente a necessidade de avaliar tais avanços e de determinar os desenvolvimentos alcançados pelas diversas disciplinas do conhecimento.

Desse ponto de vista, a avaliação, dentro de um determinado ramo do conhecimento, permite dignificar o saber quando métodos confiáveis e sistemáticos são utilizados para mostrar à sociedade como tal saber vem se desenvolvendo e de que forma tem contribuído para resolver os problemas que se apresentam dentro de sua área de abrangência. Nesse contexto, a avaliação científica constitui elemento importante para conhecer a *expertise* e o conhecimento existentes nas instituições de pesquisa e produzidos pelos grupos de pesquisa. A avaliação também funciona como instrumento para tomada de decisões sobre a alocação de recursos e investimentos e a capacitação de recursos humanos, permitindo orientar as pesquisas para atendimento das necessidades da sociedade.

Esta breve abordagem da pesquisa em Educação no Brasil e a necessidade de avaliação desta área de conhecimento no que se refere às atividades dos grupos de pesquisa em História da Educação tiveram o propósito de introduzir o tema e a justificativa da pesquisa. Com base neste ponto de partida apresentamos a seguir o problema e as hipóteses de pesquisa.

1.2. O problema e as hipóteses de pesquisa

No desenho de pesquisa aqui esboçado serão desenvolvidas duas linhas de investigação. A primeira refere-se ao estudo dos grupos de pesquisa em História da

Educação e suas características organizativas, quando se procurará identificar quem são seus componentes, o tempo de atuação na área, as linhas de pesquisa desenvolvidas e as temáticas abordadas. A segunda diz respeito à identificação e análise da produção científica desses grupos de pesquisa em História da Educação, considerando que essa se constitui em aspecto relevante para a construção e consolidação do campo da Educação no Brasil.

Com base nestas duas linhas de investigação, os problemas de pesquisa desta tese estão consolidados nas seguintes questões:

- Como se organiza o campo de pesquisa da História da Educação no Brasil?
- Quais são as contribuições dos grupos de pesquisa em História da Educação para a construção de conhecimento e consolidação da pesquisa em Educação no Brasil?

Estas questões de pesquisa conduzem a duas hipóteses que podem ser expressas nas seguintes afirmativas:

a) o campo da História da Educação no Brasil é fruto das atividades de pesquisa desenvolvidas por pesquisadores que lideram grupos de pesquisa compostos por pesquisadores, estudantes e técnicos que compartilham linhas e projetos de pesquisa comuns além de teorias, métodos e visões de pesquisa próprias.

b) as atividades dos grupos de pesquisa em História da Educação - explicitadas nas repercussões dos trabalhos dos grupos, nas linhas de pesquisa desenvolvidas, bem como nas produções científicas geradas por seus integrantes - permitem verificar quais são as suas contribuições para o avanço e consolidação do campo da Educação no país.

Tendo como referência estas questões e hipóteses de pesquisa, o esforço da investigação foi dirigido no sentido de atingir os objetivos propostos e compreender a

atuação e contribuição dos grupos de pesquisa para o avanço das pesquisas no âmbito da História da Educação.

Mais do que avaliar no sentido de quantificar e qualificar a produção de conhecimentos produzidos por grupos de pesquisa em História da Educação, espera-se que os resultados obtidos nesta tese permitam um conhecimento mais aprofundado do campo de pesquisa em Educação no país. A seguir, explicitam-se os objetivos da pesquisa.

1.3 Os objetivos

Constituem-se como objetivos desta tese:

- identificar os grupos de pesquisa em Educação no Brasil presentes no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq;
- delinear a configuração dos grupos de pesquisa em História da Educação no país com relação aos seguintes aspectos: a) área de conhecimento; b) ano de criação; b) liderança; c) linhas de pesquisa; d) composição (pesquisadores, estudantes e técnicos); e) repercussões das atividades do grupo; f) produção científica e tecnológica; g) região; h) vinculação institucional; i) colaboração científica;
- analisar a produção científica dos grupos de pesquisa em Educação com base nos aportes da análise bibliométrica.

O referencial teórico para este estudo baseia-se, em termos gerais, na Educação, enquanto área de conhecimento e, em seus aspectos específicos, nos aportes advindos da

Ciência da Informação, traduzidos em indicadores bibliométricos quantitativos e qualitativos das pesquisas realizadas pelos grupos de pesquisa em História da Educação.

1.4 A organização do estudo

Para melhor visualização do caminho percorrido para o desenvolvimento da pesquisa apresentamos a seguir a Figura 1.

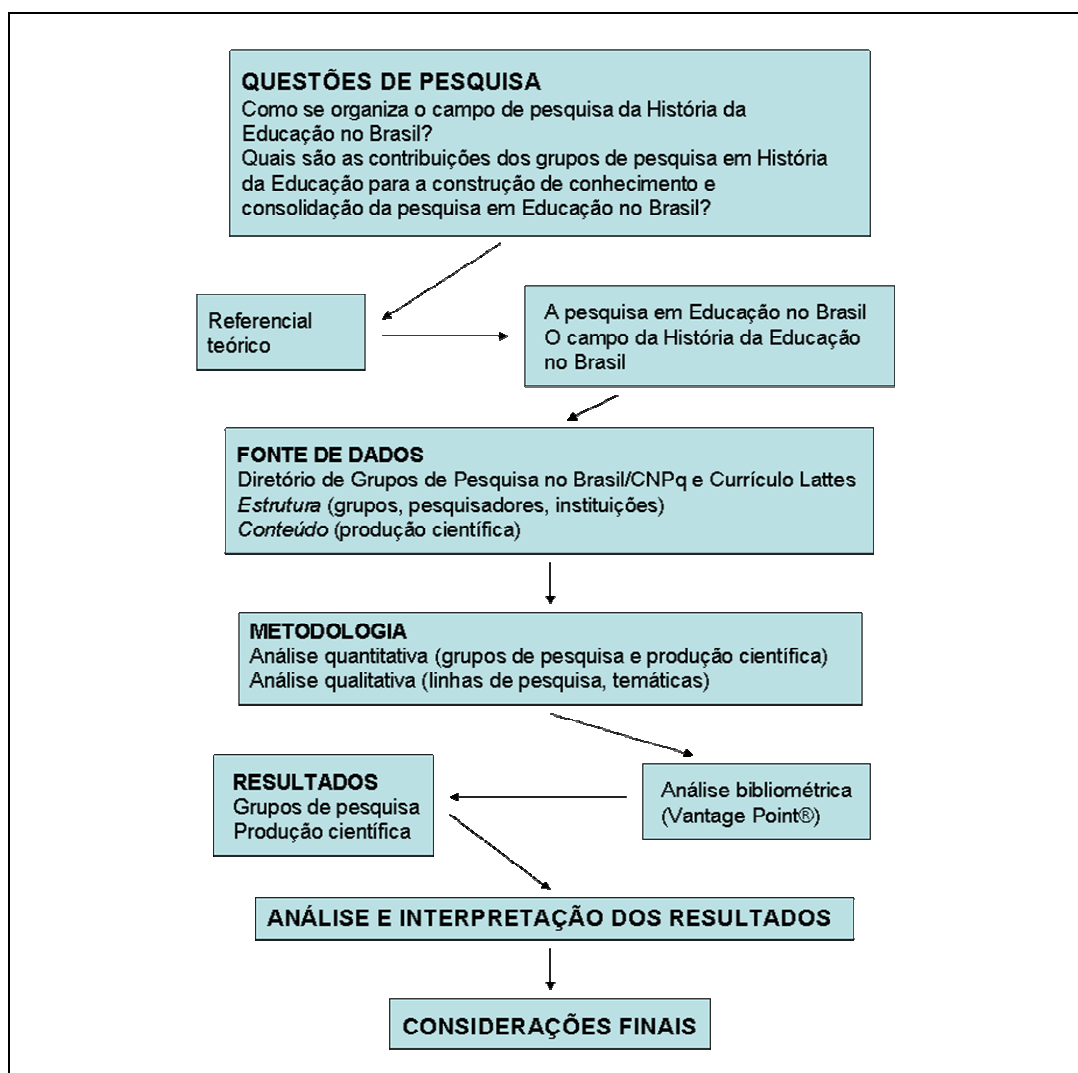


Figura 1. Estrutura da Pesquisa.

Neste capítulo, de caráter introdutório apresentamos o tema da pesquisa e sua justificativa, além dos objetivos, questão de pesquisa e hipótese.

Em seguida, no Capítulo 2, realizamos a revisão de literatura sobre a pesquisa e a produção científica em Educação no Brasil, com o propósito de fundamentar a pesquisa do ponto de vista teórico.

No Capítulo 3, apresentam-se os aspectos metodológicos que nortearam a pesquisa, com explicitação do *corpus* da pesquisa e descrição das ferramentas de análises dos dados. Além disto, são elencadas as etapas de desenvolvimento da pesquisa.

O Capítulo 4 descreve os resultados obtidos na pesquisa, o que permitiu traçar um panorama dos grupos de pesquisa em Educação no Brasil e, em particular, o perfil dos grupos de pesquisa atuantes em História da Educação.

Em seguida, no Capítulo 5, são apresentados os resultados da análise bibliométrica da produção científica dos grupos de pesquisa atuantes em História da Educação e das redes de colaboração científica que se estabelecem entre os autores e co-autores dos trabalhos publicados neste campo.

Nas Considerações Finais é apresentada uma síntese dos principais achados da pesquisa bem como se apontam caminhos para o desenvolvimento de pesquisas futuras.

O trabalho se encerra com uma lista dos autores e obras que foram utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa e que estão organizadas em forma de referências. Constam também do trabalho anexos que foram elaborados para melhor esclarecer aspectos relacionados aos dados obtidos na pesquisa.

2 PESQUISA E PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

Neste capítulo apresentamos o quadro teórico que embasa a pesquisa. As referências teóricas aqui apresentadas não têm a pretensão de esgotar o assunto e muito menos significam que sejam as únicas. Elas são, antes, resultado de escolhas, as quais foram motivadas pelo intuito de construir um referencial teórico mínimo para que os objetivos do trabalho fossem atingidos.

O capítulo está estruturado em quatro tópicos. No primeiro, apresentamos um breve histórico da pesquisa em Educação no Brasil, situando-a no contexto social da implantação da pós-graduação no país. Para tanto, compulsamos um conjunto de trabalhos que são referência na área e com base nesses estudos e em revisão bibliográfica sobre tema consolidada em trabalhos anteriores (HAYASHI, 2004; HAYASHI et al, 2005; HAYASHI et al 2006b) traçamos um breve panorama da pesquisa em Educação no Brasil.

O segundo tópico apresenta a produção científica em Educação no Brasil - foco da pesquisa empírica que desenvolvemos nesta tese -, construído com o apoio de textos produzidos por pesquisadores da área.

No terceiro tópico, tomando como referência a definição de campo proposta por Bourdieu (1983), situamos o campo da História da Educação com base em um conjunto de reflexões oriundas de trabalhos recentes sobre o assunto.

Por último, empreendemos uma breve revisão de literatura sobre a pesquisa em Educação no contexto da pós-graduação, trazendo contribuições de autores que se detiveram em analisar os modelos e critérios de avaliação da pós-graduação no Brasil, em particular aqueles relativos à área de Educação.

2.1 A pesquisa em educação no Brasil

Em *A era dos extremos*, obra de referência sobre a história do século XX, Hobsbawn (1995) ao analisar as histórias das mudanças sociais e econômicas ocorridas naquele século ressalta que elas só foram possíveis devido à diversidade de fontes de informação, entre elas a sua própria vivência de historiador, a opinião de colegas, a imprensa diária ou periódica, os relatórios econômicos, bem como outras pesquisas já realizadas.

No âmbito da pesquisa em Educação no Brasil, no período 1970 a 1990 diversos autores (entre outros, GOUVEIA, 1970, 1974, 1976; CUNHA, 1979; WARDE, 1984, 1990a, 1990b) desenvolveram em seus estudos reflexões sobre a produção do conhecimento científico na área.

Schwartzman (2001), em *Formação da Comunidade Científica no Brasil*, obra¹ que se tornou referência sobre a constituição da comunidade científica brasileira, focaliza a Educação no Brasil da perspectiva de seus fundamentos históricos. O autor enfoca os primórdios das relações da Educação com o Estado e a Igreja e a herança intelectual portuguesa deixada no país. Em seguida, trata da Educação no período do Império como sendo o momento da constituição da Educação superior no país. Menciona ainda a abertura das primeiras universidades na República e os reflexos e influências das mudanças nas instituições científicas e educacionais já em curso desde 1920, mas que se consolidam a partir de 1930, apontando o clima de renovação da ciência e Educação brasileiras capturado pela Academia Brasileira de Ciências e pela

¹ A primeira edição da obra, sob o título *Formação da comunidade científica no Brasil*, foi patrocinada pela Finep e publicada em 1979, sem objetivos comerciais. Em 1991 uma versão em inglês foi publicada pela Pittsburg University Press. Dez anos mais tarde (2001) esta edição foi atualizada e editada pelo Ministério da Ciência e Tecnologia do Brasil, sob o título *Um espaço para a ciência*, que também está disponível no site do autor. Neste capítulo utilizamos a versão on-line.

Associação Brasileira de Educação (ABE), ressaltando as idéias da “educação nova”, a reforma Francisco Campos.

Em um segundo momento, Schwartzman (2001) enfoca as transformações na sociedade brasileira desde a Segunda Guerra Mundial, bem como os acontecimentos relacionados com a ciência, tecnologia e educação no contexto destas modificações. Este período, em sua visão, pode ser dividido em duas partes distintas, separadas pelo ano de 1968, “a partir de quando foram criados novos programas de pós-graduação, em que as matrículas nos cursos de graduação se elevaram a taxas altíssimas, e grandes somas de dinheiro foram destinadas à pesquisa”, ao passo que a década de 1980 marcou o “início de um novo período, muito diferente, caracterizado pela estagnação, crise e dúvidas crescentes sobre as realizações dos anos anteriores.” O autor assinala ainda que “na década de 1970, a Educação superior no Brasil afastou-se cada vez mais do “modelo único” de pesquisa, ensino e extensão prescrito na reforma de 1968 e que em 1985 ela tornou-se um sistema muito amplo, complexo e altamente diferenciado”.

A configuração da área de Pesquisa em Educação no Brasil também foi discutida com base em alguns marcos históricos e teóricos por Vieira (2003). Apoiado na literatura sobre pesquisa em Educação, o autor destaca as implicações da concepção de Anísio Teixeira sobre as relações entre ciência e educação na formação desse campo de pesquisa, bem como as dificuldades verificadas no processo de formação dos intelectuais da área. Vieira (2003, p.168) procura demonstrar como a concepção de Teixeira “estabelece a educação como espaço de práticas de formação e de gestão do sistema educacional, vinculado intimamente ao saber científico, porém sem a responsabilidade de produzi-lo diretamente”. Este entendimento é reforçado quando se considera o lugar institucional ocupado por Anísio Teixeira, ou seja,

(...) a sua vinculação ao grupo dos pioneiros, a sua capacidade de organização e de liderança, a sua visão estratégica do lugar da educação na sociedade, a sua interlocução com o pragmatismo são alguns fatores que possibilitaram a sua ascendência sobre a área Educacional brasileira e, especificamente, sobre o campo da pesquisa nesta área do conhecimento. (VIEIRA, 2003, p.168)

Para traçar a configuração da área de pesquisa em Educação, Vieira remete-nos ao longo período que vai da história colonial no país até os anos 1930, argumentando que as “práticas e os projetos educacionais se constituíram, a partir de diferentes iniciativas políticas, embasados por diferentes concepções de ensino (...) estavam desvinculadas de qualquer esforço sistemático de investigação do fenômeno educativo, seja no plano empírico-científico ou teórico-filosófica” (VIEIRA, 2003, p.169). Observa-se que neste período não havia um esforço sistemático de produção de conhecimento na área, o que só vai se esboçar a partir dos anos 1930, juntamente com o processo de institucionalização das Ciências Humanas e Sociais no país.

Neste momento, destaca-se o papel de Anísio Teixeira que, à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, cria, entre os anos de 1930 e 1935, um espaço próprio para a pesquisa educacional, culminando com a criação, em 1938 do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP).

Como é de amplo conhecimento na literatura da área de Educação, inaugura-se a primeira fase de implantação da pesquisa em Educação no Brasil, sendo que a fase de implementação se dá posteriormente, em 1956, no interior do próprio INEP, com a criação do Centro Brasileiro de Pesquisa Educacional (CBPE), e no interior deste, dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPE). Como refere Vieira (2003, p.171), sob a gestão de Anísio Teixeira, a pesquisa educacional ganhou institutos, recursos e quadros próprios.

Silva, Abramowicz e Bittar (2004, p.viii) também ressaltam os primórdios da pesquisa educacional no Brasil, comentando que ela

(...) remonta à criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) em 1938. A primeira fase foi marcada por uma produção fundamentada em preceitos psicopedagógicos, seguida da influência da Sociologia. Na década de 1950, foram criados o Centro Brasileiro e os Centros Regionais de Pesquisa, cujos estudos assumiram caráter funcionalista, baseados na teoria do capital humano. Essa tendência foi mantida com o golpe militar de 1964, que acrescentou caráter tecnicista à pesquisa educacional brasileira além de orientá-la de acordo com interesses e diretrizes de órgãos nacionais e internacionais.

As atividades e o ideário do CBPE e do CRPE de São Paulo – órgãos do INEP – durante o período 1951-1956 foram analisados por Cunha (2002), que estabelece algumas relações entre a atuação destes órgãos e as principais características da administração Juscelino Kubitschek, em particular no que se refere à ideologia desenvolvimentista adotada no período.

Cunha (2002) parte do quadro político desenhado durante o período e analisa o “estilo administrativo da presidência, sua estratégia diante da política externa, as concepções ideológicas correntes durante a referida gestão” para, finalmente, focar o tratamento dado às questões sociais – particularmente no tocante à Educação. Na segunda parte do trabalho, o autor detém-se na atuação do CBPE e do CRPE de São Paulo, destacando os esforços destes órgãos na “formação de quadros para a educação, ao desenvolvimento de pesquisas e à divulgação de idéias por meio de seus boletins” (CUNHA, 2002, p.134).

Ainda segundo Silva, Abramowicz e Bittar (2004, p.viii), a história da pesquisa educacional brasileira toma outro direcionamento com “a criação dos Programas de Pós-Graduação em Educação, no início da década de 1970, durante o regime militar,

trazendo para as universidades a produção científica que, até então se realizava fora dela.” Na visão destes autores, encerrava-se o ciclo inaugurado com Anísio Teixeira, nos anos 1930, “ao mesmo tempo em que novos desafios eram postos para as universidades, agora responsáveis pelo prosseguimento da pesquisa em educação sob novos parâmetros”.

Silva, Abramowicz e Bittar (2004, p.viii) também chamam atenção para o fato de que desde a edição do primeiro número da mais antiga revista da área – a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, surgida em 1944 – passando pelo advento da pós-graduação em Educação, em 1971, o processo de constituição da pesquisa educacional no Brasil teve avanços e recuos. Sobrevivendo ao período da ditadura militar no país, a pesquisa da área constituiu-se num “espaço de contestação intelectual à própria política educacional da ditadura”.

Ainda nos anos 1980, Goergen (1986), ao refletir sobre as dificuldades, avanços e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil, enfoca, em um quadro evolutivo histórico, suas principais tendências, temas e métodos e inicia sua reflexão por uma breve discussão epistemológica sobre as origens e natureza do conhecimento que dividem a área da pesquisa educacional em pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa. Nesse aspecto remete às concepções teórico-filosófica e empírico-descritiva que informam a especificidade da pesquisa educacional em termos de método e conteúdo.

Para traçar a evolução da pesquisa educacional no Brasil, Goergen (1986) recorreu a estudos publicados ao longo das décadas de 1970 e 1980, entre os quais destaca os trabalhos já citados de Gouveia (1970 e 1976), Cunha (1979), Saviani (1983), Gatti (1982 e 1983) e Mello (1982, 1984), os quais, na visão do autor, não apresentam divergências fundamentais.

Considerando o momento da produção dessas análises (1986), Goergen termina por concluir que a pesquisa educacional no país ainda era muito recente, depois de seu tímido início na década de 1930. Desde então, ela tem passado por fases que se caracterizam por “sobrelevações temáticas como a psicologia, o desenvolvimento, a segurança, a crítica” (GOERGEN, 1986, p.15). O autor também assinala que as dificuldades enfrentadas pela pesquisa educacional no estabelecimento de seus estatutos epistemológicos deviam-se, em parte, ao caráter do próprio objeto de investigação, que se constitui, “além dos fatos educacionais que podem ser investigados através de métodos empíricos, de outros elementos históricos, humanos, culturais, axiológicos etc., que exigem processos de investigação diferentes”. A saída, apontada por Goergen (1986, p.15), seria a integração de ambos os procedimentos metodológicos.

Outros autores, com interesses semelhantes aos de Goergen (1986), também tentaram desvendar as tendências assumidas pela pesquisa em Educação no âmbito da pós-graduação. Podemos destacar os trabalhos realizados por Mello (1982 e 1984), Gatti (1983 e 1987), Brandão (1986), Kuenzer (1986) e Grzybowski (1987) que tratam tanto dos aspectos relativos às condições de produção da pesquisa nos cursos de pós-graduação, quanto criticam “o lugar subordinado da pesquisa em relação ao ensino”, seja analisando “as causas da subordinação da pesquisa ao ensino e suas seqüelas” (WARDE, 1990a, p.68).

Nos anos 1990, Gamboa e Santos Filho (1995) também se debruçaram sobre a temática da pesquisa educacional, dando continuidade a um conjunto de reflexões já realizadas por Gamboa na década de 1980 sobre a epistemologia da pesquisa em Educação (1987) e a dialética na pesquisa em Educação (1989).

Além do já citado trabalho de Warde (1990a), Freitas (1991), Weber (1992) e Costa (1994) também investigaram o papel da pesquisa na pós-graduação em Educação, enfocando as concepções de ciência, os paradigmas teóricos que orientaram a produção científica nessa área e suas tendências e desafios.

Freitas (1991) examinou os temas, teorias e bases institucionais da pesquisa em Educação no Brasil recorrendo aos trabalhos de produção científica e vinculando-os a uma periodização da atividade de pesquisa educacional no país, ou seja, em dois grandes momentos. O primeiro, considerado como sendo o do “embrião e nascimento da pesquisa educacional” (p.48), que vai aproximadamente de 1822 à década de 30 do século XX, no qual se observam as primeiras idéias, tentativas e medidas para institucionalizar a pesquisa no cenário nacional, bem como suas ações concretas. O segundo - reconhecido como o momento de “desenvolvimento da pesquisa educacional” (p.48) - se estende da década de 1940 à atualidade dos anos 1980, quando se assiste à expansão e ao aperfeiçoamento qualitativo da atividade de pesquisa.

Segundo Freitas (1991, p.48) este momento abrange quatro estágios, assim demarcados: 1) da década de 1940 a meados dos anos 1950; 2) da metade da década de 1950 a meados dos anos 1960; 3) da metade da década de 1960 a meados dos anos 1970; 4) da metade da década de 1970 aos anos 1980.

Ao final dos anos 1990, Saviani, Lombardi e Sanfelice (1998) e Lombardi (1999) reuniram importantes contribuições de outros autores para a reflexão sobre a relação entre as discussões teórico-metodológicas da História e a forma como podem ser utilizadas para o enriquecimento da História da Educação.

No início deste século a pesquisa educacional na pós-graduação ainda é objeto de preocupações que se refletem em um conjunto de textos organizados por Lombardi

(2003), e que abordam seis eixos temáticos: formação de professores; avaliação escolar; ensino superior; história, política e educação; história, sociedade e educação; história do Contestado e educação.

Por sua vez, Gamboa (2003) discute os limites das mudanças propostas na década de 1990, relacionadas com a reestruturação dos programas de pós-graduação e seus desdobramentos nas condições da produção do conhecimento científico. Para este autor (2003, p.78), parecem existir grandes distâncias entre a crítica gerada em torno da concepção de ciência, implícita no modelo de pós-graduação implementado pela reforma universitária de 1968, e os pareceres do Conselho Federal de Educação que regulamentaram o sistema de pós-graduação, passando à implementação das mudanças propostas para superar as limitações do modelo imposto. Para desenvolver esse raciocínio, Gamboa (2003) analisa a crise do modelo de área de concentração, as mudanças propostas em torno das linhas de pesquisa, as falácias e paradoxos das novas condições da produção científica e as suas possibilidades e desafios.

Ferraro (2005, p.48), ao historiar a gênese e os primeiros passos da pesquisa em Educação no Brasil, assinala a intrínseca relação existente entre pesquisa e pós-graduação, a qual é caracterizada como “anomalia congênita” visto que no seu entendimento a pós-graduação no país em vez de ter emergido “de uma prática consolidada de pesquisa (...) foi criada com o propósito explícito de promover a pesquisa ainda principiante na universidade brasileira”. Em decorrência, a pesquisa, “em vez de função básica da universidade e condição preliminar do próprio ensino universitário enquanto tal – de graduação e, com maior razão, de pós-graduação – passou a ser vista e tratada como função da pós-graduação, e esta, por sua vez, como o

locus da produção do conhecimento”. Para este autor, no campo da Educação especificamente,

(...) o pouco de pesquisa que se podia identificar às vésperas da indução da pós-graduação na área vinha em grande parte fora da universidade. Isso era particularmente verdadeiro para as recém-criadas faculdades de educação, estimuladas, em sua grande maioria, a ingressar na pós-graduação sem qualquer prática anterior mais sistemática de pesquisa. (FERRARO, 2005, p.49)

Some-se a esta visão a de Vieira (1985) que ao analisar a pesquisa em Educação no Brasil na metade dos anos 1980 comenta sobre as dificuldades encontradas, uma vez que naquele momento, na opinião da autora

Fazer pesquisa em Educação no Brasil não é uma tarefa simples, por uma série de razões que a maioria de nós bem conhece. Estamos lidando com uma área que não tem se configurado como prioritária no quadro das políticas governamentais brasileiras. (VIEIRA, 1985, p.82)

Araújo (2006) também realiza uma reflexão sobre o debate da pesquisa educacional produzido no contexto da pós-graduação em Educação no Brasil, no período de 1970 a 1990, além de introduzir a discussão correspondente aos estudos históricos da Educação no Brasil a partir dos meados dos anos 1980.

Vimos, portanto, que a pesquisa em Educação no Brasil toma outra configuração nos anos 1970, com a implantação da pós-graduação no país e consolida-se ao longo desses anos, também como consequência dos canais formais e informais de divulgação das pesquisas realizadas.

Como refere Gatti (2003), o campo de estudos em Educação abrange um grande conjunto de sub-áreas com características distintivas e objetos de estudo diferentes (por

exemplo, história da educação, gestão escolar, políticas educacionais, sociologia da educação, currículo, ensino etc.).

Concordamos com a autora quando esta afirma que discutir pesquisa no campo da Educação “não é trivial”, e que este campo subsistiu muito tempo, e ainda hoje subsiste, pela apropriação de estudos produzidos em áreas afins, como a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia, a Economia, sem colocar estes estudos sob o crivo de uma perspectiva própria.

2.2 A produção científica em Educação no Brasil

Conforme apontado em pesquisa anterior (HAYASHI, 2004), existe um conjunto significativo de trabalhos de pesquisa na área de Educação que vêm sendo realizados por pesquisadores preocupados em analisar e refletir sobre a produção científica da área. Estes estudos realizam o que se pode chamar de revisão sistemática da ciência que é produzida.

Em nossa opinião, estes trabalhos revestem-se de importância não só pelo seu significado implícito, mas principalmente por revelarem dados e informações que são resultados de pesquisas que permanecem, na maioria das vezes, depositadas nas prateleiras de bibliotecas e centros de documentação – constituem assim a chamada literatura cinzenta, ou seja, aquela que é produzida mas não é publicada – ou restrita às discussões da área. Além disso, contribuem para que, no quadro da pesquisa científica, muitos não precisem “reinventar a roda”, abreviando, de certa maneira, o tempo da realização das pesquisas que são limitadas pelas já exíguas condições de produção do conhecimento no espaço acadêmico. Verifica-se assim que a pesquisa em Educação tem

mostrado um crescimento contínuo em termos quantitativos e qualitativos os quais estão relacionados à consolidação do ensino de pós-graduação no país e ao nível de maturidade dos pesquisadores que atuam nessa área de conhecimento.

Como mencionado anteriormente, a implantação dos programas de pós-graduação no país, nos anos 1970, impulsionou a produção científica nacional. Na área da Educação a situação não foi diferente. A divulgação dos resultados de pesquisa, através dos canais formais (livros, capítulos de livros e artigos científicos) e informais (teses e dissertações, comunicações em anais de eventos científicos) comprova a intensidade da pesquisa em Educação.

Na conferência de abertura do V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (V Enpec), ocorrido em 2005, em Bauru/SP, Marli Dalmazo Afonso de André lembra que a pesquisa em Educação no País não nasceu nas universidades. Segundo a pesquisadora, o começo da pesquisa foi induzido com a criação do Inep pelo MEC, para subsidiar a formulação de políticas públicas. André (2005a) comenta que

“em 1965, nós atingimos a maioria forçada. De 1965 a 1975 foram abertos 16 cursos de pós-graduação na área. Aí a pesquisa se desloca do governo para a universidade. Hoje, estamos rumo à maioria, mas 40 anos ainda é pouco para a efetiva consolidação de massa crítica e um tempo curto para analisar e consertar erros nas pesquisas”.

A pesquisadora ainda comenta que nessas passagens houvessem mudanças. “Os temas se ampliaram e diversificaram, passaram da análise dos problemas externos nos anos 60 para o interno, o cotidiano da escola, a sala de aula, o currículo”.

No entanto, se a produção científica em Educação não nasceu nas universidades, durante algum tempo ela se concentrou nos trabalhos de alguns professores vinculados às universidades brasileiras. O aumento desta produção deve-se, principalmente, ao

surgimento dos primeiros Programas de Pós Graduação em Educação, como o da PUC-Rio, em 1965, e o da PUC-SP, em 1969. Essa característica do aumento da produção científica via pós-graduação acontece também com a pesquisa científica brasileira em geral. Os cursos de pós-graduação são responsáveis por mais de 80% de toda a produção científica brasileira (CAPES, 2006).

No Brasil, o desenvolvimento da pesquisa está atrelado aos Planos Nacionais de Pós Graduação e as agências de fomento. No entanto, Gamboa (2003, p.79), faz uma crítica ao modelo brasileiro de restrição da pesquisa a pós-graduação uma vez que

Atrelar a pesquisa à pós-graduação, além de ‘hierarquizar’ os processos de produção do conhecimento no Mestrado – onde se aprende, tardiamente, a pesquisar – e no Doutorado – onde se aprimora o aprendizado e se obtém relativa autonomia para produzir conhecimento – também, alastra outros problemas como o da imposição de condições próprias dos rituais acadêmicos de obtenção de títulos e de progressão nas carreiras docentes enquanto os protocolos da lógica da produção científica, na maioria dos casos são depreciados.

O autor acredita que ao se associar a pesquisa somente à pós-graduação impossibilita-se que ela se inicie na graduação, o que sugere um início tardio das pesquisas, obrigando os pesquisadores a obterem os títulos necessários primeiramente para só então começarem a pesquisar e a contribuir para a discussão e a resolução dos problemas latentes da sociedade.

Na atualidade, as facilidades de acesso, produção e disseminação de informação, aliadas a uma enorme quantidade de publicações eletrônicas têm provocado repercussões na comunidade científica e modificado as estruturas de produção e divulgação científica. Desta perspectiva, pode-se verificar que foram ampliados os espaços de produção e divulgação de conhecimento em Educação no País. Isto implica

na existência de um conjunto significativo de trabalhos de pesquisa na área de Educação, que disponibilizam sua produção científica em diversos veículos de divulgação científica, inclusive na Internet.

A seguir, apresentamos a síntese de alguns estudos e pesquisas materializados em produções científicas da área de Educação. Assim como fizemos em pesquisa anterior (HAYASHI, 2004), acreditamos que no contexto desta tese tal enfoque se justifica, uma vez que um dos objetivos da presente pesquisa é analisar as contribuições dos grupos de pesquisa em História da Educação para a consolidação do campo no país. Isto nos remete, obrigatoriamente, ao conhecimento e reconhecimento dos autores desta área que produziram e divulgaram suas pesquisas neste campo de conhecimento.

Para traçar este breve panorama da produção científica em Educação no país recorreremos às pesquisas de “estados do conhecimento” na área, além daquelas que enfocam artigos, dissertações, teses, relatos de grupos de trabalho de associações científicas e bibliotecas eletrônicas.

Enfatizamos, no entanto, que não se pretende realizar um inventário da pesquisa em Educação no país e nem da problemática atual da pesquisa em Educação no país e nem mesmo problematizar as mudanças ocorridas nessa área de conhecimento nos últimos anos. O nosso propósito é, antes de tudo, situar o contexto da pesquisa em Educação em um enfoque que traz a contribuição dos autores que utilizaram em suas reflexões diversificadas fontes de informação científica - tais como artigos científicos, dissertações, teses, anais de eventos - consolidadas ou não em bancos de dados. Desta perspectiva, também não será abordada neste capítulo a produção científica da área de Educação em livros e capítulos de livros, por considerar que esta já se encontra

consolidada, haja vista sua extensão e escopo traduzidas em autores e obras clássicas cujas contribuições já foram objeto de estudo por diversos autores e pesquisadores.

2.2.1 Os estudos de “estado do conhecimento” em Educação

Essa produção científica tem sido objeto de inúmeras análises, constituindo um conjunto significativo de pesquisas daquilo que se convencionou chamar “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Sobre este tipo de pesquisa assim se manifesta Ferreira, N. (2002, p.257):

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder aspectos e dimensões que vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários.

Angelucci et al (2004, p.52) também assinalam a múltipla importância dos balanços periódicos do estado de coisas vigente numa área de pesquisa, pois

Eles podem detectar teoria e método dominantes; pôr em relevo aspectos do objeto de estudo que se esboçam nas entrelinhas das novas pesquisas; revelar em que medida a pesquisa recente relaciona-se com a anterior e vai tecendo uma trama que permita avançar na compreensão do objeto de estudo pela via do real acréscimo ao que já se conhece ou da superação das concepções anteriores.

Na visão dessas autoras, só assim se podem avaliar

(...) as continuidades e discontinuidades teóricas e metodológicas e o quanto esta história se faz por repetição ou rupturas – noutras palavras, o quanto ela redonda ou avança na produção do saber sobre o objeto de estudo. Nesse tecido, sempre em formação, reside a

possibilidade de evitar a cristalização do conhecimento e de fazer da pesquisa espaço de produção de saber, que tem como essência o constante movimento. (ANGELUCCI et al, 2004, p.52)

A partir dos anos 1980, inúmeros estudos desse tipo, na área da Educação, são realizados no Brasil com o incentivo do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep). No período de 2000 até 2002, por meio do Comitê dos Produtores da Informação Educacional (Comped) e em parcerias com a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), a Associação Nacional de Política e Administração da Educação (Anpae) e a Fundação Carlos Chagas (FCC), o Inep viabilizou a produção da série *Estados do Conhecimento*, enfocando os temas: alfabetização; educação infantil, educação superior em periódicos nacionais, avaliação da educação básica, políticas e gestão da educação, formação de professores no Brasil; juventude e escolarização; educação de jovens e adultos no Brasil.

As fontes mais utilizadas nestes estudos sobre “estados do conhecimento”, como referem Barreto e Pinto (2001, p.5), são, usualmente, acadêmicas, constituídas sobretudo por artigos de periódicos, dissertações e teses, sendo que, com menor frequência, aparecem as comunicações apresentadas em congressos e, menor ainda, os livros, capítulos de livros e relatórios de pesquisa. Destacam ainda estas autoras que:

Dependendo do escopo do trabalho, podem ser também incluídos como fontes: documentos oficiais, legislação, artigos de periódicos de divulgação, como jornais e outros. De acordo com os critérios adotados para a seleção de fontes, elas poderão ser examinadas de modo exaustivo ou seletivamente. Com os avanços da informática, a seleção de fontes tem podido contar com os bancos de dados existentes, cuja sistematização regular de informações possibilita maior abrangência do levantamento. (BARRETO e PINTO, 2001, p.5)

Apresentamos a seguir uma síntese dos estudos de “estado do conhecimento”, viabilizados pelo Inep e que representam uma importante contribuição para o conhecimento de parte da pesquisa em Educação no país.

Baseando-se em três décadas de produção acadêmica – teses e dissertações – sobre o tema alfabetização, em cursos de pós-graduação das áreas de Educação, Psicologia, Letras e Distúrbios da Comunicação, a pesquisa sobre o “estado do conhecimento” a respeito da alfabetização no Brasil, segunda etapa (1961-1989), teve por objetivos

a identificação da produção acadêmica e científica sobre a aquisição da língua escrita pela criança, no processo de escolarização regular, e sua descrição, à luz de determinadas categorias: os temas que têm sido privilegiados, os referenciais teóricos que vêm informando os estudos e pesquisas, e os gêneros em que o conhecimento produzido se expressa. (SOARES e MACIEL, 2000, p.77)

Por sua vez o estudo da temática “Educação Infantil (1983-1996)” tomou como base duas fontes de consulta: a dos artigos publicados em periódicos nacionais na área de Educação e das dissertações e teses defendidas em programas de pós-graduação em Educação no Brasil, no período. Conforme relata a coordenadora do estudo,

Os aspectos preliminares da trajetória da produção da área permitiram (...) estabelecer uma relação com a produção destas duas últimas décadas, identificando temáticas tradicionais e novas perspectivas de estudo e revelando este período como aquele em que se consolida a pesquisa sobre a educação da criança de 0 a 6 anos no Brasil. A relação da atuação política e da pesquisa científica pode ser uma das marcas que identificam esta produção, constantemente preocupada com o papel social e os destinos históricos destas “novas” instituições educativas para a criança pequena. (ROCHA, 2001, p.29)

O estado do conhecimento sobre “Educação Superior em Periódicos Nacionais (1968-1995)” refere-se a pesquisa realizada pelo GT Política de Educação Superior da Anped, que coordenou um trabalho de pesquisa envolvendo pesquisadores de cinco regiões do país, com a finalidade de avaliar e apontar as perspectivas da produção científica sobre Educação superior. O estudo representa, como assinala a coordenadora, uma “forma de avaliação da produção científica” e

(...) tem como apoio empírico o Banco de Dados Universitas/BR, que congrega 4546 documentos de 25 periódicos nacionais (sob a forma de bibliografia anotada/categorizada/resumida) ordenados em 15 categorias temáticas divididas em 87 subcategorias. Os documentos englobam, numa diversidade de formatos em extensão, de graus de profundidade e originalidade da produção, desde artigos, até notas e notícias, passando por relatórios, resenhas, resumos, depoimentos, editoriais, apresentações, séries documentais, dispositivos legais e atos normativos. (MOROSINI, 2001, p.13)

Morosini (2001) ainda esclarece que, apesar de sua riqueza de dados, o banco de dados Universitas/BR tem algumas limitações pois não coloca à disposição do usuário o texto completo, mas o seu resumo, o que explica a tendência para um estudo quantitativo, descritivo da trajetória e distribuição da produção científica sobre Educação superior, estabelecendo relações contextuais com um conjunto de outras variáveis, como datas de publicação, editores, temas, tipos de documento, periódicos etc. A organizadora ainda esclarece que os temas e/ou subtemas foram abordados por pesquisadores ou grupos de pesquisadores, segundo o domínio ou campo de conhecimento que as temáticas abarcam.

O banco de dados Universitas/BR é a primeira fase de um projeto que teve início em 1993, coordenado por Marília Morosini (UFRGS) e intitulado “UNIVERSITAS: avaliação da produção científica sobre Educação superior no Brasil, 1968-2002” e que

tem como objetivo maior selecionar, organizar, disponibilizar à comunidade e avaliar a produção científica sobre Educação superior, no Brasil, de 1968-2002. Reúne um grupo de pesquisadores e de aprendizes de universidades do país: FURB; UNISO; UCDB; UCP; UERJ; UFAL; UFF; UFG; UFMG; UFMT; UFPA; UFPR; UFRGS; UFRJ; UFRRJ; PUCRS; UNIFESP; UNIMEP; USP e UFSCar².

O estado do conhecimento sobre a “Avaliação na Educação Básica (1990-1998)” apresenta uma análise da produção acadêmica sobre o tema e contribuiu para uma visão mais abrangente e elucidadora desse campo de estudos no Brasil. Por meio de um levantamento bibliográfico em nove periódicos da área de Educação – considerados os mais representativos por conterem artigos que abordam expressamente a questão da avaliação na Educação básica –, os autores encontraram 218 artigos referentes ao tema, que foram categorizados em função dos conteúdos abordados.

Na síntese das principais constatações da pesquisa, as organizadoras afirmam que “o exame das publicações analisadas mostrou que os artigos concentram-se em três periódicos, editados por instituições especializadas em avaliação educacional”, e que “há um número razoável de autores que vêm se ocupando do tema há bem mais de dez anos, o que sugere que o campo de estudos está em processo de consolidação” (BARRETO e PINTO, 2001, p.63).

O estudo da produção de pesquisas sobre “Políticas e gestão da educação (1991-1997)” teve por objetivo o levantamento das pesquisas realizadas, a sua categorização e inclusão do acervo levantado no banco de dados da Anpae e a análise dos documentos por categoria e elaboração dos textos, para divulgação dos resultados, conforme informam os organizadores (WITTMAN e GRACINDO, 2001, p.8).

² Este banco de dados está disponível no endereço <http://biblioteca.ead.pucrs.br/universitas/index.asp> e os documentos cadastrados até agosto de 2006 totalizavam 11.706.

Foram analisados 1.170 documentos, dos quais 248 foram excluídos da pesquisa, por impertinência ou insuficiência de dados, e os demais 922 foram incorporados ao estudo e distribuídos em onze categorias que resultaram, cada uma delas, em um capítulo da obra, a saber: direito à educação e legislação do ensino; escolas/instituições educativas e sociedade; financiamento da educação; gestão da escola; gestão da universidade; municipalização e gestão municipal da educação; planejamento e avaliação educacionais; políticas de educação: concepções e programas; profissionais da educação: formação e prática; o público e o privado na educação.

As categorias temáticas analisadas na série estado do conhecimento sobre “Formação de Professores no Brasil (1990-1998)” referem-se à formação inicial, formação continuada e identidade, profissionalização docente e, finalmente, prática pedagógica. Os resultados obtidos da análise do conteúdo de 115 artigos publicados em 10 periódicos nacionais, de 284 dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação e de 70 trabalhos apresentados no GT Formação de Professores da Anped permitiram

(...) identificar uma significativa preocupação com o preparo do professor para atuar nas séries iniciais do ensino fundamental. Permitiu ainda evidenciar o silêncio quase total com relação à formação do professor para o ensino superior e para atuar na educação de jovens e adultos, no ensino técnico e rural, nos movimentos sociais e com crianças em situação de risco. Adicionalmente, permitiu verificar que são raros os trabalhos que focalizam o papel das tecnologias da comunicação, dos multimeios ou da informática no processo de formação; mais raros ainda são os que investigam o papel da escola no atendimento às diferenças e à diversidade cultural. (ANDRÉ, 2002, p.13)

No estudo de estado do conhecimento sobre “Juventude e Escolarização (1980-1998)” as fontes privilegiadas foram dissertações e teses apresentadas e defendidas nos

programas de pós-graduação em Educação, compreendendo o período de 18 anos, selecionadas do catálogo de 332 dissertações e 55 teses em Educação e do cd-rom da Anped, perfazendo um total de 387 registros na área de Educação e Juventude. Os recortes selecionados são oriundos da Sociologia e da Psicologia, sendo que esta disciplina é responsável pelas orientações teóricas de parte significativa da produção discente. Ao final do estudo a organizadora ressalta que

Os trabalhos mais recentes na área de Educação, a partir de meados dos anos 90, tendem a se perfilar mais fortemente no campo da Sociologia, permanecendo um conjunto importante de pesquisas de inspiração psicológica sobre adolescência. Os focos temáticos relacionados à Juventude – o mundo do trabalho, mídia, etnia, grupos juvenis, participação política e violência – têm concentrado perspectivas de estudo bastante promissoras. Os dois eixos teóricos estruturantes da produção discente sobre Juventude - a Sociologia e a Psicologia – parecem acenar com novas possibilidades e certamente seriam enriquecidos se houvesse uma abertura para a perspectiva da História, ainda ausente nesse tipo de investigação. (SPÓSITO, 2002, p.23)

O estudo “Educação de Jovens e Adultos no Brasil (1986-1998)” teve por objetivo detectar e discutir os temas emergentes da pesquisa referente a esta temática e se refere à produção acadêmica discente dos programas nacionais de pós-graduação *stricto sensu* em Educação, expressa em teses de doutoramento e dissertações de mestrado. Conforme assinala o organizador do estudo, “embora sistemática nos programas de pós-graduação em Educação, a pesquisa capturou incidentalmente teses e dissertações de outros programas, como os de Lingüística, Psicologia, Serviço Social e Sociologia” (HADDAD, 2002, p.9).

As fontes utilizadas foram os catálogos de teses e dissertações e o cd-rom da Anped, 98 coleções de periódicos nacionais e os anais de três principais eventos da área, apurando-se mais de 1.300 títulos produzidos no período de 1986 a 1998. A pesquisa

compreendeu trabalhos que abordam as concepções, metodologias e práticas de pessoas jovens e adultas, envolvendo questões relativas à Psicologia da Educação, à formação dos educadores, ao currículo e ao ensino e aprendizagem das disciplinas que o compõem, bem como às relações do educando com o mundo do trabalho. Os resultados foram distribuídos em capítulos da publicação, agrupados nos temas: o professor, o aluno, concepções e práticas pedagógicas, políticas públicas de educação de jovens e adultos e educação popular.

Além dos estudos sobre “estados do conhecimento” na área de Educação relatados até aqui, outras iniciativas semelhantes têm sido realizadas no âmbito dos periódicos científicos. Entre essas, cabe citar a mais recente (2004), promovida pela revista *Educação e Pesquisa*, que organizou um fascículo especial dedicado inteiramente à publicação de artigos de revisão que apresentam balanços e análises críticas sobre temas relevantes da produção científica em Educação, objetivando, segundo Carvalho e Bueno (2004, p.8), “colaborar na organização da produção científica no campo educacional”.

Os artigos abordados nesse número especial do periódico têm por foco as seguintes temáticas: educação rural, ciclos escolares, educação e participação, ética e educação e fracasso escolar. Outro conjunto de artigos versa sobre estudos quantitativos em educação, cultura escolar e a influência do pensamento de Vygotsky nas pesquisas em educação. Assinale-se ainda a diversificação das fontes utilizadas para a realização destes estudos: artigos de periódicos, teses e dissertações, trabalhos da Anped, entre outros.

2.2.2 A pesquisa em Educação consolidada em artigos científicos

Castro e Werle (2000) analisaram a produção científica na área de Administração da Educação, no período 1982-1994, sob as perspectivas temporal e temática em periódicos nacionais, presentes em um banco de dados elaborado pelas autoras. O *corpus* da pesquisa foi constituído por 2.052 artigos que foram lidos e classificados com o auxílio de 59 palavras-chave. Os resultados apontaram uma grande dispersão da produção de conhecimento na área de Administração da Educação, havendo alguns temas prevaletentes, os quais concentram dois terços da produção.

Na perspectiva da Ciência da Informação, Alvarenga (2000, 2003) analisou 206 artigos da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (RBEP) selecionados do universo de 2.224 artigos publicados de 1944 a 1974. A autora utilizou como critério de seleção dos artigos os princípios da arqueologia do saber, de Michel Foucault. As categorias empíricas de análise dos artigos selecionados foram: “produtividade de artigos”, “temáticas relevantes” e “produtividade de autores”. O recorte cronológico circunscreveu-se ao período que se inicia com a criação do periódico do Inep, julho de 1944, estendendo-se até dezembro de 1974. A autora justifica o recorte final do período considerando um limite posterior ao início e primórdios da implantação da pós-graduação em Educação no Brasil. O período cronológico foi dividido nas seguintes fases correspondentes aos períodos de gestões do governo federal do País: a) de julho de 1944 a 29 de outubro de 1945, correspondendo ao Estado Novo e primeiro governo de Getúlio Vargas; b) de 30 de outubro de 1945 a 30 de janeiro de 1951, período que se inicia imediatamente após o golpe que depôs o presidente Vargas, estendendo-se por todo o período de exercício do presente Eurico Gaspar Dutra; c) 31 de janeiro de 1951 a

30 de janeiro de 1956, ou seja, período em que Getúlio Vargas governa como presidente eleito e os governos de transição; d) de 31 de janeiro de 1956 a 30 de janeiro de 1961, que corresponde aos anos do governo Juscelino Kubitschek; e) de 31 de janeiro de 1961 a 30 de março de 1964, que circunscreve-se ao período dos governos Jânio Quadros, Ranieri Mazzilli e João Goulart e estende-se às vésperas do golpe que instituiu o período de ditadura militar no Brasil; f) de 1º de abril de 1964 a 31 de dezembro de 1974, relativo a uma parte dos períodos presididos pelos governos militares, até os anos iniciais da implantação e desenvolvimento da pós-graduação no Brasil.

Os resultados alcançados na pesquisa constituem-se em subsídios para uma descrição do processo de institucionalização da pesquisa educacional no Brasil, como um campo disciplinar, além de apontar para outra vertente de estudo que identifica sistemas de exclusão no processo de produção da literatura periódica. Neste aspecto, a autora menciona que

(...) há claros indícios de que tenha havido fidelidade do periódico à ideologia do Estado, tendo seu processo de seleção funcionado a partir de um sistema de exclusão, que implicou na não-publicação dos artigos escritos por autores que não se afinassem com o pensamento estatal, mais especificamente com o Ministério da Educação, em períodos específicos de governo estudado. (ALVARENGA, 2003, p.1)

Gaiofatto (2002) também realizou análise dos artigos publicados, no período de 1971 a 2000, sobre o tema Estado e Educação, em vinte periódicos acadêmicos das áreas de Educação, História, Administração, Economia e Ciências Sociais, utilizando como fontes revistas acadêmicas e os anais das associações nacionais de pós-graduação e pesquisa. Foram selecionados cerca de 300 artigos que contemplavam os seguintes aspectos: a) os que se referiam, de maneira direta, à relação Estado e Educação; b) aqueles que abordavam o ensino básico; c) autores internacionais, apenas quando

vinculados a alguma Instituição brasileira; d) trabalhos que tematizam o Estado como formulador e implementador de políticas, bem como as vicissitudes de sua concretização. Verificaram-se ainda outros dados mais diretamente observáveis nos artigos, como instituição à qual o autor se vincula, data da publicação, revista ou anais e referências bibliográficas mais utilizadas.

Vermelho e Areu (2005) relataram o resultado de pesquisa bibliográfica em artigos publicados em 58 periódicos das áreas de Educação e Comunicação, entre 1982 e 2002, com o objetivo de traçar um perfil da produção brasileira sobre a problemática envolvendo Educação e Comunicação e, a partir deste, identificar alguns aspectos relevantes ou lacunas na produção.

2.2.3 A produção científica de teses e dissertações sobre Educação

Mas, não são apenas os periódicos científicos que têm sido objeto de análises da produção científica em Educação. As teses e dissertações geradas nos programas de pós-graduação em Educação também têm sido objeto de reflexões e análises. Entre elas podemos citar as que seguem.

Strenzel (2000) analisou a produção científica sobre educação infantil, a partir dos anos 1980 até o final dos anos 1990, dos Programas de Pós-Graduação em Educação, com o objetivo de situar a trajetória das pesquisas e identificar os temas recorrentes e sua contribuição na constituição de uma Pedagogia da Educação Infantil. As fontes de referência foram os resumos das teses de doutorado e dissertações de mestrado contidos na base de dados em cd-rom da Anped.

Na mesma linha de análise de teses e dissertações, Vianna (2001) realizou estudo da produção acadêmica sobre a ação coletiva do professorado no Brasil, nas décadas de 1980 a 1990, procurando destacar as principais tendências na análise da organização docente e suas contribuições para o exame da realidade paulista, bem como verificar a maneira como esses trabalhos refletiram ou não sobre a importância das relações de gênero na constituição da militância.

Novicki (2003) também analisou a produção discente - dissertações e teses - dos programas de pós-graduação em Educação situados no estado do Rio de Janeiro, enfatizando as abordagens teórico-metodológicas e as suas concepções de educação, desenvolvimento sustentável, meio ambiente e educação ambiental. A fonte de referência foi a base de dados da Anped que reúne, na forma de resumos, informações sobre dissertações e teses defendidas no período de 1981 a 1998.

Angelucci et al (2004, p.51-72) realizaram um estudo introdutório do estado da arte da pesquisa sobre fracasso escolar na rede pública de ensino fundamental, tendo como ponto de partida uma retrospectiva histórica da pesquisa educacional no Brasil. O *corpus* da pesquisa realizada pelas autoras compôs-se de teses e dissertações defendidas no período 1991-2002 na Faculdade de Educação e no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Verificaram a existência de 71 obras, que foram categorizadas e das quais 13 foram selecionadas para análise em profundidade, tendo como base um conjunto de questões de caráter teórico-metodológico.

Ao final do estudo, revelaram as seguintes vertentes de compreensão do fracasso escolar: como problema essencialmente psíquico, como problema meramente técnico, como questão institucional e como questão fundamentalmente política.

2.2.4 As pesquisas em Educação promovidas por Associações, Grupos de Estudo e Sociedades da área e veiculadas em eventos científicos

No contexto deste breve retrospecto sobre a pesquisa em Educação no Brasil também é válido mencionar o importante papel das sociedades, associações científicas³ e grupos de pesquisa que reúnem pesquisadores da área de Educação que atuam na pós-graduação nos níveis regionais, estaduais e nacionais, os quais são responsáveis por um conjunto de pesquisas - veiculadas em eventos científicos organizados por estes organismos - que impulsionaram a produção científica deste campo de conhecimento.

Entre estes podem ser citados: a) a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), que congrega pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação em Educação, com a finalidade de desenvolvimento e consolidação da pesquisa e ensino de pós-graduação nesta área do conhecimento; b) o Grupo de Estudos e Pesquisa História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), criado em 1986, com papel articulador de outros grupos de pesquisa estaduais; c) a Associação de Pesquisadores em História da Educação no Rio Grande do Sul (1995) e d) a Sociedade Brasileira de História da Educação (1999) que é fruto de um trabalho de cooperação e articulação dos diversos pesquisadores e grupos atuantes na área.

A ANPED desde 1976 tem impulsionado o desenvolvimento e consolidação do ensino de pós-graduação e da pesquisa em Educação no país. Segundo consta do seu histórico, a Associação foi fundada em 1976 e em 1979 consolidou-se como sociedade civil independente, com a finalidade de “busca do desenvolvimento e da consolidação

³ Nas áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas há inúmeras outras Associações Nacionais de Pós-Graduação e Pesquisa, entre elas a ANPOCS – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais; a Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação e a ANCIB – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação.

do ensino de pós-graduação e da pesquisa na área da Educação no Brasil”. Ao longo dos anos, a Associação

(...) tem-se projetado no país e fora dele, como um importante fórum de debates sobre questões científicas e políticas da área, tendo se tornado referência para o acompanhamento da produção brasileira no campo educacional. Abriga, em sua estrutura, 21 Grupos de Trabalho e dois Grupos de Estudo, estrutura esta que propicia sua sustentação e seu suporte acadêmico-científico. (ANPED, 2006)

Entre estes grupos de trabalho da ANPED, destacamos o Grupo de Trabalho de História da Educação, criado em 1984, por ocasião da realização da 7ª Reunião Anual da Associação. Segundo Carvalho, Saviani e Vidal (2006, p.web), um dos objetivos principais deste GT foi

(...) assegurar dinâmicas de discussão de temas, questões, categorias de análise e procedimentos metodológicos, com a finalidade de rever, articular e incentivar a produção historiográfica sobre educação. Com esses objetivos, o Grupo de Trabalho História da Educação expandiu o movimento de revisão crítica dos padrões historiográficos dominantes, funcionando como espécie de caixa de ressonância desse movimento e ampliando a interlocução entre os pesquisadores da área. Ao mesmo tempo, o GT funcionou como núcleo difusor da nova produção historiográfica que vinha sendo gestada nos centros universitários de Pós-Graduação mais dinâmicos do país, irradiando-a para outros centros de ensino e pesquisa.

Do ponto de vista de Ferraro (2005, p.48), o contexto de criação da ANPED – segunda metade da década de 1970 - deu-se em um momento em que a área de Educação contava com 29 programas de pós-graduação, dos quais 25 de mestrado e quatro de doutorado. Este autor também explica os dois fundamentos sobre os quais se apóiam a ANPED e suas práticas:

de um lado, a base constituída pelos sócios individuais, pela estrutura de grupos de trabalho, pelas reuniões anuais e regionais, com a preocupação centrada na produção e disseminação do conhecimento, dando, por aí, sustentação à pós-graduação (ao ensino e às avaliações externas dos programas); de outro, a base constituída pelos programas de pós-graduação e o Fórum de Coordenadores, com a atenção voltada para a consolidação dos programas e para a participação como atores, não como meros pacientes, nas políticas públicas de pós-graduação e pesquisa, o que se traduz em apoio e benefício da produção e disseminação do conhecimento. (FERRARO, 2005, p.53)

Neste contexto, Araújo (2003, p.9) mostra que “a partir dos anos de 1970, com a institucionalização do segmento da pós-graduação e pesquisa no interior das universidades brasileiras, coube à ANPED, dinamizar uma rede organizativa no campo da pesquisa educacional nacionalmente”.

As atividades da ANPED são estruturadas em programas de pós-graduação em Educação *stricto sensu* e nos grupos de trabalho (GT) que congregam pesquisadores interessados em áreas de conhecimento especializado da Educação. Ao longo desses trinta anos de atuação, os GTs da Anped têm propiciado a discussão das seguintes temáticas: História da Educação, Movimentos Sociais e Educação, Didática; Estado e Política Educacional, Educação Popular; Educação da Criança de Zero a Seis Anos; Formação de Professores; Trabalho e Educação; Leitura, Alfabetização e Escrita; Política de Educação Superior; Currículo; Educação Fundamental; Sociologia da Educação; Educação Especial; Educação e Comunicação; Filosofia da Educação; Educação de Pessoas Jovens e Adultas; Educação Matemática; Psicologia da Educação; Estudos Afro-Brasileiros e Educação; Educação Ambiental; Gênero, Sexualidade e Educação.

As reuniões anuais da Anped constituem-se, assim, em espaço privilegiado de discussão dessas temáticas. Além disso, a entidade tem, ao longo dos anos, divulgado trabalhos com característica de balanço da atuação dos seus Grupos de Estudo, os quais

constituem-se em importantes contribuições para se acompanhar os temas, problemas e a produção científica dessas sub-áreas de conhecimento.

Para compreender melhor o papel da ANPED é fundamental recorrer ao já citado artigo de Ferraro (2005), que, segundo Bianchetti e Fávero (2005, p.5), ajuda a

entender o papel dessa associação tanto nas lutas políticas quanto no processo de afirmação da área de educação, particularmente a partir da constituição dos grupos de trabalho, da criação do comitê científico, do formato das reuniões anuais, da atuação do Fórum de Coordenadores do Programas de Pós-Graduação em Educação, da criação da *Revista Brasileira de Educação*, entre outros aspectos.

Além deste artigo, outros textos publicados no ano de 2005, quando se comemoraram os 40 anos da pós-graduação em Educação no Brasil, pela *Revista Brasileira de Educação* – periódico científico publicado pela ANPED - também são importantes para a compreensão das frentes de atuação desta Associação: as entrevistas com Juracy C. Marques e Maria Julieta Costa Calazans cujas trajetórias revelam o papel decisivo que tiveram na criação e nos rumos da ANPED.

Como assinalaram Carvalho, Saviani e Vidal (2006), foi a ANPED, como entidade representativa dos programas de pós-graduação e dos pesquisadores da área de Educação, que veio a desempenhar um papel importante na organização do campo da História da Educação brasileira, uma vez que com a criação, em seu interior, no ano de 1984, do Grupo de Trabalho de História da Educação, abria-se um espaço específico para as discussões das questões da área, assim como para a apresentação e debate da produção que vinha se desenvolvendo principalmente nos programas de pós-graduação.

Há que se registrar também que a produção científica do GT História da Educação da ANPED foi analisada por Catani e Faria Filho (2002) em texto que procurar explorar o conjunto da produção no período 1985-2000, representada por 185

textos. Os autores empreendem esta análise identificando dois momentos distintos nesta produção – de 1984 a 1989 e de 1990 em diante –, balizados pelo crescimento quantitativo e características da produção divulgada, e analisada em relação aos períodos e temas pesquisados e fontes utilizadas.

Outra entidade importante na área de Educação é o Grupo de Estudos e Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR, criado em 1986 e institucionalizado em 1991. De acordo com Lombardi (2006a):

Nos primeiros anos de sua consolidação, entre 1986 e 1990, realizaram-se encontros periódicos, geralmente semestrais, com o intuito de debater a elaboração das pesquisas. A preocupação maior era acompanhar o processo de desenvolvimento dos trabalhos e a socialização das informações entre os pesquisadores do Grupo. Acompanhando o andamento e a conclusão dessas pesquisas, com a finalização das dissertações e teses, decidiu-se pela constituição de um grupo de pesquisa de âmbito nacional. Isso resultava do retorno dos pesquisadores para as suas instituições de origem, espalhadas pelas diversas regiões do país, mas que desejavam continuar desenvolvendo um trabalho coletivo, mantendo a articulação com os demais companheiros.

Sediado na Faculdade de Educação da Unicamp, conta, desde sua criação, com a participação de professores e seus respectivos orientandos de mestrado e doutorado, com o objetivo de propiciar o intercâmbio das pesquisas que estavam sendo desenvolvidas no curso de pós-graduação. De acordo com Lombardi (2006a),

a organização desse coletivo nacional, para além das relações entre orientandos e orientadores, exigia a formalização do Grupo junto à Faculdade de Educação da UNICAMP, bem como a institucionalização dos Grupos de Trabalho (GTs) em suas respectivas instituições. Formou-se então um núcleo permanente de pesquisa, centralizado na Faculdade de Educação da UNICAMP e articulador de Grupos de Trabalho regionais e estaduais. Nesse ano de 1991 eram 15 (quinze) GTs, espalhados por 14 (quatorze) estados brasileiros.

De acordo com Carvalho, Saviani e Vidal (2006, p.web), o HISTEDBR foi organizado com uma estratégia desenvolvida em três frentes:

Tratava-se, por um lado, de arregimentar novos pesquisadores para a área de História da Educação, estimulando a criação de núcleos de pesquisa nas universidades em todo o país em torno de um programa de coleta e organização de fontes primárias e secundárias. Em uma segunda frente, tratava-se de articular tais grupos mediante a promoção de encontros e seminários e de uma rede informatizada de difusão e troca de informações. Em uma terceira frente, tratava-se de promover a discussão teórico-metodológica e a crítica das novas concepções historiográficas e de seus pressupostos.

Segundo relata Lombardi (2006a), desde 1991, quando se dá a institucionalização do HISTEDBR com a realização do *I Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”* – evento que teve continuidade no período 1991-2003, quando foram realizados mais cinco seminários nacionais - o Grupo deu continuidade à realização de eventos com as *Jornadas Regionais do HISTEDBR*, que contou com seis edições estaduais no período 2002-2005, as quais resultaram em um grande volume de produção científica na área de História da Educação.

Ao completar 20 anos de existência em 2006, o HISTEDBR decidiu “emprender um esforço coletivo para conhecer e socializar a produção intelectual dos Grupos de Trabalho (GTs)” e desenvolveu o projeto “20 anos de HISTEDBR: Navegando na História da Educação Brasileira” com o objetivo de levantar, reunir e organizar o conjunto da produção do Grupo HISTEDBR. O resultado deste esforço consolidou-se em uma produção em

meio digital que, utilizando a tecnologia multimídia hoje disponível, torna possível a socialização de trabalhos inéditos de pesquisadores do

HISTEDBR, com textos produzidos para esse fim, acrescida de uma síntese didática sobre cada período histórico da educação brasileira, bem como de ferramentas que disponibilizam informações, fontes e conteúdos fundamentais ao entendimento dos períodos e temáticas da história educacional brasileira. (LOMBARDI, 2006b)

Na visão de Saviani (2006), essa produção não teve o objetivo de realizar um balanço conclusivo da História da Educação e nem se trata de um “retrato fiel da totalidade da produção do HISTEDBR”, mas, antes, é um “trabalho de caráter coletivo que, na etapa atual da trajetória do Grupo, busca traçar algumas linhas básicas tendo em vista a apresentação de um panorama geral da história da educação brasileira.”.

Carvalho, Saviani e Vidal (2006) destacam ainda que as iniciativas de construção do GT História da Educação da ANPED e do HISTEDBR tiveram papel relevante na “criação de uma comunidade numerosa de investigadores em História da Educação”. No entanto, segundo estes autores, para a constituição dessa comunidade, talvez tão importante quanto aquelas, foi a intensificação dos contatos entre os pesquisadores da área, propiciada pela realização dos Congressos Ibero-Americanos de História da Educação – realizados desde 1992, com a oitava edição prevista para 2007 - e dos Congressos Luso-Brasileiros de História da Educação – cuja primeira edição foi em 1996 e a última em 2006, os quais

(...) propiciaram não somente a aproximação dos pesquisadores brasileiros provenientes das diversas regiões do país como também promoveram o contato entre historiadores brasileiros e estrangeiros. O contato com a historiografia educacional estrangeira – especialmente a francesa, a espanhola e a portuguesa - forneceu cânones e linhas de pesquisa que, já consolidadas nesses países, evidenciaram-se férteis e potencialmente capazes de promover um maior intercâmbio entre os pesquisadores da área. (CARVALHO, SAVIANI e VIDAL, 2006, p.web)

Neste contexto de crescimento de pesquisadores da área de História da Educação e da necessidade de ampliação de espaços de discussão dos trabalhos produzidos, surge a Sociedade Brasileira de História da Educação - SBHE, criada em 1999, que “após um longo processo de discussão de seu formato e de seus Estatutos, veio responder a esse anseio, abrindo um novo espaço de interlocução e de consolidação da área” (CARVALHO, SAVIANI e VIDAL, 2006, p.web). Junte-se a isto, conforme explicitam os autores, o fato de que

o crescimento do número de pesquisadores exigia a ampliação dos espaços de exposição e discussão dos trabalhos, função que o Grupo de Trabalho História da Educação não tinha condições de exercer. A fundação de uma sociedade de historiadores da educação passou a ser, por isso, uma aspiração comum. A criação da Sociedade Brasileira de História da Educação, em 1999, após um longo processo de discussão de seu formato e de seus Estatutos, veio responder a esse anseio, abrindo um novo espaço de interlocução e de consolidação da área. (CARVALHO, SAVIANI e VIDAL, 2006, p.web).

Além disto, como notaram estes autores, a criação da SBHE se concretiza em um momento em que “diante da densidade crescente da área de história da educação e à vista do intercâmbio internacional, em especial com os países ibero-americanos, foi se objetivando a necessidade de criação de uma entidade que articulasse nacionalmente a área e a representasse nos foros internacionais”. (CARVALHO, SAVIANI e VIDAL, 2006, p.web)

Como já referimos anteriormente, a ANPED, o HISTEDBR e a SBHE reúnem seus integrantes em grupos temáticos, os quais têm produzido pesquisas, como as que se seguem.

Azevedo e Aguiar (2001) desenvolveram uma pesquisa que analisou as características e as tendências da produção do conhecimento sobre a política

educacional no Brasil, tomando como base empírica a produção apresentada no Grupo de Trabalho da Anped “Estado e Política Educacional”, no período de 1993 a 2000. As autoras tiveram como pressupostos que a legitimação dessa produção, assim como as suas tendências predominantes resultam de um embate de tendências/olhares e que os trabalhos traduzem relações efetivas entre os pesquisadores, organizações sociais envolvidas e a realidade analisada.

A partir daí, as autoras fazem um resgate da origem e da trajetória desse GT para, em seguida, apresentar – quantitativa e qualitativamente – um quadro dos eixos temáticos e subtemáticos que têm prevalecido no período estudado. À luz das análises empreendidas, concluem destacando alcances e limites da institucionalização desse GT e, portanto, do campo de conhecimento focalizado.

Fávero (2002) também realizou um estudo sobre as origens, desenvolvimento, e produção do GT de Política de Educação Superior da Anped, enfocando por meio de uma retrospectiva a presença deste Grupo nas reuniões anuais da Anped, bem como o papel dos Seminários de Intercâmbio e do Projeto Integrado de Pesquisa Universitas/BR para a ampliação da reflexão coletiva sobre as questões da política superior afetas ao Grupo. Em um segundo momento, a autora destaca a produção acadêmica do projeto Universitas/Br, responsável pela elaboração de artigos, comunicações e coletâneas tendo por tema a produção científica sobre Educação superior no Brasil.

Inserida na mesma linha de análise da produção científica de grupos de trabalho da Anped, Ferreira, J. (2002) resgatou a trajetória do GT Educação Especial, desde a sua criação em 1991 até 2001, e procedeu a uma breve caracterização do conjunto de 138 trabalhos, comunicações e pôsteres apresentados e discutidos nas onze reuniões ocorridas no período, organizando as produções de acordo com a modalidade de

apresentação, as áreas de necessidades educacionais especiais envolvidas e os temas abordados.

Os dados levantados permitiram um mapeamento inicial das questões pesquisadas e apresentadas, indicando algumas tendências temáticas e metodológicas, sendo que, no conjunto de comunicações e trabalhos, os estudos descritivos predominaram sobre os programas de formação profissional, a prática educacional em escolas comuns com alunos ou serviços especiais. Algumas lacunas foram assinaladas nas análises realizadas por Ferreira, J. (2002), entre elas estudos sobre políticas educacionais e sobre aspectos extra-escolares da educação especial. Ao finalizar a análise, o autor reflete sobre a importância dos GTs da Anped, em especial o GT de Educação Especial, assinalando que ele se constitui em um “espaço privilegiado de conhecimento e reflexão para a pesquisa e pós-graduação em Educação especial, um painel de síntese de uma parte importante dos projetos e programas existentes”.

Bufrem et al (2003) realizaram estudo em que se propuseram a analisar a produção científica sobre Ciência da Informação em periódicos indexados em bases internacionais, no período 1994-2000, e seu relacionamento com a área educacional, com vistas a determinar as tendências temáticas e as preocupações de estudos científicos nesse âmbito. Os resultados obtidos confirmaram os indícios surgidos em uma “leitura preliminar da literatura sobre o direcionamento das realizações concretas, visando atender as necessidades de aprimoramento do profissional da informação quanto aos saberes e práticas relativos ao processo de ensino-aprendizagem” (Bufrem et al, 2003, p.12).

Na mesma linha de trabalhos de análise da produção científica de associações científicas, situa-se o texto de Mostafa e Máximo (2003), que analisam as literaturas

publicadas no período 1994-2001 nos grupos de trabalho da Sociedade Interdisciplinar para os Estudos da Comunicação (Intercom) e da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) no tema da educação comunicativa. Foram analisadas pelos autores respectivamente 1.023 e 1.049 citações bibliográficas presentes nos trabalhos apresentados, com o objetivo de investigar quais autores nacionais e internacionais constituem a frente de pesquisa, ou seja, quais os autores mais influentes, nas duas literaturas, e de, se possível, visualizar tendências epistemológicas na produção científica. Os resultados indicaram que o humanismo e as teorias críticas da recepção, na Intercom, e o pós-estruturalismo, na Anped, parecem ser as tendências dominantes.

2.2.5 A produção científica em Educação: os estudos bibliométricos

Pagliarussi, Faria e Gregolin (1999) realizaram estudos que oferecem um panorama sobre o desenvolvimento de pesquisas na área de Educação a distância, para apoio à tomada de decisões relativas ao desenvolvimento de um sistema de treinamento e capacitação profissional a distância, na área de tecnologia de polímeros.

Os autores utilizaram como fonte de recuperação de informações a base de dados *Educational Resources Information Center* (ERIC), que é um sistema de informações existente desde 1966 nos EUA, voltado para oferecer pronto acesso à literatura educacional por e para profissionais e pesquisadores da área de Educação.

A técnica empregada foi a análise bibliométrica, desenvolvida nas seguintes etapas: coleta na base de dados; reformatação dos dados; tratamento bibliométrico automatizado. As conclusões retiradas da análise bibliométrica apontaram: a) os periódicos com maior número de publicações abordando a educação a distância; b) os

descritores mais freqüentemente associados ao descritor “educação a distância” foram “processos e estruturas educacionais”, “informações e comunicações” e “áreas curriculares”; c) os documentos que abordam empreendimentos econômicos e sociais concentram-se na área de treinamento e desenvolvimento profissional.

Outros estudos já referidos anteriormente, quais sejam, os de Alvarenga (2000 e 2003), Mostafa e Máximo (2003), também recorreram à bibliometria para analisar a produção científica em Educação.

A produção científica na área de Educação e Educação Especial também foi analisada com base em análise bibliométrica de artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais, livros e capítulos de livros. Entre estes trabalhos encontram-se os relatados a seguir.

Hayashi (2004) verificou como se configura a área de pesquisa em Educação no Brasil em uma base de dados internacional – a base de dados Francis[®] do *Institut de l'Information Scientifique et Technique* vinculado ao *Centre National de la Recherche Scientifique*. Os resultados obtidos permitiram identificar as tendências e crescimento do conhecimento na área, caracterizar os periódicos, os temas abordados, as instituições e autores e as parcerias científicas no campo estudado, bem como verificar que nem sempre a divulgação do conhecimento em Educação faz justiça ao capital intelectual existente, haja vista a consistência e visibilidade da produção científica da pesquisa em Educação brasileira no contexto de uma base de dados internacional.

Silva (2004) ao analisar a produção científica dos pesquisadores vinculados a um Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, pode constatar a tendência de crescimento na divulgação da produção científica da área de Educação Especial, tomando como base os seguintes aspectos: a produtividade dos pesquisadores, as

parcerias de publicação, a temática dos artigos, a origem geográfica dos artigos publicados, as áreas de conhecimento e os setores de atividade nas quais estas produções se enquadram.

Sacardo (2006) realizou um estudo que teve como objetivo principal analisar as dissertações e teses em Educação Física e Educação Especial que geraram artigos, livros e capítulos de livros com temática voltada para pessoas com necessidades especiais. Os resultados obtidos mostraram que as publicações geradas pelas dissertações/teses foram publicadas, em sua maioria sob a forma de artigos (58%), seguidas dos capítulos (29%) e livros (13%), confirmando o que indica a literatura de referência, ou seja, que o canal de publicação mais utilizado pelos pesquisadores para divulgar seus trabalhos é a publicação de artigo científico em periódico.

Frente aos desafios e perspectivas da pesquisa educacional no país, como bem ressaltou André (2001, p.52), “é necessário rever e analisar criticamente o que vem sendo produzido na área e buscar caminhos para seu aprimoramento”. Isto exige que a comunidade científica também reflita sobre as condições de produção do trabalho científico, além de

(...) Assumir muito seriamente, como tarefa coletiva, o estabelecimento de critérios para avaliar as pesquisas da área, apresentá-los publicamente, ouvir as críticas e sugestões, mantendo um debate constante sobre eles. Temos que continuar defendendo a qualidade nos trabalhos científicos e a busca do rigor. (ANDRÉ, 2001, p.63)

Sguissardi e Silva Jr. (2002, p.25) também apontaram que há uma carência de “sistematização do que já foi pesquisado, produzido, publicado, faltam-nos estudos críticos sobre a produção científica realizada”, embora reconheçam que alguns esforços têm sido realizados no sentido de minorar estes problemas. Estes autores citam como

experiência válida a iniciativa de construção de bancos de dados em temáticas da Educação – referindo-se aqui ao banco de dados Universitas/Br -, além de esboçarem proposta de uma agenda de pesquisa para utilização, a mais adequada política e cientificamente, desses bancos de dados.

É inegável, portanto, que importantes iniciativas na área da pesquisa em Educação no país têm contribuído para tornar visível a rica produção científica dessa área de conhecimento.

2.2.6 As reflexões críticas sobre a pesquisa em Educação

A avaliação da pesquisa em Educação também tem sido objeto de inúmeras reflexões teóricas de autores da própria área que têm procurado, com sua visão crítica, refletir sobre a produção do conhecimento em Educação.

Alves-Mazzotti (2001) parte das principais avaliações da qualidade da pesquisa em Educação para sustentar que “todas as deficiências observadas são, ao mesmo tempo, decorrentes e realimentadoras da pobreza teórico-metodológica apontada nestas pesquisas”. A autora procura demonstrar a “importância da teorização sobre os resultados para favorecer a transferibilidade para outras pesquisas dos conhecimentos produzidos”, o que, na sua opinião, facilita a sua divulgação e avaliação pela comunidade científica. Por fim, Alvez-Mazzotti (2001, p.39) enfatiza que “a identificação de padrões, dimensões e relações, ou mesmo a construção de modelos explicativos, além de não ser compatível com o estudo dos fenômenos microssociais, constitui etapa essencial à construção da teoria e à aplicação a outros contextos”.

André (2001, p.51) aborda questões relativas à busca de rigor na pesquisa em Educação, mostrando que

as mudanças nos referenciais, nos contextos e nas metodologias dos estudos, nos últimos anos, suscitaram questionamentos sobre a natureza dos conhecimentos produzidos, sobre os critérios de julgamento dos trabalhos científicos e sobre os pressupostos dos métodos e técnicas.

Além disso, a autora analisa as condições reais que os pesquisadores enfrentam na produção do conhecimento científico e conclui pela necessidade de lutar pela melhoria destas condições.

André (2005b) também discute questões epistemológicas e metodológicas relacionadas à pesquisa em Educação e às condições de produção do conhecimento científico. A autora mostra que nos últimos 20 anos houve um crescimento muito grande do número de pesquisas, o que trouxe diversidade nas temáticas, nos enfoques, nos contextos e nas metodologias. No entanto, surgem daí questionamentos referentes aos fins da investigação e à natureza dos conhecimentos produzidos, aos critérios de avaliação dos trabalhos científicos e aos pressupostos dos métodos e técnicas de investigação. André (2005b, p.33) aprofunda estas questões, ressaltando que há necessidade de: “(...) c) lutar pela melhoria das condições de produção do conhecimento; d) construir espaços coletivos nos programas de pós-graduação para elaboração de projetos e desenvolvimento de pesquisas”.

As implicações e as perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo foram analisadas por Gatti (2001) em artigo que, nas palavras da autora, “busca recuperar no tempo aspectos do desenvolvimento das pesquisas educacionais no Brasil, associando-os a conjunturas histórico-sociais”.

Gatti (2001, p.65) trata de algumas questões de teorias e métodos, hegemonias de grupos de investigação e questões institucionais e ressalta o papel da década de 1980, na qual “vigorosos debates são travados, a partir dos quais vêm à luz problemas intrínsecos a procedimentos de pesquisa e sua validade”. A autora discute em que condições se pode falar de “impacto social das pesquisas educacionais” e analisa a possível “porosidade dos conhecimentos advindos de pesquisas em educação nas ações de educadores e em políticas educacionais”. Por fim, Gatti (2001) também questiona se a consistência metodológica desempenha, nessa porosidade, algum papel.

Gatti (2005) também discute as “contraposições de autores no que se refere à produção do conhecimento e sua disseminação em contextos caracterizados como modernos ou pós-modernos”. A autora realiza uma reflexão sobre questões ligadas aos saberes e à pesquisa em Educação e mostra que “o emprego dos termos pós-modernidade e pós-moderno não encontra consenso entre os que se preocupam com a compreensão do momento histórico contemporâneo em suas diferentes manifestações” (GATTI, 2005, p.595).

Nessa discussão a autora assume a posição de que “se está em transição: não se saiu totalmente das asas da modernidade e nem se está integralmente em outra era”. Em seguida, discute a presença, na reflexão e na pesquisa em Educação, de “algumas perplexidades diante de movimentos sociais complexos que têm sido historicamente construídos”, debatendo-se sobre o que conservar na Educação, que modismos evitar, quais valores, práticas e identidades são, em princípio, dignos de respeito e por que, entre tantas questões.

Por fim, Gatti (2005, p.608) mostra que a forma de tratar os problemas e analisá-los tem mudado:

Num período de transição, em que estruturações e desestruturações, normatizações e transgressões imbricam-se dialeticamente, colocam-se desafios consideráveis à pesquisa em educação, para que se compreenda a tessitura das relações no ensinar e no aprender, bem como a heterogeneidade contextual em que tais relações ocorrem.

Por sua vez, Paraíso (2004) discute os efeitos das teorias pós-estruturalistas e pós-modernistas sobre a pesquisa educacional brasileira, traçando uma espécie de esboço de um mapa do campo dos estudos pós-críticos em Educação no Brasil. A autora mostra o início das discussões pós-críticas no campo educacional brasileiro, discute as principais temáticas exploradas por essas pesquisas e indica os principais traçados por elas efetuados, descrevendo as expansões, as fraturas, as conquistas e as aberturas produzidas no campo educacional brasileiro.

Para concluir este tópico de reflexões críticas sobre a pesquisa educacional, remetemos ao artigo de Charlot (2006), intitulado *A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber*. Neste texto, o autor formula a seguinte questão “Será que pode ser definida e construída uma disciplina específica, chamada educação ou ciências da educação?”, para qual apresenta três respostas possíveis:

Primeira: os departamentos de educação não passam de um agrupamento administrativo de matérias interessadas pela educação. Segunda: esse próprio agrupamento gera uma especificidade das pesquisas, entre conhecimentos, políticas e práticas. A terceira resposta consiste em apostar em uma disciplina específica. (CHARLOT, 2006, p.195)

Nessa última perspectiva, Charlot (2006) analisa sete tipos de discursos atuais sobre Educação: o espontâneo, dos práticos, dos antipedagogos, da pedagogia, das ciências humanas, dos militantes e das instituições internacionais.

Além disso, nesse campo já saturado de discursos, Charlot pergunta sobre qual é o lugar para um discurso científico específico e apresenta algumas propostas teóricas e práticas para respondê-la.

2.3 As pesquisas no campo da História da Educação no Brasil

Antes de refletirmos sobre as pesquisas no campo da História da Educação no Brasil se faz necessário definir o que é campo científico. Para tanto lançamos mão do conceito formulado por Bourdieu (1983), que define o campo científico como um espaço social como outro qualquer, cheio de relações de força e disputas, que visa beneficiar interesses específicos dos participantes deste campo. Este autor ainda assinala que o “objeto de disputa” do campo científico é a posse exclusiva da autoridade científica. Deste ponto de vista, a capacidade de “produzir ciência”, por parte de um determinado indivíduo, está agregada a um determinado poder social. Para Bourdieu, nessa luta o que está em jogo é

(...) o monopólio da autoridade científica definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e de agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que é socialmente outorgada a um agente determinado. (BOURDIEU, 1983, p.122)

De acordo com a visão bourdieusiana o campo científico é um lugar onde ocorre a concorrência na busca de vantagens e interesses específicos. Os pesquisadores estão

vinculados a um determinado “campo científico”, no qual exercem seu trabalho e suas escolhas científicas (teorias, metodologias etc.) e formam uma espécie de comunidade em que valores, crenças e práticas comuns são compartilhados. São elas que, de fato, orientam e representam sua posição política. Bourdieu (1983, p.124) refere que estas práticas científicas estão orientadas pela “aquisição de autoridade científica”. Considera ainda que o campo científico, enquanto lugar de dominação e monopolização que acarreta luta por autoridade científica, é direcionado por estratégias políticas, de tal forma que:

Não há “escolha” científica - do campo da pesquisa, dos métodos empregados, do lugar de publicação, ou ainda, escolha entre uma publicação imediata de resultados parcialmente verificados e uma publicação tardia de resultados plenamente controlados - que não seja uma estratégia política de investimento objetivamente orientada para a maximização do lucro propriamente científico, isto é, a obtenção do reconhecimento dos pares - concorrentes. (BOURDIEU, 1983, p.126)

Com base nesta visão, Bourdieu (1983) mostra que os cientistas quando trocam novos conhecimentos o fazem utilizando um modelo que está fundado na noção de capital, de tal forma que o cientista acumula o chamado “crédito científico”.

Assim, os recursos adquiridos pelos cientistas são os seus conhecimentos acumulados, os quais são utilizados em uma espécie de mercado, em troca do crédito científico. Por sua vez, este crédito científico adquirido pode, posteriormente, ser reinvestido para conseguir mais crédito. Assinale-se, no entanto, que o conhecimento produzido pelo pesquisador é um bem que não possui muito valor em si mesmo. Ele precisa ser valorizado por outros produtores em sua troca e o reconhecimento que os outros lhes dão é que dá a medida de sua importância. O autor considera que, “de fato, somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar

simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos” (BOURDIEU, 1983, p.127).

Com base nestes argumentos é possível compreender a existência de pressões para que os pesquisadores possam transmitir os resultados dos conhecimentos produzidos pelas pesquisas que realizam. Esta situação consolida a noção bourdieusiana de que a comunidade científica assemelha-se a um sistema social em que seus membros almejam garantir a integridade e a aceitabilidade dos resultados por eles produzidos. Para que isso se concretize, é necessário que os pesquisadores utilizem os veículos de comunicação científica (publicações, apresentação de trabalhos em eventos etc.) para que suas informações alcancem seu público alvo e se transformem em crédito científico.

Em síntese, a abordagem do campo científico realizada por Bourdieu (1983) mostrou que os conhecimentos novos produzidos pelas pesquisas se apóiam muito no pesquisador que os produz. Estes conhecimentos estão ligados com o interesse, controle e competição entre os próprios cientistas, para fins exclusivos, de reconhecimento diante dos pares.

Pereira e Andrade (2005, p.1395), com clara inspiração em Bourdieu (1984), ao refletirem sobre o campo educacional afirmam que este

(...) é um campo como outro qualquer: é um espaço estruturado de relações objetivas mediante as quais os agentes disputam os capitais específicos em jogo. Assim como o campo político, o econômico, o da alta costura, o literário, o religioso, entre outros, o educacional possui suas próprias normas, valores, interesses, instituições, hierarquias de legitimidade e critérios de divisão social. Está dotado de mecanismos internos por meio dos quais, segundo uma lógica específica, os agentes a ele vinculados obtêm lucros, embora não necessariamente econômicos, sofrem sanções, recebem prêmios, lutam, concorrem, complementam-se, coagem uns aos outros, fazem e desfazem alianças e pactos, duradouros ou não.

Além disso, em sua concepção o campo educacional,

(...) é concebido, antes de tudo, como arena de lutas, de conflitos nos quais os agentes almejam impor, como legítimos, os arbitrários culturais mais compatíveis com os seus capitais. "A história do campo", observa Bourdieu (2002, p.88) a propósito do mercado de arte, consideração extensível a todo o sistema de produção de bens simbólicos, "é a história da luta pelo monopólio da imposição das categorias de percepção e apreciação legítimas; é a própria luta que faz a história do campo; é pela luta que ele se temporaliza". Todos os lances estratégicos (carreiras, postos de trabalho, linhas e grupos de pesquisa, objetos de estudo, conversões de área, assim como veículos de publicação, entre outros) são orientados, conquanto não necessariamente de forma inteiramente racional, para a maximização dos rendimentos materiais e simbólicos proporcionados pelo campo. (PEREIRA e ANDRADE, 2005, p.1395)

Estas breves reflexões sobre o conceito de campo científico de Bourdieu e sua aplicação no campo educacional são fundamentais para a compreensão da constituição do campo da História da Educação. Ademais as diversas teorias de Bourdieu foram apropriadas pelo campo educacional no Brasil, como já demonstraram os estudos conduzidos por Catani, Catani e Pereira (2001) e Nogueira e Nogueira (2002), entre outros.

Por ora, voltemos ao histórico das pesquisas conduzidas neste campo no Brasil, não sem antes afirmar que este conceito será retomado ao longo do trabalho.

Toro-Zequera (2001) realizou pesquisa na qual analisou uma amostra dos 80 trabalhos sobre o debate teórico e metodológico apresentados nos quatro congressos ibero-americanos da História da Educação Latino-Americana (1992-1998) por se constituírem estes num foro que reflete sobre a especificidade da História da Educação, suas relações com a História e as tendências da pesquisa histórico-educacional na região.

Os resultados obtidos por Toro-Zequera (2001) apontaram que: a) o atual debate teórico-metodológico em História da Educação apresenta características semelhantes do debate que acontece na História; b) a História da Educação, como história setorial não pode ser alheia às orientações teórico-metodológicas dominantes na História; c) a História da Educação ganha maior especificidade e autonomia com relação à pedagogia e às demais ciências da Educação, na medida em que se aproxima da História; d) o debate teórico-metodológico na História da Educação deve ser compreendido no campo da teoria do conhecimento e dos diversos processos de construção do conhecimento histórico.

Bastos, Benconstta e Cunha (2002) realizaram uma cartografia do conhecimento produzido em História da Educação na região sul do país (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), nos anos 1980 e 1990, e identificaram os temas privilegiados pelos pesquisadores e os que carecem de desenvolvimento, com o intuito de aprofundar as questões de pesquisa na área. Entre as conclusões dos autores está a de que a significativa produção de estudos evidencia o importante espaço de discussão e de consolidação da área como campo de pesquisa.

A constituição histórica do campo da História da Educação no Brasil é vista por Vidal e Faria Filho (2003) sob dois prismas: no primeiro, os autores elaboram um histórico da disciplina a partir de três pertencimentos: à tradição historiográfica do Instituto Histórico Geográfico do Brasil (IHGB); às escolas de formação para o magistério e à produção acadêmica entre os anos 1940 e 1970. No segundo, enfocam os trabalhos realizados nos últimos vinte anos, apontando temas e períodos de interesse e abordagens teóricas mais recentes.

Por sua vez, Jorge (2003) investigou a periodização na História da Educação brasileira, em estudo que problematizou a possível inadequação dos critérios comumente utilizados – o político, o administrativo, o filosófico e, mais recentemente, o econômico. Utilizando como fonte de pesquisa o que denomina de “manuais” da área, ou seja, os livros da disciplina “História da Educação Brasileira” adotados em cursos de Magistério e Pedagogia, Jorge (2003) procede a uma análise das concepções de História e História da Educação presentes nestes autores, bem como de seus critérios de periodização, para em seguida realizar um estudo comparativo entre eles.

Ainda no contexto da discussão sobre periodização da Educação brasileira, dois textos são fundamentais para entendimento da historiografia e do campo da Educação: o de Carvalho (2001) e o de Bontempi Jr. (2003), que reúne informações e empreende esforços no intuito de analisar o texto de Carvalho (2001).

O trabalho de Carvalho (2001), publicado originalmente em 1971, e dada a sua circulação restrita e importância seminal para a História da Educação republicado em 2001, pela *Revista Brasileira de História da Educação* – periódico científico da SBHE –, apresenta “o modelo de periodização considerado tradicional e consolidado para a história da educação brasileira”, além de evidenciar “a fragilidade presente nos critérios baseados na relação entre o desenvolvimento político e administrativo e o desenvolvimento educacional” (CARVALHO, 2001, p.137).

O processo de organização do campo educacional também foi objeto de análise de Araújo (2003) que, à guisa de balanço, ainda investigou a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste, incluindo a pesquisa, por parte do grupo dos Renovadores da Educação, no período compreendido entre 1924 e 1964. Ao final da

pesquisa, a autora coloca em evidência o modo como “o passado educacional foi historicamente produzido até nossos dias”.

Henriques (2004) também analisou a identidade do campo educacional, tendo por referência o pensamento desenvolvido por Bourdieu em relação à noção de campo. A autora identifica a área educacional como um campo de produção de conhecimento que se constrói “a partir de parâmetros relacionais, definindo sua produção como o jogo estabelecido entre os agentes dentro do campo, em relação aos outros campos e às condições objetivas externas”.

Em outra abordagem, Henriques (2007) aponta as inúmeras e variadas questões possíveis de serem colocadas quando se busca entender a especificidade do campo educacional, e enfatiza que embora sob ângulos diferentes, tais questões se definem sempre em referência ao aspecto plural de formação do campo e ao seu modo de atuação frente à realidade. Desta perspectiva, a autora formula os seguintes questionamentos:

(...) é o campo educacional uma forma de conhecimento com estatuto científico? A que demanda ele corresponde: social, epistemológica ou profissional? Seu objeto está ligado a temas e problemas, e deve portanto forjar uma metodologia de acordo com eles? Faz uso de métodos particulares ou pede emprestado aos outros campos do conhecimento? O campo educacional demanda a outros campos uma prática interdisciplinar? (HENRIQUES, 2007, p.web)

Na visão da autora, as respostas, na maior parte das vezes são excludentes, expressando ora tentativas de explicações epistemológicas ora fundamentações de caráter prático.

Por sua vez, em 2006, o grupo de estudos HISTEBR ao completar 20 anos de existência, empreendeu um esforço coletivo no sentido de conhecer e socializar a

produção científica e intelectual de seus grupos de trabalho e coordenou a produção de um conjunto de textos sobre a História da Educação com vistas a possibilitar um entendimento conjunto sobre cada um dos diferentes períodos e temáticas da Educação brasileira. Tal esforço resultou na produção denominada “Navegando na História da Educação Brasileira”, em que são apresentados textos dos pesquisadores do Grupo que oferecem um breve panorama da Educação brasileira abordando as concepções pedagógicas, organização escolar, a legislação educacional, as instituições escolares, os arquivos, fontes e estado da arte relativos aos seguintes períodos históricos: Colônia – período jesuítico (1500-1759) e período pombalino (1759-1822); Império (1822-1889); Primeira República (1889-1930); Era Vargas – 1930-1945; Nacional Desenvolvimentismo – 1946-1964; Período Militar: 1964-1984; Transição Democrática – 1984 até hoje.

Além disso, há um conjunto denominado “acervo”, composto por listagem de fontes escritas, iconográficas, referências documentais e bibliográficas e vídeos relativos a tais períodos, organizados por especialistas em cada temática. Por fim, esta produção ainda reuniu em um glossário os termos e pessoas mais representativas da área de Educação.

Dentre este conjunto de produções do “Navegando pela História da Educação Brasileira”, ressaltamos a relevante contribuição dos autores responsáveis pelos “estados da arte”, por fornecerem um painel elucidativo das questões específicas à História da Educação abordadas sob o viés do período histórico em que se inserem.

Neste contexto, destacamos o texto de Bittar (2006) que ao refletir sobre o estado da arte em História da Educação brasileira após 1985, comenta que

(...) a produção científica em História da Educação sobre o período após 1985 não é fácil de se analisar. A ditadura militar terminara num processo de articulação “pelo alto”, preservando elementos velhos na nova ordem que se instaurou a partir de março de 1985. Repetindo mais um momento de descontinuidade sem ruptura na história do Brasil, chegava ao fim o regime de repressão que depusera João Goulart em 1964 e, apesar dos limites inerentes à forma pela qual transcorreu a transição democrática, com mais elementos de conservação do que de transformação, o campo da educação viveu certo momento de efervescência com as possibilidades que se abriam. (BITTAR, 2006, p.1)

Em suas análises, Bittar (2006) analisa a pesquisa em Educação no pós-1985 sob dois enfoques: a produção em si e o contexto histórico-acadêmico em que esta produção científica foi gerada. A autora inicia suas reflexões expondo o cenário histórico da época: no âmbito nacional, o fim da ditadura militar, a construção do Estado de direito democrático e os desafios postos pelas “contradições inerentes à sociedade brasileira que se reorganizava nos marcos de um capitalismo urbano-industrial”; e no âmbito internacional, pela queda do muro de Berlim, o fim da União Soviética e a mundialização do capital. Bittar (2006) também chama a atenção para a crise dos paradigmas que afetaram as Ciências Humanas e em particular a Educação. Também aborda as diferentes correntes teóricas – marxismo histórico, fenomenologia, entre outras – que passam a questionar a adoção dos métodos positivistas na pesquisa educacional, bem como assinala o avanço do paradigma pós-moderno no Brasil.

Na segunda parte de suas reflexões sobre o estado da arte da História da Educação Brasileira, Bittar (2006) faz uma prospecção na produção da área com base nos trabalhos apresentados no GT/ANPED em História da Educação, nos encontros do HISTEDBR e da Sociedade Brasileira de História da Educação para averiguar

(...) até que ponto elegeu como objeto de estudo a presença ou não de elementos da política educacional da ditadura militar na transição que

se operou. Se a história do Brasil é marcada por processos de descontinuidade sem ruptura, seria o caso de verificar se houve e de que forma houve a continuidade de aspectos velhos (oriundos do autoritarismo) na nova ordem. Ou seja: a descontinuidade institucional de um regime (ditadura) para outro (Estado de direito democrático) conservando traços essenciais de continuidade e, portanto, sem promover ruptura. Partindo do pressuposto de que o atual quadro da educação brasileira tem a sua *matriz* na política do regime militar, procurei verificar até que ponto as pesquisas em História da Educação no âmbito da ANPED, HISTEDBR e SBHE, tiveram como preocupação o estudo dessa transição política. (BITTAR, 2006, p.12)

A autora conclui a pesquisa destacando a necessidade de aprofundar o debate teórico-metodológico sobre a pesquisa em História da Educação e afirma que os resultados obtidos apontaram que a produção sobre o período posterior a 1985

(...) é muito pequena *apenas* na área da História da Educação, não nas demais, onde, inversamente, predomina. O período mais investigado, por sua vez, concentra-se na primeira metade do século XX. (...) No que diz respeito aos temas que passaram a predominar após 1985, embora o marco inicial do período seja o corte institucional com a ditadura militar, a produção acadêmica não privilegiou o estudo daquele período precedente nem a transição política transcorrida depois. (...) Assim, o passado recente do período inaugurado em 1985 – a ditadura militar - passou a ser menos estudado do que o presente. Mas essa dominância do presente, conforme já apontado, não ocorreu especificamente na área da História da Educação e sim na pesquisa educacional em geral. (BITTAR, 2006, p.17)

Para finalizar esta breve configuração das pesquisas realizadas no campo da História da Educação no país, apresentamos os resultados de pesquisa realizada por Hayashi et al (2006b). Os autores, ancorados na abordagem bibliométrica da produção científica, realizaram um estudo que teve por objetivo analisar a produção científica sobre esta área indexada na base de dados Scielo. A escolha desta base de dados como fonte de pesquisa foi justificada pelo fato de que esta biblioteca eletrônica proporciona uma forma de garantir a visibilidade e acessibilidade da literatura científica, além de espelhar a produção científica brasileira na Internet.

As etapas de desenvolvimento da pesquisa de Hayashi et al (2006b) foram as seguintes: revisão de literatura sobre pesquisa em Educação no Brasil com foco na pesquisa em História da Educação; coleta de dados na biblioteca eletrônica Scielo; descrição e categorização dos dados obtidos; análise e interpretação dos resultados obtidos realizados à luz da abordagem bibliométrica e da teoria bourdieusiana de campo científico, com o objetivo de identificar as características dos artigos publicados. Os dados obtidos foram analisados tendo em vista os seguintes aspectos: a) conhecer os autores cuja produção científica é referência na área; b) elucidar os temas gerais e específicos abordados nos artigos; c) identificar os periódicos nos quais os artigos foram publicados; d) verificar a distribuição geográfica e institucional dos autores; e) verificar o ano de publicação dos artigos; f) verificar os padrões de publicação dos autores que publicam artigos sobre História da Educação.

Os principais achados da pesquisa de Hayashi et al (2006b) sobre a produção científica em História da Educação indexada na base de dados Scielo apontaram a existência de 848 artigos. A estratégia de busca foi refinada, o que resultou em 30 artigos. A diferença substancial entre o primeiro e o segundo resultado prende-se ao fato de que as expressões de busca utilizadas inicialmente eram muito amplas, o que foi corrigido com a restrição dos termos de busca e verificação sobre a pertinência ou não às temáticas da História da Educação.

Os dados obtidos na pesquisa permitiram conhecer o crescimento das publicações sobre a temática “História da Educação” presentes no Scielo no período de 1998 a 2005, correspondente à publicação dos 30 artigos pesquisados. No período analisado destacam-se os anos de 2000, com dez artigos publicados (20%), e 2004, com seis artigos (20%), totalizando quatorze artigos (53,3%).

Hayashi et al (2006b) também verificaram que 86,7% dos artigos tiveram autoria individual enquanto que 13,3% são em co-autoria. Estes achados confirmaram os argumentos de Velho (1997a e 1997b) que assinala que alguns tipos de publicações predominam sobre outros. Segundo esta autora, os padrões de publicação variam de acordo com as áreas de conhecimento e na área de Ciências Humanas e Sociais as publicações de autoria individual predominam, sendo observado um baixo nível de co-autorias. A prevalência da individualidade na autoria nesta área acontece, conforme assinala Silva (2004), devido ao fato de que nessa área “é preciso muito esforço para atingir concordância em várias decisões, tornando o processo muito difícil e o conflito iminente”. Assim, a colaboração deixa de ser uma vantagem para o cientista. Ademais, como assinala Velho (1997a), o produto final dessas áreas tem um caráter ensaístico e individual, dificultando a concordância quanto ao conteúdo e no estilo. Infere-se destas argumentações que a colaboração não só é mais difícil em áreas nas quais os cientistas partilham o mesmo paradigma, mas também naquelas mais codificadas e literárias.

A pesquisa de Hayashi et al (2006b) também apontou que há uma predominância de periódicos da região Sudeste entre os que publicam artigos na área de História da Educação. Esta característica se refletiu nos dados coletados, pois 96,7% dos artigos recuperados foram publicados em periódicos do Estado de São Paulo e apenas 1 (3,3%) artigo no Estado do Rio de Janeiro. No Estado de São Paulo, a distribuição foi de 60% em periódicos publicados na cidade de São Paulo e 36,7% em periódicos publicados em Campinas-SP.

Os resultados também mostraram que *Educação e Sociedade* foi o periódico que mais publicou artigos com a temática “História da Educação”, com 6 artigos, representando 20% do total de 30 artigos pesquisados. Já com relação à origem

institucional dos periódicos, verificou-se que três foram publicados por duas instituições ligadas à Unicamp (Cedes e Núcleo de Estudos de Gênero Pagu), com 11 artigos publicados (36,6%), e dois títulos são publicados pela Faculdade de Educação da USP, com 8 artigos publicados (26,7%). Os outros cinco títulos foram distribuídos entre dois tipos de instituições: 3 fundações (SEADE, Carlos Chagas e Oswaldo Cruz) e uma Associação (ANPUH). Verificou-se ainda que a maioria das instituições que publicam os periódicos estão ligadas ao meio acadêmico (universidades, núcleos de pesquisa), confirmando os estudos de Hayashi (2004), Silva (2004) e Sacardo (2006), os quais apontaram que a divulgação do conhecimento científico no país se faz, principalmente, por meio de instituições acadêmicas.

Por sua vez, as instituições de vinculação dos autores localizam-se em estados da região sudeste (MG, ES, SP, RJ) e sul (PR, SC e RS), confirmando assim as estatísticas da pós-graduação (CAPES, 2005) que apontam a maior concentração de cursos de pós-graduação nessas regiões do país.

Com relação à participação dos autores em grupos de pesquisa, apenas dois autores não participam destes Grupos de Pesquisa, enquanto os restantes (92,3%) estão vinculados a treze grupos de pesquisa, seja como líderes ou pesquisadores. É importante mencionar que também há casos de autores que pertencem a mais de um grupo de pesquisa. Os dados também mostraram que alguns autores pertencem aos mesmos grupos de pesquisa, estabelecendo parcerias que formam uma rede de colaboração científica.

Com relação a esses resultados da pesquisa, os autores retomam as considerações de Bourdieu (1983) sobre o fato de que o campo científico é um campo de lutas e disputas entre os pares, onde o que se busca é o crédito científico - trocado em

um mercado no qual as publicações científicas têm importância fundamental, pois é por meio delas que os resultados das pesquisas (artigos científicos) alcançam seu público e se transformam em créditos que são trocados por outros.

Hayashi et al (2006b) também adicionam a estes argumentos aquele apresentado por Price, em sua obra *Little Science, Big Science* (1969), em que o autor apontava que cientistas e pesquisadores tendem a se organizar em *colégios invisíveis* globais, compostos por pessoas que têm feito avançar as fronteiras do conhecimento. No interior desses colégios, discussões, *draft papers* (rascunhos), conferências e trocas bilaterais de vários tipos provêm os membros com privilégios e acesso antecipado ao novo conhecimento. Membros destes colégios invisíveis estão engajados naquilo que tem sido chamado de "competição": uma mistura do comportamento cooperativo e competitivo. *Colégios invisíveis* são, antes, negócios exclusivos. Aqueles que não podem levar nada de novo para a festa não estão convidados. Como todos os outros, eles podem ler revistas, mas são largamente excluídos nas trocas informais de técnicas, métodos e pistas sobre fracassos de pesquisas que são desfrutadas pelos membros do colégio invisível.

Segundo Hayashi et al (2006), estes argumentos de Bourdieu (1983) e Price (1969) somados aos dados empíricos da pesquisa realizada levam a supor que a produção científica em História da Educação indexada na base de dados Scielo está concentrada em alguns autores que pertencem a grupos de pesquisa e estabelecem parcerias científicas, as quais resultam em artigos científicos publicados. Ou seja, pode-se concluir que neste campo há determinados autores e grupos de pesquisa que são hegemônicos na produção do conhecimento da área.

A pesquisa realizada por Hayashi et al (2006b) verificou por meio da análise das palavras-chave atribuídas aos artigos, que o tema mais pesquisado é “História da Educação”, pois 20,5% dos autores elegeram esta palavra-chave como a mais representativa do assunto abordado em seus artigos. Em seguida, os temas que receberam maior número de palavras-chave foram, respectivamente, Educação Escolar, com 12,9%, Fundamentos da Educação, com 11,5%, Filosofia da Educação, com 7,7% e Contexto Humano, Instituições de Ensino, Educação e Lugares e Publicações, com 5,1% cada. Estes oito temas totalizam 73% das palavras-chave. Os treze demais temas totalizaram 27% e tiveram entre quatro e uma palavra-chave atribuída.

Na conclusão de sua pesquisa, Hayashi et al (2006b) destacam que a História da Educação brasileira ainda é um campo pouco pesquisado na área de Educação. Sua inserção nos periódicos da área, representada por artigos elaborados por pesquisadores que estão vinculados a diferentes instituições científicas e grupos de pesquisa do país, ainda é incipiente, haja vista que os trinta artigos pesquisados estão distribuídos em 9 periódicos.

Os autores também consideraram que a produção científica no campo da História da Educação mostra-se hegemônica em termos dos autores que publicam artigos nesta área, pois muitos deles estão vinculados aos mesmos grupos de pesquisa. Além disso, os dados da pesquisa também evidenciaram que além de formarem uma rede de colaboração científica – ou, nos termos de Bourdieu, por causa dessas redes de colaboração científica - esses pesquisadores também são majoritários em termos de publicação de artigos relacionados à temática “História da Educação” nos periódicos científicos.

2.4 A avaliação da pesquisa em Educação no contexto da pós-graduação

Para finalizar este capítulo de fundamentação teórica da tese, consideramos oportuno trazer para a discussão a avaliação da pesquisa em Educação no âmbito da pós-graduação, uma vez que até aqui procuramos deixar clara a estreita relação existente entre a pesquisa e pós-graduação. Ademais, torna-se válido neste contexto o argumento apresentado por Schwartzman (1993, p.41) de que

Nenhuma instituição científica que receba recursos públicos, assim como nenhum programa governamental que ofereça bolsas, apoio institucional, e outros recursos para o setor de C&T, devem ser isentos de sistemas explícitos de avaliação por pares, combinados, quando necessário, com outros tipos de avaliações de tipo econômico, social e estratégico. A avaliação por pares deve ser fortalecida pelo governo federal, liberada da influência de grupos de interesse regionais e profissionais, e adquirir uma forte dimensão internacional.

Saviani (2000), em debate que discutiu a implantação e expansão da pós-graduação em Educação no Brasil, abordou o tema em quatro momentos: primeiramente, esclareceu brevemente o conceito de pós-graduação na sua relação com o ensino e a pesquisa. Em seguida, retrata a história da pós-graduação em Educação no Brasil abordando inicialmente os antecedentes, em seguida o período heróico que corresponde à fase de implantação, e por último, a fase de consolidação e expansão. No terceiro momento aborda a situação atual para, finalmente, delinear as tendências, ou seja, as perspectivas da pós-graduação no país.

Gatti (2000, p.108) reabriu o debate sobre os problemas atuais e os rumos da pós-graduação brasileira, ao assinalar que

“os olhares mais aguçados têm percebido que, diante dos desafios históricos a enfrentar, a pós-graduação não pode ser mais assunto apenas do círculo restrito das universidades, ou apenas dos olhares dos “pares”, o que cria, em sua visão, uma “perspectiva endógena, em geral pouco renovadora”.

Posteriormente, Gatti et al (2003), na condição de membros de uma Comissão da ANPED, analisaram o modelo de avaliação utilizado pela CAPES na avaliação de 1998, com o objetivo de sugerirem alternativas e produziram documento que posteriormente foi ampliado com base em documentos recebidos dos colegiados dos programas de pós-graduação em Educação e nas discussões realizadas com os representantes dos programas. Os autores destacam que a CAPES, em 1999, deu “um passo bastante importante na concretização da avaliação diagnóstica ao propor a *avaliação continuada*, um esquema de acompanhamento da situação dos programas de pós-graduação, embora ela não preveja a alteração de conceitos – ponto que deveria ser revisto”. Além disso, assinalaram que “o modelo de avaliação da CAPES é bastante homogeneizador e tende a uma padronização dos programas” e, deste ponto de vista, sugerem alternativas que “ajudariam a flexibilizar a sistemática de avaliação, enfatizando seu caráter diagnóstico e respeitando as especificidades dos programas”.

Os autores ainda tecem considerações sobre: os componentes da avaliação; a escala adotada; as relações mestrado/doutorado e pós-graduação/graduação; condições de infra-estrutura; indicadores de produção científica; nível internacional dos programas; especificidades da área de Educação. Dentre estes aspectos chamamos atenção para as observações relativas aos indicadores de produção científica.

Gatti et al (2003) , embora aceitem a necessidade de um instrumento que viabilize a análise da produção técnica, acadêmica e científica, argumentam que tal

instrumento deve ser amplamente discutido pelas áreas. Em particular, no caso da área de Educação, segundo os autores

(...) é preciso explicitar, em primeiro lugar, em que consiste a produção de um programa de pós-graduação, inclusive lembrando o papel do livro didático e a cada vez mais freqüente preparação de vídeos instrucionais; da divulgação das publicações por via eletrônica; e o lugar dos pareceres solicitados pelas agências de financiamento e dos relatórios das visitas realizadas por indicação da CAPES; da promoção de eventos científicos; da participação em comitês e associações científicas. É preciso que haja uma melhor especificação e diferenciação entre os diversos tipos de produção de um programa, em especial entre produção científica, acadêmica, técnica e artística. (GATTI et al, 2003, p.142)

Outro aspecto ressaltado por Gatti et al (2003) refere-se à publicação em periódicos internacionais que não tem, na área de Educação, o mesmo significado que tem para outras áreas. Assim, questionam os autores:

(...) quais veículos vamos priorizar: se livros ou capítulos de livros (valerá o conhecimento e prestígio das editoras?); se ensaios e artigos publicados em periódicos com corpo editorial de ampla composição, com colaboração de articulistas de todo o país e mesmo internacionais, periodicidade regular, circulação nacional, peso significativo na divulgação dos resultados de pesquisa. (GATTI et al, 2003, p.142)

Com relação às especificidades da área da Educação, Gatti et al (2003) argumentam que “além da área não ter periódicos internacionais de ponta que venham a servir de referência para a análise da produção nacional, e além do peso relativo, a ser considerado, das revistas locais, regionais e de divulgação”, a área apresenta outras especificidades que deveriam ser levadas em conta na avaliação.

Finalmente, Gatti et al (2003) ressaltam o papel desempenhado pela avaliação da CAPES, mas concluem que se deve aceitar que “é necessário alterá-lo, tendo em vista a

necessidade de um novo modelo de cursos e programas para atender às necessidades atuais”.

Severino (2003) pontua algumas questões relacionadas à política nacional de pós-graduação em geral no país, com base em sua experiência no campo educacional, e conduz sua reflexão a partir de um de seus elementos nucleares, que é aquele da avaliação. Os aspectos mencionados pelo autor referem-se às ambigüidades quanto ao sentido político emancipatório da Educação; à tendência ao esvaziamento ou à extinção do mestrado acadêmico; o tecnicismo do atual modelo de avaliação. A sua crítica mais contundente, todavia, dirige-se ao modelo de avaliação da pós-graduação vigente, que em sua opinião,

(...) pauta-se mais nos produtos do que nos processos da pós-graduação, ou seja, não é capaz de identificar expressão de qualidade na vida acadêmica e científica de um Programa a não ser mediante um balanço positivo de resultados imediatamente palpáveis, como se um Programa que não tiver, a todo tempo, um acervo de produtos para apresentar necessariamente não fosse um programa qualificado, sério e competente. Daí a pressão que o processo avaliativo faz para que todos os envolvidos produzam como se estivessem numa linha de montagem industrial. (SEVERINO, 2003, p.5)

Severino (2003) ainda dirige suas críticas ao modelo de avaliação da produção científica da CAPES, afirmando que

(...) o atual programa da coleta Capes transforma automaticamente toda informação em dado quantitativo e em porcentagens, e o que não for tabulável, quantificável, acaba não sendo levado em consideração. Esses produtos, transformados em números, não são sequer examinados em seu mérito, a não ser com base em pressuposições assumidas. Admite-se que um artigo publicado em periódico arbitrado é de boa qualidade porque, supõe-se, passou pelo crivo de *referees* e de comissões editoriais; que um trabalho apresentado em evento científico, tendo passado pelo crivo de um parecerista e de um comitê científico, também está garantido quanto a sua qualidade. Trata-se de argumentação bem procedente, mas dela não se pode concluir que

bons trabalhos não possam ser encontrados em publicações não indexadas ou arbitradas. (SEVERINO, 2003, p.5)

Diante de tal posicionamento, pode-se ou não concordar com o autor, mas somos levados a considerar que nesta análise falta agregar outros elementos, entre eles o fato de que no Brasil não há uma cultura de avaliação no meio acadêmico. Além disso, qualquer critério que se estabeleça para avaliação nunca irá atender às diferentes demandas e especificidades das diferentes áreas de conhecimento. Ademais, qualquer avaliação que se proponha não pode dispensar as duas dimensões envolvidas, a quantitativa e a qualitativa, motivo pelo qual não basta recusar a avaliação quantitativa pura e simplesmente, jogando-a fora – e por isto, correndo o risco de jogar fora a criança junto com a água do banho - simplesmente pela alegação da presença do viés quantitativista. A questão que se coloca, e sobre a qual ainda muito se discute e não há consenso, é a de elaborar um plano de avaliação que considere ambos os aspectos.

Neste sentido, Dantas (2004) sugere algumas alternativas – as quais, se não são as mais indicadas, têm o mérito de lançar luzes sobre este tão complexo tema – ao argumentar sobre a necessidade de reavaliar os critérios de acompanhamento e avaliação na pós-graduação, postulando que além da produção intelectual devem ser valorizados indicadores de medida do impacto social do conhecimento produzido nos cursos de pós-graduação. Para tanto o autor formula duas proposições: a) a avaliação dos produtos na pós-graduação deve incorporar, sempre que possível, indicadores de conseqüências sociais e econômicas aos atuais indicadores de processo e da qualidade científica dos resultados; b) as comunidades de estudantes de pós-graduação e de usuários do conhecimento devem estar fortemente representadas durante o processo de

definição das políticas e diretrizes relativas à pós-graduação no Brasil, juntamente com os pesquisadores.

Outros autores, como Simões (2004), Axt (2004) e Rocha e Rocha (2004), também têm refletido sobre o modelo e critérios de avaliação da pós-graduação no Brasil, enfatizando a necessidade de se repensar os modelos vigentes. Deste ponto de vista, Simões (2004, p.126) propõe uma reflexão sobre o ensino e a pesquisa que “acontecem e especialmente deixam de acontecer” enquanto nos ajustamos ao modelo de avaliação vigente. Para a autora, o modelo de avaliação vigente parece não “contemplar a diversidade e a heterogeneidade necessárias às práticas da educação na universidade e fora dela”, enfatizando que “não basta avaliar a educação; é preciso antes de tudo, educar a avaliação, privilegiando critérios de qualidade, diversidade e inclusão e não apenas de quantificação, competitividade e exclusão” (SIMÕES, 2004, p.133).

Por sua vez, Axt (2004) também discute o modelo de avaliação da pós-graduação adotado pela CAPES, referindo-se mais precisamente aos aspectos relacionados: indicadores de produtividade do pesquisador; indicadores de qualidade definidos pelo *Qualis* das áreas; e a ressuscitada taxa de bancada do CNPq. Para a autora é fundamental que se criem condições suficientes e necessárias para propor novas estratégias de avaliação.

Para Rocha e Rocha (2004, p.13), os dispositivos instituídos em meio à cultura avaliativa trazem para o debate “a produtividade, a competência, a autonomia e a competitividade como palavras de ordem do mercado de saberes”, gerando “isolamento, fragmentação e tédio no cotidiano das práticas acadêmicas”.

Moraes (2004) focaliza alguns aspectos da repercussão no ensino superior brasileiro do direcionamento político dos anos Fernando Henrique Cardoso e em que

descreve o paradigma, “acriticamente aceito, de que vivemos em uma sociedade do conhecimento”. A autora indica, em linhas gerais, as suas preocupações no que se refere às “tendências na pesquisa desenvolvida na pós-graduação brasileira”, destacando as incertezas e indefinições no campo educacional. Desta última perspectiva, Moraes (2004) assinala algumas tendências perceptíveis nas pesquisas educacionais no país, a saber: a) o sincretismo teórico; b) a prática como limite da inteligibilidade; c) o crescimento da incidência de recortes temáticos cada vez mais restritos, da ênfase em aspectos muito particulares da educação.

Candau (2005), em texto com caráter de depoimento, reflete sobre a constituição da pós-graduação em Educação no Brasil da perspectiva do projeto acadêmico e social do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, enfocando três momentos históricos: a constituição do Programa, de 1965-1971, a criação do doutorado e reconfiguração do Programa (1976-1985) e o momento atual.

Horta e Moraes (2005) relatam os principais acontecimentos que marcaram o processo de avaliação da pós-graduação introduzido pela CAPES para avaliação nos biênios 1996-1997 e nos triênios 1998-2000 e 2001-2003, focalizando particularmente a avaliação dos programas da área de Educação. Além disto, apontam como a grande área de ciências humanas (GACH) buscou formas de resistência e de articulação para confrontar a supremacia das áreas científicas hegemônicas na CAPES.

Ainda no terreno da avaliação da produção científica, sobressai o lúcido ensaio de Luz (2005), que, à guisa de realizar uma análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica, traz à baila para a discussão na comunidade científica importantes questões relativas a produção acadêmica. A autora se refere principalmente “à questão dos efeitos desagregadores sobre a atividade científica

gerados pelos aspectos sociais das políticas de educação e ciência e tecnologia dominantes a partir do início dos anos 90”, centradas na “categoria de *produtividade*”. Tal categoria, em seu entendimento, é geralmente entendida como “*quantum* de produção intelectual, sobretudo bibliográfica, desenvolvida num espaço de tempo específico, crescente de acordo com a qualificação acadêmica (“titulação”) do professor/pesquisador”.

Desta perspectiva, esse *quantum* básico “é necessário para conservar os pesquisadores na sua posição estatutária em seu campo científico”. A categoria analítica *campo*, empregada por Luz (2005, p.43), é “assimilada das análises sobre trabalhadores da ciência e sua produção, feitas pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1989, 1998)”, ao passo que o “*quantum* de produção é estipulado atualmente, em quase todos os campos disciplinares, em termos de *papers* editados em periódicos de circulação nacional ou internacional, cuja qualidade de divulgação (base *Qualis*) é estabelecida por cada área de conhecimento”.

Ramalho e Madeira (2005) propuseram-se a um esforço de recuperação de alguns aspectos da pós-graduação em Educação no Norte e Nordeste do país, enfatizando a maneira como os programas se estruturaram e reagiram ao processo e aos resultados das avaliações da CAPES, a partir do biênio 1995-1996.

Kuenzer e Moraes (2005) retomam alguns aspectos da história da pós-graduação no país e indicam uma inflexão neste processo: as mudanças induzidas pela avaliação da CAPES de 1996/1997. Para as autoras, estas mudanças foram responsáveis pelo redesenho do perfil da pós-graduação brasileira, que passou a priorizar as atividades de pesquisa e de formação de pesquisadores. As autoras também apresentam delineamentos teóricos que balizam a discussão acerca da produção do conhecimento

nos dias atuais, focalizando as áreas de ciências humanas e sociais e suas repercussões na pesquisa desenvolvida na área de Educação.

Este artigo de Kuenzer e Moraes (2005) sobre questões da pós-graduação em Educação estimulou Oliveira e Alves (2006) a concordarem com as autoras sobre a importância da “relação prática-teoria-prática para o campo, por entenderem que a história da área ‘educação’ permite ampliar a discussão”.

Oliveira e Alves (2006) argumentam ainda, que “a complexidade e a transdisciplinaridade que caracterizam o campo permitem identificá-lo como mediador de múltiplas práticas e teorias, bem como de modos diferenciados de com elas pensar e agir”. Deste modo, as autoras lançam mão da “*noção de tessitura de conhecimentos em redes*”, para entender essa riqueza e pluralidade das práticas, as articulações destas com as teorias e os diversos aspectos que formam este campo (OLIVEIRA e ALVES, 2006, p.577).

Por sua vez, Ramalho (2006), ao refletir sobre os 40 anos da pós-graduação em Educação no Brasil, reapresenta as questões que ainda integram o cotidiano dos pesquisadores da área: para quem pesquisamos? Sobre o que e em que condições e com que recursos pesquisamos? Qual o destino de nossas investigações? Os processos e os resultados das nossas pesquisas estão interferindo na construção de uma sociedade mais igualitária?

Finalmente, Gamboa (2006) discute as dinâmicas e conflitos na produção do conhecimento que foram instaladas a partir da crise das áreas de concentração que predominaram nas décadas de 1970 e 1980. Nesse contexto, para o autor, os programas de pós-graduação em Educação buscaram a organização dos grupos e linhas de pesquisa como nova forma de organização. Em decorrência, Gamboa (2006) pontua os desafios

enfrentados pela área de Educação, tomando como referência o Programa de Pós-Graduação em Educação da Unicamp, que é focado por conta do debate que se formou em torno da articulação orgânica entre grupos e linhas de pesquisa exigida pelas agências reguladoras.

Por último, ao concluirmos este capítulo de revisão de literatura sobre a pesquisa e a produção científica em Educação, esperamos ter deixado claro o entendimento de que a pesquisa em Educação no país está estreitamente ligada às atividades de pós-graduação – embora sua origem histórica não possa ser associada apenas a esta esfera acadêmica. Além disto, compartilhamos da visão de Schwartzman (1993) de que para a compreensão dos processos sociais de produção e transmissão de conhecimentos é necessário recorrer a outras contribuições disciplinares para melhor interpretar, analisar e avaliar as atividades científicas desenvolvidas no país.

3 A ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

3.1 Breves reflexões sobre os aspectos metodológicos da pesquisa

Realizar uma pesquisa que tem por finalidade compreender como se organiza o campo da História da Educação no Brasil exige que se façam algumas considerações de ordem teórico-metodológicas sobre o seu desenvolvimento.

A oposição entre pesquisa quantitativa e pesquisa qualitativa tem uma longa tradição em ciências humanas. De um lado, pesquisadores que se apóiam em abordagens qualitativas partilham, de modo geral, de uma visão do mundo como uma realidade construída e da existência de uma relação entre o sujeito que pesquisa e o objeto pesquisado. Por outro, as abordagens quantitativas enfatizam a mensuração, a neutralidade na relação sujeito-objeto pesquisado e uma análise causal entre variáveis.

Günther (2004), em um instigante artigo com o título *Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?*, aponta a complexidade da pesquisa qualitativa em termos de pressupostos, coleta e transcrição de dados e discute critérios de qualidade para a pesquisa qualitativa, concluindo com considerações sobre as conseqüências para a pesquisa, ao se optar pela pesquisa qualitativa e/ou pela pesquisa quantitativa.

No artigo em questão, Günther (2004) refere que “ao revisar a literatura sobre a pesquisa qualitativa (PQL), o que chama a atenção imediata é o fato de, freqüentemente, a PQL não está sendo definida por si só, mas em contraponto com a pesquisa quantitativa (PQN)”. Em sua opinião, “o pesquisador enquanto consumidor de pesquisa, na fase da revisão de literatura, não se deve restringir a resultados frutos de uma

determinada abordagem, ignorando, ou até, vilificando, as demais, muitas vezes por falta de conhecimento.” O autor conclui o artigo afirmando que enquanto participante do processo de construção do conhecimento, idealmente,

(...) o pesquisador não deveria escolher entre um método ou outro, mas utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas que se adequam à sua questão de pesquisa. Do ponto de vista prático existem razões de ordem diversas que podem induzir um pesquisador a escolher uma abordagem a outra. (GÜNTHER, 2004, p.7)

A oposição e o estranhamento entre pesquisa qualitativa e quantitativa vêm sendo abandonados, como aponta Creswell (1994, 1998), e abordagens multi-métodos tornam-se cada vez mais freqüentes.

Dessa perspectiva, a proposta teórico-metodológica que fundamenta esse projeto de doutorado tem aspectos qualitativos e quantitativos, uma vez que a diferença entre esses aspectos é apenas de natureza, ou seja, o conjunto de dados quantitativos e qualitativos não se opõem, ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia, como reafirma Minayo (1996).

Compartilhando do mesmo entendimento, Gatti (2004, p.13) também afirmou que os métodos de análise de dados que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais, mas a combinação deste tipo de dados com aqueles oriundos de metodologias qualitativas pode vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos.

As breves considerações a seguir referem-se aos aspectos quantitativos e qualitativos da pesquisa que foram considerados no desenvolvimento desta tese de

doutorado, uma vez que, com base no objeto de estudo da pesquisa, elegemos como método mais adequado para o seu desenvolvimento a análise bibliométrica.

Os estudos bibliométricos têm por objeto o tratamento e análise quantitativa das publicações científicas. Formam parte dos “estudos sociais da ciência” e entre suas principais aplicações se encontra a área de política científica. Esses estudos complementam, de maneira eficaz, as opiniões e juízos emitidos pelos especialistas de cada área, proporcionando ferramentas úteis e objetivas nos processos de avaliação dos resultados da atividade científica.

O objetivo da *bibliometria* é oferecer uma idéia do estado da arte e da evolução da ciência, da tecnologia e do conhecimento e nesse sentido é mais que uma lista de referências de trabalhos utilizados, fornecendo um quadro dos temas de pesquisa que entusiasma os pesquisadores e dão uma idéia do conteúdo e da estrutura da pesquisa. A *cientometria*, por sua vez, utiliza a citação bibliográfica do documento científico como base para evidenciar as ligações entre cientistas e áreas do conhecimento. A *informetria* refere-se ao estudo dos aspectos quantitativos da informação em qualquer formato e não apenas registros catalográficos ou bibliografias, referente a qualquer grupo social e não apenas a cientistas (HAYASHI, 2004, p.87).

Assim, do ponto de vista teórico, a compreensão dos métodos bibliométricos, cientométricos e informétricos no tratamento da informação científica e tecnológica é fundamental para a presente pesquisa. Todas estas avaliações são feitas com o auxílio de indicadores, que tendem a traduzir objetivamente, em termos de quantidade e de qualidade, os resultados estatísticos. Com base nesse referencial teórico, serão realizadas análises bibliométricas dos grupos de pesquisa, visando extrair indicadores de sua produção científica.

3.2 *Corpus da pesquisa*

O referencial metodológico desta tese inspira-se em pesquisas realizadas por Guimarães, Lourenço e Cosac (2001) e Prado e Sayd (2004), que procuraram, respectivamente, retratar a pesquisa em epidemiologia no país e a pesquisa sobre envelhecimento humano, utilizando como fonte de dados o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq.

Foram utilizadas técnicas para levantamento, identificação e análise das atividades científicas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa em educação visando o tratamento e sistematização dos dados obtidos.

O principal *corpus* da pesquisa foram os grupos de pesquisa em Educação e posteriormente seleção daqueles vinculados a História da Educação presentes na base censitária de 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, uma das bases de dados em ciência e tecnologia implementada pelo CNPq desde 1992 e que integra a Plataforma Lattes⁴.

As informações constantes na base Diretório dizem respeito aos recursos humanos participantes nos grupos, às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades de conhecimento e aos setores de atividades envolvidos, aos cursos de mestrado e doutorado com os quais o grupo interage e à produção científica e tecnológica, além de localizar o grupo no espaço e no tempo.

Integram o Diretório universidades, instituições isoladas de ensino superior, institutos de pesquisa tecnológicos, laboratórios de pesquisa e desenvolvimento de

⁴ A Plataforma Lattes é um conjunto de sistemas de informações, bases de dados e portais Web voltados para a gestão de Ciência e Tecnologia (C&T). Foi concebida para integrar os sistemas de informações das agências federais, racionalizando o processo de gestão de C&T.

empresas estatais e algumas organizações não governamentais com atuação em pesquisa.

Conforme referem Guimarães, Lourenço e Cosac (2001, p.323), a definição mais importante na constituição da base de dados do Diretório é a de sua unidade de análise, que é o grupo de pesquisa. Este se define como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, no qual o fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico e tecnológico. Além disso, existe envolvimento profissional e permanente do grupo com atividades de pesquisa e o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa. Seus integrantes, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos.

A fonte das informações constantes na base de dados é a liderança (eventualmente duas) em torno da qual o grupo de pesquisa se organiza. Essas informações são coletadas por meio de um formulário padronizado em formato eletrônico on-line, preenchido pelos líderes de grupo, com a intermediação dos responsáveis institucionais da atividade de pesquisa (pró-reitores, coordenadores de pesquisa etc.). Esses se incumbem de verificar se os dados estão adequados às diretrizes estabelecidas pelo CNPq e após essa verificação têm a possibilidade de atribuírem aos grupos o status de grupo certificado ou não-certificado, sendo que apenas os grupos certificados participam da base censitária.

Constituem-se, assim, em fontes de dados, as informações sobre os grupos de pesquisa em educação consolidadas na base censitária de 2004 do Diretório.

Além desta fonte, também foram compulsados os Currícula Lattes dos líderes dos grupos de pesquisa em História da Educação, como forma de complementar os dados obtidos no Diretório, para o estudo da produção científica dos pesquisadores

desses grupos.

3.3 Ferramentas automatizadas para análises de dados

Em consonância com a metodologia adotada para o desenvolvimento desta tese, foi utilizada uma ferramenta automatizada para a análise bibliométrica.

Atualmente, com o avanço das tecnologias de informação, a exploração de registros contidos em bases de dados e a análise textual de informações são facilitadas com o uso de softwares desenvolvidos para essas finalidades. Se essas informações fossem analisadas através de uma simples leitura seqüencial das informações obtidas em forma de lista não seria possível conhecer as relações, redes e estruturas.

Em alguns países, notadamente na França, EUA e Austrália, foram desenvolvidos *softwares* específicos com a finalidade de tratar esses conjuntos informacionais coletados em base de dados dos mais variados tipos: referenciais, de texto completo, entre outras.

A seguir, apresentamos um breve detalhamento da ferramenta utilizada, enfatizando que em trabalhos anteriores (HAYASHI, 2004; HAYASHI et al 2006b) algumas delas (*Infotrans*, *Vantage Point*) já foram aplicadas com bons resultados.

Não se trata aqui de desenvolver a lógica da estruturação e funcionamento dessas ferramentas, no entanto, a escolha desses recursos informacionais é crucial para utilização adequada da massa de informações geradas no curso da pesquisa.

3.3.1 O uso do Vantage Point® em análises bibliométricas

Os dados dos grupos de pesquisa coletados na Plataforma Lattes foram formatados para adequação dos campos visando a sua importação para o software *Vantage Point*, desenvolvido nos EUA por Allan Porter, do *Georgia Institute of Technology* da *University of Georgia*, em parceria com a empresa *Search Technology* e o *Technology Policy and Assessment Center*.

O *Vantage Point* é um software que extrai conhecimento de bases de dados textuais, possibilitando a descoberta de novas tecnologias, pessoas e organizações; realizando mapeamento e decomposição de dados através da identificação de suas relações de dependência. É uma ferramenta de mineração de texto usada para transformar informação em conhecimento extraído de bases de dados. Além disso, é uma ferramenta analítica flexível, que pode ser configurada em qualquer tipo de base de dados estruturada em texto. A Figura 2 a oferece uma visualização geral do *Vantage Point*.

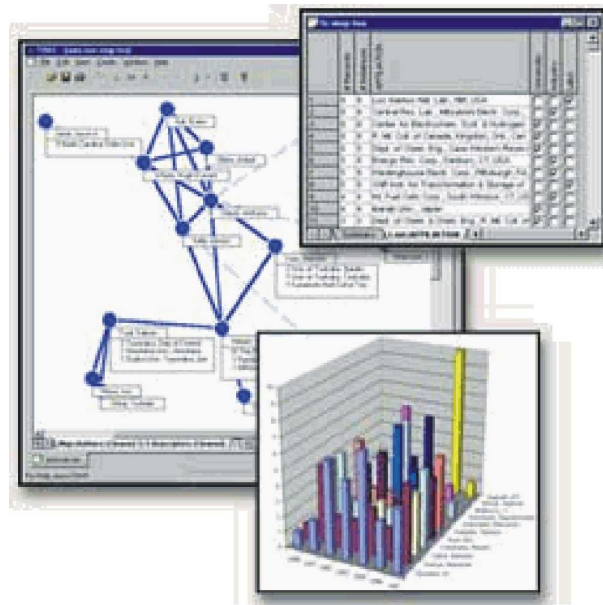


Figura 2 – Visão Geral do Vantage Point.

Fonte: http://www.thevantagepoint.com/pages/overview_1.html

Com a utilização deste software foi possível sistematizar as informações sobre os grupos de pesquisa com relação à sua configuração espacial e temporal, dimensões, temáticas estudadas, produção científica, entre outras.

3.3 Etapas de desenvolvimento da pesquisa

Levando em conta o cumprimento dos objetivos propostos e da metodologia adotada neste trabalho, foram as seguintes as fases de desenvolvimento da pesquisa:

Fase 1 - Construção do referencial teórico – Esta etapa, de revisão de literatura foi indispensável para identificar os problemas que foram postos e conceituados, dando acesso às teorias e modelos explicativos que já foram propostos na área do estudo, indicando a situação atual, os avanços e limites, os resultados alcançados e as posições

divergentes sobre o problema.

Fase 2 - Coleta de dados – foram realizadas em duas fontes: a) a base censitária 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, para identificação dos grupos de pesquisa em Educação e posterior seleção daqueles vinculados ao campo da História da Educação; b) a Plataforma de Currículo Lattes, para recuperação da produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa em História da Educação.

Fase 3 - Descrição e categorização dos dados – os dados foram organizados em tabelas, quadros e gráficos utilizando ferramentas automatizadas para a construção de indicadores científicos dos grupos de pesquisa, visando a organização dos resultados obtidos para posterior análise e interpretação.

Fase 4 - Análise e interpretação dos resultados – foram realizadas à luz da abordagem bibliométrica e do referencial teórico da pesquisa em educação, sinalizando a importância de se combinarem diferentes perspectivas metodológicas para se explorar um mesmo objeto de estudo.

4 PERFIL DOS GRUPOS DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL

A potencialidade e o uso de sistemas de informação em ciência, tecnologia e inovação têm sido exploradas por diversas áreas de conhecimento para realizar estudos sobre tendências de pesquisa, estados do conhecimento, avaliação da produção científica e produção de indicadores de CT&I, conforme relatam Hayashi, Hayashi e Silva (2006); Ferraz, Hayashi e Hayashi (2006) e Hayashi et al (2006b). Neste capítulo são apresentados os resultados da coleta de dados no Censo 2004⁵ do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq⁶. Os achados da pesquisa permitiram traçar um perfil dos grupos de pesquisa em Educação atuantes no país.

4.1 Recuperação da informação no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq

Inicialmente foi realizada uma prospecção nas bases censitárias de 2000, 2002 e 2004 do Diretório visando a identificar os grupos de pesquisa em Educação em atividade no país. O critério para o reconhecimento de grupo integrante da massa crítica em Educação foi o desenvolvimento de, pelo menos, uma linha de pesquisa nessa área, conforme definido pelo líder do grupo.

Como parte da estratégia metodológica, a pesquisa nas bases de dados do Diretório iniciou-se pela formulação da questão de pesquisa, definindo o assunto de interesse. Para tanto foi utilizada a expressão “Educação” e o mecanismo de “busca

⁵ A coleta de dados no Censo 2004 foi realizada no mês de fevereiro/2006. O Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq cadastra grupos de pesquisa desde 1992. Até a presente data realizou censos nos anos de 1993, 1995, 1997, 2000, 2002 e 2004.

⁶ Daqui para frente referido apenas como Diretório.

exata” aplicado aos campos: “nome do grupo”, “nome da linha de pesquisa”, “repercussões do grupo” e “palavra-chave da linha de pesquisa”. Os resultados obtidos podem ser observados na Tabela 1.

Tabela 1 – Grupos de Pesquisa em Educação nas bases censitárias do Diretório

	Censo 2000	Censo 2002	Censo 2004
Grupos	951	1972	2674

Fonte: Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq

No entanto, de acordo com os objetivos desta tese, a expressão de busca utilizada - “Educação” - revelou-se inadequada frente à grande quantidade de dados obtidos. No sentido de restringir a pesquisa, foram realizadas buscas com a aplicação de outras expressões relacionadas às sub-áreas da Educação, quais sejam: “Fundamentos da Educação”; “Filosofia da Educação”; “Sociologia da Educação”; “Psicologia da Educação”; “Economia da Educação” e “História da Educação”. Os resultados obtidos estão consolidados na Tabela 2.

Tabela 2 - Grupos de Pesquisa em sub-áreas da Educação

Censos	Fundamentos da Educação	Filosofia da Educação	Sociologia da Educação	Psicologia da Educação	Economia da Educação	História da Educação
2004	24	21	15	21	3	108
2002	26	18	9	12	1	81
2000	6	5	3	4	1	26

Os resultados exibidos na Tabela 2 indicaram que a sub-área “História da Educação” foi a que apresentou maior número de grupos de pesquisa em todos os censos. Assim, optou-se por realizar a pesquisa neste campo de conhecimento de modo a delinear o perfil dos grupos de pesquisa que atuam no país em História da Educação.

Em decorrência, a coleta de dados foi restrita ao Censo 2004, uma vez que este é a “fotografia” mais atual dos grupos em atividade no país, além do que favorece a avaliação das atividades dos grupos em um período mais próximo da realidade atual.

Finalizada a etapa prospectiva nas bases censitárias e definida a coleta de dados no Censo 2004, a etapa seguinte foi a reformatação dos dados coletados nesta base. Os resultados obtidos foram importados para o *software* Vantage Point[®], que permite realizar a análise bibliométrica.

Após estas etapas foram obtidos os seguintes resultados gerais expostos na Tabela 3 que oferecem uma visão geral dos grupos de pesquisa atuantes em “História da Educação”.

Tabela 3 – Síntese das informações sobre os grupos de pesquisa

Campos	Resultados
Número de Grupos	108
Ano de formação do grupo	18
Área predominante	6
Árvore do conhecimento	11
Demais trabalhos (produção científica)	37.811
Instituição de filiação do grupo	63
Líder 1 do grupo	106
Líder 2 do grupo	56
Linhas de pesquisa do grupo	317*
Nome do grupo	106
Número de estudantes	420
Número de pesquisadores	189
Número de técnicos	11
Objetivo da linha de pesquisa	92
Orientações	10.404
Origem geográfica do grupo (estado)	23
Palavras-chave da linha de pesquisa	3.456
Produção bibliográfica	30.203
Produção técnica	21.614
Repercussões dos trabalhos dos grupos	108
Setores de atividade	11
Sub-área predominante	10

(*) Excluindo a repetição nos nomes das linhas de pesquisa, este total passa a ser de 289 linhas.

4.2 A configuração dos grupos de pesquisa em História da Educação

No Diretório, o grupo de pesquisa é definido como um conjunto de pesquisadores organizados em torno de uma temática central vinculada a uma Linha de Pesquisa. O líder deve ser doutor e tem a incumbência de coordenar as atividades do grupo, geralmente composto por docentes de áreas afins, alunos de pós-graduação *stricto sensu*, alunos de graduação. O conjunto que se forma tem caráter interdisciplinar e compartilha não só instalações e equipamentos como também orientações teórico-metodológicas (CNPq, 2006).

O Quadro 2 apresenta a relação nominal dos 108 grupos de pesquisa, podendo-se observar que há quatro grupos com a mesma denominação, ou seja, 2 grupos intitulados “Formação de Professores e Práticas Pedagógicas” e 2 grupos denominados “História da Educação no Brasil”.

Quadro 1 – Relação nominal dos grupos de pesquisa em “História da Educação”

Nomes dos Grupos	
1. ALFALE - Alfabetização e Letramento Escolar	54. Grupo de Pesquisa Memória, História e Educação - GEPEMEMO
2. Arqueologia da educação moderna: estudos comparados sobre o discurso pedagógico no Brasil e em Portugal (1820-1920)	55. Grupo III de Pesquisas Medievais da UFES
3. ARTDECO	56. Grupo Reflexão e Memória (GRM)
4. Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais	57. Gênero e Práticas Culturais: abordagens históricas, educativas e literárias
5. CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação)	58. HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"
6. Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos	59. História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação
7. Centro de Memória do Esporte no Nordeste	60. História da Educação: instituições, intelectuais e culturas escolares no Paraná (século XX)
8. Centro de Memória Educacional de Presidente Prudente	61. História da Educação no Brasil*
9. Circulação e apropriação de modelos pedagógicos no processo de institucionalização da escola	62. História da Educação e Formação de Professores
10. Cultura, Política e Educação	63. História da Educação e Memória
11. Culturas, Saberes pedagógicos e práticas	64. História da Educação Física, Esporte, Lazer e

educativas	Sociedade
12. Currículo, cultura e sociedade	65. História da Matemática
13. Currículo, história e poder	66. História da Psicologia e História da Educação em Minas Gerais
14. Duas décadas de HIV/AIDS: um resgate da produção científica da Enfermagem em periódicos Qualis A e B - Dissertações e Teses	67. História das Idéias e Instituições Educacionais
15. Durmeval Trigueiro Mendes e a questão da Universidade: 1960 a 1980	68. História e Educação: saberes e práticas
16. Educação à distância na UFT: desafios para o futuro	69. História e Filosofia: as Teorias e suas Implicações na Educação
17. Educação	70. História e Teoria da Educação
18. Educação Brasileira e Amazônica - EDUBRAM	71. História Oral e Educação Matemática
19. Educação Brasileira e Paranaense	72. História Regional: Sociedade e Cultura - HISOCULT
20. Educação e Formação da cidadania no Império	73. História, Filosofia e Educação Matemática
21. Educação Física Escolar	74. Histórias e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar
22. Educação Infantil	75. Humanidades e Saúde
23. Educação Jesuítica no Brasil Colonial	76. Instituição Escolar: História, Políticas e Práticas
24. Educação Matemática	77. Instituições, Práticas Educativas e História
25. Educação, Comunicação e Sociedade	78. Laboratório de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva
26. Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759	79. LESEF - Laboratório de Estudos em Educação Física
27. Educação, História e Sociedade	80. LOGOS
28. Educação, Infância e Corporeidade	81. Memória da Educação na Bahia
29. Educação, Sociedade e História	82. Memória Educacional
30. Ensino de História	83. Migração, Cultura e Educação
31. Espaço público, cotidiano escolar: ecologia e história	84. Museu Pedagógico: a educação escolar
32. Estudos e Pesquisas em Cultura Escolar e Trabalho Docente	85. Negro e Educação
33. Estudos Marxistas em Educação	86. NEPEDUCA - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão
34. Estudos socioculturais e históricos da Educação Física	87. NEPES - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior
35. Filosofia e História da Educação	88. Núcleo de Estudos e Pesquisas Sócio-Filosóficas e Culturais em Educação e Educação Física
36. Formação de Professores e Práticas Pedagógicas*	89. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos
37. GAPE	90. Núcleo de Estudos e Pesquisas História da Educação em Pernambuco - NEPHEPE
38. GEPEHFE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, História e Formação de Educadores	91. Núcleo de Estudos sobre Memória e Educação - CLIO
39. GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo	92. Núcleo de Estudos Sociais do Conhecimento e da Educação - NESCE
40. Grupo de Estudos de História da Educação (GEHE)	93. Núcleo de Pesquisa em Ensino e Linguagens - NUPEL
41. Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Estado de Sergipe"	94. Núcleo Temático Trabalho e Educação

42. Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação" dos Campos Gerais - PR	95. O Estado e a Educação Básica em Juiz de Fora: Pioneirismo, Organização e Expansão
43. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior: História, Sociedade e Política	96. Pensamento Educacional Brasileiro
44. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação	97. Política Educacional, Docência e Memória
45. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE)	98. Políticas, memórias e história de formação docente no estado do Rio de Janeiro
46. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação na Região Amazônica - GEPHEAM	99. Profissionalização docente e identidade
47. Grupo de Estudos e Pesquisas em História dos Campos Disciplinares	100. Profissão docente, formação de professores e tecnologias
48. Grupo de Estudos Etno-culturais	101. Programa de História Oral
49. Grupo de Pesquisa Educação, Conhecimento e Valores - GPECOV	102. PROTEORIA – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física
50. Grupo de Pesquisa Educação e Protestantismo - GPEP	103. Representações e Identidades nas Práticas Educativas
51. Grupo de Pesquisa em Ensino de Física	104. Saúde Coletiva no Espírito Santo
52. Grupo de Pesquisa em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares	105. Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade
53. Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação Brasileira	106. Vida cotidiana na Comarca do Rio das Velhas

(*) Grupos com o mesmo nome.

Pode-se observar na relação nominal dos grupos de pesquisa do Quadro 2 que alguns títulos de grupos mais parecem refletir um projeto de pesquisa do que propriamente um grupo de pesquisa, como são os casos dos grupos denominados “Duas décadas de HIV/AIDS: um resgate da produção científica da Enfermagem em periódicos Qualis A e B - Dissertações e Teses” e “Durmeval Trigueiro Mendes e a questão da Universidade: 1960 a 1980”. Em outros casos, há grupos cuja denominação está representada apenas por uma sigla, não acompanhada do significado por extenso – por exemplo, “LOGOS”, “ARTEDECO” e “GAPE” – o que resulta na impossibilidade de identificação clara do escopo dos grupos. Estas ocorrências relacionadas à denominação das linhas de pesquisa, projetos de pesquisa desenvolvidos e atribuição das palavras-chave indicam que os líderes dos grupos, ao cadastrarem os dados no Diretório, necessitam de mais esclarecimentos sobre o significado dos campos a serem

preenchidos na base de dados, de modo que as atividades dos grupos de pesquisa estejam aí melhor representadas. Além disso, nos dois grupos citados como exemplos desta situação, os títulos atribuídos levam-nos a supor que não há, por parte dos líderes, um entendimento sobre o que é grupo de pesquisa, o que é linha de pesquisa e o que é projeto de pesquisa, embora o CNPq tenha deixado clara esta distinção (CNPq, 2006), a saber:

O **grupo de pesquisa** é definido como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente em torno de uma ou, eventualmente, duas lideranças: a) cujo fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico ou tecnológico; b) e envolvidos profissional e permanentemente com atividades de pesquisa; c) cujo trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa; e d) que, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos.

Linhas de pesquisa representam temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si.

Projeto de pesquisa é a investigação com início e final definidos, fundamentada em objetivos específicos, visando à obtenção de resultados, de causa e efeito, ou à colocação de fatos novos em evidência. (CNPq, 2006)

4.2.1 Os recursos humanos envolvidos na pesquisa em História da Educação

Com relação ao pessoal envolvido nos grupos de pesquisa cadastrados no Diretório, o CNPq esclarece que estes podem ser enquadrados nas categorias de líderes – admitindo-se a presença de até dois líderes por grupo – pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação e técnicos.

Na visão do CNPq o pesquisador *líder* do grupo é o personagem que detém a liderança acadêmica e intelectual naquele ambiente de pesquisa. Normalmente, tem a responsabilidade de coordenação e planejamento dos trabalhos de pesquisa do grupo.

Sua função aglutina os esforços dos demais pesquisadores e aponta horizontes e novas áreas de atuação dos trabalhos.

Os *pesquisadores* do grupo, por sua vez, são os membros graduados ou pós-graduados da equipe de pesquisa, direta e criativamente envolvidos com a realização de projetos e com a produção científica, tecnológica e artística do grupo. Estagiários pós-doutorais devem ser considerados como pesquisadores do grupo.

Os *estudantes* do grupo são estudantes (bolsistas ou não) em iniciação científica e em cursos de pós-graduação que participam ativamente das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo, como parte de suas atividades discentes, sob a orientação de pesquisadores do grupo. Os estagiários em nível de pós-doutoramento devem ser considerados como pesquisadores do grupo, e não como estudantes.

Na Tabela 4, verifica-se que os 108 grupos de pesquisa em “História da Educação” presentes no Diretório mobilizam os seguintes recursos humanos nas suas atividades de pesquisas:

Tabela 4 – Distribuição dos Recursos Humanos nos Grupos de Pesquisa

Pessoal	Total
Líderes	106
Pesquisadores	189
Estudantes	420
Técnicos	11
Total	726

É importante esclarecer que o total de 106 líderes mencionado na Tabela 4 difere do total de 108 grupos encontrados. A explicação para esta discrepância refere-se ao fato de que dois grupos são liderados pelos mesmos pesquisadores.

O total de recursos humanos envolvidos na pesquisa é de 726 pessoas, incluindo-se os 106 líderes no total de pesquisadores. O Quadro 2 apresenta a relação nominal⁷ dos líderes dos grupos de pesquisa.

Quadro 2 - Relação nominal dos líderes dos grupos de pesquisa

Líderes dos Grupos		Líderes dos Grupos	
1.	Alda Judith Alves-Mazzotti	54.	Lígia Arantes Sad
2.	Aldo Antonio de Azevedo	55.	Lívia Diana Rocha Magalhães
3.	Alex Branco Fraga	56.	Lucia Helena Gonçalves Teixeira
4.	Amarílio Ferreira Junior	57.	Luciano Mendes de Faria Filho
5.	Amarílio Ferreira Neto	58.	Luiz Claudio Gonçalves Gomes
6.	Ana Chrystina Venancio Mignot	59.	Marcus Levy Albino Bencostta
7.	Ana Lúcia Sarmiento Henrique	60.	Maria Angela Miorim
8.	Ana Maria de Oliveira Galvão	61.	Maria Aparecida Gomes
9.	Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas	62.	Maria Cecília Cortez Christiano de Souza
10.	Andréa Maria Lopes Dantas	63.	Maria Cecília de Paula Silva
11.	Antonio Marques do Vale	64.	Maria Célia Marcondes de Moraes
12.	Arlette Medeiros Gasparello	65.	Maria das Graças Sá Peixoto Pinheiro
13.	Astrid Baecker Avila	66.	Maria de Araújo Nepomuceno
14.	Belmira Amélia de Barros Oliveira Bueno	67.	Maria de Lourdes de Albuquerque Favero
15.	Cancionila Jankovski Cardoso	68.	Maria Dilnéia Espíndola Fernandes
16.	Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior	69.	Maria do Amparo Borges Ferro
17.	Carlos Jorge Paixão	70.	Maria Elisabeth Blanck Miguel
18.	Carlos Roberto da Silva Monarcha	71.	Maria Elsa Markus
19.	Cecília Irene Osowski	72.	Maria Helena Menna Barreto Abrahão
20.	Claudia Engler Cury	73.	Maria Isabel Moura Nascimento
21.	Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger	74.	Maria Lucia Spedo Hilsdorf
22.	Dalva Carolina de Menezes Yazbeck	75.	Maria Stephanou
23.	Dante Marcello Claramonte Gallian	76.	Marilene Andrade Ferreira Borges
24.	Denice Barbara Catani	77.	Marlos Bessa Mendes da Rocha
25.	Dermeval Saviani	78.	Marta Maria de Araújo
26.	Dilma Maria Andrade de Oliveira	79.	Natalina Aparecida Laguna Sicca
27.	Eliane Teresinha Peres	80.	Nicanor Palhares Sá
28.	Elias Boaventura	81.	Nilberto de Matos Amorim
29.	Ernesta Zamboni	82.	Odair Sass
30.	Fátima Maria Neves	83.	Protasio Paulo Langer
31.	Fatima Maria Silva	84.	Regina Célia Pereira Campos
32.	Ferdinand Rohr	85.	Ricardo de Figueiredo Lucena
33.	Francinete Massulo Corrêa	86.	Ricardo Luiz Silveira da Costa
34.	Giseli Monteiro Gagliotto	87.	Rita Filomena Andrade Januário Bettini
35.	Gomercindo Ghiggi	88.	Rita Maria Manso de Barros
36.	Hélio Iveson Passos Medrado	89.	Rosalia de Sa Leitao Pinheiro
37.	Inês Assunção de Castro Teixeira	90.	Sebastião Pimentel Franco
38.	Iraci Silva Picanco	91.	Sofia Lerche Vieira

⁷ Neste trabalho seguiram-se os princípios éticos envolvidos na pesquisa científica. Optamos pela citação nominal de líderes e pesquisadores dos grupos de pesquisa tendo em vista que as bases de dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq e da Plataforma de Currículos Lattes são públicas e estão disponíveis na Internet. Esclarecemos ainda que na análise dos dados estatísticos os devidos cuidados foram tomados para evitar distorções que pudessem comprometer as interpretações.

39. Ivete Maria Baraldi	92. Sonia Aparecida Alem Marrach
40. Jaci Maria Ferraz de Menezes	93. Sonia Aparecida Ignacio Silva
41. Jane Soares de Almeida	94. Sonia Krapas Teixeira
42. Janete Magalhaes Carvalho	95. Sonia Maria Vicente Cardoso*
43. João Bosco Pitombeira Fernandes de Carvalho	96. Susana Hintz
44. João Josué da Silva Filho	97. Terezinha Oliveira
45. Jocyléia Santana dos Santos	98. Valter Bracht
46. Jorge Luiz da Cunha	99. Vânia de Vasconcelos Gico
47. José Carlos Rothen	100. Vera Alice Cardoso da Silva
48. Jose Maria de Paiva	101. Victor Andrade de Melo
49. José Roberto Gomes Rodrigues	102. Waldeck Carneiro da Silva
50. Juçara Luzia Leite*	103. Wenceslau Goncalves Neto
51. Jussemar Weiss Gonçalves	104. Wolney Honório Filho
52. Katia Regina Moreno Caiado	105. Zeila de Brito Fabri Demartini
53. Libânia Nacif Xavier	106. Zilda Clarice Rosa Martins Nunes

(*) Líderes de 2 grupos de pesquisa.

O Quadro 2 permite observar que entre os 106 líderes dos grupos de pesquisa 69 (65,1%) são mulheres e 37 (35,9%) homens, indicando que a presença feminina na área de Educação é superior.

Estes achados se aproximam daqueles mencionados por Hayashi et al (2007), que indicaram ser de 60,2% a presença feminina na distribuição dos pesquisadores por sexo, segundo a grande área de Ciências Humanas predominante de atuação dos líderes de grupos de pesquisa – na qual a sub-área Educação está alocada -, presentes no Diretório na base censitária de 2004. Os dados da Tabela 5 permitem verificar como se dá a distribuição dos pesquisadores por sexo nesta base.

Tabela 5 - Número de pesquisadores por sexo segundo a grande área predominante do grupo, no Censo 2004/CNPq*

Brasil/ Grande Área	Total Geral (%)		Masculino (%)		Feminino (%)	
Ciências Agrárias	9.798	11,3	6.412	65,5	3.386	34,5
Ciências Biológicas	10.578	12,1	5.002	47,3	5.576	52,7
Ciências da Saúde	15.300	17,5	6.311	41,2	8.989	58,8
Ciências Exatas e da Terra	10.152	11,6	6.932	68,3	3.220	31,7
Ciências Humanas	14.936	17,1	5.938	39,8	8.998	60,2
Ciências Sociais Aplicadas	9.370	10,7	5.038	53,8	4.332	46,2
Engenharias	12.970	14,9	9.671	74,6	3.299	25,4
Linguística, Letras e Artes	4.214	4,8	1.393	33,1	2.821	66,9
Totais	87.318	100	46.697	53,5	40.621	46,5

Fontes: CNPq. (*) Não há dupla contagem no número de pesquisadores na dimensão mais desagregada da tabela e não foram considerados os pesquisadores que não informaram o sexo.

Da mesma forma, quando os achados da pesquisa – em que se constatou serem 69 (65,1%) mulheres e 37 (35,9%) homens os líderes dos grupos de pesquisa em História da Educação - são comparados com a distribuição dos pesquisadores por sexo nos censos do Diretório, conforme aponta a Tabela 6, é possível ampliar as análises. Desta perspectiva verifica-se que a presença feminina na área de História da Educação é 19,6% superior aos dados da base censitária de 2004, que registra em 46,5 % a participação das mulheres.

Tabela 6 - Distribuição percentual dos pesquisadores por sexo segundo a condição de liderança - 1995-2004 (total pela condição de liderança: 100%)*

Condição de Liderança	1995		1997		2000		2002		2004	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Líderes	66	34	63	37	61	39	59	41	58	42
Não líderes	59	41	56	44	54	46	51	49	51	49
Total	62,5	37,5	59,5	40,5	57,5	42,5	55	45	54,5	45,5

Fonte: CNPq. (*) Para o Censo de 1993, os dados não estão disponíveis.

Embora não seja foco desta tese discutir a participação feminina no campo da História da Educação, os dados achados na pesquisa com relação ao sexo dos líderes de

grupos de pesquisa nesta área de conhecimento e os dados apresentados nas Tabelas 5 e 6 parecem confirmar o que a literatura da área de ciência e gênero refere.

Verifica-se aqui que há correspondência entre esses dados e as abordagens teóricas sobre a feminização do trabalho na área de Educação – ao lado da área de Saúde -, tidas historicamente como um lugar de concentração de trabalho feminino, conforme argumentam Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000, p.436). Estas autoras, ao observarem em suas pesquisas “a tendência de agrupamento das alunas universitárias em disciplinas vinculadas aos serviços como são as profissões nas áreas de Comunicação, Educação, Humanidades e Saúde”, afirmam que algumas áreas de conhecimento permanecem masculinizadas – como é o caso das Engenharias e Agronomia – embora haja “carreiras e especialidades que se feminizaram mais cedo (como Educação)”.

Na mesma perspectiva Melo e Oliveira (2006), que realizaram estudo para verificar a cooperação existente na produção científica nacional sob o prisma de gênero na produção científica registrada na biblioteca eletrônica Scielo, comentam que

(...) as mulheres aproveitaram bem a revolução provocada pelo movimento feminista nos anos sessenta e setenta do século XX e a expansão da pós-graduação brasileira nos últimos vinte anos, passando a valorizar a carreira profissional. No entanto, mulheres e homens não fazem a mesma trajetória do ponto de vista das carreiras científicas. O sexo feminino ainda permanece marcado pelo estereótipo do papel dos "cuidados", escolhem as áreas vinculadas à Educação, Saúde e a Assistência Social. Os homens, seguindo no rastro do papel definido socialmente para o sexo masculino, buscam a aventura do descobrimento dos campos científicos como a Engenharia, Ciências Exatas e da Terra e as Agrárias. Eles também são aprisionados no seu papel, mas numa concentração inferior a encontrada para as mulheres. Estas são em torno de 44% das pesquisadoras apenas nas áreas das Ciências Humanas e da Saúde. Por sua vez, eles em Engenharia e Ciências Exatas e da Terra são aproximadamente 35% do total de pesquisadores. (MELO e OLIVEIRA, 2006, p.318)

Estas relações que se estabelecem entre ciência e gênero permitem compreender melhor, como referem Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000, p.434) de que maneira “diversos tipos de agrupamentos sociais têm acesso aos diferentes modos de produção, circulação e apropriação de saberes e de que maneira os saberes se articulam com as diferentes formas do exercício do poder na sociedade”. No campo da Educação, vale mencionar o estudo de Acker (1995) sobre gênero e educação, em que a autora empreende uma consistente análise sociológica sobre mulheres, ensino e feminismo.

4.2.2 A evolução temporal dos grupos de pesquisa

A pesquisa realizada permitiu observar que os 108 grupos de pesquisa foram criados no período 1970-2004. A Figura 3 demonstra a evolução destes grupos de pesquisa por ano de criação.

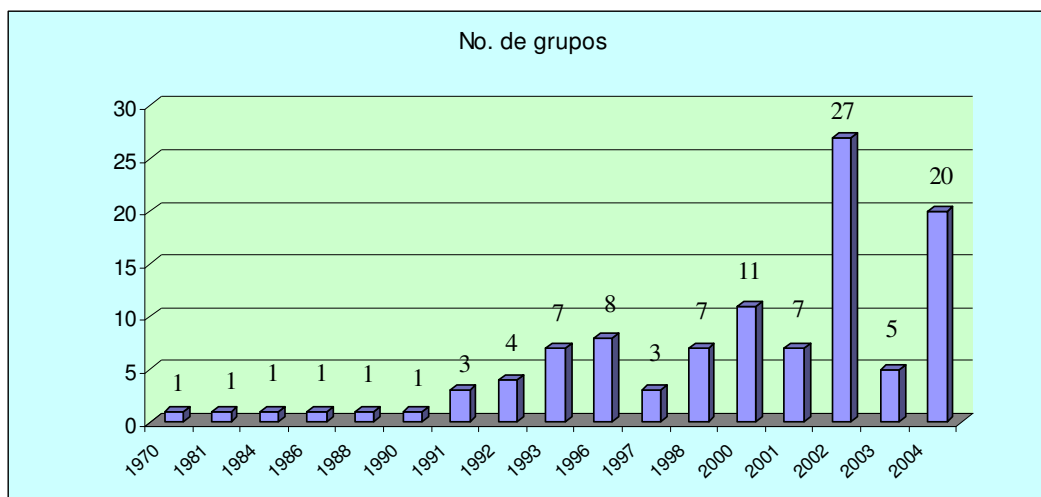


Figura 3 – Evolução dos grupos de pesquisa por ano de criação

Dos 108 grupos de pesquisa verificamos que apenas 9 (8,3%) foram criados no período 1970-1991. A partir de 1992, quando o Diretório de Grupos de Pesquisa no

Brasil/CNPq é iniciado há um aumento gradual na criação dos grupos. No período 1992 – data do primeiro Censo – até o ano 2000 foram criados 40 grupos (37 % do total), dos quais 11 (10,2%) somente neste ano.

A partir do ano 2001 até 2004 há um crescimento significativo no número de grupos. Neste período foram criados 59 grupos (64,8%) do total de 108 vinculados à área de História da Educação, sendo que no ano de 2002 há um ápice no número de grupos criados (27) representando 25% do total. Este aumento coincide com as datas de realização dos Censos do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil, realizado a cada dois anos, respectivamente nos anos 2002 e 2004.

A Tabela 7 permite visualizar a distribuição dos grupos no período 1970-2004 por ano de criação.

Tabela 7 – Distribuição dos grupos de pesquisa por ano de criação

Ano	Grupos	
	Valor absoluto	Valor relativo
2004	20	18,5
2003	5	4,6
2002	27	25,0
2001	7	6,5
2000	11	10,2
1998	7	6,4
1997	3	2,7
1996	8	7,4
1993	7	6,4
1992	4	3,7
1991	3	2,7
1990	1	1
1988	1	1
1986	1	1
1984	1	1
1981	1	1
1970	1	1
Total	108	100%

Confrontando outras informações de caracterização dos grupos na base de 2004 do Diretório com os dados da Tabela 7, verificamos que os seis grupos com data de criação mais antiga, nos anos 1970, 1981, 1984, 1986, 1988 e 1990, intitulam-se respectivamente como “Núcleo Temático Trabalho e Educação”, “Educação, História e Sociedade”, “Educação Matemática”, “História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR”, “Ensino de Física” e “Programa de História Oral”.

Quando se analisam as informações pertinentes a cada um destes seis grupos com as linhas de pesquisa e objetivos, por exemplo, verifica-se que apenas um deles pode ser efetivamente caracterizado como pertencente ao campo da História da Educação: o grupo “História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR” (1986), vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp. Isto nos leva a considerar que este é o mais antigo grupo atuante na área, cadastrado na base censitária de 2004 do Diretório. Liderado por Dermeval Saviani e José Claudinei Lombardi, este grupo de pesquisa ainda reúne mais 16 pesquisadores: Alessandra Arce, Anselmo Alencar Colares, Azilde Lima Andreotti, Ediogenes Aragão Francisco, Gilberta Sampaio de Martino Jannuzzi, José Luis Sanfelice, Luiz Bezerra Neto, Mara Regina Martins Jacomeli, Maria de Fátima Felix Rosar, Maria Elizabete Sampaio Prado Xavier, Maria Isabel Moura Nascimento, Maria Teresa Penteadó Cartolano, Nailda Marinho Costa Bonato, Olinda Maria Noronha, Sérgio Eduardo Montes Castanho e Silvana Fernandes Lopes. As linhas de pesquisa desenvolvidas pelo grupo são: “História das Instituições Escolares no Brasil”; “História das Políticas Educacionais no Brasil”; “Historiografia e Questões Teórico-Metodológicas da História da Educação”.

Estes achados quando confrontados com a literatura da área – já discutida no capítulo 2 desta tese - confirmam a representatividade do grupo “HISTEDBR” no campo da História da Educação no Brasil.

4.2.3 A localização geográfica e a vinculação institucional dos grupos de pesquisa

Outro aspecto relevante a ser investigado refere-se à localização geográfica e à vinculação institucional dos grupos de pesquisa.

Com base no levantamento realizado no Diretório a respeito da distribuição geográfica dos grupos de pesquisa, verificou-se que as regiões Sul e Sudeste apresentam a maior concentração dos grupos de pesquisa em “História da Educação”, com 58 e 20 grupos respectivamente, totalizando 72,2%.

Para compreender o significado destes dados, construímos a Tabela 8 que revela a distribuição geográfica dos grupos de pesquisa em História da Educação em comparação com aquela dos 83 Programas de Pós-Graduação em Educação existentes no país, conforme dados da CAPES.

Aliás, é importante ressaltar que esses 83 Programas de Pós-Graduação em Educação são responsáveis pelo oferecimento de 83 cursos no nível mestrado e 36 cursos no nível doutorado, e que contam com 1950 docentes credenciados, conforme consta dos dados dos Programas de Pós-Graduação referentes ao ano 2005. (CAPES, 2007)

Tabela 8 - Distribuição geográfica dos Grupos de Pesquisa e dos Programas de Pós-Graduação por região do país

Região	Estado	Programas de Pós-Graduação em Educação	Total por região	Grupos de Pesquisa	Total por região
Sudeste	SP	23	39	27	58
	RJ	9		13	
	MG	6		10	
	ES	1		8	
Sul	PR	7	23	9	20
	RS	10		8	
	SC	6		3	
Nordeste	BA	2	11	5	17
	RN	1		4	
	PE	1		3	
	SE	1		2	
	CE	2		1	
	PI	1		1	
	PB	1		1	
	AL	1		0	
Centro-Oeste	MT	1	7	3	7
	GO	2		2	
	DF	2		1	
	MS	2		1	
Norte	AM	1	3	2	6
	TO	0		2	
	AC	0		1	
	PA	2		1	
Totais		83		108	

Fonte: Estatísticas da Pós-Graduação. CAPES (2007).

A Tabela 8 demonstra que do total de 108 grupos de pesquisa, 30 (27,7%) estão distribuídos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte e parecem coincidir com a distribuição dos 83 Programas de Pós-Graduação em Educação existentes no país, dois quais 62 (74,7%) localizam-se na região Sul e Sudeste, enquanto que os outros 21 (25,3%) programas estão situados nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte. Estes dados confirmam os argumentos apresentados no capítulo 2 desta tese de que a atividade de pesquisa no país está fortemente vinculada à pós-graduação.

Por sua vez, com relação à distribuição dos grupos de pesquisa de acordo com a sua vinculação institucional, verificou-se que esta segue o mesmo padrão da distribuição dos grupos por região. Foram identificadas 63 instituições de vinculação dos grupos de pesquisa, conforme indicam os dados da Tabela 9.

Tabela 9 – Distribuição institucional dos grupos de pesquisa

Instituição	Grupos
UFES	8
UNESP	6
USP	4
UFJF	4
UFF	4
UNICAMP	3
UFMT	3
UFMG	3
UFPE	3
UFRN	3
PUC-RJ	2
UNEB	2
UNIRIO	2
UEM	2
UEPG	2
UNIOESTE	2
UFBA	2
UFPEL	2
UFS	2
UFAM	2
UFPR	2
UFRGS	2
UFT	2
UNIMEP	2
Outras	39
TOTAL	108

Os dados da Tabela 9 apontam que a UFES detém o maior contingente de grupos de pesquisa em “História da Educação” no país, com 8 (7,4%) grupos cadastrados no Diretório. Na seqüência aparece a UNESP, com 6 grupos (5,5%), seguida pela USP, UFJF e UFF, cada uma com 4 grupos (3,7%).

Por sua vez, a Unicamp, UFMT, UFMG, UFPE e UFRN possuem 3 grupos (2,8%) cada uma. Verifica-se ainda que 14 instituições comparecem com 2 (1,85%) grupos de pesquisa cada uma no Diretório e que as 39 demais instituições cadastraram apenas 1 (0,9%) grupo cada.

Também foi possível traçar um perfil destas 63 instituições aos quais os grupos de pesquisa estão vinculados. Verificou-se que 30 (47,6%) são instituições federais de ensino superior, 11 (17,5%) instituições estaduais de ensino superior, 12 (19%) instituições particulares de ensino superior, 9 (14,3%) instituições confessionais de ensino e apenas uma (1,6%) caracteriza-se como um centro de estudos e pesquisas.

Estes resultados permitem inferir que as instituições de ensino superior públicas concentram o maior número (65,1%) de grupos de pesquisa em História da Educação, o que não se constitui em fato novo haja vista o próprio perfil destas instituições em que o componente “pesquisa” tradicionalmente encontra-se atrelado à pós-graduação. Além disto, a distribuição geográfica destas instituições reproduz a concentração regional das atividades de pós-graduação e de pesquisa no país, em que os estados situados nas regiões Sudeste e Sul têm participação de destaque.

4.2.4 Relacionamento dos grupos de pesquisa com os setores de atividade

Ao cadastrar o grupo de pesquisa na base de dados do Diretório, o líder deve indicar os setores de atividade com os quais o grupo se relaciona e para isto deve indicar classificar as atividades do grupo segundo o setor de atividade. Neste aspecto, Pereira, Baltar e Mello (2004, p.3) advertem que esta classificação “é feita conforme um juízo do pesquisador sobre a aplicação do conhecimento por ela gerado”.

Na Tabela 10 pode-se verificar que o setor “Educação” é majoritário quando se consideram as atividades desenvolvidas pelos grupos de pesquisa analisados. No Diretório, 104 entre os 108 grupos declararam que suas atividades estão relacionadas a este setor.

Em seguida, aparecem os setores de “Produtos e serviços recreativos, culturais, artísticos e desportivos”, com 13 grupos, e “Outros setores” tiveram 9 grupos vinculados.

Tabela 10 – Setores de atividade dos grupos de pesquisa

Setores de atividade	Grupos
Educação	104
Produtos e serviços recreativos, culturais, artísticos e desportivos	13
Outros setores	9
Edição, impressão, reprodução e gravação industriais de jornais, revistas, livros, discos, fitas, vídeos e filmes	5
Desenvolvimento Urbano	4
Saúde humana	4
Mercado de trabalho e mão-de-obra	2
Administração pública, defesa e seguridade social	1
Fabricação de Equipamentos de Instrumentação médico-hospitalares, instrumentos de precisão e ópticos, equipamentos para automação industrial, cronômetros e relógios	1
Produtos e processos biotecnológicos	1
Produtos e serviços voltados para a defesa e proteção do meio ambiente, incluindo o desenvolvimento sustentado	1
Total	145*

(*) A discrepância entre 145 e 108 grupos refere-se ao fato de que um grupo pode declarar relacionamentos com mais de um setor de atividade.

4.2.5 As áreas de conhecimento dos grupos de pesquisa

Na base de dados do Diretório o líder deve definir a área do conhecimento predominante nas atividades do grupo, devendo apontar apenas uma área. A Tabela 11 apresenta a distribuição dos grupos de pesquisa em “História da Educação” cadastrados na base censitária de 2004 do Diretório por áreas de conhecimento.

Tabela 11 – Distribuição dos Grupos de Pesquisa por Área de conhecimento

Grande Área	Área de conhecimento	Número de grupos	Total
Ciências Humanas	Educação	86	96
	História	8	
	Sociologia	2	
Ciências da Saúde	Educação Física	7	9
	Enfermagem	1	
	Saúde Coletiva	1	
Ciências Exatas e da Terra	Física	1	1
Engenharias	Desenho Industrial	1	1
Linguística, Letras e Artes	Letras	1	1
TOTAL		108	

Os dados da Tabela 11 demonstram que os 108 grupos de pesquisa estão distribuídos em 5 grandes áreas de conhecimento, das quais, 89% pertencem às Ciências Humanas e 8,3% às Ciências da Saúde. Os restantes 2,7% referem-se às áreas de Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Linguística, Letras e Artes, cada uma com 0,9%.

Também é possível verificar que na grande área de Ciências Humanas, a área de Educação é majoritária, com 79,6% dos grupos, seguida pela História, com 7,5%, e Sociologia (1,9%). Os 20,4% dos grupos restantes estão vinculados às outras grandes áreas, com presença mais acentuada das Ciências da Saúde, em que se destaca a área de Educação Física (6,5%).

A presença de grupos de pesquisa pertencentes a outras áreas de conhecimento, além da Educação, pode ser melhor compreendida quando se comparam os dados da Tabela 11 com os do Quadro 3, a seguir, em que se apresentam as suas denominações e vinculação a outras áreas de conhecimento que não a Educação.

Quadro 3 – Denominação dos Grupos de Pesquisa que não atuam na área de conhecimento da Educação

Nome do grupo	Outras Áreas
1. ARTDECO	Desenho Industrial
2. Centro de Memória da Escola de Educação Física e Desportos	Educação Física
3. Educação Física Escolar	Educação Física
4. Estudos socioculturais e históricos da Educação Física	Educação Física
5. GRECCO - Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo	Educação Física
6. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Física e do Esporte (GEPHEFE)	Educação Física
7. LESEF - Laboratório de Estudos em Educação Física	Educação Física
8. PROTEORIA – Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física	Educação Física
9. Duas décadas de HIV/AIDS: um resgate da produção científica da Enfermagem em periódicos Qualis A e B - Dissertações e Teses	Enfermagem
10. Grupo de Pesquisa em Ensino de Física	Física
11. História da Educação no Brasil	História
12. Centro de Memória do Esporte no Nordeste	História
13. Espaço público, cotidiano escolar: ecologia e história	História
14. Grupo III de Pesquisas Medievais da UFES	História
15. História Regional: Sociedade e Cultura - HISOCULT	História
16. Humanidades e Saúde	História
17. Programa de História Oral	História
18. Vida cotidiana na Comarca do Rio das Velhas	História
19. Núcleo de Pesquisa em Ensino e Linguagens - NUPEL	Letras
20. Saúde Coletiva no Espírito Santo	Saúde Coletiva
21. Cultura, Política e Educação	Sociologia
22. Migração, Cultura e Educação	Sociologia

Entre os 8 grupos da área de História, apenas um pesquisa a temática “História da Educação no Brasil”, enquanto que os outros 7 grupos estão voltados para os estudos da vida cotidiana; do espaço público e cotidiano escolar, vistos da perspectiva ecológica e histórica; da história regional e local, além de pesquisas sobre a época medieval; sobre a memória, a história oral, a saúde e as humanidades.

Por sua vez, os grupos da área de Educação Física parecem dedicar-se a um leque mais amplo, abrangendo desde a História da Educação Física e dos Esportes até os estudos sobre cultura e corpo, passando ainda pela Educação Física Escolar, além de recorrer a estudos sócio-culturais e históricos.

Os grupos vinculados à área de Sociologia dedicam-se aos estudos da Educação sob a ótica da cultura, política e migração, enquanto que o grupo de Letras e o de Física investigam aspectos do ensino – de Linguagem e Física – e o de Saúde Coletiva realiza pesquisa com foco regional.

As áreas de Desenho Industrial e Enfermagem, que comparecem com um grupo cada uma, se preocupam com temáticas aplicadas de História da Educação e do Ensino.

4.3 As temáticas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa: as linhas de pesquisa e as palavras-chave associadas

As temáticas desenvolvidas pelos grupos de pesquisa podem ser verificadas nas linhas de pesquisa desenvolvidas e nas palavras-chave associadas a elas. Além disso, o campo objetivos das linhas, que deve ser preenchido pelo líder do grupo, também oferece elementos para conhecimento das temáticas abordadas pelos grupos de pesquisa.

É importante esclarecer que na visão do CNPq a *linha de pesquisa* representa temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si.

Por sua vez, *projeto de pesquisa* é a investigação com início e final definidos, fundamentado em objetivos específicos, visando à obtenção de resultados, de causa e efeito ou colocação de fatos novos em evidência. Nesta definição ressalta-se que a(s) linha(s) de pesquisa subordina(m)-se ao grupo, e não o contrário.

Os dados coletados na base censitária de 2004 permitiram observar que os 108 grupos de pesquisa desenvolvem 317 linhas de pesquisa. A Tabela 12 apresenta a síntese das linhas que foram cadastradas mais de uma vez.

Tabela 12 – Síntese das Linhas de Pesquisa desenvolvidas pelos Grupos de Pesquisa

Linhas de pesquisa	Total
História da Educação	11
Formação de Professores	6
Educação a Distância	2
História da Educação em Pernambuco	2
História da Educação Física	2
História da Educação Física e do Esporte	2
História da Educação Física Escolar	2
História da Educação Matemática	2
História da Profissão Docente	2
História das Disciplinas Escolares	2
História das Instituições Escolares	2
História das Instituições Escolares no Brasil	2
História e Historiografia da Educação	2
História e Historiografia da Educação Brasileira	2
Políticas Públicas	2
Outras Linhas de Pesquisa (aparecem apenas uma vez)	274
TOTAL	317

Com base nos resultados exibidos na Tabela 11, podemos verificar que do total de 317 linhas de pesquisa cadastradas pelos grupos no Diretório há 43 linhas (13,6%) que estão presentes em diferentes grupos, como é o caso, por exemplo, da linha de pesquisa “História da Educação”, que foi cadastrada 11 vezes (3,5% do total de linhas). Em seguida comparece a linha de pesquisa “Formação de Professores”, que foi cadastrada 6 vezes (representando 1,9 % do total de linhas), o que conduz ao fato de que estes são os dois temas mais pesquisados pelos grupos de pesquisa em “História da Educação”.

Por sua vez, há 13 linhas de pesquisa que foram cadastradas duas vezes (8,2%), enquanto que 274 (86,4%) linhas restantes tiveram apenas um cadastramento cada

apontando que há uma ampla diversidade de temáticas que os grupos de pesquisa em “História da Educação” se dedicam a investigar. Além das linhas de pesquisa, as palavras-chave associadas a elas também oferecem uma visão destas temáticas.

Na Tabela 13 apresentamos as 3.457 palavras-chaves associadas às linhas de pesquisa e atribuídas pelos líderes dos grupos de pesquisa, destacando aquelas com frequência igual ou maior que 15 vezes. As 2.879 palavras-chave restantes tiveram frequência entre 1 a 14.

Tabela 13 – Palavras-chave das linhas de pesquisa

Palavras-chave	Quantidade
Educação	81
História	69
História da Educação	66
Formação de professores	38
Políticas Públicas	31
Cultura	25
Currículo	24
Memória	24
Políticas Educacionais	24
Ensino	23
Epistemologia	20
Novas tecnologias	20
Educação Física	18
Fontes primárias	18
Instituições Escolares	18
Historiografia	17
Escola	16
Escolarização	15
Práticas escolares	15
Sociedade	15
Outras	2.879
TOTAL	3.456

Os dados da Tabela 13 indicam que 42 palavras-chave foram utilizadas 577 vezes (16,7%) enquanto que 2.879 palavras-chave respondem por 83,3% das indicações.

Agregando estes achados àqueles com relação às linhas de pesquisa dos grupos de pesquisa em “História da Educação” – quando se verificou que há 86,4% de linhas de

pesquisa cadastradas uma única vez –, pode-se supor que há uma dispersão das temáticas tratadas pelos grupos de pesquisa. Sobre este aspecto concordamos com a opinião de alguns autores que em determinados estudos avaliaram a pesquisa em Educação e apontam a “pulverização das temáticas” da área, entre eles André (2005a), Alves-Mazzotti (2001), Teixeira e Megid Neto (2006) e Coelho (2006), conforme explicitado na síntese a seguir.

André (2005a), ao se referir, por exemplo, à qualidade das pesquisas desenvolvidas na área de Educação, aponta para a “pulverização das temáticas”.

Posição semelhante tem Alves-Mazzotti (2001, p.40). Ao fazer um balanço dos estudos que avaliaram a qualidade das pesquisas no campo da Educação, a autora afirma que entre as principais deficiências apontadas destacam-se “a pulverização e irrelevância dos temas escolhidos” e também a “quase ausência de equipes com articulação e continuidade suficientes para o estabelecimento de linhas de investigação que favoreçam a produção de um corpo sólido e integrado de conhecimentos e configuram um perfil próprio aos diferentes programas de pós-graduação”.

Além disso, na síntese das pesquisas sobre a avaliação da pesquisa educacional, a autora menciona outras deficiências: “a pobreza teórico-metodológica na abordagem dos temas, com um grande número de estudos puramente descritivos e/ou “exploratórios”; a adoção acrítica de modismos na seleção de quadros teórico-metodológicos; a preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados; e a divulgação restrita dos resultados e pouco impacto sobre as práticas”.

Da mesma forma, Teixeira e Megid Neto (2006) ao apresentarem um resgate histórico sobre a gênese da pesquisa em Educação no Brasil com foco no Ensino de

Ciências, reportam-se à pulverização das pesquisas que conduzem à dispersão, isolamento e fragmentação.

Coelho (2006, p.18) ao analisar a produção do conhecimento no campo da “História da Educação” tendo como campo de ação o mapeamento da produção do HISTEDBR em relação ao período que corresponde à Era Vargas, também menciona a “pulverização dos trabalhos pelas diversas modalidades de ensino ou abordagens temáticas”. Segundo a autora, esta pulverização pode “acarretar a fragmentação dos debates, não contribuindo para o aprofundamento teórico-epistemológico ou político-epistemológico das linhas de pesquisa / temáticas setoriais existentes”.

Outro elemento importante na base de dados do Diretório refere-se aos objetivos das linhas de pesquisa, que permite verificar quais são as temáticas de pesquisa desenvolvidas pelos grupos de pesquisa.

Quando se investigam os objetivos das 317 linhas de pesquisa desenvolvidas pelos 108 grupos, encontram-se indicações não apenas sobre as temáticas pesquisadas, mas também sobre a área de atuação no campo da “História da Educação” e as bases teórico-metodológicas que orientam as pesquisas. A título de exemplo apresentamos no Quadro 4 um extrato dos objetivos, de algumas linhas de pesquisa.

Quadro 4 – Exemplos de objetivos de linhas de pesquisa desenvolvidas pelos grupos

Linha de Pesquisa / Grupo de Pesquisa	Objetivo
Estudos Temáticos e História Regional da Educação <i>Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação" dos Campos Gerais - PR</i>	Tem por objetivo a pesquisa de problemas e temas da história da educação brasileira, bem como estudos exploratórios de recorte mais regional.
História da Educação <i>Pensamento Educacional Brasileiro</i>	Analisar pensamento, vida e obra de autores clássicos da educação brasileira nos seus marcos contextuais. Realizar pesquisas e das produções acadêmicas existentes sobre os clássicos da educação para delinear lacunas e lançar novas luzes aos estudos. Avaliar as

	contribuições de autores de expressão reconhecida na educação brasileira.
História da Educação Brasileira no Período Colonial <i>Educação Jesuítica no Brasil Colonial</i>	Estudar a gênese da história da educação no Brasil colonial e a hegemonia exercida pela Companhia de Jesus no campo cultural, especialmente no período compreendido entre 1549 a 1759.
História da Educação na Primeira República <i>História da Educação no Brasil</i>	Analisar a configuração do sistema educacional brasileiro na Primeira República, atentando para as políticas públicas de educação implantadas no período.
História da Educação no Brasil Império <i>História da Educação no Brasil</i>	Analisar a configuração do sistema educacional brasileiro durante o período imperial; analisar as políticas públicas do governo imperial para com a educação.
História da Educação Superior no Brasil <i>Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior</i>	Investigar, resgatar e fazer uma releitura da História da Educação Superior no Brasil; formular conceitos e modelos para a análise da Educação Superior.
História das Idéias e Instituições Educacionais <i>História das Idéias e Instituições Educacionais</i>	Investigar a configuração das idéias educacionais no Brasil, a partir de duas perspectivas: a filosófica e a histórica.
Historiografia e questões teórico-metodológicas da História da Educação <i>Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Estado de Sergipe"</i>	Estudo das questões ontológicas, epistemológicas e teóricas no que tange ao objeto e metodologia da História. Movimento historiográfico (Positivismo, Materialismo Histórico, Annales, História Nova, História das Mentalidades, História Cultural) e análise teórico-metodológica do processo histórico-educacional.
Pensamento Filosófico e Educação <i>Filosofia e História da Educação</i>	Investigar a relação entre o pensamento filosófico e a Educação na sociedade brasileira do século XIX.

Com base nos exemplos do Quadro 4 podemos identificar algumas temáticas presentes na pesquisas desenvolvidas pelos grupos de “História da Educação, entre elas: pensamento educacional, instituições educacionais, história regional da educação.

No sentido de melhor identificar as temáticas desenvolvidas no interior dos 108 grupos de pesquisa, considerou-se oportuno estabelecer uma comparação com as temáticas que foram tratadas nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHE) realizados bianualmente no período 2000-2006.

Tomamos este evento como referência tendo em vista que além de ser organizado pela Sociedade Brasileira de História da Educação - entidade de âmbito nacional da área que tem como um de seus objetivos “estimular estudos interdisciplinares, promovendo intercâmbios com congêneres nacionais e internacionais

e especialistas de áreas afins” –, constitui-se em um espaço nacional privilegiado para que pesquisadores e docentes da área de História da Educação possam atualizar e socializar os conhecimentos produzidos no campo.

Além disto, como afirma Xavier (2000) ao realizar o balanço do I CBHE, a proposta do evento é de “congregar estudiosos da educação brasileira, provenientes de diversas instituições e regiões do Brasil (e também do exterior) em torno da reflexão sobre a produção historiográfica voltada para temas pertinentes à educação no Brasil”.

Desta perspectiva, apresentamos na Tabela 14, a seguir, uma síntese dos eixos temáticos dos quatro CBHE, além do número de trabalhos apresentados em cada evento.

Tabela 14 – Síntese dos Eixos Temáticos e Trabalhos Aprovados nos CBHE

CBHE/Ano	Eixos temáticos	Resumos aprovados
1º./2000	Estado e Políticas Educacionais	30
	Fontes, Categorias e Métodos	30
	Gênero e Etnia	23
	Imprensa Pedagógica	9
	Instituições Educacionais	41
	Pensamento Educacional	40
	Processos e Práticas Educativas	37
	Profissão Docente	22
	Total	232
2º./2002	História Comparada da Educação	12
	História dos Movimentos Sociais na Educação Brasileira	18
	Culturas Escolares e Profissão Docente no Brasil	111
	Intelectuais e Memória da Educação no Brasil	93
	Relações de Gênero e Educação Brasileira	51
	Estado, Nação e Etnia na História da Educação	49
	Processos Educativos e Instâncias de Sociabilidade	94
	Total	428
3º./2004	Arquivos, fontes e historiografia	80
	Estudos comparados	13
	Políticas educacionais e modelos pedagógicos	107
	Cultura escolar e práticas educacionais	112
	Profissão docente	51
	Gênero, etnia e educação escolar	38
	Movimentos sociais e democratização do conhecimento	11

	Ensino da história da educação	6
	Total	418
4º./2006	Políticas educacionais e movimentos sociais	57
	História da profissão docente e das instituições escolares	123
	Cultura e práticas escolares	97
	Gênero e etnia na história da educação brasileira	34
	Historiografia da educação brasileira e história comparada	29
	Intelectuais, pensamento social e educação	61
	Arquivos, centros de documentação, museus e educação	25
	O ensino de História da Educação	2
	Total	428
	Total Geral	1506

Com base nestes eixos temáticos construiu-se um conjunto de 13 categorias temáticas visando identificar as temáticas desenvolvidas pelas 317 linhas de pesquisa dos 108 grupos de pesquisa investigados nesta tese, conforme explicitado no Quadro 5.

Quadro 5 – Categorias temáticas das linhas de pesquisa

Categorias temáticas	
1	Arquivos, fontes, historiografia (inclui memória; livros, manuais, documentos impressos e manuscritos, imagens, museus, centros de documentação, bibliotecas etc.)
2	Cultura e Práticas Escolares
3	Ensino da História da Educação
4	Gênero e Etnia na História da Educação Brasileira
5	História Comparada da Educação
6	Instituições Escolares
7	Intelectuais, Pensamento Social e Educação
8	Processos e Práticas Educativas
9	Profissão Docente
10	Movimentos Sociais na Educação Brasileira
11	Estado e Políticas Educacionais
12	História regional da Educação
13	História da Educação e suas periodizações

É importante enfatizar que para a construção destas categorias levou-se em consideração: a) os eixos temáticos que se repetiram nas diferentes edições do CBHE foram agrupados em uma categoria; b) eixo temático presente em apenas uma edição do CBHE foi excluído como categoria autônoma e incorporado em outra categoria – ex:

“imprensa pedagógica”; c) a criação de outras categorias, com base na explicitação dos objetivos das linhas de pesquisa dos grupos; d) o entendimento de que cada categoria temática deveria abarcar temas, problemas, objetos, procedimentos metodológicos e fontes pertinentes e vigentes ao campo da História da Educação. Além disso, devido ao fato de não ser possível traçar um limite nítido entre uma categoria e outra, algumas temáticas podem ser inscritas em mais de uma categoria. Ademais, também é válido mencionar o caráter subjetivo implícito na construção destas categorias.

Ao proceder a aplicação destas 13 categorias às linhas de pesquisa dos 108 grupos com o objetivo de identificar as temáticas pesquisadas notou-se a existência do que se pode chamar de temáticas “falsos positivos”, isto é, linhas de pesquisa que não possuem efetivamente vínculo com o campo da História da Educação – entre os quais se incluem as linhas desenvolvidas por grupos de pesquisa que embora tenham sido cadastrados como pertencentes a esta área de conhecimento – na realidade estão vinculados a outras áreas, tais como Matemática, Educação Física, Medicina etc.

Do mesmo modo, no intuito de identificar os “falsos negativos” - isto é, grupos de pesquisa que embora não possuíssem vínculo explícito com a área de História da Educação, mas que mesmo assim desenvolviam linha de pesquisa no campo – procedeu-se a uma verificação empírica que constou de leitura detalhada para extrair as temáticas identificadas com o campo da História da Educação.

Com base nos resultados obtidos desta categorização, apresentamos no Quadro 6 as temáticas desenvolvidas pelas linhas de pesquisa.

Quadro 6– Categorização das temáticas desenvolvidas nas linhas de pesquisa

Categorias temáticas	Linhas de pesquisa
1	1. Documentação iconográfica da história da educação profissional em Campos (RJ)

	<ul style="list-style-type: none"> 2. História da Educação Brasileira: fontes primárias 3. História e Historiografia da Educação 4. História e Historiografia da Educação Brasileira 5. Historiografia e questões teórico-metodológicas da História da Educação 6. Revistas de Educação e Ensino 7. Política Educacional, Documentação e Memória 8. As políticas educacionais no cotidiano escolar: memória e história 9. Educação, Memória e História 10. História e Memória da Educação 11. Memória, História, Escola e Formação 12. Os livros e métodos escolares: a história da didática das ciências 13. História do livro didático 14. História dos Impressos e a Formação das Leitoras 15. Educação na Imprensa 16. As imagens da educação escolar: o retrato de sua realidade
2	<ul style="list-style-type: none"> 17. Educação Brasileira e Cultura Escolar: análise de discursos e práticas educativas (séc. XIX e XX) 18. Escola e práticas culturais 19. Escolarização e cultura escolar no Brasil 20. História das Práticas, Representações e Saberes Escolares 21. Sociedade, cultura, educação 22. Sociedade, Dinâmicas Culturais, Memória 23. Criança, Educação, Culturas e Cidadania 24. Cultura e forma escolar 25. Cultura escolar urbana 26. Culturas da infância: as produções simbólicas das crianças e das professoras de Educação Infantil 27. Educação, Cultura e Política 28. Educação, Cultura e História 29. Educação, História e Cultura Brasileira: 1549-1759 30. Educação, História, Cultura e Modernidade 31. História da Educação e História Cultural 32. História cultural da escola e da escolarização: Impressos, intelectuais e modelos pedagógicos 33. Avaliação dos serviços educacionais para crianças de 0 a 6 anos 34. Educação, Infância e Corporeidade 35. História da Infância e da Família 36. História da Infância no Brasil 37. História, Sociedade e Educação 38. História, Sociedade e Educação no Brasil 39. Educação, História e Sociedade 40. Educação, Mentalidade e História 41. História da Educação e da Comunicação
3	<ul style="list-style-type: none"> 42. Conhecimento Histórico: Ensino de História e História da Educação
4	<ul style="list-style-type: none"> 43. História da Educação e Gênero 44. História da Educação Feminina 45. Educação e diversidade etno-cultural 46. Currículo e etnia na história da educação
5	<ul style="list-style-type: none"> 47. Estudos Sócio-histórico-comparativos em Educação
6	<ul style="list-style-type: none"> 48. História das Idéias e Instituições Educacionais 49. História das Instituições Escolares 50. História das Instituições Escolares no Brasil 51. História e política das instituições de educação infantil 52. Instituição Escolar: História, Políticas e Práticas 53. Instituições educacionais 54. Instituições educacionais e seus atores 55. Instituições Escolares: constituição, identidade e cultura 56. Instituições, Memória e Cultura

7	57. Pensamento educacional brasileiro 58. Pensamento Educacional Brasileiro e a formação para o trabalho 59. Intelectuais da Educação 60. História das Idéias Pedagógicas 61. Visões da História da Educação 62. Contribuições para a Constituição da Educação enquanto Ciência 63. Biografias educacionais: as histórias de vida escolar
8	64. História das Idéias e das Práticas Educacionais no Brasil 65. Memória das Práticas Educativas e História da Escolarização 66. Políticas e Práticas Curriculares 67. Processos e práticas educativas na capitania de Minas Gerais (1750-1822) 68. Processos Educativos e Produção da Subjetividade na Atualidade 69. Práticas curriculares e qualidade de ensino 70. Práticas Educativas 71. Práticas Escolares 72. Práticas Pedagógicas 73. Saberes e Práticas Curriculares 74. Currículo e disciplinas escolares 75. História da Educação e Currículo 76. História das Disciplinas Escolares 77. Teoria e Prática Pedagógica 78. Educação/Igreja
9	79. História da Profissão Docente 80. História da formação de professores 81. História da Educação e Políticas de Formação de Professores 82. Políticas e Formação de Professores 83. Formação de professores e práticas pedagógicas 84. Formação de profissionais de ensino 85. Formação de professores 86. Formação do Profissional de Educação Infantil 87. Formação e Profissionalização Docente 88. Formação e Práxis Político-Pedagógica do Professor 89. Profissão docente 90. Profissão docente: formação, práticas e saberes 91. Saberes Pedagógicos e Profissão Docente 92. Trabalhos e Saberes Docentes 93. Universidade e Formação de Professores 94. Universidade, Docência e Formação de Professores 95. Ensino e Educação de Professores Contexto Escolar e Trabalho Docente
10	96. Educação, Participação Política e Movimentos Sociais 97. História da Educação e Movimentos Sociais 98. História da Educação e Educação Popular
11	99. Políticas nacionais de educação e suas repercussões nas políticas e práticas locais 100. História das políticas educacionais no Brasil 101. História e Políticas Públicas em Educação Infantil 102. Políticas Públicas de Educação 103. Políticas Públicas para a Educação Superior no Brasil 104. Políticas Sociais e Educacionais 105. História da Educação Superior no Brasil
12	106. Estudos Temáticos e História Regional da Educação 107. História da Educação em Pernambuco 108. História e Historiografia da Educação Paraense 109. A Construção da Escola Pública na Cidade do Rio Grande, RS, no Período Republicano 110. História da Educação na Região Amazônica 111. História da Educação Popular nas cidades de Pelotas e Cachoeirinha no RS
13	112. História da Educação Brasileira no Período Colonial

113. História da Educação na Primeira República
114. História da Educação No Brasil Império

Os resultados do Quadro 6 demonstram que das 317 linhas de pesquisa desenvolvidas pelos 108 grupos apenas 114 podem ser efetivamente identificadas com as temáticas da “História da Educação”. Estes achados confirmam o argumento de Guimarães, Lourenço e Cosac (2001, p.325) de que apenas a “menção da palavra-chave não autorizava sua inclusão no campo da pesquisa”.

4.4 As repercussões dos trabalhos dos grupos de pesquisa

Entre os 108 grupos de pesquisa em “História da Educação” apenas 4 não preencheram o campo “repercussões dos trabalhos dos grupos”. Assim como fizemos no tópico “linhas de pesquisa”, apresentamos alguns exemplos das repercussões dos trabalhos do grupo no Quadro 7.

Quadro 7 – Repercussões dos trabalhos dos grupos

Grupo	Repercussões
História, Historiografia e Fontes de Pesquisa em Educação	“1) Novembro de 2003: I Simpósio de educação com a participação de pesquisadores do grupo história, historiografia e fontes de pesquisa em Educação: 2003- I Simpósio de Educação/Palmas/TO, 11-14/11/2003; 2) Educação Jesuítica no Brasil Colonial; 3) História e Historiografia da Educação. II) Maio de 2004: VII Encontro Nacional de História Oral/Goiânia/GO, 18-21/5/04. GT Comissão Organizadora do Evento; III) Maio de 2004: III Seminário de Fontes Históricas Palmas-TO; Organizadora do evento. Palestrante e lançamento de livro”
Durmeval Trigueiro Mendes e a questão da Universidade: 1960 a 1980	“Produção: Comunicações em Encontros e Seminários. Capítulo de livro Organização de livro com textos do autor Dissertações de Mestrado”
Filosofia e História da Educação	“Apresentação de trabalhos em eventos regionais e nacionais: Artigos Publicados”
Instituições, Práticas Educativas e História	“A difusão dos trabalhos realizados tem se dado, de modo privilegiado, na organização de congressos, encontros, seminários, cursos, exposições, livros e coletâneas, além de publicação de capítulos de livros, artigos em periódicos e produção de vídeos. Produção

	acadêmica que, resultante de preocupações assemelhadas, também vem sendo veiculada, de modo regular, em fóruns nacionais e internacionais”
Núcleo Temático Trabalho e Educação	“Pesquisas diversas, dissertações, teses e monografias de final de cursos de graduação. Publicações e participação em eventos científicos”
Grupo Reflexão e Memória (GRM)	Apresenta resumos e informações sobre a produção de acadêmicos de graduação, iniciação científica e pós-graduação, nas áreas e sub-áreas do GRM com vistas a favorecer consultas de interessados. Os trabalhos em versão integral poderão ser obtidos no DED (em disquete) ou solicitados por meio de correio eletrônico”
História e Teoria da Educação	“As repercussões de pesquisas na área de História e Teoria da Educação não se caracterizam por uma aplicabilidade prática imediata. Trata-se de resultados ligados a uma maior compreensão das dimensões históricas e teóricas do fenômeno educativo que por sua parte orientam tanto pesquisas de caráter empírica, políticas educacionais e a própria prática do educador”
Currículo, história e poder	“Este grupo reúne pesquisas sobre o currículo entendendo-o como uma articulação entre a prática escolar e a cultura. Prioriza os seguintes eixos temáticos: políticas curriculares e práticas escolares no ensino básico e superior; políticas e práticas voltadas para a formação de professores; questões contemporâneas de avaliação e currículo”
HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"	“O Grupo define-se pelo amplo campo de investigação no qual a temática da educação, entendida como intrinsecamente articulada com a sociedade (quer como parte de uma dada sociedade num tempo determinado, quer como econômica, social e politicamente determinada), é trabalhada desde a História, com os métodos e teorias próprios e característicos dessa área do conhecimento. A denominação "História, Sociedade e Educação" se vincula a um entendimento que remete ao historiador - aquele que exercita a História com seus métodos, teorias e instrumentais - a tarefa de dedicar-se, entre outros objetos e problemas de investigação, à educação que, por sua vez, não é mera abstração, mas é social, geográfica e historicamente determinada”
Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759	“1. O Grupo entende que há necessidade de renovar a historiografia da educação brasileira. Neste sentido, a constituição de um grupo interinstitucional, envolvendo neste momento a Universidade Metodista de Piracicaba, a Universidade Estadual de Maringá e a Universidade Federal de São Carlos, servirá para despertar o interesse de jovens pesquisadores e estimular uma nova produção. 2. Com isto, o Grupo quer influenciar os professores de História da Educação Brasileira de nível superior na organização de seus programas, de modo que os alunos aprendam a ter sensibilidade em relação aos processos sociais, observando sua dinâmica própria. 3. Consolidando-se, o Grupo pretende promover encontros de âmbito nacional, estimulando assim os que trabalham com História da Educação Brasileira e refletir sobre seu objeto de trabalho. 4. O Grupo quer, desde já, criar uma linha de publicação que enfatize seu objeto de pesquisa, ou seja, que relacione educação, história e cultura, no intuito de atingir os pesquisadores da área e de áreas afins”

“Repercussões dos trabalhos do grupo” constitui-se em um dos campos que os grupos de pesquisa cadastrados no Diretório informam as principais atividades de pesquisa desenvolvidas pelo grupo e o impacto destas na sociedade ou comunidade para as quais são destinadas.

Em nosso entendimento, este campo abrange a relevância social das pesquisas realizadas e constitui-se em um espaço para os grupos discorrerem, ainda que brevemente, sobre a proposta e os objetivos do grupo de pesquisa, uma vez que não há, no conjunto de campos do Diretório, um campo específico para tal registro.

No entanto, na coleta de dados deste campo notamos algumas inconsistências nas informações registradas. Verificou-se que muitos grupos se preocupam em apresentar dados quantitativos referentes, por exemplo, às publicações do grupo, listando os títulos dos periódicos e as respectivas bases de indexação (Qualis, por exemplo), bem como as orientações realizadas (iniciação científica, mestrado, doutorado), a atuação na pós-graduação, os cursos, palestras e conferências ministradas, entre outros.

Ao preencherem o campo “repercussões dos trabalhos dos grupos” com esta orientação, de nosso ponto de vista, os grupos deixam uma lacuna no seu perfil, uma vez que estas informações já estão contempladas nos currículos Lattes dos integrantes do grupo – cuja soma das produções científicas resulta na produção do grupo – e podem ser consultados por todos que acessam o Diretório, uma vez que há um “link” para isto.

Embora este preenchimento do campo “repercussões” não ocorra em todos os 108 grupos pesquisados, ponderamos que estas informações devem ser complementadas com aquelas referentes aos objetivos das linhas de pesquisa. Acredita-se, assim, que a

agregação destes dados dará maior visibilidade às pesquisas desenvolvidas pelos grupos, além de subsidiar possíveis análises de suas atividades.

4.5 A produção científica dos grupos de pesquisa

De acordo com o Diretório, a produção científica, tecnológica e artística de um grupo de pesquisa é a soma da produção existente nos currículos dos pesquisadores e estudantes que participam do grupo, implantados na Plataforma Lattes, admitida a dupla contagem, que ocorre devido às co-autorias entre os participantes do grupo.

A Tabela 15 apresenta uma síntese da distribuição da produção científica e tecnológica dos 108 grupos de pesquisa em “História da Educação”.

Tabela 15 – Distribuição da produção científica, técnica, orientações e demais trabalhos dos grupos de pesquisa

Produção científica	Número de publicações	Valor relativo (%)
Produção bibliográfica	30.203	30,2
Produção técnica	21.614	21,6
Orientações	10.404	10,4
Demais trabalhos	37.811	37,8
Total	100.032	100,0

A produção bibliográfica abrange, segundo os critérios estipulados pelo CNPq, artigos científicos, livros e capítulos de livros, textos em jornais e revistas, resenhas, traduções, trabalhos em eventos (resumos e completos). Os dados da Tabela 15 apontam que a produção bibliográfica representa 30,2% da produção total.

A produção técnica está relacionada a trabalhos técnicos tais como elaboração de pareceres científicos, assessorias e consultorias prestadas, elaboração de sites, etc. Na

Tabela 15 podemos verificar que a produção técnica dos grupos de pesquisa em “História da Educação” representa 21,6% da produção total.

Na categoria demais trabalhos incluem-se os eventos organizados, palestras e conferências proferidas, elaboração de relatórios científicos. Na Tabela 15 verificamos que esta produção representa 37,8% da totalidade das produções dos grupos de pesquisa.

Por sua vez, as orientações referem-se à iniciação científica, monografias de especialização, trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado, e teses de doutorado. Na Tabela 15 este tipo de produção representa 10,4% do total.

Este panorama geral da produção científica dos grupos de pesquisa será aprofundado no próximo capítulo.

Para finalizar este capítulo consideramos oportuno sintetizar os principais achados da pesquisa com relação ao perfil dos grupos de pesquisa em “História da Educação”:

1) foram identificados 108 grupos de pesquisa que atuam no campo “História da Educação”;

2) o ano de formação destes 108 grupos abrange o período 1970-2004, sendo que apenas 9 (8,3%) foram criados no período 1970-1991, sendo que no período 1992-2000 foram criados 40 grupos (37 % do total) e a partir do ano 2001 até 2004 foram criados 59 grupos (64,8%) do total;

3) os recursos humanos envolvidos nestes grupos de pesquisa totalizam 726 pessoas das quais são 106 líderes, 189 pesquisadores, 420 estudantes e 18 técnicos;

4) entre os 106 líderes dos grupos de pesquisa 69 (65,1%) são mulheres e 37 (35,9%) homens, indicando que a presença feminina na área de Educação é superior;

5) o grupo mais antigo é “História, Sociedade e Educação no Brasil - HISTEDBR” (1986), vinculado à Faculdade de Educação da Unicamp;

6) as regiões Sul e Sudeste apresentam a maior concentração dos grupos de pesquisa em “História da Educação”, com 58 e 20 grupos respectivamente, totalizando 72,2%;

7) os 30 demais grupos de pesquisa (27,7%) estão distribuídos nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte e parecem coincidir com a distribuição dos 83 Programas de Pós-Graduação em Educação existentes no país, dos quais 62 (74,6%) localizam-se na região Sul e Sudeste, enquanto que os outros 21 (35,3%) programas estão situados nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte;

8) a UFES detém o maior contingente de grupos de pesquisa em “História da Educação” no país, com 8 (7,4%) grupos cadastrados no Diretório;

9) a distribuição institucional dos grupos de pesquisa segue o mesmo padrão da distribuição dos grupos por região. Foram identificadas 63 instituições de vinculação dos grupos de pesquisa;

10) o perfil destas 63 instituições aos quais os grupos de pesquisa estão vinculados aponta que 30 (47,6%) são instituições federais de ensino superior, 11 (17,5%) instituições estaduais de ensino superior, 12 (19%) instituições de ensino superior particulares, 9 (14,3%) instituições de ensino confessionais e apenas uma (1,6%) caracteriza-se como um centro de estudos e pesquisas;

11) as instituições de ensino superior públicas concentram o maior número (65,1%) de grupos de pesquisa em História da Educação;

12) o setor de atividade “Educação” é majoritário quando se consideram as atividades desenvolvidas pelos grupos de pesquisa analisados;

13) os 108 grupos de pesquisa estão distribuídos em 5 grandes áreas de conhecimento, dos quais, 89% pertencem às Ciências Humanas e 8,3% às Ciências da Saúde. Os restantes 2,7% referem-se às áreas de Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Lingüística, Letras e Artes, cada uma com 0,9%;

14) na grande área de Ciências Humanas, a área de Educação é majoritária, com 79,6% dos grupos, seguida pela História, com 7,5% e Sociologia (1,9%). Os 20,4% dos grupos restantes estão vinculados às outras grandes áreas, com presença mais acentuada das Ciências da Saúde, em que se destaca a área de Educação Física (6,5%);

15) do total de 317 linhas de pesquisa cadastradas pelos grupos de pesquisa, 43 linhas (13,6%) estão presentes em diferentes grupos;

16) os dois temas mais pesquisados pelos 108 grupos de pesquisa são “História da Educação” e “Formação de Professores”;

17) foram identificadas 3.457 palavras-chaves associadas às linhas de pesquisa e atribuídas pelos líderes dos grupos de pesquisa;

18) das 317 linhas de pesquisa desenvolvidas pelos 108 grupos apenas 115 podem ser efetivamente identificadas com as temáticas da “História da Educação”;

19) as “repercussões dos trabalhos dos grupos” oferecem maior visibilidade às pesquisas desenvolvidas pelos grupos, além de subsidiar possíveis análises de suas atividades;

20) os 108 grupos de pesquisa foram responsáveis por 100.032 itens de produção científica, dos quais 30.203 são produções bibliográficas, 21.614 produções técnicas, 10.404 referem-se a orientações e 37.811 são demais trabalhos produzidos.

5 PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O perfil dos grupos de pesquisa apresentados no capítulo anterior indicou a existência de linhas de pesquisa e temáticas desenvolvidas que não se encontram efetivamente vinculadas ao campo da História da Educação.

Tendo em vista esta ocorrência e a necessidade de realizar uma análise mais aprofundada da produção e colaboração científica vinculada aos grupos pesquisa – elementos essenciais, em nosso entendimento, para compreender a contribuição destes grupos para a consolidação do campo da História da Educação - optou-se por realizar um recorte no universo destes grupos de pesquisa. Para esta delimitação considerou-se que os grupos de pesquisa e seus líderes deveriam preencher os seguintes requisitos:

a) estar cadastrado na área de conhecimento de Ciências Humanas, sub-área Educação na base censitária de 2004 do Diretório;

b) o(s) líder(es) deve(m) ter o título de doutor e possuir(em) pelo menos uma produção científica - artigo científico, livro ou capítulo de livro – no campo “História da Educação;

c) a produção científica dos líderes deveria estar compreendida entre a data de criação do grupo até o ano de 2006, uma vez que a coleta dos dados da produção científica no Currículo Lattes dos líderes do grupo foi realizada em fevereiro de 2007.

Com base na aplicação destes critérios, foram identificados grupos de pesquisa em que: a) um vice-líder possuía apenas o título de mestre; b) cinco vice-líderes não possuíam nenhuma produção científica no campo “História da Educação”; c) a produção científica do(s) líder(es) era anterior à data de criação do grupo; d) grupos de

pesquisa cujos líderes não possuíam pelo menos um item publicado em conjunto, ou seja, se a produção científica em comum é um dos critérios para caracterizar um grupo de pesquisa, tais grupos não poderiam ser considerados efetivamente como grupos, visto que não existia nenhuma produção científica co-autorada. Assim, o universo inicial de 108 grupos de pesquisa passou a ser de 46 grupos. As análises sobre a produção e redes de colaboração científica expostas a seguir foram realizadas considerando estes 46 grupos. A Tabela 16 traz uma síntese do perfil destes grupos.

Tabela 16 – Síntese das informações sobre os grupos de pesquisa em “História da Educação”

Item	Resultados
Grupos	46
Período de criação	1986-2004
Vinculação institucional	40
Líderes	73
Líder 1 do grupo	46
Líder 2 do grupo	27
Produção bibliográfica dos líderes	552

Também foi possível verificar a distribuição dos 46 grupos de pesquisa por data de criação, sendo que os dois grupos mais antigos datam de 1986 e 1991, período em que ainda não havia sido criado o Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq. Os outros 16 grupos foram criados no período 1992-1998, enquanto que 28 grupos datam do período 2000-2004.

Por sua vez, verificou-se que os 73 pesquisadores (líderes e vice-líderes) estão vinculados a 40 instituições de ensino superior – sendo que uma delas está localizada no exterior: a Universidade de Lisboa. Com relação à distribuição geográfica das IES brasileiras, 19 localizam-se na região sudeste (RJ, SP, ES, MG), 9 na região sul (RS,

SC, PR), 7 na região nordeste (CE, BA, PE, PI, RN, SE), 2 na região norte (AM, AC) e 2 na região centro-oeste (MT, GO).

Uma visão geral do perfil destes grupos de pesquisa pode ser visualizada no Quadro 8, que foi organizado considerando-se as seguintes variáveis: ano de criação, condição de liderança, nome do grupo e vinculação institucional.

Quadro 8 – Configuração dos 46 grupos de pesquisa

Líderes	Grupo	Vinculação institucional	Ano de criação
Amarílio Ferreira Jr. Marisa Bittar	Educação Jesuítica no Brasil	UFSCar	2002
Ana Chrystina Venâncio Mignot José Gonçalves Gondra	Instituições, Práticas Educativas e História	UERJ	2004
Ana Maria de Oliveira Galvão Maria Betânia e Silva	Núcleo de Estudos e Pesquisas História da Educação em Pernambuco - NEPEPE	UFPE	1992
Ana Waleska Pollo Campos Mendonça Libânia Nacif Xavier	História das Idéias e Instituições Educacionais	PUC-RJ	1993
Andréa Maria Lopes Dantas Mark Clark Assen de Carvalho	Estudos e Pesquisas em Cultura Escolar e Trabalho Docente	UFAC	2002
Antonio Marques do Vale	História e Filosofia: as Teorias e suas Implicações na Educação	UEPG	2003
Arlette Medeiros Gasparello Helôisa de Oliveira Santos Vilela	História e Educação: saberes e práticas	UFF	2002
Cancionila Jankovski Cardoso Lazara Amâncio	ALFALE - Alfabetização e Letramento Escolar	UFMT	2001
Carlos Roberto da Silva Monarcha	História da Educação no Brasil	Unesp/Marília	1998
Carlos Jorge Paixão	Filosofia e História da Educação	UNAMA	2002
Cecília Irene Osowski César Romero A. Vieira	Currículo, cultura e sociedade	UNISINOS UNIMEP	2004
Dalva C. de Menezes Yazbeck	O Estado e a Educação Básica em Juiz de Fora: Pioneirismo, Organização e Expansão	UFJF	2002
Denice Bárbara Catani Antonio Nóvoa	Arqueologia da educação moderna: estudos comparados sobre o discurso pedagógico no Brasil e em Portugal (1820-1920)	USP ULisboa	2004
Dermeval Saviani José Claudinei Lombardi	HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"	Unicamp	1986
Elias Boaventura	Grupo de Pesquisa Educação e Protestantismo – GPEP	Unimep	2002
Eloísa Acires Candal Rocha João Josué da Silva Filho	Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos	UFSC	1991
Elomar Antonio Callegaro Tambara Eliane Teresinha Peres	CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação)	UFPeI	2000

Fátima Maria Neves	Grupo de Estudos e Pesquisas em História dos Campos Disciplinares	UEM	2004
Ferdinand Rohr Leda Rejane Accioly Sellaro	História e Teoria da Educação	UFPE	1996
Jaci Maria Ferraz de Menezes Elizabeth Conceição Santana	Memória da Educação na Bahia	UNEB	1997
Jane Soares de Almeida	Grupo de Estudos de História da Educação (GEHE)	UNIBAN	1992
Janete Magalhães Carvalho Regina Helena Silva Simões	Formação de professores e práticas pedagógicas	UFES	1992
Jorge Carvalho do Nascimento Anamaria Galvão Bueno de Freitas	Grupo de Pesquisa em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares	UFS	2002
José Carlos Rothen	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior: História, Sociedade e Política	UNITRI-MG	2004
José Maria de Paiva	Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759.	Unimep	2000
José Roberto Rodrigues Gomes	GEPEHFE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, História e Formação de Educadores	UNEB	2002
Juçara Lúiza Leite	Ensino de História	UFES	2002
Lívia Diana Rocha Magalhães Ana Palmira B. S. Casimiro	Museu Pedagógico: a educação escolar	UESB	2000
Luciano Mendes de Faria Filho Cynthia Greive Veiga	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação	UFMG	1996
Marcus Levy Albino Bencostta Carlos Eduardo Vieira	História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolares no Paraná (Século XX)	UFPR	2000
Maria Cecília C. C. O. de Souza Mary Julia Martins Dietzsch	Culturas, saberes pedagógicos e práticas educativas	USP	1993
Maria de Lourdes de Albuquerque Fávoro	Durmeval Trigueiro Mendes e a questão da Universidade: 1960 a 1980	UCP	2002
Maria do Amparo Borges Ferro	Educação, Sociedade e História	UFPI	2001
Maria Elisabeth Blanck Miguel	Educação Brasileira e Paranaense	PUC-PR	1993
Maria Helena Menna Barreto Abraão	Profissionalização docente e identidade	PUC-RS	1998
Maria Helena de Oliveira Brito Maria de Araújo Nepomucemo	Pensamento Educacional Brasileiro	UCG	2004
Maria Isabel Moura Nascimento	Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação" dos Campos Gerais – PR	UEPG	1993
Maria Stephanou Maria Helena Camara Bastos	Histórias e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar	UFRGS PUC-RS	2001
Marta Maria de Araújo Vicente Vitoriano Marques Carvalho	Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais	UFRN	1998
Marta Maria Chagas de Carvalho Maria Lúcia Spedo Hilsdorf	Circulação e apropriação de modelos pedagógicos no processo de institucionalização da escola	USP	2004
Nicanor Palhares Sá Elizabeth Madureira Siqueira	História da Educação e Memória	UFMT	1993
Sofia Lerche Vieira Eloísa Maia Vidal	Política Educacional, Docência e Memória	UECE	1997
Sonia Aparecida Ignácio Silva	Grupo de Pesquisa Educação, Conhecimento e Valores	UNISANTOS	2000
Terezinha Oliveira	Transformações Sociais e Educação	UEM	2000

	na Antiguidade e Medievalidade		
Wenceslau Gonçalves Neto José Carlos Souza Araújo	Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação Brasileira	UFU UNITRI	1992
Zilda Clarice Rosa Martins Nunes	Políticas, memórias e história de formação docente no estado do Rio de Janeiro	UNESA	2000

Para melhor caracterizar o perfil dos 73 líderes dos grupos de pesquisa identificados como pertencentes ao campo da “História da Educação”, consultou-se os *currícula* dos pesquisadores para verificar quais deles são pesquisadores do CNPq com bolsa de Produtividade em Pesquisa. Os resultados obtidos podem ser verificados no Quadro 9.

Quadro 9- Líderes com Bolsa de Produtividade em Pesquisa/CNPq

Líderes	Nível da Bolsa PQ/CNPq
Dermeval Saviani	1A
Maria de Lourdes de A. Fávero	1A
Luciano Mendes de Faria Filho	1B
Denice Barbara Catani	1C
Maria Helena M. B. Abrahão	1C
Marta Maria Chagas de Carvalho	1C
Sofia Lerche Vieira	1C
Wenceslau Gonçalves Neto	1C
Zilda Clarice R. Martins Nunes	1C
Mary Julia Martins Dietzsch	1D
Maria Helena Camara Bastos	1D
Carlos Eduardo Vieira	2
Carlos Roberto da S. Monarcha	2
Cynthia Greive Veiga	2
Jane Soares de Almeida	2
Jose Carlos Souza Araújo	2
José Gonçalves Gondra	2
Marcus Levy Albino Bencostta	2

Fonte: Plataforma Lattes/CNPq - dados coletados em janeiro de 2007.

Os resultados do Quadro 9 apontam que entre os 73 líderes, 18 (24,6%) possuem bolsa de Produtividade em Pesquisa e entre os 46 grupos, apenas em dois grupos os dois líderes usufruem o referido fomento, quais sejam: o “Grupo de Estudos e Pesquisas em

História da Educação”, liderado por Luciano Mendes de Faria Filho (1B) e Cynthia Greive Veiga (2) e o grupo de pesquisa em “História e Historiografia da Educação Brasileira”, liderado por Wenceslau Gonçalves Neto (1C) e José Carlos Souza Araújo (2). É importante destacar que a definição do CNPq para este tipo de fomento é “distinguir o pesquisador, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento – CAs do CNPq” (CNPq, 2006).

Uma vez traçado o perfil dos grupos de pesquisa e de seus líderes faz-se necessário descrever e analisar a produção científica dos líderes e dos grupos de pesquisa. É o que se verá a seguir.

5.1 Caracterização da produção científica dos grupos de pesquisa em História da Educação

Para caracterizar a produção científica dos grupos de pesquisa foram compulsados na Plataforma Lattes os currículos dos líderes e vice-líderes dos 46 grupos de pesquisa – 73 pesquisadores -, dos quais foram selecionados três itens: artigo completo em periódico científico, livro e capítulos de livros publicados no período que abrange a data de criação do grupo até o ano de 2006, quando foi realizada a coleta destes dados.

É importante esclarecer que na identificação destes três itens da produção científica foram considerados os critérios adotados pela Comissão de Avaliação da área de Educação da CAPES, que especifica as seguintes exigências para a contabilização da

produção científica: o número mínimo de 6 páginas para artigos e capítulos e de 70 páginas para livros (CAPES, 2006).

Além disto, foram excluídas da seleção as entrevistas concedidas ou realizadas pelos autores e outras edições de livros que não a primeira edição. Foram mantidos artigos com o mesmo título publicados em periódicos e anos diferentes. Além disto, nos casos em que houve dupla contagem das produções científicas, considerando-se as co-autorias, esta foi eliminada no cômputo final. A Tabela 17 apresenta a síntese destes resultados.

Tabela 17 – Produção bibliográfica dos 73 líderes dos grupos de pesquisa

Itens	Total	Valor relativo (%)
Artigos	206	37,3
Livros	96	17,4
Capítulos de livros	250	45,3
Total	552	100

Os dados demonstram que na produção bibliográfica há uma preponderância nos itens “livros e capítulos de livros” que somam 346 (62,7%) do total, enquanto que os “artigos” representam 37,3% da produção científica em “História da Educação” publicada pelos líderes dos grupos de pesquisa. Se considerarmos apenas o item “capítulos de livros” os dados da Tabela 17 indicam que este tipo de produção científica é o padrão de publicação no campo da “História da Educação”.

Estes resultados também estão de acordo com a literatura científica sobre avaliação da produção científica, que refere existirem diferentes padrões de publicação de acordo com a área de conhecimento. No caso das Ciências Humanas e Sociais, Silva (2004) já assinalou que os canais de divulgação da produção científica diferem de uma área para outra e os fatores que influenciam na escolha destes canais são: a natureza da

pesquisa, a área de conhecimento e o grau de consolidação interna da área. Por sua vez, Velho (1997a e 1997b) também mostrou que nas Ciências Humanas há preferência pela publicação em livros, em oposição às Ciências Exatas e Tecnológicas que publicam artigos científicos.

Sobre este aspecto, Uhle (2002, p.18) menciona que as Ciências Humanas, “justamente pela característica de trabalhar com o pensamento, com a reflexão e com a própria comunicação, tradicionalmente, divulga sua produção no formato de livro e não tanto no formato de texto curto e menos ainda com a lógica do periódico”. Para a autora, “a lógica do conhecimento na área das humanidades pode ser pensada como cumulativa, daí o porquê do livro parecer mais adequado do que o periódico científico”.

Guimarães, Lourenço e Cosac (2001, p.334), no trabalho em que descreveram a pesquisa em epidemiologia no país com base em dados do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq, também comentam que os padrões de publicação científica diferem de acordo com as áreas de conhecimento. Os autores mencionam que, provavelmente,

(...) essa variação responde a demandas tanto histórico-culturais quanto relativas ao espaço geográfico de circulação e competição de idéias e resultados. De um modo resumido e esquemático, pode-se afirmar que o veículo preferencial de divulgação de resultados das grandes áreas das Ciências Exatas e da Terra e das Ciências Biológicas são as revistas especializadas de circulação internacional. Nas Engenharias, esse veículo cede a primazia aos artigos completos publicados em anais de eventos, embora as revistas também sejam importantes. Nas Ciências Agrárias e da Saúde, o veículo preferencial são os periódicos de circulação nacional. E, nas Humanidades, de modo geral, os livros e capítulos de livros detêm uma importância não observada em quaisquer outras grandes áreas (45,8% de todos os livros existentes na base de dados do Diretório foram oriundos dos grupos das humanidades, que representam 27,4% do total de grupos).

No entanto, se consideramos apenas os 206 (37,3%) artigos científicos e 250 (45,6%) capítulos de livros mencionados na Tabela 17, os dados parecem sugerir que há pouca desigualdade nesta distribuição.

Para comprovar esta constatação é necessário aprofundar a análise e verificar o contexto em que se dá esta produção científica, o que exige investigar sobre os seguintes aspectos: distribuição da produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa; perfil dos periódicos e editores que publicam estes trabalhos com relação à vinculação institucional, distribuição geográfica e fontes de indexação dos periódicos; autoria e co-autoria dos trabalhos publicados de modo a conhecer os autores cuja produção científica é referência na área e os padrões de publicação destes autores. Os resultados desta investigação estão expostos nos itens a seguir.

5.1.1 A produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa

Com base na consulta dos *curricula* dos 73 líderes dos grupos de pesquisa, foi possível caracterizar a produção científica destes pesquisadores. Os dados da Tabela 18 apontam o total de artigos, livros e capítulos por líder e discriminam quais destas produções científicas têm vínculos com o campo da “História da Educação”. Além disso, na apresentação dos dados os pesquisadores que não apresentaram nenhuma produção científica no campo “História da Educação” estão relacionados ao final da Tabela 18.

Tabela 18 – Total de artigos, livros e capítulos por líderes

Líderes	PG	PQ	Artigos	HE	Livros	HE	Capítulos	HE	Totais HE
1. Maria Helena Camara Bastos	S	1D	35	31	12	12	34	34	77
2. Marta Maria Chagas de Carvalho	S	1C	25	22	9	9	28	28	59
3. José Gonçalves Gondra	S	2	28	24	9	8	19	16	48
4. Zilda Clarice R. Martins Nunes	S	1C	56	25	9	3	25	18	46
5. Luciano Mendes de Faria Filho	S	1B	59	18	17	7	44	17	42
6. José Claudinei Lombardi	S		10	8	18	15	13	13	36
7. Jose Carlos Souza Araújo	S	2	41	15	3	1	27	15	31
8. Cynthia Greive Veiga	S	2	12	11	5	5	15	14	30
9. Denice Barbara Catani	S	1C	20	13	14	5	22	11	29
10. Maria Lucia Spedo Hilsdorf	S		22	11	7	5	18	13	29
11. Ana Waleska P. C. Mendonça	S		27	12	4	3	17	13	28
12. Elomar A. Callegaro Tambara	S		13	8	15	8	16	12	28
13. Ana Chrystina V. Mignot	S		10	5	6	5	18	16	26
14. Carlos Roberto da S. Monarcha	S	2	12	10	12	11	6	5	26
15. Jorge Carvalho do Nascimento	S		34	16	15	4	4	4	24
16. Libânia Nacif Xavier	S		14	10	4	3	15	11	24
17. Ana Maria de Oliveira Galvão	S		16	10	5	4	13	9	23
18. Dermeval Saviani	S	1A	37	6	17	4	21	10	20
19. Wenceslau Gonçalves Neto	S	1C	43	15	3	0	14	4	19
20. Amarílio Ferreira Junior	S		28	13	4	1	9	4	17
21. Marisa Bittar	S		27	12	8	2	9	4	16
22. Ana Palmira B. Santos Casimiro	S		16	11	3	0	7	3	14
23. Marcus Levy Albino Bencostta	S	2	7	4	17	3	7	7	14
24. Maria de Lourdes de A. Fávero	S	1A	61	4	21	6	29	4	14
25. Marta Maria de Araújo	S		13	3	4	3	10	8	14
26. Nicanor Palhares Sá	S		21	5	9	3	8	5	13
27. Anamaria G. Bueno de Freitas	S		8	5	1	1	5	5	11
28. Eliane Teresinha Peres	S		12	3	3	1	12	7	11
29. Maria Isabel M. Nascimento	S		15	6	11	4	1	1	11
30. Maria Stephanou	S		11	3	11	6	16	2	11
31. Cecília Irene Osowski	S		38	7	6	1	9	1	9
32. Maria Elisabeth Blanck Miguel	S		13	3	7	1	7	5	9
33. Elizabeth Madureira Siqueira	N		18	5	14	2	2	1	8
34. Jose Maria de Paiva	S		17	4	2	1	4	3	8
35. Eloísa Acires Candal Rocha	S		8	5	13	2	3	0	7
36. Maria de Araújo Nepomuceno	S		10	4	3	1	2	2	7
37. Maria do Amparo Borges Ferro	S		0	0	2	0	12	7	7
38. Maria Helena M. B. Abrahão	S	1C	19	2	12	3	24	2	7
39. Heloisa de Oliveira Santos	N		0	0	0	0	6	6	6

Villela									
40. Jane Soares de Almeida	S	2	26	4	12	1	10	1	6
41. Lázara Nanci de Barros Amâncio	S		9	1	3	0	5	5	6
42. Terezinha Oliveira	S		17	4	5	1	6	1	6
43. Dalva Carolina de M. Yazbeck	S		13	3	1		2	2	5
44. Maria Cecília C. C. de Souza	S		18	0	10	1	18	4	5
45. Antonio Nóvoa	N		9	0	8	0	10	4	4
46. Arlette Medeiros Gasparello	N		2	1	1	1	9	2	4
47. Cancionila Janzkovski Cardoso	S		6	0	4	0	7	4	4
48. Carlos Eduardo Vieira	S	2	7	2	5	0	3	2	4
49. Maria Helena de Oliveira Brito	S		11	2	2	1	2	1	4
50. Mary Julia Martins Dietzsch	S	1D	15	2	1	0	7	2	4
51. Regina Helena Silva Simões	S		15	2	1	1	8	1	4
52. Carlos Jorge Paixão	S		6	1	5	0	2	2	3
53. Fátima Maria Neves	N		1	0	1	1	3	2	3
54. Jaci Maria Ferraz de Menezes	S		15	0	9	2	7	1	3
55. José Roberto Gomes Rodrigues	N		2	1	0	0	3	2	3
56. Lêda Rejane Accioly Sellaro	S		5	3	0	0	0	0	3
57. Lívia Diana Rocha Magalhães	N		2	1	3	0	7	2	3
58. Antonio Marques do Vale	S		5	2	1	0	0	0	2
59. Elias Boaventura	S		12	1	3	1	0	0	2
60. Ferdinand Rohr	S		12	1	1	0	7	1	2
61. Janete Magalhães Carvalho	S		38	1	4	0	14	1	2
62. Andréa Maria Lopes Dantas	N		1	1	0	0	0	0	1
63. César Romero A. Vieira	N		1	1	0	0	0	0	1
64. João Josué da Silva Filho	S		3	0	17	1	4	0	1
65. José Carlos Rothen	S		12	1	1	0	4	0	1
66. Juçara Luzia Leite	S		7	1	2	0	3	0	1
67. Sofia Lerche Vieira	N	1C	26	0	27	1	31	0	1
68. Sonia Ap Ignácio Silva	S		7	0	3	0	1	1	1
69. Elizabeth Conceição Santana	N		4	0	0	0	2	0	0
70. Eloísa Maia Vidal	N		2	0	7	0	6	0	0
71. Maria Betânia e Silva	N		2	0	0	0	0	0	0
72. Mark Clark Assen de Carvalho	N		0	0	0	0	0	0	0
73. Vicente V. Marques Carvalho	N		1	0	1	0	1	0	0
Total			1168	405	473	165	733	381	951

Fonte: Plataforma Lattes/CNPq – dados coletados em janeiro/2007.

Siglas: PG – Vínculo com Programa de Pós-Graduação; S = Sim; N = Não; PQ – Produtividade em Pesquisa/CNPq; HE – História da Educação.

Com base nos dados apresentados na Tabela 18 podemos verificar que dos 73 líderes, 72 deles foram responsáveis por 2.374 itens de produção científica (artigos,

livros e capítulos) no período 1986-2006, compreendido como o ano de criação dos grupos de pesquisa e a data de encerramento da coleta dos dados. No entanto, quando se trata da produção científica específica do campo da “História da Educação”, é possível identificar 951 itens, ou seja, 40,1% em relação à produção total dos líderes.

Além disto, os dados da Tabela 18, que apresenta a classificação da produção científica no campo da “História da Educação” relativa aos 73 líderes dos grupos, sugerem que:

a) líderes com bolsa de produtividade em pesquisa do CNPq apresentam um escore mais alto em relação aos outros líderes, uma vez que entre os 10 primeiros, 8 estão nesta situação;

b) líderes que não estão vinculados a programas de pós-graduação – 15 (20,5% do total) apresentaram um escore mais baixo na produção científica em relação aos 58 (79,5%) vinculados a programas de pós-graduação. O total da produção científica destes líderes não-vinculados à pós-graduação é de 34 itens, representando apenas 3,5% da produção científica total.

No entanto, para melhor compreender o significado destes resultados ainda é necessário deduzir desta produção científica os itens em *duplicação*, ou seja, aqueles produzidos em co-autoria entre os líderes do mesmo grupo de pesquisa e que tiveram dupla contagem no cômputo geral. Neste caso, os dados obtidos indicam que entre as 951 produções pertinentes ao campo da “História da Educação”, apenas 552 não estão duplicadas, conforme apontam os dados da Tabela 19.

Tabela 19 – Produção científica no campo da “História da Educação”

Produção científica	Artigos		Livros		Capítulos		Totais	
	Total	HE %	Total	HE %	Total	HE %	Total	HE %
Duplicada HE	405	42,6	165	17,1	381	40,3	951	100
Sem duplicação HE	206	37,3	96	17,4	250	45,3	552	100

Fonte: Plataforma Lattes/CNPq – coleta de dados em janeiro/2007. Sigla: HE = História da Educação.

Os dados da Tabela 19 apontam que o total de publicações sem duplicação dos líderes dos grupos de pesquisa é de 552, das quais 37,3% são artigos, 17,4% livros e 45,3 % capítulos de livros. Em relação ao total inicial da produção científica (2.374), a produção científica com duplicação (951) e sem duplicação (552) pertinentes ao campo “História da Educação” sofreu uma redução, passando de 40,1% para 23,2% em relação ao total da produção científica identificada entre os 73 líderes.

Embora não se disponha destes escores com relação a outras áreas de conhecimento para estabelecer comparações, os dados obtidos sugerem que a produção científica específica dos líderes dos grupos está aquém da contribuição que estes efetivamente possam oferecer ao campo da “História da Educação”, uma vez que efetivamente os pesquisadores têm produção, no entanto esta não é direcionada ao seu campo de atuação. Outrossim, pode-se supor que isto ocorra devido a fatores como:

a) o pertencimento dos pesquisadores ao campo da “História da Educação” ser recente, uma vez que 60,8% dos grupos foram criados no período 2000-2004, enquanto que os restantes 39,2% datam do período 1986-1998;

b) a vinculação de vice-líderes ao grupo que não possuem nenhuma produção científica no campo, uma vez que foram identificados cinco vice-líderes nesta situação;

c) pesquisadores que atuam em área de interface com a “História da Educação” e cuja produção científica ainda não esteja consolidada em artigos, livros e capítulos;

d) o principal elemento para identificação da produção científica vinculada ao campo da “História da Educação” foi o título da produção (artigo, livro, capítulo) declarada no Currículo Lattes dos pesquisadores. No entanto, em alguns casos o título atribuído pelo autor talvez não esteja suficientemente claro para que se possa estabelecer uma clara associação à produção científica no campo “História da Educação”.

5.1.2 A produção científica dos grupos de pesquisa

Os resultados da produção científica por líder também necessitam ser analisados com relação à produção do grupo de pesquisa em que estão inseridos. Nesta direção construiu-se a Tabela 20 em que é apresentada a produção científica por grupo de pesquisa, considerando o(s) líder(es) destes grupos.

É importante mencionar que na produção científica total do grupo foi eliminada a dupla contagem de artigos, livros e capítulos resultante da co-autoria entre líderes e co-líderes no mesmo grupo, sendo mantida a dupla contagem quando se tratou de produção bibliográfica entre líderes e co-líderes de grupos diferentes.

Tabela 20 – Distribuição da produção científica dos grupos de pesquisa(*)

Grupos	Líderes	Artigos	Livros	Capítulos	Total
1. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação	Luciano Faria Filho Cynthia Veiga	23	10	31	64
2. História das Idéias e Instituições Educacionais	Ana Waleska Libânia Xavier	21	6	23	50
3. HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil"	Dermeval Saviani J. C. Lombardi	7	12	21	40
4. Histórias e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar	Maria Stephanou Maria Helena C Bastos	11	8	19	38
5. Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da	Wenceslau Gonçalves Neto	15	1	15	31

Educação Brasileira	José C. S. Araújo				
6. CEIHE (Centro de Estudos e Investigações em História da Educação)	Elomar Tambara Eliane Peres	7	7	15	29
7. Grupo de Pesquisa em História da Educação: intelectuais, instituições e práticas escolares	Jorge Nascimento Anamaria Freitas	14	4	6	24
8. Circulação e apropriação de modelos pedagógicos no processo de institucionalização da escola	Marta Carvalho Maria Lúcia Hilsdorf	4	4	14	22
9. Políticas, memórias e história de formação docente no estado do Rio de Janeiro	Clarice Nunes	7	1	14	22
10. Educação Jesuítica no Brasil	Amarílio Ferreira Jr. Marisa Bittar	13	2	7	22
11. Instituições, Práticas Educativas e História	Ana Chrystina José Gondra	9	2	9	20
12. Núcleo de Estudos e Pesquisas História da Educação em Pernambuco - NEPHEPE	Ana Maria Galvão Maria Betânia	8	3	9	20
13. História da Educação e Memória	Nicanor P. Sá Elizabeth Siqueira	7	5	6	18
14. História da Educação: instituições, intelectuais e cultura escolares no Paraná (Século XX)	Marcus Bencostta Carlos E Vieira	5	3	7	15
15. História da Educação no Brasil	Carlos Monarcha	3	7	3	13
16. Museu Pedagógico: a educação escolar	Lívia Dantas Ana Palmira	7	0	5	12
17. Base de Pesquisa Estudos Histórico-Educacionais	Marta Araújo Vicente Carvalho	2	2	6	10
18. Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação" dos Campos Gerais – PR	Maria Isabel Nascimento	4	2	1	9
19. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação de 0 a 6 anos	Eloísa Rocha João Silva Filho	5	2	0	7
20. Culturas, saberes pedagógicos e práticas educativas	Maria Cecília Souza Mary Dietzsch	2	1	4	7
21. Educação Brasileira e Paranaense	Maria Elisabeth Miguel	3	1	4	7
22. Durmeval Trigueiro Mendes e a questão da Universidade: 1960 a 1980	Maria de Lourdes Fávero	2	1	3	6
23. ALFALE - Alfabetização e Letramento Escolar	Cancionila Lazara Amâncio	0	0	5	5
24. Educação, História e Cultura: Brasil, 1549-1759.	José Maria de Paiva	3	0	2	5
25. Profissionalização docente e identidade	Maria Helena Abrahão	2	2	1	5
26. Pensamento Educacional Brasileiro	Maria Helena O Brito Maria Araújo Nepomucemo	1	1	3	5

27. História e Educação: saberes e práticas	Arlette Gasparello Heloísa Vilela	1	1	2	4
28. História e Teoria da Educação	Ferdinand Rohr Leda Sellaro	4	0	0	4
29. Grupo de Estudos de História da Educação (GEHE)	Jane Almeida	3	1	1	4
30. Formação de professores e práticas pedagógicas	Janete Carvalho Regina Simões	2	1	1	4
31. Transformações Sociais e Educação na Antiguidade e Medievalidade	Terezinha Oliveira	2	1	1	4
32. Arqueologia da educação moderna: estudos comparados sobre o discurso pedagógico no Brasil e em Portugal (1820-1920)	Denice Cattani Antonio Nóvoa	1	0	2	3
33. Grupo de Estudos e Pesquisas em História dos Campos Disciplinares	Fátima Neves	0	1	2	3
34. Memória da Educação na Bahia	Jaci Menezes Elizabeth Santana	0	2	1	3
35. História e Filosofia: as Teorias e suas Implicações na Educação	Antonio Vale	2	0	0	2
36. Filosofia e História da Educação	Carlos Paixão	0	0	2	2
37. O Estado e a Educação Básica em Juiz de Fora: Pioneirismo, Organização e Expansão	Dalva Yazbeck	1	0	1	2
38. GEPEHFE - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, História e Formação de Educadores	José Roberto Rodrigues Gomes	1	0	1	2
39. Educação, Sociedade e História	Maria do Amparo Ferro	0	0	2	2
40. Estudos e Pesquisas em Cultura Escolar e Trabalho Docente	Andréa Dantas Mark Clark Assen de Carvalho	1	0	0	1
41. Currículo, cultura e sociedade	Cecília Osowski	1	0	0	1
42. Grupo de Pesquisa Educação e Protestantismo – GPEP	Elias Boaventura	0	1	0	1
43. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior: História, Sociedade e Política	José Carlos Rothen	1	0	0	1
44. Ensino de História	Juçara Leite	1	0	0	1
45. Política Educacional, Docência e Memória	Sofia Lerche Vieira Eloísa Vidal	0	1	0	1
46. Grupo de Pesquisa Educação, Conhecimento e Valores – GPECOV	Sônia I. A. Silva	0	0	1	1
TOTAL		206	96	250	552
			17,4%	45,3%	
Valor relativo (%)		37,3	62,7%		100

Fonte: Plataforma Lattes/CNPq – coleta de dados em janeiro/2007.

(*) Não há dupla contagem das publicações.

A partir da Tabela 20, tomando como base o primeiro grupo e levando em consideração os grupos que tenham pelo menos 25% dessas publicações, podemos observar que há uma alta concentração das publicações sob a responsabilidade de apenas 13 grupos, que juntos são responsáveis por 72,5% (400) da produção científica total identificada como pertinente ao campo da História da Educação, enquanto que os outros 27,5% (152) são de responsabilidade de 33 grupos de pesquisa.

Ao apontar a existência de uma alta concentração da produção científica em torno de poucos grupos e líderes de pesquisa, os resultados podem indicar que há um “núcleo duro” no campo da “História da Educação” responsável pelo “desenho” da pesquisa no país. Para sustentar tal argumento é necessário um aprofundamento da investigação sobre os padrões e perfil das publicações sob investigação. É o que faremos a seguir.

5.1.3 As publicações no campo da História da Educação

Mais do que descrever e analisar os valores absolutos e relativos com relação à produção e produtividade dos grupos e líderes de pesquisa é importante compreender as características do processo de produção do conhecimento e um dos caminhos para isto, como já apontaram em profundidade os estudos de Price (1963), Garvey (1979) e Meadows (1999), é investigar o estágio em que se encontra cada área de conhecimento.

Neste sentido, uma importante iniciativa que resultou em contribuições para os estudos sobre a política de publicação científica em Educação no país foi oferecida por um grupo de profissionais que acumularam experiências distintas como editores e/ou avaliadores de revistas.

Assim, no ano de 2000 estes profissionais participaram de um seminário, organizado pela Comissão de Publicações da FE-USP, que teve como objetivo aprofundar a análise sobre as publicações científicas. Este evento ocorreu, segundo Bueno, Aquino e Carvalho (2002, p.5), no momento em que a CAPES desencadeava “uma forma de (re)avaliação dos programas de pós-graduação e, nesse âmbito, a Qualis deveria examinar mais detidamente as revistas acadêmicas e proceder à classificação de todos os periódicos cadastrados”. Os autores também mencionam que este evento havia sido organizado para “promover um debate que, sem abdicar do exame dessas questões mais imediatas que angustiavam a todos, tivesse como objetivo principal discutir o papel dos periódicos, levando em conta as especificidades da pesquisa educacional”. Com isso, esperava-se abordar outros aspectos, tais como “a qualidade das publicações, a questão da periodicidade, o processo de avaliação por pares, a ética nas publicações”.

Neste contexto é oportuno recorrer à opinião de alguns dos especialistas que participaram do referido evento, cujos resultados estão consolidados em uma publicação em que estão expostas as visões de pesquisadores da área de Educação que atuam – ou atuavam, no momento da edição da obra – como editores de periódicos científicos de sua área⁸.

Assim, no escopo da presente pesquisa foi realizada a caracterização das publicações e dos autores que atuam no campo “História da Educação” procurando responder as seguintes questões:

⁸ Águeda Bittencourt Uhle, da *Pro-Posições*, da FE-Unicamp; Luciano Mendes de Faria Filho, da *Educação em Revista*, da FaE-UFGM; Ivany Pino, da *Educação e Sociedade e Cadernos CEDES*; Elba Siqueira de Sá Barreto, do *Cadernos de Pesquisa*, da Fundação Carlos Chagas; Rosa Maria Bueno Fisher, da *Educação & Realidade*, da FE-UFRGS, Rosaly F. Krzyzanowski, coordenadora de publicações da Fapesp e Cristina Ortega, Osmar Fávero e Walter Garcia que realizaram um trabalho sobre periódicos brasileiros em Educação no âmbito do Comitê de Produtores de Informação Educacional (Comped).

a) como se dá a distribuição anual dos artigos publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa e em quais periódicos foram divulgados?

b) quais são as editoras que publicam os livros e capítulos de livros?

c) que posição ocupam estes periódicos e editoras na base Qualis⁹/CAPES de indexação de publicações?

As respostas obtidas permitiram traçar o perfil dos periódicos científicos que publicaram os 206 artigos científicos no campo “História da Educação” dos líderes dos grupos de pesquisa, bem como das editoras responsáveis pela publicação dos 336 livros e capítulos de livros identificados nesta pesquisa.

5.1.3.1 Os periódicos científicos

Os periódicos científicos no campo da Educação e das Ciências Sociais em geral, segundo Pino (2002, p.37), tornam-se importantes porque “assumem as dimensões do conhecimento que eles veiculam”; e a sua difusão, “como uma função constitutiva do campo do conhecimento científico dos fatos sociais e da realidade social”. Para Pino (2002), a importância das revistas científicas para os autores pode ser analisada pela sua qualidade, conferida pela credibilidade que lhe é outorgada pelo campo científico no qual ela se insere, e pela abrangência dos seus canais de difusão. Em sua visão, segundo as posições que as revistas ocupam no campo do conhecimento,

⁹ Segundo a CAPES “Qualis é o resultado do processo de classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da produção intelectual de seus docentes e alunos. Tal processo foi concebido pela CAPES para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e baseia-se nas informações fornecidas pelos programas pelo Coleta de Dados. A classificação é feita ou coordenada pelo representante de cada área e passa por processo anual de atualização. Os veículos de divulgação citados pelos programas de pós-graduação são enquadrados em categorias indicativas da qualidade - A, B ou C e do âmbito de circulação dos mesmos - local, nacional ou internacional. As combinações dessas categorias compõem nove alternativas indicativas da importância do veículo utilizado, e, por inferência, do próprio trabalho divulgado” (CAPES, 2007).

“podem outorgar mais ou menos prestígio, reconhecimento ou crédito e mais ou menos visibilidade social e impacto no seu campo de conhecimento específico” (PINO, 2002, p.37-38).

Inserir-se no contexto dos periódicos científicos o ato e o significado de publicar artigos por parte dos autores, uma vez que nos estudos de comunicação científica a autoria das publicações científicas é um dado importante e está relacionada com a identificação dos pesquisadores e as instituições envolvidas, assim como seus países de origem. De acordo com Balancieri et al (2005), a relação de autoria é o conjunto de trabalhos cooperativos entre dois ou mais pesquisadores, identificados por meio de artigos, livros e capítulos de livros co-assinados.

Población et al (2002, p.359) mencionam que, ao elaborar e publicar um artigo científico, a expectativa do autor é a de comunicar à comunidade alvo os resultados de suas pesquisas. Além disso, o pesquisador assume esse compromisso com a sociedade com o objetivo de contribuir para o avanço do conhecimento e utiliza-se dos meios adequados de comunicação visando alcançar o sucesso esperado, que será atingido, “na medida em que o artigo for publicado em revista que seja **visível** e **acessível** à comunidade científica”.

Com relação aos artigos científicos no campo “História da Educação” produzidos e publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa, verificou-se que estes totalizam 206 e foram publicados no período 1990-2006 conforme apontam os dados da Tabela 21. Além disso, a relação dos artigos publicados nestes periódicos científicos pode ser cotejada no Anexo 1.

Na Tabela 21 ainda é possível perceber que na década de 1990 foram produzidos 26,2% (54) do total de artigos, enquanto que nos anos de 2001 a 2006 há uma

concentração nesta produção, com 161 (73,8%) de artigos publicados. Uma possível explicação para esta concentração de artigos a partir dos anos 2001 pode ser encontrada nos critérios de avaliação da pós-graduação pela CAPES, que vêm se tornando cada vez mais rigorosos com relação ao quesito produção científica – conforme já apontado por Simões (2004), Axt (2004), Luz (2005) – o que, de certa forma, repercutiu no *quantum* produzido pelos pesquisadores de forma a atender estes critérios.

Tabela 21 – Distribuição anual dos artigos

1990	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
1	1	1	1	3	12	7	11	17	16	20	26	21	46	23
206														

Cotejando a lista dos 82 periódicos com a base Qualis/CAPES, verificou-se que 64 (78%) estão indexados neste sistema de classificação, conforme descrito no Quadro 10 que apresenta a distribuição dos títulos nas categorias internacional, nacional e local, níveis A, B e C.

Quadro 10 – Indexação dos periódicos na base Qualis/CAPES

Periódico	IA	IB	IC	NA	NB	NC	LA	LB	LC
1. Acervo, Rio de Janeiro				X					
2. Acta Scientiarum, Maringá						X			
3. Ágere, Salvador							X		
4. Anais Municipais: Revista Semestral da Câmara Municipal de Aracaju	Não indexado								
5. Apontamentos Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação no Brasil, PUCPR	Não indexado								
6. Araucárias, Palmas, PR	Não indexado								
7. Caderno de Pesquisa do PPGE, Vitória, ES							X		
8. Cadernos CEMARX, UNICAMP	Não indexado								
9. Cadernos CERU (FFLCH/USP)					X				
10. Cadernos de Educação, São Bernardo do Campo									X
11. Cadernos de Ensaios e Pesquisas, Niterói	Não indexado								
12. Cadernos de História da Educação, Uberlândia - MG						X			

13. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo	X								
14. Cadernos Didáticos Pedagogia, São Bernardo do Campo	Não indexado								
15. Cadernos do CEDES, Campinas				X					
16. Cadernos UFS – História da Educação	Não indexado								
17. Candeeiro, São Cristóvão - SE									X
18. Comunicações, Piracicaba					X				
19. Contestado e Educação, Caçador, SC	Não indexado								
20. Contexto, Januária, MG									X
21. Dimensões: Revista de História da UFES					XH				
22. Educa - Educação e Cultura Acadêmica, Recife	Não indexado								
23. Educação & Linguagem, São Paulo							X		
24. Educação & Sociedade, Campinas – SP	X								
25. Educação (PUC/RS)				X					
26. Educação e Filosofia – UFU					X				
27. Educação e Pesquisa, São Paulo	X								
28. Educação e Realidade, Porto Alegre	X								
29. Educação em Foco, Juíz de Fora						X			
30. Educação em Questão, Natal, RN						X			
31. Educação em Revista (UFMG)					X				
32. Educação on-line, Rio de Janeiro	Não indexado								
33. Educação Sociedade Culturas, Porto-Portugal		X							
34. Educação UFSM						X			
35. Educar em Revista, Curitiba				X					
36. Educativa, UCG/EDU					X				
37. Especiaria, Ilhéus –BA									X
38. Filosofia, Sociedade e Educação	Não indexado								
39. HISTED/BR, Unicamp, Campinas						X			
40. História da Educação (ASPHE), Pelotas – RS					X				
41. Horizontes (Bragança Paulista)									X
42. Ícone Educação, Uberlândia						X			
43. Movimento - Revista da Faculdade de Educação da UFF						X			
44. Paedagogica Histórica: International Journal of the History of Education. Gent, Belgium	X								
45. Penser L'Éducation, Rouen-França		X							
46. Perspectiva (Florianópolis)	X								
47. Plures. Humanidades									X
48. Politeia História e Sociedade, V. da Conquista									XH
49. Presença Pedagógica, Belo Horizonte						X			
50. Pro-posições, Campinas				X					
51. Psicologia da Educação, São Paulo					X				

52. Quaestio (UNISO), Sorocaba-SP						X			
53. Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul						X			
54. Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP	X								
55. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos				X					
56. Revista Brasileira de História da Educação					X				
57. Revista Brasileira de História, São Paulo				X					
58. Revista Contemporânea de Educação	Não indexado								
59. Revista da Faculdade de Educação USP				XM					
60. Revista de Administração Educacional, RECIFE						X			
61. Revista de Comunicação, Cultura e Política. RJ	Não indexado								
62. Revista de Educação Pública, Cuiabá, MT						X			
63. Revista de Educação PUC-Campinas						X			
64. Revista de Educação, Lisboa/Portugal			X						
65. Revista Diálogo Educacional, Curitiba.						X			
66. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Cuiabá-MT				X					
67. Revista do Mestrado Em Educação, São Cristóvão – Sergipe								X	
68. Revista do PPGE/UNIMEP, Piracicaba-SP	Não indexado								
69. Revista Dois Pontos, Belo Horizonte	Não indexado								
70. Revista Educação e Cidadania							X		
71. Revista Iberoamericana de Educação, Madri			X						
72. Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho-Portugal		X							
73. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo							X		
74. Revista Teoria e Prática da Educação, Maringá						X			
75. Revista Trajetos, Unicamp, Campinas	Não indexado								
76. Série Estudos UCDB, Campo Grande						X			
77. Studies in Philosophy and Education, Holanda	X								
78. Temas Em Educação, João Pessoa						X			
79. Tópicos Educacionais, RECIFE	Não indexado								
80. Usina de Olhares (Campos dos Goitacazes)	Não indexado								
81. Varia História, Belo Horizonte				X					
82. Vertentes, São João del-Rey					X				
	IA	IB	IC	NA	NB	NC	LA	LB	LC
	8	3	2	10	10	18	5	1	7
Qualis Educação (CAPES 2006)	67	57	80	83	105	147	43	64	120
Qualificados	64 (78%)								
Não Qualificados	18 (22%)								

Fonte: Qualis/Capes – Área de Avaliação: Educação (2006). Siglas: XM – Multidisciplinar; XH - História

O Quadro 10 permite verificar que entre os 64 periódicos indexados selecionados pelos líderes para divulgar a sua produção científica, 61 estão indexados na base Qualis/CAPES na área de Educação e apenas 3 estão classificados em outras áreas de conhecimento, a saber, História e Multidisciplinar.

Também é possível observar no Quadro 10 que 59,4% (38) dos periódicos que veiculam a produção científica no campo da “História da Educação” estão classificados como Qualis/Nacional A, B e C, os quais somados aos 20,3% dos periódicos indexados nas categorias internacional atingem o percentual de 79,7%, enquanto que os periódicos classificados como local representam 20,3% do total. Com base nesses dados, pode-se verificar que a produção científica em “História da Educação” concentra-se em periódicos categorizados como “Nacionais”.

Neste contexto é válido citar Lopes e Piscitelli (2004, p.115), que ao revisarem a produção sobre publicações científicas mencionam que estas convergem ao assinalar que “a publicação de um artigo em uma revista indexada de prestígio nacional ou (de preferência) internacional outorga reconhecimento acadêmico aos autores, legitima sua atividade acadêmica e, fundamentalmente, sustenta a comunicação inter e intrapares em que se baseia o sistema social da ciência”.

Os dados do Quadro 10 ainda sugerem que ainda é tímida a inserção internacional da produção científica produzida na área de “História da Educação”. Quando esta inserção ocorre, verifica-se que entre os 13 periódicos categorizados como internacionais na base Qualis/CAPES apenas 7 são efetivamente publicados fora do país: Portugal (3), Espanha (1), França (1), Bélgica (1), Holanda (1). Além disso, em quatro destes periódicos os artigos foram redigidos na língua portuguesa, em outros dois em inglês e em apenas um o artigo é publicado na língua francesa.

Inserese aqui a questão das barreiras lingüísticas que se impõem no cenário das publicações científicas para os artigos que não são redigidos e publicados em inglês – já que não há mais dúvidas, hoje, sobre o fato de que o inglês é a língua franca da ciência, ou, como menciona Meadows (1999, p.129), de que o crescente emprego da língua inglesa na comunicação científica tenha levado a uma internacionalização da edição científica. Sobre este aspecto é interessante observar a visão de Pino (2002, p.45), ao comentar que

(...) mais do que em outras épocas – da dominação romana, por exemplo, que fez do latim a língua do império -, a nossa época requer uma língua franca e esta é hoje o inglês. Se o domínio de uma língua franca traz uma série de benefícios, traz também malefícios, cujas conseqüências mal podemos prever. Tanto isso é verdadeiro que se poderia dizer hoje: “fora do inglês não há salvação”. Se publicada em inglês, uma obra pode ter trânsito global; se publicada em outras línguas, mal conseguirá – conforme a língua – ir além dos limites domésticos.

Esta questão está associada e afeta não só à publicação e editoração de periódicos científicos, como também ao alcance e a visibilidade da produção científica para além dos âmbitos local e nacional. Sobre este aspecto, Lopes e Piscitelli (2004, p.117) também comentam que “mesmo que as revistas acadêmicas criadas fora dos países centrais tentem gerar um sistema de comunicação local paralelo, que permita inclusive a participação no âmbito internacional (...) é inegável a posição desvantajosa na estratificação internacional dessas revistas”. Argumentam ainda as autoras que isto se torna evidente ao se observar, nessas publicações, que se há um confronto com a pesquisa internacional, “o material nelas publicado não recebe respostas equivalentes por parte dos pesquisadores estrangeiros, estabelecendo uma ausência de feed-back”.

Deste modo, “esse não reconhecimento pelos cientistas estrangeiros está vinculado a uma série de fatores político-culturais e, inclusive, lingüísticos”.

Lopes e Piscitelli (2004) mencionam, por exemplo, que enquanto em algumas áreas de conhecimento adota-se o inglês, mesmo para publicações de caráter nitidamente nacional, em busca dessa interlocução, revistas orientadas pela convicção de que uma de suas funções centrais é disseminar materiais na língua nacional parecem condenadas a essa falta de interlocução. Deste ponto de vista, e frente aos achados da pesquisa que identificou 7 artigos de pesquisadores brasileiros atuantes no campo da “História da Educação” publicados em periódicos científicos internacionais, caberia aqui perguntar sobre o nível de interlocução que estes autores estabeleceram com os seus pares no exterior.

Por sua vez, entre os outros 82 periódicos listados no Quadro 10 existem aqueles que não atendem aos critérios exigidos para indexação na base Qualis/CAPES, muitas vezes com periodicidade irregular, circulação restrita e critérios editoriais incompatíveis com as exigências técnicas e acadêmicas apropriadas aos periódicos científicos de qualidade. Obviamente que alguns destes periódicos podem não ter sido indexados na base Qualis/CAPES por outras razões, como por exemplo, o não atendimento às exigências de normas e padronização, não apresentarem diversidade institucional de autoria, do corpo editorial e do corpo de pareceristas, ausência da coleção completa dos volumes publicados na biblioteca da instituição, etc.

No Quadro 10 também há um outro conjunto de periódicos representado por aqueles que geralmente estão ligados a Departamentos ou Programas de Pós-Graduação, que em alguns casos, segundo os critérios da CAPES, são encarados como publicações “endógenas”, em razão da preferência editorial dos autores institucionais. Aliás, sobre

este aspecto da endogenia nas publicações é relevante lembrar o argumento de Bueno, Aquino e Carvalho (2002, p.6) de que “a CAPES havia estimulado os programas de pós-graduação a criarem suas próprias revistas, sob o argumento de que isso favoreceria o rápido escoamento de sua produção docente e discente, e agora acenava com pontuações negativas nos casos em que a endogenia ficasse caracterizada”. Como se vê, esta é uma questão complexa.

Os resultados obtidos na pesquisa também indicaram que dos 82 periódicos que publicaram artigos no campo da “História da Educação”, 29 deles publicaram mais de um artigo, totalizando 140 produções no campo da “História da Educação”, conforme mostram os dados da Tabela 22.

Tabela 22 – Periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação”

Título do periódico	Qualis	Entidades publicadoras	Artigos publicados
1. Revista Brasileira de História da Educação	NC	SBHE	13
2. Revista História da Educação (ASPHE)	NB	ASPHE	16
3. Revista Histedbr Online	NC	HISTEDBR	11
4. Revista Brasileira de Educação	NB	ANPED	10
5. Educação em Questão	NC	PPGE/UFRN	9
6. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	NA	INEP	9
7. Educação em Revista	NB	PPGE/FE-UFGM	7
8. Educação e Filosofia	NB	FE/UFU	6
9. Revista de Educação Pública	NC	PPGE/UFMT	5
10. Cadernos UFS	-	Pró-Reitoria de Extensão/UFS	4
11. Educação em Foco	NC	FE/UFJF	4
12. Cadernos CERU	NB	CERU	3
13. Cadernos de História da Educação.	NC	NEPHE/PPGE/UFU	3
14. Educação & Sociedade	IA	CEDES/Unicamp	3
15. Educação e Pesquisa	IA	FE/USP	3
16. Educação	NA	PPGE/PUC-RS	3
17. Educar em Revista	NB	PPGE/UFPR	3
18. Especiaria	LC	UESC-BA	3

19. Perspectiva	IA	CCH/NUP/UFSC	3
20. Revista do Centro de Educação da UFSM	NC	Centro de Educação/UFSM	3
21. Revista do Mestrado em Educação UFS	LB	PPGE/UFS	3
22. Cadernos de Pesquisa	IA	Fundação Carlos Chagas	2
23. Cadernos Didáticos	-	UMESP	2
24. Comunicações	NB	UNIMEP	2
25. Horizontes	LC	USF	2
26. Paedagogica Histórica	IA	Universitat Gent/Bélgica	2
27. Quaestio	NC	PPGE/UNISO	2
28. Revista de Administração Educacional	NC	Centro de Educação/UFPE	2
29. Revista Diálogo Educacional	NC	PPGE/PUC-PR	2
Total			140

Os dados da Tabela 22 apontam que os quatro periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação” estão vinculados a associações, sociedades científicas e grupos de pesquisa na área, a saber: *Revista Brasileira de História da Educação*, periódico publicado pela Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), *Revista História da Educação* (Associação Sul-Riograndense de Pesquisadores de História da Educação-ASPHE), *Revista Histedbr Online* (Grupo de Pesquisa HISTEDBR-Unicamp) e *Revista Brasileira de Educação* (ANPED), os quais são responsáveis por 35,7% (50) dos artigos publicados.

Neste aspecto é inevitável associar, como fizeram Meadows (1999) e Población et al (2003), as sociedades e associações científicas ao processo de disseminação do conhecimento produzido na academia. Meadows (1999, p.128-129) chama a atenção para o fato de que “os periódicos de mais prestígio aos quais a comunidade científica atribui maior peso encontram-se, sobretudo entre os títulos publicados pelas sociedades científicas”. Por sua vez, Población et al (2003, p.498) enfatizam que

A atividade científica e tecnológica, que se desenvolve primordialmente nas universidades e institutos de pesquisa, é estimulada e apoiada pelas sociedades científicas que atuam como parceiras, investindo na difusão do conhecimento produzido. As sociedades científicas têm como missão congrega especialistas, promover eventos e publicações onde transparece a força e a competência de uma comunidade que se impõe como geradora de conhecimentos. Os objetivos a serem alcançados pelas sociedades científicas são semelhantes, quer em áreas similares, quer situadas em diferentes países.

Ao situarem historicamente estas organizações como as primeiras que se lançaram à produção e disseminação de periódicos científicos, Población et al (2003) mencionam que

(...) essas atividades, iniciadas há quatro séculos, quando as primeiras sociedades científicas mostravam preocupação com o controle do "excessivo número de publicações e de cartas científicas" conduziram ao início do processo de controle de qualidade desde 1665, quando foi criada a *Royal Society of London*, ao autorizar a primeira publicação científica "*Philosophical Transactions of the Royal Society of London*" com a exigência do crivo de avaliação de alguns membros da sociedade. Segundo Price (1963) é surpreendente que "o mundo científico atual não se diferencia em absoluto do existente no século XVII". Assim, confirma que a ciência continua sendo sempre moderna e que a maioria dos conhecimentos consta da biografia dos autores que ainda estão vivos e atuantes. Com essa visão, relacionando ciência e sociedade, Price identifica o rápido crescimento atual da ciência e aplica o método científico para investigar a função das publicações e a evolução das organizações que reuniam os cientistas, cujo nome foi usado pela primeira vez em 1833, numa reunião da *British Association for the Advancement of Science*. (POBLACIÓN et al, 2003, p.498)

Assim, com base nos dados obtidos sobre os periódicos científicos no campo "História da Educação", verifica-se que estes não só estão de acordo com este quadro histórico mostrado por Población et al (2003) sobre a participação das sociedades e associações científicas na difusão do conhecimento produzido na área, como também se opõem aos resultados obtidos por Dias (2006), que ao estudar as revistas científicas da

área de Comunicação no país verificou que “associações e sociedades contribuíram muito pouco para a edição de periódicos da área”.

Ao traçar o perfil dos periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação”, também foi possível verificar que há publicações sob responsabilidade de Programas de Pós-Graduação em Educação (9 periódicos) ou de Centros e Departamentos acadêmicos da área de Educação (3 periódicos), sendo que os 16 demais estão ligados a instituições de ensino superior e institutos ou centros de pesquisa. De qualquer forma, nota-se que 64,7% do total de artigos foram publicados nestes periódicos. Frente a estes resultados parece válido o argumento de Pino (2002, p.39-40) de que

(...) as revistas consideradas de ponta no campo do conhecimento não só oferecem ao autor a garantia de conhecimento do seu trabalho, como também aumentam o valor da circulação dos resultados da pesquisa. (...) Daí a valorização na avaliação de revistas científicas das categorias que autenticam os critérios de permanência contra o efêmero, de periodicidade contra o ocasional, de indexação contra a invisibilidade no mundo da informação e comunicação, da abrangência nacional (ou internacional) contra a local, ou regional, da exogenia contra a endogenia.

Os resultados da Tabela 22 também sugerem a existência de um núcleo de periódicos que, embora reduzido, é bastante representativo no campo da História da Educação, uma vez que é constituído por apenas quatro periódicos cujas entidades publicadoras reúnem reconhecimento e prestígio entre os pares da área. Estes periódicos, além de canalizarem uma parcela considerável da produção científica dos grupos de pesquisa (35,7%) ainda obtiveram classificação “Nacional B e C” na base Qualis/CAPES.

Estes achados apontam para a importância que o periódico científico assume nos processos de comunicação científica e ao mesmo tempo parecem estar de acordo com o argumento de Menzel (1958) de que o grau pelo qual um corpo de conhecimentos é teoricamente bem organizado sofre influência desse canal específico de interação. Este autor, segundo relata Botelho (2000, p.102), ao estudar o campo da Química verificou que nesta área, em que o conhecimento parece estar relativamente organizado, dois terços dos artigos relevantes que os cientistas químicos lêem podem ser encontrados nos três veículos impressos que eles citaram como os mais importantes. Quando comparou o campo da Química com o dos zoologistas, relativamente desorganizado, o autor concluiu que somente $\frac{1}{4}$ dos seus dados podem ser encontrados nos três periódicos principais.

Meadows (1999, p.167) também chama atenção para o que considera como “periódico de prestígio”, que pode ser definido “simplesmente como aquele que publica as melhores pesquisas pelos melhores pesquisadores”, além de possuir certas características: “reputação consolidada no seio da comunidade científica pertinente”, “existir a algum tempo” e “ser bem conduzido”.

Além disto, Meadows (1999, p.167) argumenta que “a maioria dos cientistas consegue avaliar o prestígio relativo dos diferentes periódicos do seu campo” e “quanto mais prestigioso for o periódico, mais provável será que os pesquisadores queiram usar o seu conteúdo”, o que sugere haver uma relação entre “prestígio e citações feitas a esse periódico”.

Pino (2002, p.39) parece corroborar esta visão ao afirmar que “segundo as posições que as revistas ocupam no campo do conhecimento, podem outorgar mais ou

menos prestígio, reconhecimento ou crédito e mais ou menos visibilidade social e impacto no seu campo científico específico”.

Desta perspectiva, ao sintetizar o valor concedido às publicações acadêmicas nos estudos sobre política científica, Vessuri (1987, p.124) menciona que

A pesquisa científica que não está publicada não existe. A publicação em uma revista de prestígio reconhecido assegura a prioridade na produção de um resultado, aumenta o crédito acadêmico de um cientista, legitima sua atividade e permite a existência de sistemas e comunicação científica ligados a processos ativos de persuasão, negociação, refutação e modificação, através dos quais o significado das observações tanto quanto das interpretações teóricas tende a ser seletivamente construído e reconstruído no campo científico.

Por sua vez, Hayashi et al (2006b, p.5) também lembram que para que um periódico possa sobressair na massa de publicações produzidas que cresce a cada ano e consolidar-se de forma reconhecida pela comunidade acadêmica é necessário a utilização de instrumentos de avaliação. Na visão destes autores, “com estes subsídios a comunidade acadêmica poderá identificar os periódicos científicos que melhor sirvam aos seus interesses, ou seja, determinar os critérios que permitam estabelecer indicadores de qualidade a estes periódicos”.

Entre os demais periódicos apontados na Tabela 22, dois são dignos de destaque: a *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, publicada pelo INEP, e a revista *Educação em Questão*, publicada pelo PPGE/UFRN, ambos com 9 artigos publicados (Qualis/CAPES Nacional A e Nacional C, respectivamente). Por sua vez, outros dois periódicos tidos como importantes na área de Educação no país e indexados como “Internacional A” receberam apenas 3 artigos cada (*Educação & Sociedade*, *Educação e Pesquisa*). Os demais periódicos classificados como “Internacional A” não publicam exclusivamente artigos da área de Educação.

Além disso, é possível identificar entre os 28 periódicos, um conjunto constituído por periódicos com longa trajetória e outros mais recentes, que embora pertençam a outras áreas de conhecimento, ou cujo escopo abrange mais de uma área – por exemplo, *Especiaria*, *Horizontes*, *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, *Cadernos CERU* –, também publicam artigos no campo “História da Educação”.

Os resultados obtidos sobre o perfil dos periódicos que publicaram os artigos científicos no campo “História da Educação” também indicaram a ocorrência de uma concentração de autores de artigos científicos em uma fração do universo de periódicos científicos que publicam no campo “História da Educação”.

Neste contexto, para expor com mais clareza este dado, consideramos os 4 periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação”: a *Revista Brasileira de História da Educação*, *Revista História da Educação*, e *Revista Histedbr Online*, *Revista Brasileira de Educação*. Ao desagregar os dados para verificar quem são os autores dos 50 artigos publicados nestes periódicos obtivemos os seguintes resultados, conforme descrito no Quadro 11, a seguir.

Quadro 11 – Autores dos 50 artigos publicados nos 4 periódicos que mais publicaram no campo “História da Educação”

Título do periódico/Autores/Artigos	Artigos
Revista Brasileira de História da Educação Mignot; Galvão; Nascimento, J.; Peres; Rodrigues & Faria Filho; Xavier; Faria Filho & Rodrigues; Faria Filho et al; Veiga; Bencostta; Bastos; Siqueira; Nunes	13
História da Educação (ASPHE) Monarcha; Saviani(2); Tambara (3), Stephanou (2); Bastos et al; Bastos; Gonçalves Neto (2); Gonçalves Neto, Araújo et al (2); Peres, Araújo & Gonçalves Neto (2); Peres & Cardoso	16
Revista Histedbr On Line Online Ferreira & Bittar; Vale et al (2); Lombardi; Casimiro & Magalhães (2); Casimiro; Miguel & Saíz; Nascimento, M.I. & Cordeiro, Nascimento, M.I. et al; Nascimento, M. I.	11
Revista Brasileira de Educação Gondra & Garcia; Galvão et al; Monarcha & Lourenço Filho; Rocha; Mendonça et al (2); Mendonça; Faria Filho & Catani; Veiga; Fávero	10

Obs.:os números entre parênteses referem-se ao total de artigos por autor(es).

Se cruzarmos estes dados com a produção científica tanto dos líderes quanto dos grupos de pesquisa, é possível verificar que a maioria dos autores que mais publicaram artigos nestes 4 periódicos são aqueles que se encontram na liderança dos grupos com mais produção científica no campo “História da Educação” (Cf. Tabela 20). Além disso, os dados do Quadro 11 também possibilitam verificar que 27 líderes (descontadas as co-autorias) são os autores dos 50 artigos e que alguns destes autores publicaram trabalhos em mais de uma das quatro revistas (Monarcha; Faria Filho; Bastos, por exemplo).

Outro achado com relação aos dados do Quadro 11 refere-se ao fato de que estes quatro títulos de periódicos, conforme mencionado anteriormente, são publicados respectivamente por sociedade e associações científicas (SBHE, ASPHE e ANPED) e grupo de pesquisa (HISTEDBR). Não por acaso, se observarmos os nomes dos autores do Quadro 11 e cotejarmos com os integrantes e dirigentes destas entidades, também encontraremos aí os mesmos nomes. Como é possível observar, há um estreito vínculo entre autores, co-autores, títulos de periódicos e entidades que editam estes veículos de disseminação do conhecimento científico no campo “História da Educação”.

De acordo com a literatura sobre avaliação científica e com o referencial teórico desta tese, configura-se aqui o fenômeno conhecido como “Efeito São Mateus”, formulado por Price (1963) e batizado por Merton (1977) ao observarem o desequilíbrio na distribuição do poder científico. Ou seja, Price através de sua “teoria do processo de vantagem cumulativa” (*theory of cumulative advantage process*) referia-se à passagem do Evangelho Segundo São Mateus que diz: “*porque ao que tem se lhe dará mais e terá em abundância; mas ao que não tem, o pouco que tem lhe será tirado*”: Este termo foi introduzido por Merton, na obra *The Sociology of Science* (1977).

Segundo Dias (2006, p.34), o “efeito” vem da tendência de os pesquisadores de maior prestígio atraírem mais atenção do que os de menor prestígio e obterem, por isso, ainda mais prestígio para si próprios. Na visão de Ziman (1984), estabelece-se aqui uma disfunção no sistema social da ciência – que em sua opinião está longe de ser democrático e igualitário. Para este autor, o “Efeito São Mateus” auto-perpetua o *establishment* e reforça o poder das elites científicas.

Considerando o “Efeito São Mateus”, pode-se considerar a comunidade científica como o fez Fourez (1995, p.95) ao referir que quando a examinamos de perto ela se revela como “um pequeno mundo bastante estruturado”. Ou seja, “há os ‘grandes’ experimentadores de laboratório que possuem relativamente bastante poder, depois outros que são os ‘operários especializados’ e enfim existem os ‘proletários de laboratório’, os assistentes de laboratório”.

Também vale lembrar neste contexto os achados de Targino, Correia e Carvalho (2002), que, ao realizarem pesquisa com pesquisadores brasileiros sobre a atualidade das normas mertonianas – universalidade, compartilhamento, desapego material e ceticismo sistemático, evidenciaram que tais normas ainda permanecem válidas para a comunidade científica, uma vez que 71,7% dos pesquisados admitiram “a força das opiniões dominantes e a influência da localização geográfica das instituições, o que significa, por conseguinte, admitir situações excepcionais de privilégios para os membros da comunidade científica”. Concordamos, pois, com a visão destas autoras para quem,

(...) Instituições, pesquisadores e docentes não sobrevivem isoladamente: há íntima relação entre seu desempenho e o processo desenvolvimentista da região onde atuam. Isto é, a inserção geográfica favorece o grau de excelência institucional e a produção científica de seus partícipes, embora per se não assegure o mérito das instituições

(...) quando fica evidente a força das regiões e o peso das chamadas “ilhas de excelência”. Na verdade, tudo decorre do modelo econômico do país, haja vista que o Centro-Sul acumula o maior número de pesquisadores e cursos de pós-graduação, além de abrigar as melhores universidades e determinar o centro nevrálgico do capital. As grandes editoras, as grandes empresas, os meios de comunicação mais poderosos estão ali localizados. (TARGINO, CORREIA e CARVALHO, 2002, p.11-12)

Retomamos aqui o referencial teórico da pesquisa para melhor compreender o papel e a importância dos periódicos científicos que publicam artigos no campo da “História da Educação” para os pesquisadores da área.

Ao verificar que o perfil desses periódicos científicos se insere no processo de comunicação científica e que estes se constituem em instrumentos principais da difusão científica, pois aumentam a possibilidade de que o resultado de uma pesquisa seja lido por seus pares, legitimando-a (Cf. BIOJONE, 2003, p.37), pode-se compreender o argumento da autora de que

(...) os pesquisadores que mais produzem artigos, normalmente, ganham prestígio e reconhecimento, o que favorece sua ascensão na carreira, chegando a obter postos-chave no cenário da pesquisa de seus países. Para eles, publicar em periódicos científicos reconhecidos internacionalmente, ou indexados em bases de dados de renome internacional, significa conseguir, além de sua certificação como pesquisador, a certificação de seu trabalho científico, garantindo a propriedade do objeto de pesquisa. Publicar artigos, atualmente, é prova de atividade científica e acadêmica, o que pode garantir uma boa avaliação do pesquisador pelas universidades e agências de fomento – avaliação essa que varia de acordo com o periódico em que se publica o artigo, ainda que, muitas vezes, o fato de publicar não signifique que a informação científica ali vinculada seja original ou de boa qualidade. (BIOJONE, 2003, p.45)

Concordamos, pois, com Biojone (2003, p.47), que os periódicos científicos podem auxiliar na análise da evolução da ciência e da evolução das prioridades das políticas científicas.

Também compartilhamos da visão de Pino (2004, p.39), ao afirmar que “a importância da revista científica varia em função da posição que ela ocupa no cenário da produção científica na respectiva área de conhecimento”. De acordo com a autora, “quanto mais proximidade ela mantém com as principais correntes da produção científica, maior visibilidade e impacto ela terá na área de conhecimento”. Em contrapartida, “quanto mais ficar à margem, mais ela cai em campo heterogêneo, com variedades de problemas e situações”. Desse modo, conclui que “revistas que não dão prestígio, reconhecimento ou crédito aos autores e ao conhecimento que veiculam, sem difundi-lo, não têm visibilidade social ou impacto, não conseguem manter um espaço para o debate (...) e não se afirmam como os canais por excelência de comunicação da ciência”.

Desta perspectiva, os resultados da pesquisa com relação ao perfil dos periódicos científicos que publicam artigos no campo da “História da Educação” apontaram que estes refletem a produção científica da área e a análise de suas características pode contribuir para a evolução deste campo de conhecimento.

5.1.3.2 Os livros e capítulos de livros

Os livros e capítulos em “História da Educação” publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa totalizaram 336 itens, dos quais 86 são livros¹⁰ e 250 capítulos de livros. Os Anexos 2 e 3 trazem a relação completa desta produção científica. A distribuição anual desta produção pode ser observada na Tabela 23.

¹⁰ As co-autorias dentro do mesmo grupo já haviam sido eliminadas na contagem total de 96 títulos. Destes 96 livros foram excluídos 10 títulos por se tratarem de publicações em co-autoria entre membros de grupos diferentes.

Tabela 23 – Distribuição anual de livros e capítulos

	1993	1994	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Livros	-	-	1	1	4	7	7	6	10	8	10	24	8
Capítulos	1	1	2	9	2	10	14	19	26	16	30	66	54
Total	1	1	3	10	6	17	21	25	36	24	40	90	62
	336												

Na Tabela 23 verifica-se que a distribuição anual dos livros e capítulos apresenta dois períodos nitidamente bem demarcados: 1996-2001 e 2002-2006.

Com relação aos livros percebe-se que a produção do segundo período quase dobra com relação ao primeiro período, no qual foram publicados 60 livros (69,8%) representando um crescimento de 43,3% no número de publicações com relação ao período anterior, que contou com 26 (30,2%) livros publicados.

Por sua vez, quando observamos a distribuição anual dos capítulos de livros, os dados obtidos permitem observar que no período 1993-1999, quando foram publicados 25 (10%) capítulos de livros, houve um crescimento discreto. Em contrapartida, há um crescimento acentuado no período posterior de 2000-2006, quando foram publicados 225 capítulos de livros, ou seja, 90% do total.

Uma possível explicação para esta distribuição pode ser buscada na sistemática de avaliação da produção científica dos docentes vinculados à pós-graduação realizada pela CAPES. Se considerarmos que esta avaliação é trienal, podemos analisar os resultados da pesquisa no contexto dos três últimos triênios (1998-2000 e 2001-2003; 2004-2006) de avaliação.

Neste caso, a Tabela 23 permite verificar que a pressão por publicação no primeiro ano do triênio foi menor que a pressão nos dois anos posteriores nos quais se nota um crescimento no número de publicações. No estudo de Silva (2004, p.99), ao analisar a produção científica docente de um Programa de Pós-Graduação da UFSCar, a

autora menciona que a pressão por avaliação tem efeito sobre o comportamento de publicar dos autores.

Uhle (2002, p.21), ao refletir sobre a produção científica na área de Educação, também observa que “a política nacional para a ciência e tecnologia e para as universidades pode ser o principal fator capaz de fazer explodir a produção e coletâneas de textos na área de Educação”.

Ao investigar com mais detalhes as características da produção científica em “História da Educação”, foi possível verificar alguns aspectos referentes às editoras que publicaram os livros e capítulos de livros.

Inicialmente identificou-se que 40 editoras foram responsáveis pela publicação dos 86 livros enquanto que 75 editoras publicaram os 250 capítulos de livros.

Descontadas as duplicações entre as editoras que publicaram estes diferentes itens foram encontradas 92 entidades – editoras e instituições - responsáveis pelas publicações.

Segundo a lista Qualis/Editoras em Educação, as editoras foram classificadas em três níveis, não havendo distinção entre nacionais e internacionais para efeitos de classificação. Assim com base nestes três níveis foram consideradas:

“Editoras A”, aquelas de “grande e médio porte que publicam regularmente livros na área de educação e estão presentes nos principais fóruns e congressos da área, assim como editoras universitárias de mesmo porte que publicam, entre outras, na área de educação e que pertencem a Universidades que possuem vários Programas de Pós-Graduação.” “Editoras B”, as de menor porte que publicam regularmente na área de educação, editoras consolidadas que não se dedicam especificamente à área de educação e editoras de menor porte de Universidades que possuem poucos Programas de Pós-Graduação. Nesta categoria também foram classificadas publicações de caráter eminentemente científico, de órgãos públicos federais (MEC, INEP, por exemplo). “Editoras C”, as editoras comerciais que não se enquadram nos critérios anteriores e editoras de Universidades

de menor porte sem Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*. Foram incluídas nesta classificação obras de cunho eminentemente científico publicadas por órgãos estaduais e municipais de grande porte, como Secretarias Estaduais e Municipais de Educação. “Impróprias” – gráficas, páginas na internet sem referee, editoras que publicam sob demanda. (CAPES, 2006)

Aplicando estes critérios Qualis/Editoras, verificamos que das 92 editoras, 26 seriam classificadas com “A”, 23 com a classificação “B” e 43 como “C”.

O perfil destas editoras pode ser visualizado na Tabela 24 que apresenta a distribuição dos livros e capítulos por editora e segundo o sistema de classificação de editoras Qualis/CAPES.

Tabela 24 – Editoras dos livros e capítulos

Editoras	Qualis	Livros	Capítulos	Total
1. Autores Associados	A	17	40	57
2. Autêntica	A	8	19	27
3. DP&A	C	3	14	17
4. INEP	B	3	13	16
5. Seiva	C	8	8	16
6. Vozes	A	3	12	15
7. Unicamp	A		12	12
8. Mercado de Letras	C		11	11
9. EDUSF	B	4	6	10
10. EDUFMT	B	5	5	10
11. FGV	C		8	8
12. Cortez	A		7	7
13. Ravil	C		5	5
14. Edip curs	A	2	3	5
15. EDUFC	A		4	4
16. FUMEC	C		4	4
17. Bárbara Bela	C		3	3
18. EDUEM	B		3	3
19. UFMG	A		3	3
20. 7 Letras	C		2	2
21. Campo das Letras	C		2	2
22. CEALE	C		2	2
23. CL Edições	C		2	2
24. Coop. Ed. Magistério	C		2	2
25. EDUCG	B		2	2
26. EDUFF	A		2	2
27. EDUFMG	A		2	2
28. EdUFPEL	B		2	2
29. EDUFRN	A		2	2
30. EDUFS	C		2	2
31. EDUPF	B		2	2

32. Plano	B		2	2
33. Rima	C		2	2
34. EDUERJ	A	2		2
35. UFS	C	2		2
29 editoras que publicaram apenas 1 livro (*)	-	29		29
42 editoras que publicaram apenas 1 capítulo (**)	-		42	42
Total		86	250	336

(*) Associação Granberyense (C); Catavento (C); CED/UFSC; Colibri (B); Cortez (A); Ed. Demócrito Rocha (C); Ed. Ijuí (A); Ed.UFPB (A); Ed.UNEB (B); Ed.UCG (B); EDUEM (B); EDUFES (B); EDUFRN (A); Ed.UNEB; Ed.UNICAMP (A); EDUPF; FGV; FUMEC; Iglu; IMESP (C); Mandruvá (C); Pioneira (B); Pulsar; Quartet(B); Ravil; Rima (C); UFC (A); UFRJ (A); Unesp (A); UFS (C). (**)Argos (C); Bagaço (C); Calambur (C); CEDIM (C); Colibri (B); Contexto (B); CUF (C); Cultura (C); Ed. Afrontamento (A); Ed. Fabert (C); Ed. Mackenzie(C); EDIBRAS(C); EDPUCRJ(A); Educa(B); Educat(C); EDUFPA (B); EDUFRGS (A); EDUFSCar (A); EDULBRA(B); EDUNAMA(C); EDUNEB (B); EDUNICAMP (A); EDUNIFRAN (B); EDUSP (A); Egil (C); Escrituras (C); Formato (C); HG (C); Horta Grande (C); Humanitas (B); Ícone (C); Libreria Ateneo Salesiano (C); Loyola(A); Mulheres (B); Pallotti (C); Papel Virtual (C); UCG (B); UFS (SC); UNIJUI (A); Universidad Central de Venezuela (C); Xamã(B); Zamora (C)

Os dados da Tabela 24 mostram que de acordo com o sistema de classificação Qualis/CAPES de livros e capítulos¹¹, dentre as 35 editoras que mais publicaram estes tipos de produção científica no campo “História da Educação”, 12 receberam classificação A, 8 foram classificadas como nível B e 15 como nível C.

Considerando estes critérios e frente aos dados expostos na Tabela 24, verificamos que no campo “História da Educação” duas editoras se destacam como sendo as que mais publicaram livros e capítulos de livros: a editora *Autores Associados*, de Campinas-SP e a *Autêntica Editora*, de Belo Horizonte, ambas responsáveis por 25% (85 livros e capítulos) da produção total e classificadas como “A” Qualis/CAPES/Editoras. Tais resultados apontam para a necessidade de conhecer melhor o perfil destas editoras.

Verificou-se no site da *Autores Associados* que sua atuação no mercado editorial data de 1979, caracterizando-se como “uma editora educativa a serviço da cultura brasileira”, conforme seu *slogan*. Do seu histórico vê-se que “o nome é uma referência

¹¹ Conforme explicitado no documento CAPES para a área de (CAPES, 2007) a Comissão que elaborou a classificação dos periódicos também avaliou os eventos e livros publicados, produzindo o Qualis/Eventos e Qualis/Livros e capítulos da área de Educação.

ao fato de que se trata de uma Editora comprometida com Autores, sua valorização e sua capacidade de influir na condução dos destinos do país através do livro”, sendo que

(...) o grupo que criou a Editora (...) estava integrado por Antonio Joaquim Severino, Casemiro dos Reis Filho, Dermeval Saviani, Gilberta S. de Martino Jannuzzi, Joel Martins, Maurício Tragtenberg, Moacir Gadotti, Miguel de La Puente, Milton de Miranda e Walter E. Garcia.”. Como se vê, os nomes listados são todos de destacados pesquisadores atuantes no campo da Educação brasileira. Para a *Autores Associados*, seus títulos e coleções editadas são “conhecidos da maioria dos educadores brasileiros”. (AUTORES ASSOCIADOS, 2007)

Por sua vez, o site da *Autêntica Editora* informa que quando foi inaugurada, em 1997, buscou nas “universidades seu público-alvo e, aos poucos, foi ampliando seu catálogo e disponibilizando ao mercado várias coleções bem-sucedidas, além da publicação mensal de títulos avulsos das áreas de Ciências Humanas, principalmente História e Educação”. Tratam-se, portanto, de duas editoras que embora possam ser caracterizadas como “comerciais”, mantêm uma forte proximidade com o ambiente científico e acadêmico da área de Educação, condição que talvez crie mais oportunidades para que os autores do campo da “História da Educação” escolham publicar seus livros e capítulos de livros por intermédio dessas editoras.

De acordo com Sacardo (2005, p.91) e Dias (2006, p.62), as editoras podem ser *comerciais* – aquelas que visam lucro e que podem ou não ser especializadas em publicações científicas; *institucionais* – dedicadas a edição de livros e periódicos científicos e ligadas a Universidades ou a associações e sociedades científicas. Neste último caso incluem-se as editoras universitárias. Dias (2006, p.64) ainda menciona outros tipos de editoras que se interessam por editar publicações científicas, ligadas a

órgãos governamentais, empresas do setor produtivo, organizações não-governamentais e institutos de pesquisa.

Deste ponto de vista e para o que nos interessa na presente análise, ao aplicarmos os critérios de classificação de Dias (2006) e Sacardo (2005) e da Qualis/CAPES, verifica-se ainda na Tabela 25 que há um equilíbrio na distribuição das publicações entre estes dois tipos de editoras, uma vez que as editoras categorizadas como “comerciais” foram responsáveis por 51,5% (173) de livros e capítulos enquanto que as “institucionais” responderam por 163, ou seja, 48,5%.

Ao analisar os dados relativos às publicações do tipo livros e capítulos de livros verificou-se a mesma situação com relação à autoria e co-autoria dos artigos científicos, ou seja, há uma predominância da autoria individual sobre a co-autoria, como aponta a Tabela 25.

Tabela 25 – Caracterização da autoria dos artigos, livros e capítulos

Autoria	Artigos	Livros	Capítulos
Individual	112	40	163
Co-autoria	94	46	87
	206	86	250

Podemos verificar na Tabela 25 que 58,1% do total da produção científica no campo “História da Educação” é de autoria individual, enquanto que 41,9% são publicações co-autoradas, sendo que o maior índice de co-autorias encontra-se nos livros (53,5%). Por sua vez, os capítulos de livros representam 65,2% das autorias individuais contra 54,3% dos artigos. Os resultados da pesquisa apontam uma semelhança ao que é apontado na literatura sobre avaliação da produção científica, que afirma haver um predomínio na área de Ciências Humanas e Sociais das publicações de autoria individuais, sendo observado um baixo nível de co-autorias. Conforme assinala

Silva (2004), a prevalência da individualidade na autoria nesta área acontece devido ao fato de que nessa área “é preciso muito esforço para atingir concordância em várias decisões, tornando o processo muito difícil e o conflito iminente”.

Deste ponto de vista, a colaboração deixa de ser uma vantagem para o cientista. Ademais, como assinala Velho (1997a), o produto final da área de Ciências Humanas e Sociais tem um caráter ensaístico e individual, dificultando a concordância quanto ao conteúdo e no estilo. Infere-se destas argumentações que a colaboração não só é mais difícil em áreas nas quais os cientistas partilham o mesmo paradigma, mas também naquelas mais codificadas e literárias.

Por sua vez, com relação aos 336 itens livros e capítulos de livros publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa, os resultados obtidos permitiram observar que há determinadas obras organizadas sob a forma de coletâneas que canalizam e concentra grande parte da publicação dos capítulos de livros produzida pelos líderes dos grupos de pesquisa analisados.

Entre estas coletâneas destacam-se 21 que publicaram mais do que dois e até doze capítulos cada, totalizando 112 capítulos, ou seja, 33,3% do total (336) deste tipo de produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa em “História da Educação” conforme apontam os dados da Tabela 26, apresentada a seguir.

Tabela 26 – Coletâneas organizadas com mais de dois capítulos

Obras	Organizador(es)	Capítulos
1. Pesquisa em história da educação no Brasil	Gondra (2005)	12
2. Histórias e Memórias da Educação	Stephanou & Bastos (2005)	12
3. Navegando na História da Educação Brasileira.	Lombardi, Saviani & Nascimento (2006)	11
4. Dicionário de Educadores no Brasil	Fávero & Britto (2002)	10
5. História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX).	Frade & Maciel (2006)	8

6. Manifesto dos pioneiros da educação. um legado educacional em debate	Xavier (2004)	6
7. Grupos escolares, cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971).	Vidal (2006)	6
8. Por que não lemos Anísio Teixeira? Uma tradição esquecida	Mendonça & Bandão (1997)	5
9. Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa	Araújo & Gatti (2002)	5
10. Anísio Teixeira na Direção do INEP	Araújo & Brzezinski (2006)	5
11. 500 Anos de Educação no Brasil	Lopes, Faria F ^o & Veiga (2002).	5
12. Pensadores sociais e história da educação	Faria F ^o . (2005)	4
13. Personagens, estratégias e saberes na construção da escola brasileira	Rocha (2006)	3
14. Pensamento educacional brasileiro	Britto et al (2005)	3
15. Instantes e Memórias da História da Educação	Sá, Siqueira & Reis (2006)	3
16. História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações	Gatti Jr.; Inácio F ^o . (2005)	3
17. História da Educação em Minas Gerais	Lopes, Gonçalves, Faria F ^o . & Xavier (2002)	3
18. Fontes, história e historiografia da educação	Lombardi & Nascimento (2004)	3
19. Espaços e tempos da educação: ensaios.	Leahy-Dios (2004)	3
20. Educação, memória, historia. possibilidades, leituras	Menezes (2004)	3
21. Anísio Teixeira e o ensino superior.	Porto Jr. (2001)	3
Total		112

Os dados da Tabela 26 evidenciam que a maioria destas coletâneas foi publicada no período 2004-2006, e se cotejarmos seus organizadores com os líderes dos grupos de pesquisa que mais publicaram (conforme Tabela 20), não será surpresa verificar que são também os mesmos, repetindo-se aqui a mesma situação com relação aos periódicos científicos.

Frente aos resultados, é válido o argumento de Uhle (2002, p.21) que credita à “política nacional para ciência e tecnologia e para as universidades” como “podendo ser

o principal fator capaz de fazer explodir a produção de artigos e coletâneas de textos na área de Educação”?

Ou ainda, seria demais repetir as mesmas perguntas elaboradas por Faria Filho (2002, p.32)

(...) que educação estamos dando a ver para nossos pares e demais interlocutores, e, portanto, que educação estamos construindo? Quais os temas prioritários? Quais temas não aparecem? Que políticas temos adotado para dar visibilidade àqueles temas importantes para a prática educativa, mas que continuam à “sombra” no mercado editorial? Que relações temos vislumbrado entre políticas editoriais e as políticas educacionais?

Se estas tão candentes questões fossem consideradas pelos organizadores das referidas coletâneas apontadas na Tabela 26, talvez este cenário da produção científica em “História da Educação” fosse diferente. No entanto, como o próprio Faria Filho (2002, p.32) argumenta, “nossos periódicos não apenas refletem a nossa área: eles a constituem”. Sem dúvida, poderíamos acrescentar: os capítulos de livros e as coletâneas também! Somos, no entanto, levados a concordar com Faria Filho (2002, p.33) que esse “é um retrato impressionista e pessimista de nossa realidade” e que ele reflete “em grande parte, a realidade vivida por boa parte de nós”. Ou, como diz o autor, de outra forma,

(...) porque nossas propostas editoriais não estão claras, explícitas, os autores tendem a ter, com nossas revistas, uma relação de baixo nível de comprometimento acadêmico. A baixa qualidade de parte significativa dos textos que recebemos não refletiria, também, a forma como a área enxerga, e reflete sobre si mesma?

5.1.4 As temáticas da produção científica

Finalmente, um último aspecto da produção científica dos líderes diz respeito às temáticas abordadas nos artigos, livros e capítulos, sendo que neste caso adotou-se a mesma categorização utilizada para identificar as temáticas das linhas de pesquisa - já exposta no Capítulo 4 desta tese. Os resultados obtidos podem ser visualizados na Tabela 27, a seguir.

Tabela 27 – Categorização das temáticas dos artigos, livros e capítulos

Categorias	Artigos	Capítulos	Livros	Total
1. Intelectuais, Pensamento Social e Educação	42	72	12	126
2. Arquivos, fontes, historiografia	35	60	27	122
3. História regional da Educação	50	39	15	104
4. Cultura e Práticas Escolares	27	23	14	64
5. História da Educação e suas periodizações	23	9	6	38
6. Processos e Práticas Educativas	7	11	1	19
7. Profissão Docente	7	9	3	19
8. Estado e Políticas Educacionais	6	10	2	18
9. História Comparada da Educação	3	5	2	10
10. Gênero e Etnia na História da Educação Brasileira	3	4	1	8
11. Instituições Escolares	1	3	3	7
12. Ensino da História da Educação	2	4	0	6
13. Movimentos Sociais na Educação Brasileira	0	1	0	1
Total	206	250	86	542

Os dados da Tabela 27 apontam que 3 temáticas geraram a maior quantidade de artigos, livros e capítulos: “Intelectuais, pensamento social e educação”, com 23,2% do total, seguida por “Arquivos, fontes e historiografia” (22,5%) e “História Regional da Educação” que comparece com 19,2%. Estas três temáticas juntas somam cerca de 65% do total da produção científica dos líderes.

Com relação à temática “Intelectuais, pensamento social e educação” foi constatado que a maioria dos artigos, livros e capítulos analisa o legado e as contribuições de intelectuais brasileiros que tiveram destaque por sua atuação no campo educacional, sendo que o mais citado é Anísio Teixeira, seguido por Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Sílvio Romero, Rui Barbosa, Casemiro dos Reis Filho, Durmeval Trigueiro Mendes, entre outros. Além disso, vários capítulos de livros que focalizaram destacados educadores do país foram publicados sob a forma de “verbete” no “Dicionário dos Educadores Brasileiros”, obra que recebeu grande quantidade de colaborações dos líderes dos grupos de pesquisa cuja produção científica é analisada nesta tese. Além dos intelectuais, a Escola Nova e o Manifesto dos Pioneiros também são temas bastante estudados, assim como o pensamento social em Educação abordado sob a ótica do liberalismo, do pragmatismo e do marxismo bem como as políticas educacionais e o papel do INEP na modernização do ensino no Brasil.

Por sua vez, os artigos, livros e capítulos que enfocaram a temática “Arquivos, fontes e historiografia” abordam as fontes da História da Educação e seus diferentes suportes - livros, manuais, cartilhas, documentos impressos e manuscritos, imagens -, bem como os espaços de preservação e conservação memória histórica da Educação, como museus, centros de documentação, arquivos e bibliotecas. A historiografia da Educação também é abordada com foco em questões como: correntes historiográficas, o campo da História da Educação e a pesquisa em Educação. Além destes, também são enfocadas trajetórias históricas de grupos de pesquisa, associações, entidades e eventos ligados ao campo educacional, como a ANPED, o HISTEDBR, GT Educação Brasileira e Paranaense, I Congresso Brasileiro de História da Educação, entre outros.

Com relação à temática “História Regional da Educação” que originou 104 artigos, livros e capítulos elaborados pelos líderes dos grupos de pesquisa, o foco destes trabalhos recai sobre as instituições escolares (jardins da infância, grupos, escolas normais), os professores e suas práticas pedagógicas (didática), os materiais de ensino (cartilhas escolares) e a arquitetura escolar. Estes objetos de estudo da História da Educação são enfocados com base em uma abordagem da história regional na qual se incluem estudos sobre as regiões nordeste, sul, centro-oeste, Triângulo Mineiro, Alto Parnaíba; sobre os estados do Rio Grande do Sul, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso, Sergipe, Pernambuco, São Paulo; de municípios como Uberlândia-MG, Ituiutaba-MG, Belo Horizonte-MG, Juiz de Fora-MG, Uberabinha-MG, Uberaba-MG, Aracaju-SE, São Cristóvão-SE, Pelotas-RS, Vitória da Conquista-BA, Santa Maria-RS. Há evidências empíricas de que a História da Educação em Minas Gerais é a mais estudada, seguida da História da Educação no Rio Grande do Sul, fazendo supor que haja certa saturação nos artigos, livros e capítulos com estas temáticas.

Estes resultados estão de acordo com aqueles encontrados por Bittar (2006), que ao investigar os trabalhos apresentados em três eventos principais da área de “História de Educação” constatou que as temáticas mais recorrentes foram respectivamente: a) na ANPED – “Escola Nova, gênero, infância, profissão docente, memória, discursos, imagens e leitura, sendo que o período pós-1985 não foi focado nem como recorte cronológico ou como processo social decorrente da ditadura” (p.14); b) na SBHE – a maioria dos trabalhos incidiu sobre o período da República; c) HISTEDBR – gestão escolar, concepções de currículo, proposta educacional de sindicato docente, prática de ensino e estágio supervisionado, PCNs, educação superior nos projetos de LDB, o

público e o privado na reforma educacional nos anos 1990, memória da educação, ótica pós-moderna na historiografia educacional, entre outros.

Frente a estes resultados as conclusões de Bittar (2006, p.17), em linhas gerais, são as de que há uma maior “incidência de objetos sobre o presente do que os temas com perspectiva histórica mais recuada e definida”; “que a Escola Nova e aspectos a ela relacionados constituem a maioria das pesquisas realizadas em História da Educação” e que o período mais investigado “concentra-se na primeira metade do século XX”.

Os dados da Tabela 27 também permitem observar que apesar da produção científica em “História da Educação” estar concentrada em torno de três temáticas majoritárias (65% do total dos temas abordados), há outras pouco abordadas que podem significar um possível nicho para novas pesquisas e estudos, ou talvez conduza a supor que a baixa incidência destes temas estaria relacionada a modismos ou esgotamento e abandono do tema por razões outras.

De qualquer modo, concordamos com Bittar (2006), que em suas análises sobre o campo da História da Educação no Brasil pós-1985, recorre a Ciro Flamarion Cardoso para explicar que “determinados assuntos simplesmente da pesquisa sem que tivéssemos chegado a alguma conclusão sobre eles” (p.14). Além disto, a autora também traz para este contexto a visão de Bourdieu (1983) sobre os conflitos que permeiam o “campo” e chama a atenção para o fato de que “a redundância observada nos domínios mais consagrados é o preço do silêncio que paira sobre outros objetos”.

Ao finalizar este capítulo se faz necessário sintetizar os principais resultados obtidos com relação à produção científica no campo da “História da Educação”. Assim, foi possível observar que:

1) os 68 líderes dos grupos de pesquisa foram responsáveis pela publicação de 206 artigos científicos, 96 livros e 250 capítulos de livros, totalizando 552 itens de produções bibliográficas.

2) esta produção científica está distribuída no período 1990-2006, sendo que os artigos começam a ser publicados a partir de 1990, os capítulos de livros em 1993 e os livros em 1996.

3) na produção bibliográfica há uma preponderância nos itens “livros e capítulos de livros” que somam 346 (63,1%) do total, enquanto que os “artigos” representam 37,3% da produção científica em “História da Educação” publicada pelos líderes dos grupos de pesquisa. No entanto, se consideramos apenas os 206 (37,3%) artigos científicos e 250 (45,6%) capítulos de livros os dados parecem sugerir que há pouca desigualdade nesta distribuição.

4) a produção científica dos líderes com bolsa produtividade em pesquisa do CNPq apresenta um escore mais alto em relação aos outros líderes, uma vez que entre os 10 primeiros, 8 estão nesta situação.

5) líderes que não estão vinculados a programas de pós-graduação – 15 (20,5% do total) apresentaram um escore mais baixo na produção científica em relação aos 58 (79,5%) vinculados a programas de pós-graduação.

6) o total da produção científica destes líderes não-vinculados à pós-graduação é de 34 itens, representando apenas 3,5% da produção científica total.

7) total de publicações sem duplicação dos líderes dos grupos de pesquisa é de 552, dos quais 37,3% são artigos, 17,4% livros e 45,9% capítulos de livros. Em relação ao total inicial da produção científica (2.374) a produção científica com duplicação (951 itens) e sem duplicação (552) pertinentes ao campo da História da Educação sofreu uma

redução, passando de 40,1% para 23,2% em relação ao total da produção científica identificada entre os 73 líderes.

8) há uma alta concentração das publicações sob a responsabilidade de apenas 10 grupos, que juntos são responsáveis por 61,9% (342) da produção científica total identificada como pertinente ao campo da História da Educação, enquanto que os outros 38,1%, (210) são de responsabilidade de 36 grupos de pesquisa.

9) na década de 1990 foram produzidos 26,2% (54) do total de artigos enquanto que nos anos de 2001 a 2006 há uma concentração nesta produção, com 161 (73,8%) de artigos publicados.

10) entre os 64 periódicos indexados selecionados pelos líderes para divulgar a sua produção científica, 61 estão indexados na base Qualis/CAPES na área de Educação e apenas 3 estão classificados em outras áreas de conhecimento.

11) 59,4% (38) dos periódicos que veiculam a produção científica no campo da “História da Educação” estão classificados como Qualis/Nacional A, B e C, os quais somados aos 20,3% dos periódicos indexados nas categorias internacional atingem o percentual de 66,6%, enquanto que os periódicos classificados como local representa 20,3% do total.

12) 64,7% do total de artigos foram divulgados em publicações sob responsabilidade de Programas de Pós-Graduação em Educação ou de Centros e Departamentos acadêmicos da área de Educação, instituições de ensino superior e institutos ou centros de pesquisa.

13) é tímida a inserção internacional da produção científica produzida na área de “História da Educação”, uma vez que entre os 12 periódicos categorizados como

internacionais apenas 7 são publicados fora do país, sendo que em 4 deles o artigo foi escrito em língua portuguesa.

14) dos 82 periódicos que publicaram artigos no campo da “História da Educação”, 28 deles publicaram mais de um artigo, totalizando 140 produções no campo da “História da Educação”.

15) os quatro periódicos que mais publicaram artigos no campo “História da Educação” estão vinculados a associações, sociedades científicas e grupos de pesquisa da área.

16) a maioria dos autores que mais publicaram artigos nestes 4 periódicos são aqueles que se encontram na liderança dos grupos com mais produção científica no campo “História da Educação”.

17) 27 líderes (descontadas as co-autorias) são os autores dos 50 artigos e que alguns destes publicaram trabalhos em mais de uma das três revistas que mais publicaram artigos no campo da “História da Educação”.

18) há um estreito vínculo entre autores, co-autores, títulos de periódicos e entidades que editam estes veículos de disseminação do conhecimento científico no campo “História da Educação”.

19) a produção de livros quase dobra com relação ao primeiro período, de 2002-2006, no qual foram publicados 60 livros (69,8%), representando um crescimento de 43,3% no número de publicações com relação ao período anterior, de 1996-2001.

20) 40 editoras foram responsáveis pela publicação dos 86 livros enquanto que 75 editoras publicaram os 250 capítulos de livros. Descontadas as duplicações, foram encontradas 92 editoras e instituições responsáveis pelas publicações científicas no campo da “História da Educação”.

21) dentre as 35 editoras que mais publicaram livros e capítulos no campo “História da Educação”, 12 receberam classificação A no Qualis/CAPES, 8 foram classificadas como nível B e 15 como nível C.

22) duas editoras se destacaram como sendo as que mais publicaram livros e capítulos de livros: a *Autores Associados* e a *Autêntica Editora*, responsáveis por 25% livros e capítulos classificados como “A” Qualis/CAPES/Editoras.

23) há um equilíbrio na distribuição das publicações entre as editoras categorizadas como “comerciais” que foram responsáveis por 51,5% (173) dos livros e capítulos e as “institucionais” que responderam por 163, ou seja, 48,5%.

24) 58,1% do total da produção científica – artigos, livros e capítulos - no campo “História da Educação” é de autoria individual, enquanto que 41,9% são publicações co-autoradas, sendo que o maior índice de co-autorias encontra-se nos livros (53,5%).

25) entre os 336 itens livros e capítulos de livros publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa há 21 obras organizadas sob a forma de coletâneas, que canalizam e concentram grande parte da publicação dos capítulos de livros produzida pelos líderes dos grupos de pesquisa analisados, as quais foram responsáveis pela publicação de dois até doze capítulos cada, totalizando 112 capítulos, ou seja, 33,3% do total (336) deste tipo de produção científica.

26) as temáticas mais abordadas na produção científica no campo da “História da Educação” são: “Intelectuais, pensamento social e educação”, com 23,2% do total, seguida por “Arquivos, fontes e historiografia” (22,5%) e “História Regional da Educação” (19,2%) totalizando 65% dos artigos, capítulos e livros.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizarmos este trabalho se faz necessário retomar o referencial teórico metodológico que orientou a pesquisa sobre os principais achados referentes à caracterização dos grupos de pesquisa e da produção científica consolidada pelos seus líderes em artigos, livros e capítulos de livros no sentido de refletir a sua contribuição para o campo da “História da Educação”.

Retomamos aqui as considerações de Bourdieu (1983) sobre o fato de que o campo científico é um campo de lutas e disputas entre os pares, onde o que se busca é o crédito científico - trocado em um mercado em que as publicações científicas têm importância fundamental, pois são por meio delas que os resultados das pesquisas – a produção científica consolidada em artigos científicos, livros e capítulos - alcançam seu público e se transformam em créditos que são trocados por outros.

As evidências empíricas da pesquisa realizada – conforme exposto nos capítulos 4 e 5 - nos levam ao entendimento de que a produção científica em História da Educação concentra-se em alguns autores que estabelecem parcerias científicas cujos produtos finais são artigos, livros e capítulos de livros. Ou seja, poderíamos inferir que neste campo há determinados autores e grupos de pesquisa que são hegemônicos na produção do conhecimento da área.

Neste ciclo de produção de conhecimentos certificados – produção e interpretação dos dados, interação e reconhecimento - a principal etapa a ser observada é a do reconhecimento, pois como destacam Callon et al (1993), o autor que publica, e cujos artigos são considerados interessantes por seus pares, aumenta seu capital de credibilidade. Quanto mais é reconhecido, mais fácil será obter financiamentos para sua

pesquisa e atrair pesquisadores e técnicos, dando início a novo ciclo de produção de conhecimentos. Fecha-se aqui o círculo dos conhecimentos certificados e da legitimidade e credibilidade científica de que nos falam Bourdieu (1983), Latour e Woolgar (1997).

Por sua vez os achados da pesquisa também permitem supor que o campo da “História da Educação” recebe uma contribuição relevante dos grupos de pesquisa que atuam nesta área, haja vista a produção científica dos líderes dos grupos de pesquisa – consolidada em artigos científicos, livros e capítulos - compulsados e analisados nesta tese.

Igualmente, também foi demonstrado o relevante papel dos grupos de pesquisa, associações de pesquisadores e sociedades científicas atuantes no campo da “História da Educação” para o impulso da produção científica na área.

A participação dos autores na produção de conhecimentos científicos certificados em “História da Educação”, os temas prioritários, as tendências e lacunas na pesquisa neste campo foram investigados sob o ponto de vista da análise bibliométrica, que tornou possível elaborar indicadores da produção científica dos grupos de pesquisa da área e verificar:

a) que a comunidade científica de pesquisadores que atuam no campo “História da Educação” é bastante pequena – foram identificados 68 pesquisadores e 46 grupos de pesquisa com produção científica na área – frente à realidade da pós-graduação em Educação no Brasil, com 83 Programas instalados e 1.950 docentes credenciados e aos 2.674 grupos de pesquisa em Educação registrados na base censitária de 2004 do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil/CNPq;

b) que apesar de pequena esta comunidade científica se faz presente nos

principais veículos de comunicação científica da área no país, representado pelos periódicos indexados na base Qualis/CAPES, embora a visibilidade científica em periódicos internacionais ainda seja tímida;

c) que a produção científica dos 46 grupos de pesquisa e 68 líderes no campo “História da Educação” publicada no período 1990-2006 é apenas 40,1% da produção científica total destes grupos;

d) que a participação de editoras, sociedades e associações científicas situadas nas regiões sul e sudeste do país é bastante significativa na divulgação do conhecimento científico produzido pelos líderes dos grupos de pesquisa que atuam no campo “História da Educação”;

e) a maior parte da produção científica dos líderes de grupos de pesquisa que atuam no campo “História da Educação” está concentrada nas regiões sul e sudeste, haja vista que os 10 grupos que mais apresentaram produção bibliográfica (62% do total) nesta área pertencem a instituições localizadas nestas regiões;

f) que as co-autorias nas produções científicas estão bastantes presentes na produção científica dos líderes de grupos de pesquisa (41,9% do total) o que indica colaboração científica entre os integrantes dos grupos de pesquisa, embora tenha sido possível verificar alguns casos em que esta colaboração científica se realiza extra-grupo e não internamente ao grupo, como seria de se esperar;

g) que apenas três entre um conjunto de 13 temáticas foram as mais pesquisadas no campo “História da Educação”, consolidada nos artigos, livros e capítulos de livros publicados pelos líderes dos grupos de pesquisa no campo.

h) que os grupos de pesquisa atuantes no campo “História da Educação” necessitam ampliar a sua produção científica para contribuir mais efetivamente com a

consolidação do campo no país.

Cabe ainda ressaltar, como já fizemos em pesquisas anteriores em que a abordagem bibliométrica foi utilizada (HAYASHI, 2004), que os indicadores da produção científica aqui produzidos não substituem os meios tradicionais de avaliação da pesquisa e devem ser empregados com cautela, principalmente quando se trata de grupos heterogêneos de pesquisadores. A apropriação destes indicadores no contexto da avaliação científica deve ser criteriosa, de modo a contemplar a diversidade existente nas áreas de conhecimento.

Finalmente, considerando a abrangência dos resultados obtidos, as limitações enfrentadas no decorrer da pesquisa – entre elas o tempo e o volume de dados a serem trabalhados - e as novas possibilidades que se abrem para a continuidade da pesquisa, considera-se oportuno que no futuro outros aspectos sejam tratados em estudos sobre o campo da “História da Educação no Brasil”. Neste sentido, duas frentes de pesquisa podem e devem ser investigadas com mais profundidade.

A primeira refere-se às redes de colaboração científica que se estabelecem entre os pesquisadores do campo – no interior dos grupos de pesquisa ou entre grupos de pesquisa atuantes na área - e que pode ser estudada sob a perspectiva da análise de redes sociais (ARS), pois a teoria das redes de colaboração científica permite identificar colaboradores (co-autores) e referenciais teóricos (autores citados), de forma a identificar nas publicações científicas as conexões e possíveis influências que se estabelecem entre os pesquisadores.

A segunda perspectiva de trabalhos futuros refere-se ao próprio campo de “Fundamentos da Educação” - no qual se insere a “História da Educação”, e que além desta abrange a Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, a Economia da

Educação, a Psicologia da Educação. Estas se constituem em áreas de interface cujo perfil dos grupos de pesquisa e produção científica podem ser investigadas com base em abordagens bibliométricas e da análise de redes sociais a fim de verificar suas contribuições para a pesquisa em Educação.

Ao finalizar a pesquisa, permanece a expectativa de que o trabalho realizado possa contribuir para a melhor compreensão do campo da “História da Educação” no país.

7. REFERÊNCIAS

- ACKER, Sandra. **Género y educación**: reflexiones sociológicas sobre mujeres, enseñanza y feminismo. Madrid: Narcea, 1995.
- ALVARENGA, Lúcia. Contribuições para os estudos sobre a pesquisa educacional no Brasil: análise bibliométrica de artigos da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (1944-1974). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.81, n.198, p.244-272, maio/ago.2000.
- ALVARENGA, Lúcia. Política editorial e estado: estudo bibliométrico de artigos publicados na revista brasileira de estudos pedagógicos: 1944-1974. **Informação & Sociedade**, v.13, n.1, 2003.
- ALVES-MAZZOTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v.113, p.39-50, jul. 2001.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso de. **Formação de professores no Brasil**: 1990-1998. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, 6)
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Pesquisa em Educação: questões de teoria e método. V **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências**. Bauru-SP, 2005a.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 113, p.51-64, julho 2001.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: questões de teoria e de método. **Educação & Tecnologia**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.29-35, jan.-jul. 2005b.
- ANGELUCCI, Carla Biancha et al. O estado da arte da pesquisa sobre fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, p.51-72, jan./abr. 2004.
- ANPED. Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação. **Dados gerais sobre a Associação e seus associados**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/inicio.htm>>. Acesso em: dez. 2006.
- ARAÚJO, Marta Maria de. A pesquisa na pós-graduação em educação no Brasil de 1970 a 1990. **Revista da Faced**, n.10, p.13-26, 2006.
- ARAÚJO, Marta Maria de. Tempo de balanço: a organização do campo educacional e a produção histórico-educacional brasileira e da região nordeste. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.5, p.9-41, jan.-jun.2003.
- AUTORES Associados. **Sobre nossa editora**. Disponível em: <<http://www.autoresassociados.com.br/>>. Acesso em: fev. de 2007.

AXT, M. O pesquisador frente à avaliação na Pós-Graduação: em pauta novos modos de subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.1, p.69-85, jan. 2004

AZEVEDO, Janete Maria Lins de; AGUIAR, Márcia Ângela. A produção do conhecimento sobre a política educacional no Brasil: um olhar a partir da Anped. **Educação & Sociedade**, v.22, n.77, p.49-70, dez.2001.

BALANCIERI, Renato et al. A análise de redes de colaboração científica sob as novas tecnologias de informação e comunicação: um estudo da Plataforma Lattes. **Ciência da Informação**, Brasília, v.34, n.1, p.64-77, jan.-abr. 2005.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá; PINTO, Regina Pahim. (orgs.) **Avaliação na educação básica: 1990-1998**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001. (Série Estado do Conhecimento, 4)

BASTOS, Maria Helena Camara; BENCOSTTA, Marcus Levy A; CUNHA, Maria Teresa Santos. Uma cartografia da pesquisa em história da educação na região sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1998-2000). **25^a Reunião Anual da Anped**, Caxambu-MG, 29 set.-2 out. 2002. Disponível em <http://www.anped.org/25/encomendados/cartografiadapesquisaemhist.doc>>. Acesso em: fev. 2004.

BIANCHETTI, Lucídio; FÁVERO, Osmar. História e histórias da pós-graduação em educação no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.30, p.3-6, set.-dez. 2005.

BIOJONE, Mariana Rocha. **Os periódicos científicos na comunicação da ciência**. São Paulo: EDUC, 2003.

BITTAR, Marisa. **O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa**. Campinas: HISTEDBR-DEFHE/FE/UNICAMP, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_078.html>. Acesso em: jan. 2007.

BONTEMPI JR., Bruno. “A educação brasileira e a sua periodização”: vestígio de uma identidade disciplinar. **Revista Brasileira de História da Educação**, n.5, p.43-68, jan.-jun. 2003.

BOTELHO, Edmilson José Amarante. O impacto da internet sobre a comunicação científica entre professores de administração. **Revista Múltipla**, Brasília, v.5, n.8, p.100-118, 2000.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Ortiz, Renato. (org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p.122-155.

BOURDIEU, P. Quelques propriétés des champs. In: Bourdieu, P. **Questions de sociologie**. Paris: Minuit, 1984.

BRANDÃO, Zaia. A pesquisa em educação e o impacto do crescimento da pós-graduação no Brasil. **Em Aberto**, Brasília, n.31, p.25-30, ago.set.1986.

BUENO, Belmira Oliveira; AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Marília Pinto de. (orgs.) **Política de publicação científica em educação no Brasil hoje**. São Paulo: FEUSP, 2002.

BUFREM, Leilah et al. Presença temática da educação na comunicação científica indexada em base de dados internacionais. **26^a Reunião Anual da ANPED**, Poços de Caldas, out. 2003. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/leilahsantiagobufrem.rtf>>. Acesso em: fev. 2004.

CALLON, M. et al. **La scientométrie**. Paris: PUF, 1993.

CANDAUI, Vera. A PUC-Rio e a pós-graduação em Educação no Brasil. Disponível em: <<file:///C:/DOCUME~1/ADMINI~1/CONFIG~1/Temp/8701.HTM>>. Acesso em: mar. 2007.

CAPES. Documento de Área/Educação: Relatório anual: avaliação continuada 2006 ano base 2005. Brasília:2006. Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/export/sites/capes/download/avaliacao/DocArea04_06_Educacao_anobase2005.pdf>. Acesso em: jan. 2007.

CAPES. **Estatísticas da pós-graduação**. Disponível em:

<http://servicos.capes.gov.br/projetorelacaocursos/jsp/areaDet.jsp?cd_garea=70000000&grandeArea=CI%20CANCINAS%20HUMANAS>. Acesso em: mar. 2007.

CAPES. **Qualis**: critério de classificação de periódicos, anais, revistas e jornais. Disponível em: <<http://servicos.capes.gov.br/webqualis/>>. Acesso em: jan. 2007.

CARVALHO, Laerte Ramos de. A educação brasileira e sua periodização. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n.2, p.137-152, jul.-dez. 2001.

CARVALHO, Marília Pinto de; BUENO, Belmira Oliveira. **Educação e Pesquisa**, v.30, n.1, p.7-8, jan.-abr. 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; SAVIANI, Dermeval; VIDAL, Diana. **Sociedade Brasileira de História da Educação**: constituição, organização e realizações. São Paulo, 2006. Disponível em:

<http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_historico&titulo=Hist%C3%B3rico>. Acesso em: jan. 2007.

CASTRO, Marta Luz Sisson de; WERLE, Flávia Obino Corrêa. Reconstruindo a produção na área de administração da educação 1982-1994: perspectivas temporal e temática em periódicos nacionais. **Educação** (PUC/RS), Porto Alegre, v.23, n.42, p.95-126, 2000. Disponível em:

<<http://www.gebii.unisinos.br/textos/palchaBD%20AdmEd%20artigo%20revista%20educacao%20E7%E3o%20Marta%20e%20fl%20via.pdf>>. Acesso em: fev. 2004.

CATANI, Afrânio Mendes; CATANI, Denice Bárbara; PEREIRA, Gilson R. De M. As apropriações da obra de Pierre Bourdieu no campo educacional brasileiro, através de periódicos da área. **Revista Brasileira de Educação**, v.17, p.63-85, maio-ago. 2001.

CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985-2000). **Revista Brasileira de Educação**, v.19, p.113-128, jan.-abr.2002.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.7-18, jan.-abr. 2006.

CNPq. Bolsa PQ. Brasília, jul. 2006. Disponível em:
<http://www.cnpq.br/normas/rn_06_016_anexo1.htm>. Acesso em: mar. 2007.

CNPq. Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil. Disponível em:
<<http://dgp.cnpq.br/diretorioc/>>. Acesso em: ago. 2006.

COELHO, Ligia Martha Coimbra da Costa. **Brasil, era Vargas**: produção do conhecimento no campo da História da Educação: a produção do HISTEBR, um estudo preliminar. Disponível em:
<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_056.html>. Acesso em: jan. 2007.

COSTA, M. C. V. Pesquisa em educação: concepções de ciência, paradigma teórico e produção de conhecimentos. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v.90, p.15-20, ago. 1994.

CRESWELL, J. **Qualitative inquiry and research design**: choosing among five traditions. Thousand Oaks: Sage, 1998.

CRESWELL, J. **Research design**: qualitative & quantitative approaches. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994.

CUNHA, Luiz A. Os (des)caminhos da pesquisa na pós-graduação em educação. In: **Seminário sobre a produção científica nos programas de pós-graduação em educação**. Brasília: MEC/CAPES, 1979, p.3-15.

CUNHA, Marcus Vinícius da. A educação no período Kubitschek: os Centros de Pesquisa do INEP. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.83, n.203/204/205, p.127-140, jan.-dez. 2002.

DANTAS, Flávio. Responsabilidade social e pós-graduação no Brasil: idéias para (avali)ação. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v.1, n.2, p.160-172, 2004.

DIAS, Carolina G. de Souza. Periódicos brasileiros de comunicação no Qualis/CAPES. **Verso e Reverso**: Revista de Comunicação, São Leopoldo, v.20, n.45(3), 2006. Disponível em: <<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=9&s=9&a=76>>. Acesso em: mar. 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes. A arbitragem da produção científica: a editoração. In: BUENO, Belmira Oliveira; AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Marília Pinto de. (orgs.). **Política de publicação científica em educação no Brasil hoje**. São Paulo: FEUSP, 2002. p.31-36.

FÁVERO, Maria de Lourdes Albuquerque. O GT de Política de Educação Superior: origens, desenvolvimento e produção. **25ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2002, Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/encomendados/ogt11.doc>. Acesso em fevereiro/2004>. Acesso em: jan. 2007.

FERRARO, Alceu Ravanello. A ANPED, a pós-graduação, a pesquisa e a veiculação da produção intelectual na área de educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v.30, p.47-69, set.-dez. 2005.

FERRAZ, Maria Cristina Comunian; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; HAYASHI, Carlos Roberto Massao. A temática do desenvolvimento sustentável em grupos de pesquisa. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, SC, n.21, p.49-68, 1o. semestre de 2006. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_21/ferraz.pdf>. Acesso em: ago. 2006.

FERREIRA, Julio Romero. O GT educação especial: análise da trajetória da produção apresentada: 1991-2000. **25ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2002. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/25/encomendados/trajetoriaproducaogt15.doc>>. Acesso em: fev. 2004.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, v.23, n.79, p.257-272, ago.2002.

FOUREZ, Gerard. **A construção das ciências**: introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: Editora da UNESP, 1995.

FREITAS, Elizabeth Cassimiro de. Pesquisa em educação no Brasil: temas, teorias e bases institucionais. **Temas em Educação**, João Pessoa-PB, v.1, n.1, p.47-76, 1991. Disponível em: <<http://ceted.ce.ufpb.br/ppge/revista/rev01/pesquisa%2001.pdf>>. Acesso em: fev. 2004.

GAIOFATTO, Nadia. Reforma do Estado e educação no Brasil: perspectivas presentes na produção acadêmica. **25ª Reunião Anual da Anped**, Caxambu, 2002. Disponível em <<http://www.anped.org.br/25/posteres/nadiagaiofattop05.rtf>>. Acesso em: fev. 2004.

GAMBOA, Silvio Sánchez. A dialética na pesquisa em educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.

GAMBOA, Silvio Sánchez. Dinâmicas e conflitos na produção do conhecimento: o caso da pós-graduação em educação da Unicamp. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.8, n.1, p.161-186, dez. 2006.

- GAMBOA, Silvio Sánchez. As condições da produção científica em educação: do modelo de áreas de concentração aos desafios das linhas de pesquisa. **Educação Temática Digital**, Campinas-SP, v.4, n.2, p.78-93, jun.2003.
- GAMBOA, Silvio Sánchez.. **Epistemologia da pesquisa em educação**: estruturas lógicas e tendências metodológicas. 1987. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Campinas, 1987.
- GAMBOA, Silvio Sánchez; SANTOS FILHO, Casemiro. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 1995.
- GARVEY, W. D. **Communication**: the essence of science. Oxford: Pergamon Press, 1979.
- GATTI, B. A Alternativas metodológicas para a pesquisa educacional: conhecimento e realidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.49, p.3-14, fev. 1982.
- GATTI, B. A Formar professores ou pesquisadores no mestrado em educação. **Boletim Anped**, Rio de Janeiro, v.1, p.31-4, jan.-mar. 1987.
- GATTI, B. A. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil: 1978-1981. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.44, p.3-17, fev.1983.
- GATTI, Bernadete A. A pesquisa em educação: pontuando algumas questões metodológicas. **Nas Redes da Educação**: Revista Eletrônica do Laboratório de Tecnologias Educacionais da Faculdade de Educação/Unicamp, Campinas, n.1, out. 2003. Disponível em: <<http://lite.fae.unicamp.br/revista/temas.html>>. Acesso em: ago. 2006.
- GATTI, Bernadete A. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Caderno de Pesquisa**, Rio de Janeiro, n.113, p.65-81, 2001.
- GATTI, B. A. A pesquisa em educação: pontuando algumas questões metodológicas. **Nas Redes da Educação**: revista eletrônica do LITE/FE/Unicamp, Campinas, outubro 2003. Disponível em <<http://www.lite.fae.unicamp.br/revista/gatti.html>>. Acesso em: fev. 2004.
- GATTI, Bernardete A. Pesquisa, educação e pós-modernidade: confrontos e dilemas. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v.35, n.126, p.595-608, set.-dez. 2005.
- GOERGEN, Pedro. A pesquisa educacional no Brasil: dificuldades, avanços e perspectivas. **Em Aberto**, Brasília, v.5, n.31, p.1-18, jul./set.1986.
- GOUVEIA, A Joly. A pesquisa sobre educação no Brasil: de 1970 para cá. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.19, p.75-79, dez.1976.
- GOUVEIA, A Joly. Algumas reflexões sobre a pesquisa educacional no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.60, n.135, p.495-500, out.dez.1974.

GOUVEIA, Aparecida Joly. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.1, p.1-20, jul.1970.

GRZYBOWSKI, C. Formar pesquisadores pesquisando: alguns desafios para a pós-graduação em educação. **Boletim Anped**, Rio de Janeiro, v.1, p.34-38, jan.-mar.1987.

GUIMARÃES, Reinaldo; LOURENÇO, Ricardo; COSAC, Silvana. A pesquisa em epidemiologia no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v.35, n.4, p.321-40, 2001.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa vs. pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2004. (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, n.7). Disponível em: <www.psi-ambiental.net/pdf/07QualQuant.pdf>. Acesso em: mar. 2007.

HADDAD, Sergio. **Educação de jovens e adultos no Brasil: 1986-1998**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, 8)

HAYASHI, Carlos Roberto Massao. **Presença da educação brasileira na base de dados Francis®**: uma abordagem bibliométrica. 2004. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. Avaliação de aspectos formais em quatro periódicos científicos em Educação Especial. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.12, n.3, set.-dez. 2006a, p.1-33.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. Competências informacionais para utilização da análise bibliométrica em Educação e Educação Especial. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.7, n.1, p.9-22, dez. 2005. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=59>>. Acesso em: ago. 2006.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. Indicadores da participação feminina em Ciência e Tecnologia. **Transinformação**, Campinas, v.19, n.1, p.1-26, 2007.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini et al. **Produção científica sobre História da Educação brasileira indexada na base de dados Scielo**. Anais do COLUBHE. Uberlândia, 2006b.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; SILVA, Márcia Regina da. Competências em ciência, tecnologia & inovação: um estudo exploratório no Portal Inovação. **Informação & Informação**, Londrina, v.11, n.2, p.1-21, jul.-dez. 2006. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/informacao/include/getdoc.php?id=504&article=143&mode=pdf>>. Acesso em: fev. 2007.

HENRIQUES, Vera. A identidade do campo educacional: uma tensão entre modernidade e pós-modernidade. Disponível em: <<file:///C:/DOCUME~1/ADMINI~1/CONFIG~1/Temp/5923.HTM>>. Acesso em: mar. 2007.

HENRIQUES, Vera. Autonomização e autonomia: uma complexa relação no campo da pesquisa educacional brasileira. **Revista Intellectus**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, 2004.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. de Marcos Santarrita. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

HORTA, José Silvério Baía; MORAES, Maria Célia Marcondes de. O sistema CAPES de avaliação da pós-graduação: da área de educação à grande área de ciências humanas. **Revista Brasileira de Educação**, n.30, p.95-116, set.-dez. 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (Inep). Publicações do Inep. **Série Estado do Conhecimento**. 8v. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/publicacoes>>. Acesso em: out. 2004.

JORGE, Marcos. **A periodização na História da Educação brasileira: um exame crítico do estado da questão**. 2003. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UNICAMP, Campinas, 2003.

KUENZER, Acácia. A pesquisa em educação no Brasil: algumas considerações. **Em Aberto**, Brasília, v.31, p.19-23, ago.set. 1986.

KUENZER, Acácia Zeneida; MORAES, Maria Célia Marcondes de. Temas e tramas na pós-graduação em Educação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n.93, p.1341-1362, set.-dez. 2005.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas: Editores Associados/HISTEDBR, 2003.

LOMBARDI, José Claudinei. **Navegando na História da Educação Brasileira: Apresentação**. Campinas: Unicamp, 2006b. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/apresentacao_zezo_leia.html>. Acesso em: mar. 2007.

LOMBARDI, José Claudinei. **Pesquisa em educação**, São Paulo: Autores Associados, 1999.

LOMBARDI, José Claudinei. **Registrando trajetórias: Grupo de Estudos e Pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR)”**. Campinas: Unicamp, 2006a. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/apresentacao_arquivos/Artigo_AN_Informacoes_HISTEDBR.htm>. Acesso em: mar. 2007.

LOPES, Maria Margaret; PISCITELLI, Adriana. Revistas científicas e a constituição do campo de estudos de gênero: um olhar desde as “margens”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.esp., p.115-121, set.-dez. 2004.

LUZ, Madel T. Prometeu acorrentado: análise sociológica da categoria produtividade e as condições atuais da vida acadêmica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.39-57, 2005.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MELLO, G. N. Pesquisa em educação: questões teóricas e questões de método. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.49, p.43-44, maio 1984.

MELLO, Guiomar Namó de. A pesquisa educacional no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v.40, p.6-10, fev.1982.

MELO, H. P. de; OLIVEIRA, A. B. de. A produção científica brasileira no feminino. **Cadernos Pagu**, v.27, p.301-331, jul.-dez. 2006.

MENZEL, Hebert. **The flow of information among scientist: problems, opportunities and research questions**. Columbia University: Bureau of Applied Social Research, 1958.

MERTON, R. **La sociologia de la ciencia**. Madrid: Alianza Editorial, 1977.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 1996.

MORAES, Maria Célia Marcondes de. Iluminismo às avessas como contexto da pós-graduação no Brasil. **Educação Unisinos**, v.5, n.9, p.79-101, jul.-dez. 2004.

MOROSINI, Marília Costa. (org.) **Educação superior em periódicos nacionais: 1968-1995**. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001. (Série Estado do Conhecimento, 3)

MOSTAFA, Solange Puntel; MÁXIMO, Luís Fernando. A produção científica da Anped e da Intercom no GT da Educação e Comunicação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.32, n.1, p.96-101, jan.-abr.2003.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.23, n.78, p.15-36, abr. 2002.

NOVICKI, Victor. Abordagens teórico-metodológicas na pesquisa discente em educação ambiental: programas de pós-graduação em educação do Rio de Janeiro (1981-2002). **26^a Reunião Anual da ANPED**, Poços de Caldas, out. 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/26/trabalhos/victordearaujonovicki.rtf>>. Acesso em: fev. 2004.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e ALVES, Nilda. A pesquisa e a criação de conhecimentos na pós-graduação em educação no Brasil: conversas com Maria Célia Moraes e Acácia Kuenzer. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v.27, n.95, p.577-599, maio-ago. 2006.

PAGLIARUSSI, Marcelo S.; FARIA, Leandro I. L. de; GREGOLIN, José A. R. Panorama da educação à distância: uma análise obtida através de técnicas bibliométricas. **VI Congresso de Educação À Distância**, Rio de Janeiro, 1999.

Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead_textos/panorama.htm>. Acesso em: fev. 2004.

PARAISO, Marlucy Alves. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, Rio de Janeiro, v.34, n.122, p.283-303. maio-ago. 2004.

PARREIRA et al. RedeCI: colaboração e produção científica em Ciência da Informação no país. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p.302-317, set.-dez. 2006.

PEREIRA, Gilson R. de M.; ANDRADE, Maria da Conceição de Lima de. A construção da administração da educação na RBAE (1983-1996). **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n.93, p.1391-1411, set.-dez. 2005.

PEREIRA, Júlio Cesar Rodrigues, BALTAR, Valéria Troncoso e MELLO, Débora Luz de. Sistema Nacional de Inovação em Saúde: relações entre áreas da ciência e setores econômicos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v.38, n.1, p.1-8, 2004.

PINO, Ivany. Editoração de revistas científicas no campo da Educação. In: BUENO et al. (orgs.). **Política de publicação científica em educação no Brasil hoje**. São Paulo: FEUSP, 2002. p.37-58.

POBLACION, Dinah Aguiar *et al.* Revistas brasileiras publicadoras de artigos científicos em cirurgia: I - características estruturais e administrativas das revistas. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.17, n.6, p.359-369, 2002.

POBLACION, Dinah Aguiar *et al.* Revistas brasileiras publicadoras de artigos científicos em cirurgia. II - Terminologia e atribuições adotadas pelos editores. Proposta de organograma do periódico e fluxograma do artigo. **Acta Cirúrgica Brasileira**, v.18, n.6, p.497-501, nov.-dez. 2003.

PPGE/UFSCar. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos. **Linhas de pesquisa em Fundamentos da Educação**. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~ppge/ppge.htm>>. Acesso em: ago. 2006.

PRADO, Shirley. D.; SAYD, Jane Dutra. A pesquisa sobre envelhecimento humano no Brasil: grupos e linhas de pesquisa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.9, n.1, p.57-68, 2004.

PRICE, Derek de Solla. **Little science, big science**. New York: Columbia University Press, 1963.

RAMALHO, Betania Leite; MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. A pós-graduação em Educação no Norte e Nordeste: desafios, avanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, n.30, p.70-81, set.-dez.2005.

RAMALHO, Betania Leite. 40 anos da pós-graduação em educação no Brasil: produção do conhecimento, poderes e práticas. **Revista Brasileira de Educação**, v.11, n.31, p.183, jan.-abr. 2006.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **Educação infantil: 1983-1996**. Brasília: MEC / Inep / Comped, 2001. (Série Estado do Conhecimento, 2)

ROCHA, Marisa Lopes da; ROCHA, Décio. Produção de conhecimento, práticas mercantilistas e novos modos de subjetivação. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.1, p.13-36, 2004.

SACARDO, Michele S. **Publicação do conhecimento gerado pelas dissertações e teses em Educação Física e Educação Especial**. São Carlos: UFSCar, 2006. (Dissertação de Mestrado)

SAVIANI, Demerval. **A filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

SAVIANI, Demerval. Navegando na História da Educação Brasileira: apresentação. Campinas: FE/UNICAMP, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/apresentacao_saviani_leia.html. Acesso em: mar. 2007.

SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis. (orgs.). **História e História da educação: o debate teórico metodológico atual**. Campinas: Editores Associados/HISTEDBR, 1998.

SAVIANI, Demerval. A pós-graduação em educação no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas. **Revista Diálogo Educacional**, v.1, n.1, p.1-19, jan.-jun. 2000.

SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência e tecnologia no Brasil: uma nova política para um mundo global**. São Paulo, 1993. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/scipol/novapol.pdf>. Acesso em: jan. 2007.

SCHWARTZMAN, Simon. **Um espaço para a ciência: a formação da comunidade científica no Brasil**. Trad. de Sérgio Bath e Oswaldo Biato. Brasília: MCT, 2001. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/publicac.htm>. Acesso em: jan. 2007.

SEVERINO, Antonio Joaquim. A política de pós-graduação no Brasil: avaliando a avaliação. 26ª. Reunião Anual da ANPED, 2003. Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/26/outrostextos/seantoniojoaquimseverino.doc. Acesso em: mar. 2007

SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JR., João dos Reis. Construindo fontes de dados e uma agenda de pesquisa: o banco de dados Universitas/Br. **Comunicações**, Unimep/FE, Piracicaba, v.9 n.1, p.21-43, 2002.

SILVA, Ademar da; ABRAMOWICZ, Anete; BITTAR, Marisa. Apresentação. In: _____. (orgs.) **Educação e pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos**. São Carlos: RiMa, 2004. p.vii-ix.

SILVA, M. R. **Análise bibliométrica da produção científica docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial / UFSCar: 1998-2003**. 2004. 168 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

SIMÕES, R. H. S. Da avaliação da educação à educação da avaliação: o lugar do(a) educador(a) no processo da avaliação da pós-graduação no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.1, p.124-134, abr. 2004.

SOARES, Magda Becker; Maciel, Francisca. **Alfabetização**. Brasília: MEC / Inep / Comped, 2000. (Série Estado do Conhecimento, 1)

SPÓSITO, Marília Pontes. **Juventude e escolarização: 1980-1998**. Brasília: MEC / Inep / Comped, 2002. (Série Estado do Conhecimento, 7)

STRENZEL, Giandréa Reuss. A produção científica sobre educação infantil no Brasil nos Programas de Pós-Graduação em Educação. **23^a Reunião Anual da Anped**, Caxambu, setembro 2000. Disponível em <http://168.96.200.17/ar/libros/anped/0710T.PDF>>. Acesso em: fev. 2004.

TARGINO, Maria das Graças; CORREIA, Roberta Targino Pinto; CARVALHO, Cristiane Portela de. Quando o amor à ciência ainda basta.... XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, set. 2002. Disponível em: http://repositorio.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/18890/1/2002_NP9targino.pdf>. Acesso em: mar. 2007.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini; MEGID NETO, Jorge. Investigando a pesquisa educacional: um estudo enfocando dissertações e teses sobre o ensino de Biologia no Brasil. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v.11, n.2, ago. 2006. Disponível em: http://www.if.ufrgs.br/public/ensino/vol11/n2/v11_n2_a6.htm>. Acesso em: jan. 2007.

TORO-ZEQUERA, Luz Helena. **História da educação em debate: as tendências teórico-metodológicas nos congressos ibero-americanos (1992-1998)**. Campinas: Unicamp, 2001. (Tese de doutorado em Educação). 2001. 285p.

UHLE, Águeda Bittencourt. Sobre amantes e amadores de edição. In: Bueno et al (orgs.) **Política de publicação científica em educação no Brasil hoje**. São Paulo: FEUSP, 2002. p.9-30.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webliometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e o avanço do conhecimento. **Ciência da Informação**, v. 31, n.2, p.152-162, maio/ago.2002.

VELHO, Lea. A ciência e seu público. **Trans-In-Formação**, Campinas, v.9, n.3, set.-dez. 1997b.

VELHO, Lea. **Notas sobre a pós-graduação em Ciências Sociais e Humanidades: por que e em que diferem das Ciências Naturais?** Brasília: UNESCO, 1997a.

VERMELHO, Sonia Cristina; AREU, Graciela Inês Presas. Estado da arte da área de Educação & Comunicação em periódicos científicos brasileiros. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n.93, p.1413-1434, set.-dez. 2005.

VESSURI, Hebe M. C. La revista científica periférica. el caso de Acta Científica Venezolana". **Interciencia**, v.12, n.3, p.124-34, 1987, may-june 1987.

VIANNA, Cláudia. A produção acadêmica sobre organização docente: ação coletiva e relações de gênero. **Educação & Sociedade**, v.22, n.77, p.100-130, dez. 2001.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo: 1880-1970. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.23, n.45, p.37-70, jan./jul.2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16520.pdf>>. Acesso em: fev. 2004.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Anísio Teixeira e a pesquisa em educação no Brasil: ensaio sobre o processo de formação do campo. **Série-Estudos**, Campo Grande-MS, n.15, p.167-178, jan.-jun. 2003.

VIEIRA, Sofia Lerche. A pesquisa em educação no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n.55, p.81-84, 1985.

XAVIER, Libânia Nacif. **Particularidades de um campo disciplinar em consolidação**: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação (RJ/2000). Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/>>. Acesso em: mar. 2007.

WARDE, Miriam Jorge. Anotações para uma historiografia da educação brasileira. **Em Aberto**, Brasília, v.3, n.23, p.1-6, set.-out.1984.

WARDE, Mirian Jorge. Contribuições da história para a educação. **Em Aberto**, Brasília, v.9, n.47, p.3-11, jul.-set.1990b.

WARDE, Mirian. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.73, p.57-75, maio 1990a.

WEBER, Silke. A produção recente na área de educação. **Cadernos de Pesquisa**, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, v.81, p.22-32, maio 1992.

WITTMANN, Lauro Carlos; GRACINDO, Regina Vinhaes. **Políticas e gestão da educação**: 1991-1997. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001. (Série Estado do Conhecimento, n. 5)

YANNOULAS, S. C.; VALLEJOS, A. L.; LENARDUZZI, Z. V. A Feminismo e academia. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v.81, n.199, p.425-451, set.-dez. 2000.

ZIMAN, J. **An introduction to sciences studies**: the philosophical and social aspects of science and technology. New York: Cambridge Press, 1984.

ANEXO 1

Relação dos Artigos

- ABRAHÃO, M. H. M. B. Educação e destacados educadores rio-grandenses: características universais docentes. Educação (PUC/RS), Porto Alegre, p. 07-26, 2002.
- ABRAHÃO, M. H. M. B. Pesquisa autobiográfica: contribuição para a História da Educação e de educadores no Rio Grande do Sul. Educação, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 139-156, 2005.
- ALMEIDA, Jane Soares de. A educação no Império e a Igreja católica. Cadernos Didáticos Pedagogia, São Bernardo do Campo, v. 1, p. 19-24, 2006.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Ler as letras: a educação das mulheres nos tempos coloniais. Cadernos Didáticos Pedagogia, São Bernardo do Campo, v. 1, p. 25-30, 2006.
- ALMEIDA, Jane Soares de. A educação brasileira e a formação de educadores no Brasil: as mudanças e as continuidades. Cadernos de Educação, São Bernardo do Campo, p. 3-9, 2005.
- ARAUJO, J.C.S.; GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G.; GONÇALVES NETO, W. História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. História da Educação, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 5-28, 1997.
- ARAUJO, J.C.S. A formação do professor em Minas Gerais: das avaliações nos relatórios da Província ao final do Império à imprensa uberlandense nas primeiras décadas do século XX. Contexto, Januária, MG, v. 1, n. 2, p. 60-71, 2003.
- ARAUJO, J.C.S. Delimitações antropológicas sobre a criança na Modernidade ou a multiplicidade de projetos antagônicos. Educação em Questão, Natal, RN, v. 22, n. 8, p. 55-81, 2006.
- ARAUJO, J.C.S. Metamorfoses do pensamento liberal de Rui Barbosa: sua posição sobre Estado e educação. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, PR, v. 5, n. 14, p. 113-124, 2005.
- ARAUJO, J.C.S. O ideário educacional e pedagógico de Montaigne (1533-1592) sobre a criança. Contestado e Educação, Caçador, SC, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2002.
- ARAUJO, J.C.S. O progresso como um norteamento da educação e suas especificidades na imprensa uberlandense entre 1907 e 1910. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, MG, v. 4, p. 83-91, 2006.
- ARAUJO, J.C.S.; GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G.; GONÇALVES NETO, W. Notícia sobre a pesquisa de fontes histórico-educacionais no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 10, n. 19, p. 115-127, 1996.
- ARAUJO, J.C.S.; GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G.; GONÇALVES NETO, W. Educação e Imprensa: análise de jornais de Uberlândia, MG nas primeiras décadas do século XX. Revista de Educação Pública, Cuiabá, MT, v. 6, n. 10, p. 123-163, 1997.
- ARAÚJO, J.C.S.; OLIVEIRA, S. C. Ensino laico e religioso na ótica da imprensa uberabense (1924-1934). Educação e Filosofia, Uberlândia, MG, v. 18, n. esp, p. 213-236, 2004.
- ARAÚJO, M. M. Escolarização e missões jesuíticas na Capitania do Rio Grande (1597 - 1760). Educação em Questão, v. 22, p. 206-231, 2005.
- ARAÚJO, M. M. Quando a história da educação e a história do debate da reconstrução educacional e da experiência do Centro Educacional Carneiro Ribeiro ou Escola Parque da Bahia. Especiaria: Revista da UESC, Ilhéus - BA, v. 3, n. 5, p. 59-82, 2000.
- ARAUJO, J.C.G.; GATTI JÚNIOR, D.; INÁCIO FILHO, G.; GONÇALVES NETO, W. Educação, Imprensa e Sociedade No Triângulo Mineiro: A Revista A Escola (1920-1921). História da Educação, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 59-98, 1998.
- BASTOS, M. H. C A educação elementar e o método Lancaster no Correio Braziliense (1816). História da Educação (ASPHE), Pelotas, v. 9, n. 17, p. 193-222, 2005.

- BASTOS, M. H. C. Reminiscências de um tempo escolar. Memórias do professor Coruja.. Educação em Questão, v. 25, p. 157-189, 2006.
- BASTOS, M. H. C. Amada Pátria Idolatrada: um estudo da obra "Porque me ufano do meu país", de Affonso Celso (1900). Educar em Revista, Curitiba, n. 20, p. 245-260, 2002.
- BASTOS, M. H. C. Do quadro-negro à lousa digital: história de um dispositivo escolar. Cadernos de História da Educação, Uberlândia, v. 1, n. 4, p. 133-142, 2005.
- BASTOS, M. H. C. Esclaves, militaires et libéraux: les chemins de l'enseignement mutuel au Brésil (1808-1854). Paedagogica historica, Grã-Bretanha, v. 41, n. 6, p. 677-697, 2005.
- BASTOS, M. H. C. Leituras da Ilustração Brasileira: Céléstin Hippeau (1803-1883). Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, v. 3, n. 3, p. 67-112, 2002.
- BASTOS, M. H. C. Leituras das famílias brasileiras do século XIX: O Jornal das Famílias (1863-1878). Revista Portuguesa de Educação, Universidade do Minho/Portugal, v. 15, n. 2, p. 169-214, 2002.
- BASTOS, M. H. C. Luzes do futuro: O Congresso da Instrução-Rio de Janeiro (1883-1884) Ícone Educação, Uberlândia, v. 8, n. 1-2, p. 153-182, 2003.
- BASTOS, M. H. C.; BUSNELLO, F. B.; LEMOS, E. A. A disciplina História da Educação no Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul (1942-2002). História da Educação (ASPHE), Pelotas, v. 10, n. 19, p. 181-212, 2006.
- BENCOSTTA, M. L. A. Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos Grupos Escolares de Curitiba (1903-1928). Educar em revista, Curitiba, p. 103-141, 2001.
- BENCOSTTA, M. L. A. Cultura Escolar e História Eclesiástica: Reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919). Cadernos do CEDES, Campinas, v. 1, n. 52, p. 88-103, 2000.
- BENCOSTTA, M. L. A. Mulher virtuosa, quem a achará?: o discurso da Igreja acerca da educação feminina e o IV Congresso Interamericano de Educação Católica (1951). Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, v. 1, n. 2º, p. 117-136, 2001.
- BITTAR, M. História, política e idéias pedagógicas na educação pública de Mato Grosso do Sul. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 18, p. 193-212, 2004.
- BRITO, M. H. O. A Formação de Professores no Pensamento de Anísio Teixeira. Educativa, UCG/EDU, v. 2, n. 8, p. 285-291, 2005.
- CARVALHO, J. M.; SIMOES, R. H. S. Os fundamentos sócio-histórico-filosóficos da Educação: uma questão interdisciplinar?. Reflexão e Ação, v. 3, n. 1, p. 79-85, 1995.
- CARVALHO, M. M. C. A Escola Nova no Brasil: uma perspectiva de estudo. Educação em Questão, Natal, v. 21, n. 7, p. 90-97, 2004.
- CARVALHO, M. M. C. O advento da república e os grupos escolares no Paraná (1900-1920) Revista HISTEDBR. On-Line N.12, Campinas, v. 1, n. 12, p. 01-40, 2003.
- CARVALHO, M. M. C. School and Modernity Representations as Pedagogical Models: a study on their circulation and usages in Brazil (1889-1940). Paedagogica Historica, Gent, v. 41, n. 1-2, p. 259-273, 2005.
- CARVALHO, M. M. C.; MORAES, C. S. V.; ZAIA, I. B. Centro de Memória da Educação (FEUSP): pesquisas e fontes documentais em história da educação. Horizontes, Bragança Paulista, v. 23, p. 60-75, 2005.
- CASIMIRO, A. P. B. S. Cartilhas e Catecismos Usados no Brasil Colonial. Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 8, p. 182-205, 2005.
- CASIMIRO, A. P. B. S. Delineamento metodológico de uma pesquisa científica: educação cristã dos senhores no governo dos escravos. Revista Histedbr On Line, on line, v. 14, p.1-10,

2004.

CASIMIRO, A. P. B. S. Elementos Fundamentais da Pedagogia Jesuítica. Educação em Questão, Natal, v. 20, n. 6, p. 107-129, 2004.

CASIMIRO, A. P. B. S. Quatro Visões do Escravismo Colonial: Jorge Benci, Antônio Vieira, Manuel Bernardes e João Antônio Andreoni. Politeia História e Sociedade, V. da Conquista, v. 1, p. 141-159, 2001.

CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R. O Surgimento da Escola Pública no Planalto da Conquista. Revista Histedbr, On-Line, v. 18, p.1-9, 2005.

CASIMIRO, A. P. B. S.; MAGALHÃES, L. D. R.; CORREIA, P. Museu Pedagógico: O Processo de Catalogação das Fontes Documentais Escolares em Vitória da Conquista. Revista Histedbr On Line on line, v. 14, p.1-7, 2004..

CATANI, D. B.; SOUSA, Cynthia Pereira de; VICENTINI, Paula Perin ; SILVA, Vivian Batista da . O que eu sei de mim: narrativas autobiográficas, história da educação e procedimentos de formação. **Educação & linguagem**, São Paulo, v. 8, n. 11, p. 31-50, 2005.

DANTAS, A. M. L.. A gestão Lourenço Filho no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e a organização da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos: o impresso como dispositivo de assessoria técnica. Educação em Foco, Juíz de Fora, v. 07, n. 02, p. 153-172, 2003.

DIETZSCH, M. J. M. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas, São Paulo-SP, v. 75, n. 15, p. 35-44, 1990

DIETZSCH, M. J. M. Leitura e escrita nas falas e imagens de professoras. Psicologia da Educação, São Paulo, v. 4, p. 9-28, 1997.

FARIA FILHO, L. M.; Rodrigues, J.R.G. A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de Pedagogia em Belo Horizonte. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 159-177, 2003.

FARIA FILHO, L. M. Educação do povo e autoritarismo das elites: instrução pública e cultura política no século XIX. Dimensões: Revista de História da UFES, Vitória/ES, v. 13, p. 75-83, 2001.

FARIA FILHO, L. M. Fontes para a história da educação mineira do século XIX: uma introdução. Revista de Educação Pública, Cuiabá/MT, v. 6, n. 10, p. 163-174, 1997.

FARIA FILHO, L. M. Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação. Revista São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 44-50, 2000.

FARIA FILHO, L. M.; A História da Educação e os desafios das novas fontes: reflexões sobre uma trajetória de pesquisa. História da Educação, v. 1, n. 2, p. 111-126, 1997.

FARIA FILHO, L. M.; Catani, D.B. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia da educação divulgadas no GT História da Educação da ANPED (1985/2000). Revista Brasileira de Educação, São Paulo, v. 19, p. 113-128, 2002.

FARIA FILHO, L. M.; RESENDE, F. M. História da Educação e Estatística escolar. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 80, n. 195, p. 197-211, 1999.

FARIA FILHO, L. M.; RESENDE, F. M. História da política educacional em Minas Gerais no século XIX. Revista Brasileira de História da Educação, São Paulo, n. 2, p. 79-116, 2001.

FARIA FILHO, L. M.; RESENDE, F. M.; ROSA, W. M.; SOUZA, L. C. B. .O jornal e outras fontes para a história para a história da educação em Minas Gerais. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, p. 73-90, 1999.

FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G.; Gouvea, M. C. S. Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação/FaE-UFMG. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 34, p. 207-217, 2001.

FARIA FILHO, L. M.; Vidal, D. G. História da educação no Brasil: a constituição histórica do

- campo (1880-1970). *Revista de Educação, Lisboa/Portugal*, v. XII, n. 1, p. 103-119, 2004.
- FARIA FILHO, L. M.; Vidal, D. G. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História, São Paulo*, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.
- FARIA FILHO, L. M.; Vidal, D. G. História da educação no Brasil: a constituição do campo e sua configuração atual. *Educação em Foco, Juiz de Fora/MG*, v. 7, n. 2, p. 28-47, 2003.
- FARIA FILHO, L. M.; Vidal, D. G. Reescrevendo a história do ensino primário: o centenário da Lei de 1827 e as reformas Francisco Campos e Fernando Azevedo. *Educação e Pesquisa, São Paulo*, v. 28, n. 01, p. 31-50, 2002.
- FARIA FILHO, L. M.; Vidal, D. G.; Gonçalves, I. A.; Paulilo, A.. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa, São Paulo*, v. 30, n. 1, p. 139-160, 2004.
- FAVERO, M. L. A. A Faculdade Nacional de Filosofia: origens, construção e extinção. *Série-Estudos, Campo Grande - MS*, v. 1, n. 16, p. 107-131, 2003.
- FAVERO, M. L. A. Durmeval Trigueiro Mendes e sua contribuição à pós-graduação em educação.. *Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro e Campinas/SP*, p. 36-46, 2005.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M.; O ofício de ensinar: dos preceptores aos professores. *Série-estudos, Campo Grande/MS*, v. 1, n. 14, p. 123-137, 2002.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. . A gênese das instituições escolares no Brasil: os jesuítas e as casas de bê-á-bá no século XVI. *Acervo (Rio de Janeiro)*, v. 18, p. 35-54, 2005.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. A colonização luso-jesuítica e a desconstrução da cultura ameríndia. *Revista Educação e Cidadania*, v. 5, p. 101-112, 2006.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. A pedagogia da escravidão nos Sermões do Padre Antonio Vieira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília*, v. 84, n. 206207208, p. 43-53, 2004.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. Educação jesuítica e crianças negras no Brasil Colonial. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília*, v. 80, n. 196, p. 472-482, 2002.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. Infância, catequese e aculturação no Brasil do Século 16. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília*, v. 81, n. 199, p. 452-463, 2003.
- FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. Jarbas Passarinho, ideologia tecnocrática e ditadura militar. *Revista Histedbr On Line*, v.23, p.1-23, 2006.
- FERREIRA JR., A.; BITTAR, M. O marxismo como referencial teórica nas dissertações de mestrado em educação da UFSCar (1975-1993). *Cadernos CEMARX, Campinas - CEMARX - UNICAMP*, v. 01, n. 1, p. 65-71, 2005.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. Pluralidade lingüística, escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI. *Educação & Sociedade, Campinas*, v. 25, n. 86, p. 171-195, 2004.
- FERREIRA JR., A.; BITTAR, M.. A ditadura militar e a proletarização dos professores *Educação & Sociedade*, v.27, p.61-75, 2006.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M.. Casas de bê-á-bá e evangelização jesuítica no Brasil do século XVI. *Educação em Questão, Natal*, v. 22, n. 8, p. 153-181, 2005.
- FERREIRA JR., A.; SANTOS, K. J. A. Tendências atuais na formação e atuação do orientador educacional. *Plures. Humanidades, Ribeirão Preto*, v. 5, n. 5, p. 45-56, 2004.
- FREITAS, A. G. B. A Revista Renovação e a educação da mulher sergipana. *Cadernos Ufs História da Educação, São Cristóvão/SE*, v. 5, n. 1, p. 51-65, 2003.
- FREITAS, A. G. B. Educando mulheres em Sergipe, na passagem do século XIX, para o século XX. *Revista do Mestrado Em Educação, São Cristóvão - Sergipe*, v. 4, n. 1, p. 45-65, 2002.
- FREITAS, A. G. B. Mulheres sergipanas nas primeiras décadas do século XX: educação e

- inserção social. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 177-198, 2003.
- FREITAS, A. G. B. Trajetórias profissionais de ex-normalistas do Instituto de Educação Rui Barbosa: a construção do exercício docente (Aracaju-SE, 1920-1950) *Cadernos CERU (FFLCH/USP)*, São Paulo, v. 11, p. 101-114, 2000.
- FREITAS, A. G. B.; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilasbôas Carvalho do. Pernambuco, Sergipe, São Paulo: os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina. *Revista Horizontes*, Bragança Paulista/SP, v. 20, n. 12, p. 1-13, 2002.
- GALVÃO, A. M. O. Problematizando fontes em História da Educação.. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 99-118, 1996.
- GALVÃO, A. M. O.. Estudo de práticas educativas a partir da obra de Lins do Rego. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo, n. 102, p. 108-120, 1997.
- GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G. A leitura na escola primária brasileira. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, p. 20-29, 1998.
- GALVÃO, A. M. O. Ler, escrever e aprender gramática para a vida prática: uma história de letramento escolar no século XIX. *Educa - Educação e Cultura Acadêmica*, Recife - PE, 2005.
- GALVÃO, A. M. O. Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova: um legado educacional em debate (Resenha de Livro). *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 9, p. 271-277, 2005.
- GALVÃO, A. M. O.; OLIVEIRA, M. L. B.; BANDEIRA, M. G. A. Levantamento e Catalogação de Fontes Primárias e Secundárias da Educação no Estado da Paraíba. *Temas Em Educação*, João Pessoa, n. 3, p. 85-92, 1993.
- GALVÃO, A. M. O.; SOUZA JUNIOR, M.. História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 391-408, 2005.
- GALVÃO, A. M. O; BATISTA, A. A. G.; KLINKE, K.. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 20, p. 27-47, 2002.
- GASPARELLO, Arlette M. A pedagogia da nação nos livros didáticos de História do Brasil do Colégio Pedro II. *Cadernos de Ensaios e Pesquisas*, Niterói, v. 8, p. 41-50, 2003.
- GONÇALVES NETO, W. História e memória da educação: a organização do sistema escolar em Uberabinha, MG, no final do século XIX. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas, RS, v. 9, n. 17, p. 137-156, 2005.
- GONÇALVES NETO, W. História e memória da educação: a organização do sistema escolar em Uberabinha, MG, no final do século XIX. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas (RS), UFPEL (Prelo), p. 1-15, 2004.
- GONÇALVES NETO, W., CARVALHO, C. H. Tendências e Perspectivas em História Comparada no Campo da Educação. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, MG, v. 4, p. 183-190, 2005.
- GONÇALVES NETO, W.; ARAUJO, J. C. S.; GATTI JR, D. História e memória educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas, v. 1, n. 2, p. 05-28, 1997.
- GONÇALVES NETO, W.; ARAUJO, J. C. S.; INACIO FILHO, G.; CARVALHO, C. H.; GATTI JR, D. Incursões de um grupo de pesquisa pela História da Educação no Triângulo Mineiro. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, FE/UFMG, v. 34, p. 157-165, 2001.
- GONDRA, J. G.. Combater a 'Poética pallidez': a questão da higienização dos corpos. *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 121-161, 2004.
- GONDRA, J. G.; BORGES, A. política e arte se superar: um estudo acerca das Conferências Pedagógicas na Corte Imperial. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá, v. 14, p. 203-220, 2005.

- GONDRA, J. G.; GARCIA, I. A arte de endurecer miolos moles e cérebros brandos: racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, v. 1, n. 26, p. 69-84, 2004.
- GONDRA J. G.; UEKANE, M. N. Em nome de uma formação científica - um estudo sobre a Escola Normal da Corte. *Educação*, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 55-70, 2005.
- GONDRA, J. G.; FERREIRA, A. G. Idades da vida, infância e racionalidade médico-higiênica em Portugal e no Brasil (séculos 17-19). *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 87, p. 119-134, 2006.
- LEITE, J. L. Arquivos pessoais: fontes ou objetos para a História da Educação? *Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES*, v. 9, p.90-103, 2003.
- LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M. I. M. Fontes, história e historiografia da educação. *Quaestio*, UNISO-Sorocaba, v. 7, n. 1, p. 151-159, 2005.
- LOMBARDI, J. C. Historia e historiografia da Educação no Brasil. *Revista Histedbr On Line*, Campinas, v. 1, p. 18-32, 2004.
- LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. História da Educação Brasileira e marxismo. *Revista Trajetos*, Unicamp, Campinas, v. 1, n. 1, p. 2-19, 1994.
- MAGALHÃES, L. D. R.; CASIMIRO, A. P. B. S. O surgimento da escola pública no planalto de Vitória da Conquista. *HISTED/BR*, Unicamp, Campinas, p. 01-09, 2005.
- MENDONÇA, A. W. P. C. A formação no ensino superior de professores para o ensino fundamental e médio: pensando a partir da história. *Vertentes*, São João del-Rei, n. 13, p. 80-85, 1999.
- MENDONÇA, A. W. P. C. A Reforma Pombalina dos estudos secundários e seu impacto no processo de profissionalização do professor. *Revista do Centro de Educação da UFSM*, Santa Maria, RS, v. 30, n. 2, p. 27-41, 2005..
- MENDONÇA, A. W. P. C. A universidade no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 131-150, 2000.
- MENDONÇA, A. W. P. C. As políticas do INEP/MEC no contexto brasileiro dos anos 1950/1960. *Educação on-line*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-18, 2005.
- MENDONÇA, A. W. P. C. Do pensamento pedagógico brasileiro à história das idéias e instituições educacionais. *Educação em Revista (UFMG)*, Belo Horizonte - MG, v. 34, n. 34, p. 127-134, 2001.
- MENDONÇA, A. W. P. C. O intelectual como dirigente e como educador. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 77, n. 186, p. 304-317, 1998.
- MENDONÇA, A. W. P. C. Universidade, ciência e cultura no pensamento de Anísio Teixeira. *Alceu Revista de Comunicação Cultural e Política*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 150-163, 2003.
- MENDONÇA, A. W. P. C.; BRANDÃO, Z.; HENRIQUES, V. M.; XAVIER, L. N.; MOREIRA, C. O. F.; SANTOS, M. P. S. C. O esquecimento de um livro: tentativa de reconstituição de uma tradição intelectual no campo educacional. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo - SP - Brasil, v. 3, n. 3, p. 18-30, 1996.
- MENDONÇA, A. W. P. C.; GOUVÊA, F. A contribuição de Anísio Teixeira para a institucionalização da Pós-graduação no Brasil: um percurso com os boletins da CAPES. *Perspectiva (Florianópolis)*, v. 24, p. 111-132, 2006.
- MENDONÇA, A. W. P. C.; XAVIER, L. N. O INEP no contexto das políticas do MEC (1950-1960). *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2005
- MENDONÇA, A. W. P. C.; XAVIER, L. N.; OLIVEIRA, M. T. C.; CHAVES, M. W.; SANTOS, P. S. M. B. ; LIMA, C. N. Pragmatism and developmentalism in Brazilian education thought in the 1950s and 1960s. *Studies in Philosophy and Education*, Holanda, v. 24, n. 6, p.

471-498, 2005.

MIGNOT, A. C. V. O carteiro e o educador: práticas políticas na escrita epistolar. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 10, p. 45-69, 2005.

MIGNOT, A. C. V. Une vie éternisée dans des papiers: lecture des archives d'une éducatrice pionnière. *Penser L'Éducation*, Rouen, v. 16, p. 69-82, 2004.

MIGNOT, A. C. V. Guardados de professoras. *Usina de Olhares (Campos dos Goitacazes)*, v. 2, p. 33-46, 2006.

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S.. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. *Educação em Questão*, v. 25, p. 40-61, 2006.

MIGUEL, M. E. B. A Escola Nova e o intelectual educador. Araucárias, Palmas, PR: Ed. FACIPAL, p. 07-19, 2002.

MIGUEL, M. E. B. A Legislação Educacional Paranaense e a História da Educação (1821 - 1889). *Apontamentos Linha de Pesquisa Filosofia e História da Educação no Brasil*, PUCPR, v. 1, p. 5-13, 1999.

MIGUEL, M. E. B.; SAÍZ, P. G. A organização da Escola Primária Pública do Paraná: período provincial. *Revista Histedbr On Line, UNICAMP-CAMPINAS*, v. 22, p. 39-53, 2006.

MONARCHA, C. Breve resenha de idéias sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. *Filosofia, sociedade e Educação*, São Paulo, v. 2, p. 75-86, 1998.

MONARCHA, C. R. S. LOURENÇO Filho, M.B. Introdução ao estudo da Escola Nova. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas/SP, v. 14, p. 170-176, 2000.

MONARCHA, C. R. S. Notas sobre educação na Era Getuliana. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas, n. 6, p. 57-68, 1999.

NASCIMENTO, J. C. do. A pedagogia de Sílvio Romero e as suas notas de leitura. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 11, p. 41-69, 2006.

NASCIMENTO, J. C. do. A remuneração, os concursos e alguns professores e professoras: aspectos da profissão docente na história da Aracaju. *Anais Municipais Revista Semestral da Câmara Municipal de Aracaju*, Aracaju - SE, v. I, n. 1, p. 213-242, 2005.

NASCIMENTO, J. C. do. Agrônomos X docentes: memórias das disputas pelo poder na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão. *Candeeiro*, São Cristóvão - SE, v. 11-12, n. VIII, p. 15-26, 2005.

NASCIMENTO, J. C. do. As interpretações da História da Educação e os problemas para o estudo do ensino agrícola. *Cadernos UFS História da Educação*, Aracaju/SE, v. VI, n. 1, p. 123-129, 2004.

NASCIMENTO, J. C. do. As viagens pedagógicas: São Paulo difundindo a pedagogia moderna e a Escola Nova no Brasil. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v. 14, p. 177-198, 2003.

NASCIMENTO, J. C. do. Diálogos com o fantasma do Marquês: observações sobre a reforma pombalina e a historiografia educacional brasileira. *Cadernos UFS - História da Educação*, São Cristóvão/SE, v. V, n. 1, p. 7-20, 2003.

NASCIMENTO, J. C. do. Educação e trabalho: o processo de formação na Escola Agrotécnica Federal de São Cristóvão. *Revista do Mestrado em Educação*, São Cristóvão-SE, v. 7, p. 135-157, 2003.

NASCIMENTO, J. C. do. Graccho Cardoso e a educação dos pobres: o Patronato São Maurício. *Cadernos UFS História*, São Cristóvão/SE, v. 5, n. 6, p. 29-41, 2004.

NASCIMENTO, J. C. do; BONTEMPI Jr., B.; TOLEDO, M. R. de A.; Fernando de Azevedo: leituras de rodapé. *Revista do Mestrado Em Educação*, São Cristóvão/SE, v. 6, p. 7-44, 2003.

NASCIMENTO, M. I. M. A colônia e os interesses pela criação das instituições escolares no

- Brasil.. Quaestio (UNISO), Sorocaba-SP, v.8, n. N.1., p. 01-22, 2006.
- NASCIMENTO, M. I. M. O advento da república e os grupos escolares no Paraná (1900-1920). Revista HISTEDBR. On-Line N.12, Campinas, v. 1, n. 12, p. 01-40, 2003.
- NASCIMENTO, M. I. M.; CORDEIRO, S. V. A. L. Escola Evangélica: A primeira Instituição Educacional da Imigração Holandesa na Região dos Campos Gerais-PR. Revista HISTEDBR-On-Line, Campinas-SP, v. 1, n.18, p. 100-113, 2005.
- NASCIMENTO, M. I. M.; Diniz, A. P. S.; SILVA, A. J. ; MORO, N. O.; MOURA, R. N. A.; PEDROSO, S. M. D.; CARVALHO, S. M. B. Projeto instituições Escolares nos Campos Gerais-PR: final do séc. XIX e início do séc. XX. Revista Histedbr On line, Campinas-SP, v. 1, n.18, p. 242-251, 2005.
- NUNES, Z. C. R. M. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. Educação & Sociedade, Campinas, v. 21, n. 73, p. 9-40, 2000.
- NUNES, Z. C. R. M. Anísio Teixeira: o desejo pela educação. Especiaria, Ilhéus-BA, v. 3, n. 5/6, p. 13-32, 2000.
- NUNES, Z. C. R. M. Anísio Teixeira: o desejo pela educação. Movimento - Revista da Faculdade de Educação da UFF, Niterói, v. 2, p. 80-93, 2000.
- NUNES, Z. C. R. M. Anísio Teixeira: uma vocação pública a serviço da educação no país. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 14, n. 27/28, p. 11-47, 2000.
- NUNES, Z. C. R. M. O ensino da história da educação e a produção de sentidos na sala de aula. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas-SP, n. 06, p. 115-158, 2003.
- NUNES, Z. C. R. M. Publicizando uma prática: a avaliação de trabalhos de história da educação. Educação em Questão, Natal, v. 24, n. 10, p. 91-109, 2005.
- NUNES, Z. C. R. M. Trajetória intelectual e identidade do educador. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 197, p. 154-166, 2000.
- OLIVEIRA, T.; MENDES, C. M. M. Roberto Simonsen e a educação no Brasil. Revista Teoria e Prática da Educação, Maringá, v. 4, n. 7, p. 137-153, 2001.
- OLIVEIRA, T.; PERIN, C. S. B. A educação de cavaleiros medievais em dois momentos históricos: séculos XII e XV. Acta Scientiarum, Maringá, v. 24, n. 1, p. 115-124, 2002.
- PAIVA, J. M. História da Educação: apontamentos metodológicos. Revista Diálogo Educacional, PucPR - Curitiba, v. 5, n. 14, p. 207-214, 2005.
- PAIVA, J. M. Raízes da Educação Brasileira. Comunicações, Piracicaba, v. 11, n. 1, p. 45-57, 2004.
- PAIVA, J. M.; VALDÉS PUENTES, R. A proposta jesuítica de educação: uma leitura das Constituições. Comunicações, Piracicaba, v. 7, n. 2, p. 122-133, 2000.
- PERES, E. T. CARDOSO, A. A. A criação da Seção Pelotense da Associação Brasileira de Educação (ABE) e suas primeiras ações no campo educacional. História da Educação (UFPEL), Pelotas, v. 9, n. 17, p. 51-68, 2005.
- PERES, E. T. Sob (bre) o silêncio das fontes. A trajetória de uma pesquisa em história da educação e o tratamento das questões étnico-raciais. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, SP, v. 2, n. 4, p. 75-102, 2002.
- ROCHA, E. A. A pedagogia e a educação infantil. Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP, v. 1, n. 16, p. 27-34, 2001.
- ROCHA, E. A. A Pedagogia e a Educação Infantil. Revista Ibero Americana de Educação, Madri, v. 1, n. 22, p. 61-74, 2000.
- ROCHA, E. A. A pesquisa sobre Educação infantil: trajetórias e perspectivas. Perspectiva, Florianópolis, v.17, n.esp., p. 61-71, 1999.

- ROCHA, E. A. As pesquisas sobre educação no Brasil; a trajetória da ANPED (1990-1996). *Pro-posições*, Campinas, v. 10, n. 1, p. 54-74, 1999.
- ROCHA, E. A. Infância e educação: delimitação de um campo de pesquisa. *Educação Sociedade Culturas*, PORTO, v. 17, p. 67-88, 2002.
- RODRIGUES, José Roberto Gomes. A história da educação programada: uma aproximação da história da educação ensinada nos cursos de pedagogia em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas - São Paulo, v. 06, p. 159-175, 2003.
- ROHR, F.; SILVA, André Gustavo Ferreira da;. Os conceitos de liberdade dos pedagogos da geração de 80: os casos de Freire, Resende, Saviani e Nicanor. *Ágere*, Salvador, v. ed esp, p. 1-15, 2004.
- ROTHEN, José Carlos. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos: uma leitura da RBEP. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 86, n. 212, p. 189-224, 2005.
- SA, N. P. Estrutura da produção da história da educação na região Centro-Oeste. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá-MT, v. 14, n. 26, p. 113-130, 2005.
- SA, N. P. SIQUEIRA, E. M.; A historiografia inaugural da educação em Mato Grosso e os avanços contemporâneos implementados pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação do IE/UFMT. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso*, Cuiabá-MT, v. 61, n. 01, p. 52-72, 2003.
- SA, N. P.; SANTOS, E. J. Da eugenia à ginástica: do século XIX à reforma educacional de 1910 em Mato Grosso. *Revista de Educação Pública*, Cuiabá-MT, v. 8, n. 14, p. 109-127, 1999.
- SA, N. P.; SIQUEIRA, E. M. Grupo de Pesquisa em História da Educação de Mato Grosso. *Educação em Revista*, Belo Horizonte/MG, v. 01, n. 34, p. 183-195, 2001.
- SA, N. P; SIQUEIRA, E. M. A Historiografia Clássica da Educação de Mato Grosso e os avanços contemporâneos implementados pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação do IE/UFMT. *Educação e Filosofia*, Uberlândia/MG, v. 18, p. 41-66, 2004.
- SAVIANI, D. Casemiro dos Reis Filho e a educação brasileira. *Educação & Sociedade*, Campinas - SP, v. 22, n. 77, p. 161-181, 2001.
- SAVIANI, D. Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR): histórico e situação atual. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 34, p. 135-146, 2001.
- SAVIANI, D. História comparada da educação: algumas aproximações. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas - RS, v. V, n. 10, p. 5-16, 2001.
- SAVIANI, D. Um barão brasileiro no Congresso Pedagógico Internacional de Buenos Aires: as idéias pedagógicas de Abílio César Borges, barão da Macahubas. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas-RS, v. 4, n. 7, p. 41-58, 2000.
- SELLARO, L. R. A. Colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. *Tópicos Educacionais*, RECIFE, v. 7, n. 1/2, p. 22-42, 1988.
- SELLARO, L. R. A. Descentralização da educação nacional e organização do ensino na província de Pernambuco. *Revista de Administração Educacional*, RECIFE, v. 1, n. 3, p. 83-105, 1999.
- SELLARO, L. R. A. Organização e funcionamento da educação em Pernambuco no período colonial. *Revista de Administração Educacional*. *Revista de Administração Educacional*, Recife, v. 1, p. 59-67, 1997.
- SIMÕES, R. H. S. Quem faz, quem ensina e quem aprende a história da educação: dilemas, paradoxos e algumas reflexões sobre a formação e a práxis político-pedagógica do professor. *Caderno de Pesquisa do PPGE*, Vitória, ES, v. 5, p. 143-150, 1997.
- SIQUEIRA, E. M. Educação e Modernidade: uma dimensão plural - modernas noções de tempo

- e espaço nas escolas públicas de Mato Grosso. *Revista Educação Pública*, Cuiabá, v. 8, n. 13, p. 122-142, 1999.
- SIQUEIRA, E. M. Reconstituindo acervos escolares: a experiência do GEM. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 10, p. 123-152, 2006.
- STEPHANOU, M. Banco de dados em História da Educação: o meio digital e a pesquisa em hipertexto *História da Educação (ASPHE)*, PELOTAS, RS, v. 11, n. 6, p. 65-76, 2002.
- STEPHANOU, M. O ensino de História da Educação na História da Faculdade de Educação da UFRGS: primeiras aproximações. *História da Educação (UFPEl)*, v. 10, p. 293-300, 2006.
- TAMBARA, E. A. C. A Leitura Escolar como Construção Ideológica: O caso da Lenda do Negrinho do Pastoreio (1857-1906). *História da Educação (ASPHE)*, Porto Alegre, v. 9, n. 17, p. 37-49, 2005.
- TAMBARA, E. A. C. Centro de Estudos e Investigações em História da Educação. *Horizontes (Bragança Paulista)*, v. 23, p. 141-147, 2006.
- TAMBARA, E. A. C. História da Educação no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. *História da Educação (ASPHE)*, Pelotas, v. 10, n. 19, p. 301-310, 2006.
- TAMBARA, E. A. C. O ensino mútuo na Província Cisplatina. *Revista do Centro de Educação da UFSM, Santa Maria*, v. 30, n. 2, p. 43-54, 2005.
- TAMBARA, E. A. C. Trajetória e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. *História da Educação (ASPHE)*, PELOTAS, v. 6, n. 11, p. 25-52, 2002.
- VALE, A. M., SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos PRESTES, Reulcinéia Isabel; Brasil, 1930-1961: Escola Nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada.. *Revista Histedbr On Line, Campinas-SP*, n.22, p.131-149, jun. 2006.
- VALE, A. M.; SANTOS, Florinda dos ; SANTOS, Irene da Silva Fonseca dos ; SANTOS, Janete Aparecida Bartoski Laroca dos . O Estado em Hegel, Dewey e Erasmo Pilotto: contribuição tórica para compreender a educação no Estado do Paraná.. *Revista Histedbr On Line, Campinas-SP*, n. 18, p. 141-151, 2005.
- VEIGA, C. G. A escolarização como projeto de civilização. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 21, p. 90-103, 2002.
- VEIGA, C. G. A produção da infância nas operações escriturísticas da administração da instrução elementar no século XIX. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, v. 9, p. 73-108, 2005.
- VEIGA, C. G. Escola de alma branca: o direito biológico à educação no movimento da Escola Nova. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, MG, n. especial, p. 123-150, 2000.
- VEIGA, C. G. Espaços da cidade: a sala de aula. *Revista Dois Pontos*, Belo Horizonte, v. 4, n. 37, p. 27-34, 1998.
- VEIGA, C. G. Projetos urbanos e projetos escolares: aproximação na produção das representações de educação em fins do século XIX. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, p. 103-112, 1997.
- VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M.. Belo Horizonte: a escola e os processos educativos da cidade. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 18, n. 18, p. 103-123, 1997.
- VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M. Instrução e processo civilizatório. *Brasil 500 anos*. Belo Horizonte: Editora Imprensa Oficial p. 18-29, 2000.
- VEIGA, C. G.; GOUVÊA, M. C. S Comemorar a infância, celebrar qual criança? *Educação e Revista*, São Paulo, v. 26, p. 135-160, 2000.
- VIEIRA, C. E. Anísio Teixeira e a Pesquisa em Educação no Brasil: ensaio sobre o processo de formação do campo. *Série Estudos Periódico do Mestrado Em Educação da Ucdb, Campo Grande*, v. 1, n. 15, p. 167-178, 2003.

- VIEIRA, C. E. O Movimento pela Escola Nova no Paraná: Trajetória e Idéias Educativas de Erasmo Pilotto. *Educar Em Revista*, Curitiba, v. 1, n. 18, p. 53-74, 2001.
- VIEIRA, C. R. A. Contribuição protestante à Reforma da instrução pública paulista. *Revista do PPGE/UNIMEP*, ano 9, nº 1, Piracicaba - SP, v. 1, n. 1, p. 255-273, 2002.
- XAVIER, L. N. Oscilações do público e do privado na educação brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas - SP, v. 5, n. 1, p. 233-252, 2003.
- XAVIER, L. N. O campo educacional ente a prática social e a legitimidade científica. *Educação e Filosofia - Univ. Federal de Uberlândia, Minas Gerais*, v. 11, n. jan/dez, p. 12-23, 1997.
- XAVIER, L. N. O debate em torno da nacionalização do ensino na Era Vargas. *Educação*, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 105-120, 2005.
- XAVIER, L. N. O espírito Científico e a Sociedade Democrática em Anísio Teixeira. *Especiaria*, Ilhéus - BA, v. 3, n. 5/6, p. 83-110, 2001.
- XAVIER, L. N. Regionalização da Pesquisa e Inovação Pedagógica: os centros de pesquisa do INEP. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 80, n. 194, p. 81-92, 1999.
- XAVIER, L. N. Retrato de corpo inteiro do Brasil: a Cultura Brasileira por Fernando de Azevedo. *Revista da Faculdade de Educação - USP*, São Paulo, v. 1, n. jan/jun, p. 070-086, 1998.
- XAVIER, L. N. Visões sobre a escola elementar brasileira na década de 1950. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, p. 48-56, 2003.
- XAVIER, L. N.; Canen, A. Cultura e multiculturalismo em Projetos Educacionais no Brasil. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas - S.P., v. 10, n. Junho 2001, p. 47-62, 2001.
- XAVIER, L. N.; Mendonça, A.W.P.C. O INEP e a modernização do Ensino. *Revista Contemporânea de Educação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-14, 2006.
- XAVIER, L. N.; Mendonça, A.W.P.C.; BREGLIA, V.; CHAVES, M. Pragmatismo e desenvolvimentismo no pensamento educacional brasileiro (1950-60). *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, p. 96-113, 2006.
- YAZBECK, D. C. M.. Formando os bons trabalhadores: os primeiros grupos escolares em Juiz de Fora, Minas Gerais. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia - MG, v. 2, p. 99-105, 2003.

ANEXO 2

Relação dos Livros

- ABRAHÃO, M. H. M. B. História e histórias de vida: destacados educadores fazem a História da Educação rio-grandense. Porto Alegre: Edipucrs, 2001. v. 1. 280 p.
- ABRAHÃO, M. H. M. B. Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (e em muitas outras). Porto Alegre: Edipucrs, 2004. 260 p.
- ALMEIDA, J. S. de Ler as letras: a educação de mulheres e meninas no Brasil. Campinas: São Paulo: Autores Associados/EdUNIMEP, 2006. Campinas: São Paulo: Autores Associados/EdUNIMEP, 2006.
- ARAÚJO, J. C.S.; GATTI JR., D. Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002. 225p.
- BASTOS, M. H. C Revista do Ensino-RS: o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005. 381 p.
- BASTOS, M. H. C. Pro Patria Laboremus: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 350 p.
- BASTOS, M. H. C.; BENCOSTTA, M. L.A.; CUNHA, M. T. S. Uma cartografia da pesquisa em História da Educação na Região Sul: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (1980-2000). Pelotas: Publicações Seiva, 2004. 140 p.
- BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S.; MIGNOT, A. C. V. Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora UPF, 2002. 277 p.
- BASTOS, M. H. C.; TAMBARA, E.; KREUTZ, L. Histórias e memórias da educação do Rio Grande do Sul. Pelotas: Seiva, 2002. 406 p.
- BENCOSTTA, M. L. A. História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar. São Paulo: Cortez Editora, 2005. 287 p.
- BITTAR, M.; FERREIRA JR., A. Proletarização e sindicalismo de professores na ditadura militar (1964-1985). São Paulo: Pulsar, 2006. 105 p.
- BITTAR, M.; SILVA, A.; ABRAMOWICZ, A. Educação e pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos. São Carlos: RiMa / PPGE-UFSCar, 2004. 355p.
- BOAVENTURA, E. A educação metodista no Brasil. Piracicaba: Associação Granberyense, 2005. 128p.
- CARVALHO, M. M. C.; ARAÚJO, M. M.; XAVIER, L. N.; MORAES, M. A. C.; PAIVA, M.; STAMATTO, M. I. S. Intelectuais, Estado e Educação. Natal: EDUFRN, 2006. 196 p.
- CARVALHO, M. M. C.; FREITAS, M. C.; MOGARRO, M. J.; PINTASSILGO, J. História da Escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Colibri/Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006. 429 p.
- FARIA FILHO, L. M. Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000. 160 p.
- FARIA FILHO, L. M. Educação, modernidade e civilização: fontes e perspectivas de análise para a história da educação oitocentista. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. 142 p.
- FARIA FILHO, L. M. Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 312 p.
- FARIA FILHO, L. M. Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e

- fontes. Belo Horizonte: HG Edições, 1999. 210 p.
- FARIA FILHO, L. M.; GONÇALVES, I. A.; LOPES, A. A. B. M.; XAVIER, M.C. História da Educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: FUMEC, 2002. 655 p.
- FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G.; LOPES, E. M. T. 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 500 p.
- FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G As lentes da história: estudos de história e historiografia da educação no Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.142 p.
- FÁVERO, M.L.A.; ARAÚJO, M.M.; BRITTO, J.M. Dicionário de Educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. 496 p.
- FREITAS, A. G. B. Vestidas de azul e branco: um estudo sobre as representações de ex-normalistas (1920-1950). São Cristóvão: NPGED/UFS, 2003. v. 800. 251p.
- GALVÃO, A. M. O. Amansando meninos: uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego (1890-1920). João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 1998. 320p.
- GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G. Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 168 p
- GALVÃO, A. M. O.; LOPES, E. M. T. História da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 115 p.
- GASPARELLO, A. M. Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. São Paulo: Iglu Editora Ltda., 2004. 238 p.
- GONDRA, J. Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2004. 567 p.
- GONDRA, J. Pesquisa em educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 345 p.
- HILSDORF, M.L.S. História da Educação Brasileira: leituras. São Paulo: Pioneira - Thomson Learning, 2005. 135p.
- LOMBARDI, J. C. Globalização, pós-modernidade e educação. Campinas: Autores Associados, 2003. 216 p.
- LOMBARDI, J. C. Temas de pesquisa em educação. Campinas: Autores Associados, 2003. 262 p.
- LOMBARDI, J. C.; GOERGEN, P. Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas. Campinas: Autores Associados, 2005. 175 p.
- LOMBARDI, J. C.; JACOMELI, M. R. M; SILVA, T. M. T. O público e o privado na história da educação brasileira: concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados, 2005. 185 p.
- LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M.I.M. Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados, 2004. 225p.
- MENDONÇA, A. W. P. C Anísio Teixeira e a universidade de educação. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002. 185 p.
- MENDONÇA, A. W. P. C.; BRANDAO, Z. Porque não lemos Anísio Teixeira?Uma tradição esquecida. Rio de Janeiro: Ravil, 1997. 212 p.
- MENEZES, J. M. F. Educação na Bahia: Memória, Registros, Testemunhos. Salvador: Editora da UNEB, 2005. 400 p.
- MENEZES, J. M. F.; LOBO, J. C. Brasil, Educação: 1964-2004. Salvador: Editora da UNEB,

2004. 250 p.

MIGUEL, M.E.B.; CORREA, R. L. T. A educação escolar em perspectiva histórica. Campinas: Autores Associados, 2005. 368p.

MONARCHA, C. R. S. Escola Normal da Praça: o lado noturno das luzes. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1999. 370p

MONARCHA, C. R. S. História da educação brasileira: formação do campo. Ijuí: Editora Unijui, 2005. 352 p.

MONARCHA, C. R. S. Instrução Pública: 1793-1953 - Catálogo topográfico do Arquivo do Estado de São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo-Arquivo do Estado, 2003. 136 p

MONARCHA, C. R. S. Anísio Teixeira: a obra de uma vida. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001. 287p.

MONARCHA, C. R. S. Educação da infância brasileira: 1875-1983. Campinas: Autores Associados, 2001. 272p.

MONARCHA, C. R. S. Educação em Revista. Marília: Unesp-Marília-Edições, 2000. v. 1. 143p.

MONARCHA, C. R. S.; LOURENÇO FILHO, R. Por Lourenço Filho: uma biobibliografia. Brasília: INEP, 2001. 309p.

NASCIMENTO, J.. C. do. Memórias do Aprendizado: 80 anos de ensino agrícola em Sergipe. Maceió: Edições Catavento, 2004. 344 p.

NASCIMENTO, J.. C. do; VASCONCELOS, J.G. História da Educação no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: UFC Edições, 2006. 189 p.

NASCIMENTO, J.C. do. Historiografia educacional sergipana. São Cristóvão: NPGED/UFS, 2003. 121 p.

NEPOMUCENO, M. de A.; TERNES, J.; TIBALLI, E. F. A.; BRITO M. H. O. Pensamento educacional brasileiro. Goiânia: Ed. UCG, 2005. 112 p

NEVES, F. M. Fundamentos Históricos da Educação no Brasil. Maringá: Eduem, 2005. 180 p.

NUNES, Z. C. R. M.; LINHARES, C. F. S. Trajetórias de magistério: memórias e lutas pela reinvenção da escola pública. Rio de Janeiro: Quartet, 2000. 116 p.

OLIVEIRA, T. As Universidades na Idade Média (século XIII). São Paulo: Mandruvá, 2005. 71 p.

PERES, E.T.; TAMBARA, E. A. C. Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX). Pelotas: Seiva /FAPERGS, 2003. 138 p.

Pesquisa em Educação: História, Filosofia e Temas Transversais. Campinas: Autores Associados, 2000. 177 p.

ROCHA, E. A. C. A pesquisa em educação infantil no Brasil. Florianópolis: UFSC/NUP-CED, 1999. 290p.

ROCHA, E. A. C.; SILVA FILHO, J. J.; STRENZEL, G. R. O estado do conhecimento em Educação Infantil. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2001. 161 p.

SA, N. P.; NUNES, Z.C.M. Instituições educativas na sociedade disciplinar brasileira. Cuiabá: EDUFMT, 2006. 181 p.

SA, N. P.; SIQUEIRA, E. M.; REIS, R. M Instantes e memória na História da Educação. Cuiabá: EdUFMT, 2006. 286 p

- SA, N. P.; REIS, R. M. Palácios da instrução: institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927). Cuiabá: EdUFMT, 2006. 104 p.
- SAVIANI, D. S.; LOMBARDI, J. C.; SANFELICE, J. L. História e História da Educação: o debate teórico metodológico atual. Campinas: Autores Associados, 1998. 152p.
- SAVIANI, D. S.; LOMBARDI, J. C. Marxismo e educação: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005. 274 p.
- SAVIANI, D. S.; LOMBARDI, J. C.; NASCIMENTO, M.I.M. A escola pública no Brasil: história e historiografia. Campinas-SP: Autores Associados, 2005. 254 p.
- SAVIANI, D. S.; RAMA, G.; WEINBERG, G. Para uma história da educação latino-americana. Campinas: Autores Associados, 1996. 87 p.
- SAVIANI, D. S.; SANFELICE, J. L.; LOMBARDI, J.C. História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999. 150 p.
- SIMOES, R. H. S.; FRANCO, S. P. História da Educação no Espírito Santo: catálogo de fontes. Vitória: EDUFES, 2004. 198 p.
- SIQUEIRA, E. M. Luzes e sombras: modernidade e educação pública em Mato Grosso (1870-1889). Cuiabá: EdUFMT/INEP, 2000. 282 p.
- SIQUEIRA, E. M.; SA, N. P. Educação e memória: catálogo de documentos relativos à história da educação de Mato Grosso (período Imperial). Cuiabá: EdUFMT, 1998. 450p.
- SOUZA, M. C. C. C.; VIDAL, D. G. A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 1999. 160 p.
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C Histórias e Memórias da Educação no Brasil, século XIX - vol. II.. Petrópolis: Vozes, 2005. 435 p.
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. Histórias e memórias da educação no Brasil, Vol. III Século XX. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004. 215 p.
- STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C. Histórias e Memórias da Educação no Brasil - séculos XVI-XVIII - vol. I. Petrópolis: Vozes, 2005. 182 p.
- TAMBARA, E. A. C. Bosquejo de um ostentor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil Pelotas: Seiva, 2003. 292 p
- TAMBARA, E. A. C. Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul. Pelotas: Seiva, 2002. 406 p.
- TAMBARA, E. A. C.; ARRIADA, E. Coletânea de leis de instrução pública no período imperial no Brasil. Pelotas: Seiva Publicações, 2005. 88 p.
- TAMBARA, E. A. C.; ARRIADA, E. A instrução pública no Brasil. Pelotas: Seiva Publicações, 2005. 260 p.
- TAMBARA, E. A. C.; ARRIADA, E. Leis, Atos e Regulamentos sobre educação no período imperial na província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Brasília: INEP, 2004. 450 p.
- VEIGA, C. G. Cidadania e Educação na trama da cidade: a construção de Belo Horizonte em fins do século XIX. Bragança Paulista: EDUSF, 2002. 347 p.
- VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M. Infância no sótão. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 144 p.
- VEIGA, C. G.; FONSECA, T. N. L. História e historiografia da educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 288 p.
- VIEIRA, S. L. História da Educação: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições

Demócrito Rocha, 2002. 400 p.

XAVIER, L. N. O Brasil como laboratório: educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1950-60). Bragança Paulista: Universidade de São Francisco, 1999. 281p.

XAVIER, L. N. Para além do campo educacional: um estudo sobre o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Bragança Paulista - SP: EDUSF, 2002.

XAVIER, L. N.; MENDONÇA, A. W. P. C.; CARVALHO, M.M. C.; CUNHA, J. L. Escola, culturas e saberes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005. 172 p.

ANEXO 3

Relação dos capítulos de livros

ABRAHÃO, M. H. M. B. Zilah Mattos Totta. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil. Rio de Janeiro: INEP/MEC, 2002, p.984-990.

ALMEIDA, J. S. A formação de professores no Brasil: subsídios para a História da Profissão Docente. In: Almeida, J. S.; Aprile, M. R.; Oliveira, V. S. de. (Org.). Formação docente: saberes multidisciplinares e novas demandas da prática pedagógica. Franca: Ed.UNIFRAN, 2005, p. 25-47.

AMÂNCIO, L. N. B.; VIDAL, D. G.; PERES, E. T.; TAMBARA, E.; MACIEL, F. I. P.; FRADE, I. C. A.; ESTEVES, I. L. Cartilhas de ensino de leitura e escola primária em Mato Grosso no início do século XX. In: PERES, E.; TAMBARA, E. (Org.). Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva Publicações, 2003, v., p. 53-73.

ARAUJO, J.C.S. Luiza Ribeiro Machado. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002, p. 735-740.

ARAUJO, J.C.S. O embate marxiano com a construção dos sistemas educacionais. In: Lombardi, J. C.; Saviani, D. (Org.). Marxismo e educação: debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 39-68.

ARAUJO, J.C.S. Da singularidade do 'João Pinheiro' de Ituiutaba, MG, ao idéario republicano em torno dos grupos escolares. In: Ribeiro, B. O. L.; Silva, E. F. (Org.). Primórdios da escola pública republicana no Triângulo Mineiro. Ituiutaba: Egil, 2003, p. 163-177.

ARAUJO, J.C.S. O público e o privado na História da Educação Brasileira: da ambivalência ao intercâmbio. In: Lombardi, J. C.; Jacomeli, M. R.; Silva, T. M. (Org.) O público e o privado na História da Educação Brasileira: concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 125-143..

ARAUJO, J.C.S. Projeto em torno de um Dicionário de História da Educação Brasileira: norteamentos e ponderações. In: LOMBARDI, J.C; SAVIANI, D; NASCIMENTO, M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: Unicamp/Histedbr, 2006, p. 1-16.

ARAUJO, J.C.S. Um capítulo da veiculação da discussão educacional na imprensa do Triângulo Mineiro: a revista 'A Escola. In: Araújo, J. C. S.; Gatti Júnior, D. (Org.). Novos temas em História da Educação Brasileira: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 91-132.

ARAUJO, J.C.S.; CARVALHO, C. H. História, ficção e educação: imagens do ensino brasileiro do século XIX projetadas pel'O Ateneu. In: Pereira, K. M. A.; Pachane, G. G. (Org.). A literatura e suas interlocuções na sala de aula da Educação Superior. Uberlândia: EDIBRÁS, 2006, p. 43-61.

ARAUJO, J.C.S.; CARVALHO, C. H. Honório Guimarães. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/MEC-Inep-Comped, 2002, p. 483-490.

ARAUJO, J.C.S.; GATTI JÚNIOR, D. O ensino baseado em pesquisas e estudos como diretriz do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais. In: Araújo, M. M.; Brzezinski,

I. (Org.). Anísio Teixeira na direção do INEP: Programa para a reconstrução da nação brasileira (1952-1964). Brasília: INEP, 2006, p. 113-141.

ARAÚJO, M. M. A educação para a infância escolar em Anísio Teixeira. In: Vasconcelos, M. L. M. C. (Org.). Educação e História da Cultura: fronteiras. São Paulo: Ed. Mackenzie, 2002, p. 233-254.

ARAÚJO, M. M. A produção em história da educação das regiões nordeste e norte: o estado do conhecimento (1982 - 2003). In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 289-311.

ARAÚJO, M. M. Anísio Teixeira, pensador radical.. In: MONACHA, C. R. S.. (Org.) Anísio Teixeira: a obra de uma vida. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 17-48

ARAÚJO, M. M. Anísio Teixeira, reflexões do entardecer. In: PORTO JUNIOR, G. ; CUNHA, J. L. (Org.). Anísio Teixeira e a escola pública. Pelotas: EDUFPel, 2000, p. 204-222.

ARAÚJO, M. M. O aprender história da educação brasileira pela iniciação na pesquisa. In: Vasconcelos, J. G.; Nascimento, J. C. do. (Org.). História da educação no nordeste brasileiro. Fortaleza: Edições UFC, 2006, p. 154-168.

ARAÚJO, M. M. O cultivo de uma historiografia engajada com a história e a memória da educação brasileira. In: Araújo, M. M.; Xavier, L. N.; Carvalho, M. M. C.; Moraes, M. A. C.; Paiva, M. M.; Stamatto, M. I. S.. (Org.). Intelectuais, estado e educação. Natal: Editora da UFRN, 2006, p. 185-196.

ARAÚJO, J.C.S. Direitos Humanos, Educação e o Escolanovismo de Fernando de Azevedo (1894-1974). In: LOMBARDI, J.C; SAVIANI, D; NASCIMENTO, M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: Unicamp/Histedbr, 2006, p. 1-17.

ARAÚJO, J.C.S. Os grupos escolares em Minas Gerais como expressão de uma política pública: uma perspectiva histórica. In: Vidal, D. G.. (Org.). Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006, p. 233-257.

ARAÚJO, J.C.S.; INÁCIO FILHO, G. Inventário e interpretação sobre a produção histórico-educacional na região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: da semente à colheita. In: Gatti Júnior, D.; Inácio Filho, G.. (Org.). História da Educação em Perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 153-191.

BASTOS, M. H. C. A educação como espetáculo. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M.H.C.. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Vol. II século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 116-131.

BASTOS, M. H. C. A pesquisa em História da Educação em revista. In: SCHELBAUER, A.; LOMBARDI, J.C; MACHADO, M. C.. (Org.). Educação em debate: perspectivas, abordagens, historiografia. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 99-128.

BASTOS, M. H. C. Apresentação. In: Froebel, Friedrich. (Org.). A educação do homem Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2001, p. 5-20.

BASTOS, M. H. C. De padre a hija: cartas sobre la educación de Cora (1849). In: SAEZ, C.; GÓMEZ, A. C.. (Org.) La correspondencia en la historia. modelos y prácticas de la escritura

epistolar. Madrid: Calambur, 2002, p. 329-348.

BASTOS, M. H. C. De pai para filha: Cartas para a educação de Cora (1849). In: BASTOS, M.H.C.; CUNHA, M.T.S.; MIGNOT, A. C. V.. (Org.). Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: Editora UPF, 2002, p. 89-113.

BASTOS, M. H. C. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. In: Araújo, J. C. S.; Gatti Jr., D.. (Org.). Novos temas em História da Educação Brasileira. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 151-174.

BASTOS, M. H. C. História da Educação do Rio Grande do Sul - o estado da arte. In: BASTOS, M.H.C; TAMBARA, E.; KREUTZ, L.. (Org.). História e memórias da educação do Rio Grande do Sul. Pelotas: Seiva, 2002, p. 11-42.

BASTOS, M. H. C. Histórias da profissão docente no Brasil: mosaicos de uma formação. In: Triviños, A. N. S.; Oyarzabal, G. M.; Orth, M. A.; Gutiérrez, S. S.. (Org.). História e formação de professores no Mercosul e Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 43-118.

BASTOS, M. H. C. Jardim de crianças: o pioneirismo do dr. Menezes Vieira (1875-1887). In: Monarcha, C. R. S.. (Org.). Educação da infância brasileira (1875-1983). Campinas: Autores Associados, 2001, p. 1-272.

BASTOS, M. H. C. Joaquim José de Menezes Vieira. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil. Da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: UFRJ/Mec/Inep/Comped, 2002, p. 568-576.

BASTOS, M. H. C. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: Mignot, A. C. V.; Cunha, M. T. S.. (Org.) Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez, 2003, p. 167-183..

BASTOS, M. H. C. O ensino monitorial/mútuo no Brasil (1827-1854). In: Stephanou, M.; Bastos, M. H. C.. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil - vol. II século XIX. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 34-51.

BASTOS, M. H. C. Perspectivas da universidade brasileira. In: Rodhen, V. (Org.). Idéias de Universidade. Canoas: Editora da ULBRA, 2002, p. 162-168.

BASTOS, M. H. C.; BENCOSTTA, M. L. A.; CUNHA, M. T. S. A pesquisa em História da Educação nos programas de pós-graduação em educação da Região Sul (1972-2003) In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em História da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005, p. 243-288.

BASTOS, M. H. C.; COLLA, A. L. A idealização do professor na representação da docência: retratando mestres.. In: Abrahão, M. H. M. B.. (Org.). A aventura (auto)biográfica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, v. 1, p. 465-484.

BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. Letras em festa. In: Neves, M. S.; Lobo, Y.; Mignot, A. C. V. (Org.). Cecília Meireles: a poética da educação. Rio de Janeiro: Editora PucRio, 2001, p. 201-210.

BASTOS, M. H. C.; QUADROS, C. ; ESQUISANI, R. S. S. Luzes e sombras de um projeto: o Programa de Reconstrução Educacional de Anísio Teixeira no Rio Grande do Sul (1952-1964). In: Araújo, M. M.; Brzenski, I. (Org.). Anísio Teixeira na Direção do INEP/Programa para a reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964). Brasília: INEP/ME, 2006, p. 13-50.

BASTOS, M. H. C.; QUADROS, C. História da formação docente no Brasil. In: Quadros, C.. (Org.). In; Quadros, C.. (Org.). Histórias e memórias dos 50 anos dos cursos de formação de professores do Centro Universitário Franciscano de Santa Maria. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2005, p. 34-68.

BENCOSTTA, M. L. A. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). In: Bencostta, M. L. A.. (Org.). História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 141-170.

BENCOSTTA, M. L. A. Desfiles patrióticos: Memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: Vidal, D. G.. (Org.). Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 299-321.

BENCOSTTA, M. L. A. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária.. In: Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena Câmara. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. (Século XX). Petrópolis: Vozes, 2005, v. III, p. 68-76.

BENCOSTTA, M. L. A. Nazionalismo et Cattolicesimo in Brasile: la partecipazione dei collegi salesiani nelle sfilate patriotiche (1916-1917). In: Motto, F.. (Org.). L'Opera Salesiana dal 1880 al 1922. Significatività e portata sociale. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 2001, v. III, p. 275-284.

BENCOSTTA, M. L. A. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) e o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (Cepe): a experiência de um laboratório de ensino primário no Paraná (1952-1964) In: Araújo, M.M.; Brzezinski, I.. (Org.). Anísio Teixeira na direção do Inep: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964). Brasília: Inep, 2006, p. 51-73.

BENCOSTTA, M. L. A.; BASTOS, M. H. C. ; CUNHA, M. T. S. A pesquisa em História da Educação nos programas de pós-graduação em educação da Região Sul (1972-2003). In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 241-287.

BITTAR, M.. O Estado da arte em História da Educação Brasileira após 1985: um campo em disputa. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I.M. (Org.). Navegando pela história da educação brasileira. Campinas: HISTEDBR, 2006, v. 1, p. 1-24.

BITTAR, M.; A. M. B. Gestão escolar e projeto pedagógico: um estudo sobre a concepção prática da democracia na escola pública. In: BITTAR, M.; SILVA, A.; ABRAMOWICZ, A. (Org.) Educação e pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos. São Carlos: RiMa / PPGE-UFSCar, 2004, p.73-95

BRITO, M. H. O.; TIBALI, E. F. A.; NEPOMUCENO, M. A.; TERNES, J. Memória da Educação em Anísio Teixeira. In: BRITO, M. H. O.; TIBALI, E. F. A.; NEPOMUCENO, M. A.; TERNES, J. (Org.). Pensamento educacional brasileiro. Goiânia: UCG, 2005, p. 24-40.

CARDOSO, C. J.; AMANCIO, L. N. B. Circulação de cartilhas em Mato Grosso e o caso de Ada e Edu. In: Frade, I. C. A. da; Maciel, F. I. P. Org.). História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006, p. 257-276.

CARDOSO, C. J.; AMANCIO, L. N. B. Fontes para o estudo da produção e circulação de

cartilhas no Estado de Mato Grosso. In: Frade, I. C. A. da; Maciel, F. I. P. (Org.). História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2006, p. 191-219

CARDOSO, C. J.; AMANCIO, L. N. B. Memórias da trajetória docente de uma alfabetizadora: entrecruzando vozes e tecendo fios. In: Frade, I. C. A. da; Maciel, F. I. P. (Org.). História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006, p. 223-253.

CARDOSO, C. J.; AMANCIO, L. N. B. Políticas educacionais e práticas pedagógicas em alfabetização: um estudo a partir da circulação de cartilhas em Mato Grosso - 1910-2000. In: LEAHY-DIOS, C. (Org.). Espaços e tempos em educação: ensaios. Rio de Janeiro: C.L.Edições, 2004, p. 41-51.

CARVALHO, M. M. C. Considerações sobre o ensino da História da Educação no Brasil. In: Gatti Jr, D; Inácio Filho, G. (Org.). A História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005, v. , p. -.

CARVALHO, M. M. C. História e historiografia da escola pública no Brasil: considerações em torno de um problema de investigação. In: Lombardi, J.C.; Saviani, D.; Nascimento, M.I M. (Org.). A escola pública no Brasil: história e historiografia. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 33-65.

CARVALHO, M. M. C. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos. In: Pintassilgo, J; Freitas M.C.; Mogarro, M.J.; Carvalho, M.M.C. (Org.). História da Escola em Portugal e no Brasil. Circulação e apropriação de modelos culturais. Lisboa: Edições Colibri/ Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade Lisboa, 2006, p. 141-175.

CARVALHO, M. M. C. O Manifesto e a Liga Internacional pela Escola Nova. In: Xavier, M. C.. (Org.). Um legado educacional em debate. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. -.

CARVALHO, M. M. C. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. In: Freitas, M. C.. (Org.). História Social da Infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006, p. 291-310.

CARVALHO, M. M. C. Revisitando a historiografia educacional brasileira. In: Menezes, M. C.. (Org.). Educação, memória, historia. Possibilidades, leituras Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 375-401

CARVALHO, M. M. C. Rogério Fernandes: cruzando caminhos, instaurando práticas. In: Felgueiras, M. L.; Menezes, M.C. (Org.). Rogério Fernandes; questionar a sociedade, interrogar a história, (re)pensar a educação. Porto: Edições Afrontamento, 2004, p. 23-27

CARVALHO, M. M. C.; HILSDORF, M. L. S.; WARDE, M. J. Apontamentos sobre a história da escola e do sistema escolar no Brasil. In: Zuluaga, O. L.; Sauter , G. O. (Org.). Génesis y desarrollo de los sistemas educativos iberoamericanos: siglo XIX. Bogotá: Cooperativa Editorial Magistério , 2004, p. 127-202.

CARVALHO, M. M. C.; NUNES, Z. C. R. Historiografia da educação e fontes. In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em História da Educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62

CASIMIRO, A. P. B. S. A Missão: cinema e estética na história da educação. In: LOMBARDI, J.C, SAVIANI, D. NASCIMENTO, M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: UNICAMP/HISTEDBR, 2006, p. 1-11

CASIMIRO, A. P. B. S. Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia: Educação, Lei, Ordem e Justiça no Brasil Colonial. In: LOMBARDI, J.C, SAVIANI, D. NASCIMENTO, M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: UNICAMP/HISTEDBR, 2006, p. 1-25

CASIMIRO, A. P. B. S. Pensamentos fundadores na Educação Religiosa do Brasil Colônia. In: LOMBARDI, J.C, SAVIANI, D. NASCIMENTO, M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: UNICAMP/HISTEDBR, 2006, p. 1-40

CATANI, D. B.; FARIA FILHO, L. M. de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: história e historiografia da educação brasileira nos anos 80 e 90: a produção divulgada no GT História da Educação. In: Gondra, J. G. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 85-110.

CATANI, D. B.; VICENTINI, P.P. Lugares sociais e inserção profissional: o magistério como modo de vida nas autobiografias de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 267-292.

DIETZSCH, M. J. M. Cartilhas: a negação do leitor. In: MARTINS, M.H.S. (Org.) Questões da linguagem. São Paulo: Contexto, 1993, p. 27-46.

DIETZSCH, M. J. M.; FERNANDES, G. A produção de textos em livros de redação do final do Século XIX. In: Rezende, N. L.; Riolfi, C. R.; Siqueira, I.S. (Org.). Linguagem e educação: implicações técnicas éticas e estéticas. São Paulo: Humanitas, 2006, p. 127-150.

FARIA FILHO, L. M. ; CATANI, D.B. Um lugar de produção e a produção de um lugar: história e historiografia da educação brasileira nos anos de 1980 e de 1990. In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. , p. 85-110.

FARIA FILHO, L. M. ; GONÇALVES, I. A.; CALDEIRA, S. M. História da educação em Minas Gerais: pequeno balanço e algumas perspectivas de pesquisa (1985-2001). In: Gondra, J. G. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. , p. 221-242..

FARIA FILHO, L. M. A instrução elementar no século XIX. In: Lopes, E. M. T.; Veiga, C. G.; Faria Filho, L. M.. (Org.). 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 35-53.

FARIA FILHO, L. M. Fazer história da educação com E. P. Thompson: trajetórias de um aprendizado. In: Faria Filho, L. M.. (Org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 239-256.

FARIA FILHO, L. M. História da educação primária e da educação física no Brasil: alguns apontamentos. In: VAGO, T. M. ; SILVA, E. S. (Org.). Trilhas e partilhas: a educação física na cultura escolar e nas práticas sociais. Belo Horizonte: Cultura, 1997, p. 43-58.

FARIA FILHO, L. M. O jornal e outras fontes para a história da educação mineira do século XIX. In: Araújo, J. C. S.; Gatti Jr., D. (Org.). Novos temas em história da educação brasileira. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 133-150.

FARIA FILHO, L. M. Questões teórico-metodológicas da história da educação. In: Sanfelice, J. L.; Saviani, D.; Lombardi, J. C. (Org.). História da Educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 143-150.

FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S.; ROSA, W.M. A instrução elementar em Minas Gerais na primeira metade do século XIX. In: FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S.; ROSA, W.M. (Org.). Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006, p. 71-89.

FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S.; ROSA, W.M. Imprensa e educação em Minas Gerais na primeira metade do século XIX: um estudo a partir do jornal O Universal (1825-1842). In: FARIA FILHO, L. M.; CHAMON, C. S.; ROSA, W.M. (Org.). Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX. Belo Horizonte: EDUFMG, 2006, p. 11-30.

FARIA FILHO, L. M.; GONÇALVES, I. A. ; CALDEIRA, S. M. A produção em História da Educação em Minas Gerais. In: Gatti Júnior, D.; Inácio Filho, G.. (Org.). História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas; Autores Associados, 2005, p. 135-152.

FARIA FILHO, L. M.; Lopes, E. M. T.; JINZENJI, M. Y. ; NASCIMENTO, C. V.; MACEDO, E. F. P.; ROSA, W. M.; SA, C. M. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: Peixoto, A. M. C.; Passos, M. (Org.). A escola e seus atores - educação e profissão docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 53-87.

FARIA FILHO, L. M.; MELO, C. W. M. Leon Renault. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M.. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/MEC-INEP, 1999, p. 325-332.

FARIA FILHO, L. M.; NEVES, L.S. ; CALDEIRA, S. M. A estatística educacional e a instrução pública no Brasil: aproximações. In: Candeias, A.. (Org.). Modernidade, Educação e Estatísticas na Ibero-América dos séculos XIX e XX: estudos sobre Portugal, Brasil e Galiza. Lisboa: Educa e Autores, 2005, p. 219-238.

FARIA FILHO, L. M.; Sales, Z.E.S de. Escolarização da infância brasileira: a contribuição do bacharel Bernardo Pereira de Vasconcelos In: Freitas, M. C.; Kuhlmann Jr., M. (Org.) Os intelectuais na história da infância. São Paulo. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p. 245-266.

FARIA FILHO, L. M.; SOUZA, R. F. A contribuição dos estudos sobre Grupos Escolares para a Renovação da História do Ensino Primário no Brasil. In: Vidal, D. G.. (Org.). Grupos Escolares no Brasil: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 21-56

FARIA FILHO, L. M.; VAGO, T. M. Entre relógios e tradições: elementos para uma história do processo de escolarização em Minas Gerais. In: Vidal, D. G.; Hilsdorf, M. L. S. (Org.). 500 anos: Tópicos em educação. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 117-136.

FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. A escrita da história da educação mineira. In: Gondra, J. G.. (Org.). Dos arquivos à escrita da história: a educação brasileira entre o Império e a República. . Bragança Paulista: EDUSF, 2001, p. 37-58

FAVERO, M. L. A. Durmeval Trigueiro Mendes e seu pensamento prospectivo. In: GARCIA. W. E.. (Org.). Educadores brasileiros do Século XX. Brasília-DF: Editora Plano, 2002, p. 93-113.

- FAVERO, M. L. A. Reflexões sobre o ensino e a pesquisa da História da Educação Brasileira.. In: GATTI JÚNIOR, D. e INÁCIO FILHO, G.. (Org.). História da Educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Editora Autores Associados, 2005, p. 47-67.
- FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. Memórias e escritos de um educador. In: MIGNOT, A.C.V.; CUNHA, M.T.S. (Org.) Práticas de memória docente. São Paulo: Cortez Editora, 2003, p. 113-134.
- FERREIRA Jr., A. ; BITTAR, M. O coronel Jarbas Passarinho e a ditadura militar: o último intelectual orgânico? In: Martins Filho, J. R.. (Org.). O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas. São Carlos: Edufscar, 2006, p. 201-223.
- FERREIRA Jr., A. ; OLIVEIRA, T. R. P. G. T. ; LUDWIG, A. C. W. O ensino de história nos cursos de formação de oficiais da Força Aérea Brasileira In: BITTAR, M.; SILVA, A.; ABRAMOWICZ, A. (Org.) Educação e pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos. São Carlos: RiMa / PPGE-UFSCar, 2004, p.141-164.
- FERREIRA Jr., A. Do contexto ao texto: a ditadura militar e a obra "Colonização e catequese" In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I.M. (Org.). Navegando pela história da educação brasileira. Campinas: HISTEDBR, 2006, p. 1-29.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. O estado da arte em história da educação colonial. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I.M. (Org.). Navegando pela história da educação brasileira. Campinas: HISTEDBR, 2006, p. 1-23.
- FERREIRA Jr., A.; BITTAR, M. Perseu Abramo. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro UFRJ/MEC-INEP, 2002, v. 1, p. 900-907.
- FERRO, M. A. B. História da Educação e Memórias Literárias. In: Branco, E. A. C.; Nascimento, F. A.. (Org.). Histórias: Cultura, Sociedade e Cidades. Recife: Bagaço, 2005, p. 201-212.
- FERRO, M. A. B. Pesquisa em História da Educação no Brasil: antecedentes, elementos impulsionadores e tendências. In: Cavalcante, M. J. M.; Bezerra, J. A.B.; Araújo, J. E. C.; Oliveira, J. E.. (Org.). História da Educação: Instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: Editora da UFC, 2005, p. 55-65.
- FREITAS, A. G. B. Cultura escolar, práticas educacionais e profissão docente: os balanços do campo da História da Educação. In: Miguel, M. E. B.; Corrêa, R. L. T. (Org.). A educação escolar em perspectiva histórica. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 67-76.
- FREITAS, A. G. B. Da normalista-espera-marido ao exercício profissional no magistério: trajetórias de ex-alunas do Instituto de Educação Rui Barbosa (Aracaju/SE-1920-1950). In: Campos, M. C. S.; Silva, V. L. G. (Org.). Feminização do magistério: vestígio do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: EDUSF, 2002, p. 141-162.
- FREITAS, A. G. B. Em defesa da educação feminina: os discursos veiculados na imprensa sergipana de autoria feminina, nas primeiras décadas do século XX. In: Cruz, M. H. S.; Alves, A. A. C. de F. Alves. (Org.). Feminismo, desenvolvimento e direitos humanos. Aracaju: UFS, 2005, p. 139-152.

GALVÃO, A. M. O. A palmatória era sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba. In: Faria Filho, L. M. de. (Org.). Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 1998, p. 117-142.

GALVÃO, A. M. O. Leituras de cordel em meados do século XX: oralidade, memória e a mediação do outro. In: Abreu, M.; Schapochnik, N. (Org.). Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005, p. 327-352.

GALVÃO, A. M. O. Leituras de professores e professoras: o que diz a historiografia da educação brasileira. In: Marinho, M. (Org.). Ler e navegar: espaços e percursos da leitura. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 77-118.

GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G. Manuais escolares e pesquisa em História. In: Veiga, C. G.; Fonseca, T. N. L. (Org.). História e Historiografia da Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 161-188.

GALVÃO, A. M. O.; BATISTA, A. A. G.; KLINKE, K.; SILVA, M. E. L. E.; MOURAO, S. M.; SILVA, S. O. E Livros escolares de leitura: o espaço de posições e o espaço de possíveis (1860-1950). In: Lopes, A. A. L.; Gonçalves, I.; Faria Filho, L. M. de; Xavier, M. C. (Org.) História da Educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: FUMEC, 2002, p. 347-356.

GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G. A cultura popular como objeto de estudo: da "beleza do morto" à compreensão de sujeitos e práticas culturais. In: Xavier, L. N.; Carvalho, M. M. C.; Mendonça, A. W.P.C.; Cunha, J. L. (Org.). Escola, culturas e saberes. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005, p. 106-138.

GALVÃO, A. M. O.; SOARES, L. J. G. Uma história da alfabetização de adultos no Brasil. In: Stephanou, Maria; Bastos, Maria Helena Câmara. (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005, v. 3, p.257-278.

GALVÃO, A. M.O. Práticas de leitura, impressos, letramentos: uma introdução. In: Batista, A. A. G.; Galvão, A. M. O. (Org.). Leitura: práticas, impressos, letramentos. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 11-45.

GALVÃO, A.M.O.; SOARES, L.J.G. História da alfabetização de adultos no Brasil. In: Albuquerque, E. B. C.; Leal, T. F. (Org.). Alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva de letramento. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 27-58.

GASPARELLO, A. M. ; VILLELA, H. O Colégio Pedro II e a construção da escola secundária brasileira. In: NUNES, Z. C. R.M.; SA, N. P.. (Org.) Instituições educativas na sociedade disciplinar brasileira. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 37-59.

GONCALVES NETO, W. Repensando a história da educação brasileira na Primeira República: o município pedagógico como categoria de análise. In: LOMBARDI, J.C; SAVIANI,D; NASCIMENTO,M.I (Org.). Navegando na História da Educação Brasileira. Campinas: UNICAMP/Histedbr, 2006, p. 1-15.

GONCALVES NETO, W.; CARVALHO, C. H.; ARAUJO, J. C. S. Discutindo a História da Educação: a imprensa enquanto objeto de análise histórica (Uberlândia-MG, 1930-1950). In: ARAÚJO, J. C. S.; GATTI JR., D. (Org.). Novos Temas em História da Educação brasileira: Instituições escolares e educação na imprensa.. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 67-89.

GONCALVES NETO, W.; CARVALHO, C.H. O nascimento da educação republicana:

- princípios educacionais nos regulamentos de Minas Gerais e Uberabinha (MG) no final do século XIX. In: Gatti Junior, D.; Inácio Filho, G. (Org.). História da educação em perspectiva: Ensino, pesquisa, produção e novas investigações. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 263-294.
- GONDRA, J. G. Filhos da sombra: os engeitados como problema da Hygiene no Brasil. In: Faria Filho, Luciano Mendes de. (Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 125-142.
- GONDRA, J. G. Paul-Michel Foucault - uma caixa de ferramentas para a História da Educação?. In: Faria Filho, Luciano Mendes de. (Org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autentica, 2005, p. 285-309.
- GONDRA, J. G. Principais perigos da História da Educação: uma reflexão em três atos. In: Cavalcante, Maria Juraci Maia; Bezerra, José Arimatéa Barros; Araújo, José Edvar Costa; Oliveira, Joan Édesson de. (Org.). História da Educação: instituições, protagonistas e práticas. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceará, 2005, p. 19-54.
- GONDRA, J. G.; FERREIRA, A. G. Idades da vida, infância e a racionalidade médico-higiênica em Portugal e no Brasil (séculos XVIII-XIX). In: Fernandes, Rogério; Lopes, Alberto; Faria Filho, Luciano Mendes de. (Org.). Para a compreensão histórica da infância. Porto: Campo das Letras, 2006, p. 153-177.
- GONDRA, J. G.; LEMOS, D. C. A. Poderes da assinatura: abaixo-assinado como fonte para a história da educação brasileira In: Rocha, Heloisa Helena Pimenta (Org.). Personagens, estratégias e saberes na construção da escola brasileira. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006, p. 189-206.
- HILSDORF, M. L. S. Material de ensino e história da educação: o livro didático. In: Miguel, M. E. B.; Corrêa, R. L. T.. (Org.). A educação escolar em perspectiva histórica. Campinas: Autores Associados, 2005, v. , p. 227-234.
- HILSDORF, M. L. S. O Centro de Memória da Educação USP: Acervo Documental e Pesquisas em História da Educação. In: Menezes, M. C. (Org.). Educação, memória, história: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 179-186.
- HILSDORF, M. L. S. Os seminários de educando de São Paulo. In: Menezes, M. C. (Org.). Educação, memória, história: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 213-263.
- HILSDORF, M. L. S. Tão longe, tão perto: as meninas do Seminário. In: Stephanou, M.; Bastos, M. H.B. (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005, v. II, p. 52-67
- HILSDORF, M. L. S.; CARVALHO, M.M.C. ; WARDE, M. Apontamentos sobre a história da escola e do sistema escolar brasileiro. In: Zuluaga, O.; Ossenbach, G. (Org.). Génesis y desarrollo de los sistemas educativos iberoamericanos - siglo XIX. Bogotá: Cooperativa Editorial Magistério, 2004, v. , p. 127-155.
- LOMBARDI, J. C. ; SAVIANI, D. 15 anos do HISTEDBR: Histórico e situação atual. In: Lombardi, J.C.; Saviani, D.; Sanfelice, J. L.. (Org.). Capitalismo, Trabalho e Educação. Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 145-163.

- LOMBARDI, J. C. A Educação e a Comuna de Paris: contribuição ao debate comemorativo dos 130 anos In: Boito Junior, A.. (Org.). A Comuna de Paris na História. São Paulo: Xamã, 2001, p. 157-168.
- LOMBARDI, J. C. A importância da abordagem histórica da gestão educacional. In: Bitencourt, A. B.; Oliveira Jr, W. M.. (Org.). Gestores: estudo, pensamento e criação. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, p. 181-188.
- LOMBARDI, J. C. A problemática do público e privado na história da educação no Brasil. In: Lombardi, J. C.; Jacomelli, M. R. M.; Silva, T. M. T. da (Org.). O público e o privado na história da educação brasileira - concepções e práticas educativas. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 141-160.
- LOMBARDI, J. C. As novas tecnologias e a pesquisa em história da educação. In: Faria Filho, L. M. (Org.). Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 123-150.
- LOMBARDI, J. C. Educação e a Comuna de Paris: novas sobre a construção da escola pública, laica, gratuita e popular. In: Orso, P. J.; Lerner, F.; Barsotti, P.. (Org.). A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade. São Paulo: Ícone Editora, 2002, p. 65-88.
- LOMBARDI, J. C. Educação, ensino e formação profissional em Marx e Engels In: Lombardi, J. C.; Saviani, D. (Org.) Marxismo e Educação - debates contemporâneos. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 39-68.
- LOMBARDI, J. C. Ética, Educação e os parâmetros curriculares nacionais: algumas reflexões histórico-filosóficas In: Lombardi, J. C.; GOERGEN, P. (Org.) Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 19-24.
- LOMBARDI, J. C. Grupo de Estudos e pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil. In: Agustin e Rogério Fernandes. (Org.). Los caminos hacia la modernidad educativa em Espana y Portugal (1800-1975). Espanha: Zamora, 1997, p. 277-289.
- LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In: Lombardi, J.C.; Nascimento, M. I. M.. (Org.). Fontes, história e historiografia da educação. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 141-160.
- LOMBARDI, J. C. Historiografia educacional brasileira e os fundamentos teórico-metodológicos da história. In: Lombardi, J.C.. (Org.). Pesquisa em Educação :História, Filosofia e Temas Transversais. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 7-32.
- MAGALHÃES, L. D. R. O filme como ferramenta para o estudo da História da Educação Brasileira. In: LOMBARDI, J.C; SAVIANI,D; NASCIMENTO,M.I (Org.). Navegando pela História da Educação Brasileira. Campinas: UNICAMP/HISTEDBR, 2006, p. 1-14.
- MAGALHÃES, L.D. R. A Educação na Primeira República. In: LOMBARDI, J.C, SAVIANI,D, NASCIMENTO,M,I (Org.). Navegando pela História a Educação Brasileira. Campinas:UNICAMP/HISTEDBR, 2006, p. 1-36.
- MENDONÇA, A. W. P. C. A Universidade Brasileira em questão: o debate sobre a reforma universitária no Brasil nos anos 1950/1960. In: Gondra, J. G.; Alves, C.; Magaldi, A. M. (Org.). Educação no Brasil: história, cultura e política. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 505-524.

MENDONÇA, A. W. P. C. Anísio Teixeira. In: Houssaye, J. (Org.) *Nouveaux pedagogues: d'hier et de demain*. Rouen: Editions Fabert, 2006, v. , p. -.

MENDONÇA, A. W. P. C. AnísioTeixeira e a Escola Nova. In: Xavier, M. C.. (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV/FUMEC, 2004, p. 241-255.

MENDONÇA, A. W. P. C. Leonel Edgar da Silveira Franca. In: Favero, M. L. A.; Britto, J. M.. (Org.). *Dicionário de Educadores no Brasil da Colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ MEC-INEP, 1999, p. 339-345.

MENDONÇA, A. W. P. C. O CBPE: um projeto de Anísio Teixeira. In: Mendonça, A. W.. P. C.; Brandão, Z. (Org.). *Porque não lemos Anísio Teixeira? uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 27-66.

MENDONÇA, A. W. P. C. O educador: intelectual ou burocrata? Uma perspectiva histórica.. In: Candau, V. M.. (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 11-29.

MENDONÇA, A. W. P. C. O intelectual como dirigente e como educador. In: Magaldi Téllez (Org.). *Educación, cultura y política: ensayos para la comprensión de la Historia de la Educación en America Latina*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1997, p. 213-219.

MENDONÇA, A. W. P. C.. A história da educação face a face à crise dos paradigmas. In: BRANDAO, Z.. (Org.). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994, p. 67-74.

MENDONÇA, A. W. P. C.; BRANDÃO, Z. O esquecimento de um livro: tentativa de reconstituição de uma tradição intelectual no campo educacional. In: Mendonça, A. W. P. C.; Brandão, Z. (org.). *Porque não lemos Anísio Teixeira? uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 5-26.

MENDONÇA, A. W. P. C.; BRANDÃO, Z. Porque não lemos Anísio Teixeira?. In: MENDONÇA, A. W. P. C.; BRANDÃO, Z.. (Org.). *Porque não lemos Anísio Teixeira? uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 181-193

MENDONÇA, A. W. P. C.; FERNANDES, A. L. C.; GOUVÊA, F.; OLIVEIRA, M. T. C.; CHAVES, M. W. A formação dos mestres: a contribuição de AnísioTeixeira para a institucionalização da pós-graduação no Brasil. In: Pôrto Jr, G.. (Org.). *Anísio Teixeira e o Ensino Superior*. Brasília: Bárbara Bela, 2001, p. 65-95.

MENDONÇA, A. W. P. C.; VASCONCELLOS, M. C. C. A gênese do conceito de educação pública. In: Ramos, L.P.C. (Org.). *Igreja, Estado e Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Papel Virtual Editora, 2005, p. 9-27.

MENEZES, J. M. F. A escola-parque e a história da educação na Bahia. In: Menezes, J.; Lobo, J. C. (Org.). *Brasil Educação: 1964 - 2004*. Salvador: Editora da UNEB, 2004, p. 47-56.

MIGNOT, A. C. V. A trajetória de uma educadora pioneira: Armanda Álvaro Alberto (1892-1974). In: Simões, Simone. (Org.). *Mulheres da Baixada Fluminense: Histórias de luta e conquista da cidadania feminina*. Rio de Janeiro: CEDIM, 2004, p. 31-45.

MIGNOT, A. C. V. Da gaveta à vitrine: exposições sobre escrita. In: SOUZA, E. C. de S. (Org.) *Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino*. Porto Alegre: EDIPUCRS,

2006, p. 207-224.

MIGNOT, A. C. V. Percurso de legitimação de uma signatária do debate educacional. In: ARAÚJO, M. M.; XAVIER, L. N.; CARVALHO, M. M. C.; MORAIS, M. A. C.; PAIVA, M. M.; STAMATTO, M. I. S. (Org.). *Intelectuais, estado e educação*. Natal: EDUFRN, 2006, p. -.

MIGNOT, A. C. V. Tangenciando imagens: bastidores da produção dos suportes da escrita escolar. In: Oliveira, Inês Barbosa de; Barreto, Raquel Goulart; Alves, Nilda (Org.). *Pesquisa em educação: métodos, temas e linguagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, v. , p. 177-188.

MIGUEL, M. E. B. A história da escola primária pública no Paraná: entre as intenções legais e as necessidades reais. In: Schelbauer, A. R.; Lombardi, J. C.; Machado, M. C. G.. (Org.). *Educação em debate: perspectivas, abordagens e historiografia*. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 187-239.

MIGUEL, M. E. B. Do levantamento de fontes à construção da historiografia: uma tentativa de sistematização. In: Lombardi, J. C.; Nascimento, M. I. M.. (Org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 111-120

MIGUEL, M. E. B. História do GT: Educação Brasileira e Paranaense. In: Lombardi, J. C.; Nascimento, M. I. M.. (Org.). *Fontes, história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados, 2004, p. 199-207.

MIGUEL, M. E. B. O significado da educação pública no Império (Paraná Província). In: Faria Filho, L. M.. (Org.). *Pesquisa em História da Educação: perspectivas de análise, objetos e fontes*. Belo Horizonte: Edições Horta Grande, 1999, p. 87-94.

MONARCHA, C. R. S. Estudos históricos em educação: entre antigos e modernos. In: Souza, R. F. de.; Valdemarin, V. T.. (Org.). *A cultura escolar em debate: questões metodológicas e desafios para pesquisa*. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 81-94.

MONARCHA, C. R. S. O triunfo da razão psicotécnica: medida humana e equidade social. In: Stephanou, M.; Bastos, M. H. C. B. (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 129-141.

MONARCHA, C. R. S. Revista do Jardim da Infância: uma publicação exemplar. In: Monarcha, C. R. S. (Org.). *Educação da infância brasileira: 1875-1983*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001, p. 81-119.

NASCIMENTO, J. C. do. Sobre o campo da História da Educação na região Nordeste. In: VASCONCELOS, J. G.; NASCIMENTO, J. C. do. (Org.). *História da Educação no Nordeste brasileiro*. Fortaleza: UFC Edições, 2006, v. , p. 29-43.

NASCIMENTO, J. C. do; FREITAS, A. G. B. Anísio Teixeira e as construções escolares como estratégia para a difusão de modelos pedagógicos. In: Araújo, M. M.; Brzezinski, I. (Org.). *Anísio Teixeira na direção do INEP: programa para a reconstrução da nação brasileira (1952-1964)*. Brasília: Inep/MEC, 2006, v. , p. 209-225.

NASCIMENTO, Jorge. C. do. A escola no espelho: São Paulo e a implantação dos grupos escolares no Estado de Sergipe. In: Vidal, D. G. (Org.) *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2006, v. 1, p. 153-172.

- NASCIMENTO, M. I. M. Grupos escolares na região dos Campos Gerais – PR. In: VIDAL, D. G.. (Org.). Grupos escolares, cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006, p.1-
- NEPOMUCENO, M. de A.; FERREIRA, S. Educação, cultura e sociedade no pensamento de Anísio Teixeira In: BRITO, M. H. O.; TIBALI, E. F. A.; NEPOMUCENO, M. A.; TERNES, J. (Org.). Pensamento educacional brasileiro. Goiânia: UCG, 2005, p. 40-60.
- NEPOMUCENO, M. de A.; TIBALLI, E. F. A.. Itinerários da pesquisa educacional: seu lugar no pensamento educacional brasileiro. In: BRITO, M. H. O.; TIBALI, E. F. A.; NEPOMUCENO, M. A.; TERNES, J. (Org.). Pensamento educacional brasileiro. Goiânia: UCG, 2005, p. 6-24.
- NEVES, F. M. A instrução pública, o método pedagógico de Lancaster e a instituição do Estado Nacional. In: Neves, F. M.; Rodrigues, E.; Rossi, E. R.. (Org.). Fundamentos históricos da educação no Brasil. Maringá: EDUEM, 2005, p. 59-77.
- NEVES, F. M. História da Educação no Brasil - considerações historiográficas sobre a sua constituição. In: Neves, F. M.; Rodrigues, E.; Rossi, E. R.. (Org.). Fundamentos históricos da educação no Brasil. Maringá: EDUEM, 2005, p. 13-27.
- NUNES, Z. C. R. M. (Des)encantos da modernidade pedagógica. In: Lopes, E. M. T.; Faria Filho, L. M.; Veiga, C. G.. (Org.). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 371-398.
- NUNES, Z. C. R. M. Anísio Teixeira - a luta pela escola primária pública no país. In: Smolka, A. L. B.; Menezes, M. C.. (Org.) Anísio Teixeira 1900-2000: provocações em educação. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 107-128.
- NUNES, Z. C. R. M. Às margens do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. In: Xavier, M. C. (Org.). Manifesto dos Pioneiros da Educação - Um legado em debate. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 39-66.
- NUNES, Z. C. R. M. As Políticas Públicas de Educação de Gustavo Capanema no Governo Vargas In: Bomeny, H.. (Org.). Constelação Capanema: intelectuais e políticas. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 103-126.
- NUNES, Z. C. R. M. Biblioteca Virtual Anísio Teixeira: reflexão sobre a experiência In: Faria Filho, L. M.. (Org.). Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias. São Paulo: Autores Associados, 2000, p. 19-30.
- NUNES, Z. C. R. M. Formação de educadores: os desafios do presente. In: Magaldi, A. M.; Alves, C.; Gondra, J. G.. (Org.). Educação no Brasil: História, Cultura e Política. Bragança Paulista: EDUSF, 2003, p. 11-28.
- NUNES, Z. C. R. M. Fragmentos de um conhecimento vivido: aprendendo e ensinando História da Educação. In: Monarcha, C. R. S. (Org.). História da Educação Brasileira: Formação do Campo. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005, p. 19-46.
- NUNES, Z. C. R. M. História da Educação e Comparação: algumas interrogações. In: SBHE(Org.). Educação no Brasil: história e historiografia. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 5-72.

- NUNES, Z. C. R. M. História da educação: interrogando a prática do ensino e da pesquisa. In: Lopes, A. A. B. M.; Gonçalves, I. A.; Faria Filho, L. M.; Xavier, M. C. (Org.). História da Educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002, p. 38-57.
- NUNES, Z. C. R. M. Interrogando a avaliação dos trabalhos de história da educação: o inventário de uma prática. In: Gondra, J. G. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 63-84
- NUNES, Z. C. R. M. Memória e História da Educação: entre práticas e representações In: Leal, M. C.; Pimentel, M. (Org.). História e Memória da Escola Nova. Rio de Janeiro: Loyola, 2003, p. 9-26.
- NUNES, Z. C. R. M. Pulsações In: Goulart, C.; Selles, S. E.; Rummert, S. M. (Org.). Dimensões e Horizontes da Educação no Brasil. Niterói: EDUFF, 2004, p. 23-32
- NUNES, Z. C. R. M. Um manifesto entre manifestos. In: Magaldi, A. M.; Alves, C.; Gondra, J. G. (Org.). A Reorganização do Campo Educacional no Brasil - Manifestações, Manifestos e Manifestantes Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p. 45-64.
- NUNES, Z. C. R. M.; CARVALHO, M. M. C. Historiografia da educação e fontes. In: Gondra, J. G. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 17-62.
- OLIVEIRA, T.; VITORETTI, R. A. Considerações sobre educação em Sêneca e Agostinho. In: Melo, J. J. P.; Pirateli, M. R. (Org.). Ensaio sobre o Cristianismo na Antiguidade. Maringá: EDUEM, 2006, p. 67-93.
- PAIVA, J. M. Educação jesuítica no Brasil colonial. In: LOPES, E.M.T.; FARIA FILHO, L.M.; VEIGA, C.G. (Org.). 500 Anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 43-59.
- PAIVA, J. M. Igreja e Educação no Brasil colonial. In: Stephanou, M.; BASTOS, M.H.C. (Org.). Histórias e Memórias da Educação Colonial, vol. I. Petrópolis RJ: Vozes, 2004, v. 1, p. 77-92.
- PAIXÃO, C. J. A reforma da instrução pública de Benjamin Constant e os elementos da moral positivista. In: Paixão, C. J. (Org.) Educação e conhecimento na Amazônia. Belém: Editora da UNAMA, 2004, p. 107-146.
- PAIXÃO, C. J. Os sentidos e significados da Moral positivista nas políticas públicas da Educação Brasileira do Século XIX. In: Araújo, R. M. de L. (Org.). Pesquisa em Educação no Pará. Belém: EDUFPA, 2003, p. 117-163.
- PERES, E. T. A institucionalização da modernidade pedagógica no Rio Grande do Sul: a criação do Centro de Pesquisa e Orientação Educacional (CPOE)-1943; In: Xavier, M. C. (Org.). Manifesto dos pioneiros da educação. um legado educacional em debate. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: FGV/FUMEC, 2004, p. 301-313.
- PERES, E. T. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: Frade, I. C. A. da; Maciel, F. I. P. (Org.). História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG,RS,MT, séculos XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006, p. 145-170.

- PERES, E. T. Desenvolvimento do projeto de pesquisa Cartilhas Escolares em Pelotas (RS): organização do trabalho, fontes e questões de investigação. In: Frade, I. C. A. da; Maciel, F. I. P. (Org.). História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG,RS,MT, séculos XIX e XX). Belo Horizonte: CNPq/Fapemig/CEALE, 2006, p. 117-144.
- PERES, E. T. Escola ativa na visão de Adolphe Ferrière: elementos para compreender a Escola Nova no Brasil. In: Stephanou, M.; Bastos, M. H. C. B. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005, v. III, p. 114-128.
- PERES, E. T. Memória e ensino: formação docente, trajetórias profissionais e práticas pedagógicas pela voz de antigas professoras primárias (RS, 1930-1970). In: HYPOLITO, Á. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A.. (Org.). Trabalho docente: formação e identidades. Pelotas: Seiva, 2002, p. 117-137.
- PERES, E. T. O ensino da linguagem na escola primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930-1950). In: Peres, E. T.; Tambara, E. (Org.). Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX). Pelotas: Seiva/FAPERGS, 2003, p. 75-94.
- PERES, E. T.; PORTO, G. C. A produção e a circulação de cartilhas do Método Global de ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 40-70). In: Leahy-Dios, Cyana. (Org.). Espaços e tempos da educação: ensaios. Rio de Janeiro: C.L. Edições/BRASA, 2004, p. 26-40
- RODRIGUES, J. R. G. Ensino de História da Educação no curso de Pedagogia. In: Lopes, A. A. B. M.; Gonçalves, I. A.; Faria Filho, L. M.; Xavier, M. C. (Org.). História da Educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: Centro Universitário FUMEC, 2002, p. 583-592.
- SA, N. P.; SIQUEIRA, E. M. A produção da História da Educação na Região Centro-Oeste: perspectiva (1992-2004) In: Gondra, J. G.. (Org.). Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 313-340.
- SA, N. P.; SIQUEIRA, E. M. Cenário Educacional de Mato Grosso (século XIX). In: SA, N. P.; Siqueira, E. M.; Reis, R. M. (Org.). Instantes e Memórias da História da Educação. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 125-141
- SA, N. P.; KUNZE, N. A escola de aprendizes artífices de Mato Grosso: organização de uma escola de ofícios. In: Nunes, Z. C. M.; SA, N. P. (Org.). Instituições escolares na sociedade disciplinar brasileira. Cuiabá: EDUFMT, 2006, p. 99-123.
- SA, N. P.; NEVES, D. S. S. Práticas pedagógicas na primeira metade do século XX: uma versão com a História Oral. In: SA, N. P.; Siqueira, E. M.; Reis, R. M. (Org.). Instantes e Memórias da História da Educação. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 261-272.
- SA, N. P.; SANTOS, E. J.. Da eugenia à ginástica: do século XIX à reforma educacional de 1910 em Mato Grosso. In: SA, N. P.; Siqueira, E. M.; Reis, R. M. (Org.). Instantes e Memórias da História da Educação. Cuiabá: EdUFMT, 2006, p. 149-162
- SAVIANI, D. Álvaro Borges Vieira Pinto. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J. de M. (Org.) Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Editora UFRJ; MEC-INEP, 1999, p. 45-50.
- SAVIANI, D. Anísio Teixeira: clássico da educação brasileira. In: PORTO JR., G. (Org.). Anísio Teixeira e o ensino superior. Brasília: Bárbara Bela, 2001, p. 23-29.

SAVIANI, D. Casemiro dos Reis Filho. In: FAVERO, M. L. A.; BRITTO, J. de M. Dicionário de educadores no Brasil: da Colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro : EDUFRJ / INEP., 2002, p. 230-236.

SAVIANI, D. É possível uma história da educação latino-americana ?. In: Saviani, D. (Org.). Para uma história da educação latino americana. Campinas: Autores Associados, 1996, , p. 1-16.

SAVIANI, D. História da educação e política educacional. In: SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação. (Org.). Educação no Brasil: história e historiografia. Campinas - SP: Autores Associados, 2001, p. 11-19.

SAVIANI, D. História das idéias pedagógicas: reconstruindo o conceito. In: Faria Filho, L.M. (Org.). Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes. Belo Horizonte: HG Edições, 1999, p. 9-24.

SAVIANI, D. Idéias para um intercâmbio internacional na área de história da educação. In: Sanfelice, J. L.; Saviani, D. (Org.). História da educação: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados / HISTEDBR, 1999, p. 9-18.

SAVIANI, D. O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional. In: Saviani, D; Lombardi, J.C.; Sanfelice, J.L. (Org.). História e História da Educação: o debate teórico-metodológica atual. Campinas: Autores Associados / HISTEDBR, 1998, p. 7-15.

SAVIANI, D. O lógico e o histórico nas análises de modelos e estilos educacionais da América Latina. In: Saviani, D. (Org.). Para uma história da educação latino-americana. Autores Associados, 1996, , p

SAVIANI, D. Sobre a atualidade de Anísio Teixeira. In: Smolka, A. L. B.; MENEZES, M. C. (Org.). Anísio Teixeira (1900-2000): provocações em educação. Campinas / Bragança Paulista: Autores Associados / EDUSF, 2000, p. 161-176.

SILVA, S. A. I.; REZENDE, C.C.; NISHIKAWA, M. Registros da Educação Brasileira a partir do Cotidiano Escolar: A memória social de uma educadora (1928 - 1977). In: Cunha, M. V. (Org.). Ideário e imagens da Educação Escolar. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 67-89.

SIMÕES, R. H. S.; FRANCO, S. P. A produção acadêmico-científica sobre a história da educação no Estado do Espírito Santo (1992-2002). In: Gondra, J. G. (Org.) Pesquisa em história da educação no Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 341-352..

SIQUEIRA, E. M. Ernesto Camilo Barreto. In: Fávero, M. L. A.; Britto, J. M. (Org.). Dicionário de Educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais. Rio de Janeiro: INP/COMPED/UFRRJ, 2002, p. 306-315.

SOUZA, M. C. C. C. ; HILSDORF, M. L. S. Um olhar para os esquecidos: José Vicente de Azevedo e a educação de crianças negras In: Rocha, H. H. P. (Org.). Personagens, estratégias e saberes na construção da escola brasileira. Bragança Paulista: EDUSF, 2006, p. 57-70.

SOUZA, M. C. C. C.; JANOTTI, M. L. M. O Colégio de Aplicação da Universidade de São Paulo nos anos 50 e 60. In: Simson, Olga R. Von. (Org.). Os desafios contemporâneos da História Oral. Campinas: CMU/ Unicamp, 1997, p. 267-290.

STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. História, memória e história da educação. In:

- STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C. (Org.). Histórias e Memórias da Educação no Brasil - século XX. Petrópolis: Vozes, 2006, v. III, p. 416-429
- TAMBARA, E. A. C. Educação e positivismo no Brasil. In: STEPHANOU, M.; BASTOS, M. H. C.. (Org.). Histórias e memórias da educação no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 166-179.
- TAMBARA, E. A. C. Igreja católica, positivismo e educação no Rio Grande do Sul na República Velha. In: OLIVEIRA, A.; OLIVEIRA, N.. (Org.). Fides et ratio. Pelotas: Educat, 2003, p. 281-192.
- TAMBARA, E. A. C. Introdução à história da educação imperial In: Tambara, E.; Arriada, E.. (Org.). Leis de instrução pública no período imperial no Brasil. Pelotas: Seiva Publicações, 2005, p. 8-15.
- TAMBARA, E. A. C. José Liberato Barroso e a História da Educação no Brasil. In: Tambara, E.; Arriada, E.. (Org.). A instrução pública no Brasil. Pelotas: Seiva Publicações, 2005, p. 8-16.
- TAMBARA, E. A. C. Karl Marx: contribuições para a investigação em história da educação no século XXI. In: Faria Filho, L. M.. (Org.). Pensadores sociais e história da educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 12-30.
- TAMBARA, E. A. C. Profissionalização, escola normal, feminização e feminilização: magistério sul rio-grandense de instrução pública: 1880-1935. In: HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S.; GARCIA, M. M. A.. (Org.). Trabalho docente: formação e identidade. Pelotas: Seiva, 2002, p.67-98.
- TAMBARA, E. A. C. Textos de leitura nas escolas de ensino elementar no século XIX no Brasil. In: PERES, E.; TAMBARA, E.. (Org.). Livros escolares e ensino de leitura e da escrita no Brasil (Séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva/FAPERGS, 2003, p. 95-116.
- TAMBARA, E. A. C.; ARRIADA, E. João Simões Lopes Neto: um educador popular ou um popularizador da educação? In: HENZ, C. I.; GHIGGI, G.. (Org.). Memórias, diálogos & sonhos do educador. Santa Maria: Pallotti, 2005. p. 237-250.
- VEIGA, C. G. Cidadania e educação, modernidade e modernismo. In: Souza, C. P., Catani, D. B.. (Org.). Práticas Educativas, culturas escolares, profissão docente. São Paulo: Escrituras, 1999, p. 171-180.
- VEIGA, C. G. Cultura escrita e educação: representações de criança e imaginário de infância, Brasil, século XIX. In: Fernandes, R.; Lopes, A.; Faria Filho, L. M. (Org.). Para a compreensão da História da infância. Porto: Campo das Letras, 2006, p. 43-78.
- VEIGA, C. G. Educação e identidade nacional no século XIX. In: Rocha, H. H. P. (Org.). Personagens, estratégias e saberes na construção da escola brasileira. Bragança Paulista: EDUSF, 2006, p. 113-138.
- VEIGA, C. G. Educação estética para o povo. In: Veiga, C. G., Teixeira, E.L. S., Faria Filho, L. M.. (Org.). 500 anos de Educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 399-419.
- VEIGA, C. G. Escola Nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos. In: Faria Filho, L.M. (Org.). Lições de Minas, 70 anos da Secretaria de Educação. Belo Horizonte: Formato, 2000, p. 48-65.

- VEIGA, C. G. Estratégias discursivas para a educação em Minas Gerais no século XIX. In: Vidal, D. G.; Souza, M. C. C.. (Org.). *A memória e a sombra*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 137-158.
- VEIGA, C. G. Etnicidade e História da Educação. In: Morais, C. C.; Portes, E. A.; Arruda, M. A. (Org.). *Historia da Educação: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 27-58.
- VEIGA, C. G. História Política e História da Educação. In: Veiga, C. G.; Fonseca, T. N. L.. (Org.). *História e Historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 1-288.
- VEIGA, C. G. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: Faria Filho, L. M.. (Org.). *A infância e sua educação, materiais, práticas e representações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 35-82.
- VEIGA, C. G. Lições da pedra: a sala de aula e a produção do aluno. In: Vilella, M. A.. (Org.). *Tempos e espaços de formação*. Chapecó: Argos, 2003. p. 1-240
- VEIGA, C. G. Manifesto dos pioneiros de 32: o direito biológico à educação e a invenção de uma nova hierarquia social. In: Xavier, M. C.. (Org.). *Manifesto dos pioneiros da educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 67-88.
- VEIGA, C. G. Pensando com Elias as relações entre sociologia e História da Educação. In: Faria Filho, L.M.. (Org.). *Pensadores sociais e História da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 139-166.
- VEIGA, C. G. Produção sócio-histórica da relação alunos e professores: alguns indicadores de análise. In: Peixoto, A. C.; Passos, M. (Org.). *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p. 199-218.
- VEIGA, C. G.; FARIA FILHO, L. M. A escrita da História da Educação Mineira: a produção de Paulo Krüger. In: Gondra, J. G. (Org.). *Dos arquivos a escrita da História: a educação brasileira entre o Império e a República no século XIX*. Bragança Paulista: EDUSF, 2001, p. 37-58.
- VIEIRA, C. E.; GONDRA, J. G. Mapas da Produção em História da Educação. In: GONDRA, J. (Org.). *Pesquisa em História da Educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 7-14.
- VILLELA, H. O. S. Do artesanato à profissão: representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX.. In: Stephanou, M.; Bastos, M. H. C. B. (Org.) *Histórias e memórias da educação no Brasil, vol.II: século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2005, v. II, p. 104-115.
- XAVIER, L. N. ; CANEN, A. Multiculturalismo, memória e história da educação: reflexões a partir do olhar de uma educadora alemã no Brasil Imperial . In: Mignot, A. C. V., Bastos, M. H. C., Cunha, M. T. S. (Org.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 63-80.
- XAVIER, L. N. A pesquisa do CBPE em revista. In: Brandão, Z.; Mendonça, A.W.P.C. (Org.). *Porque não lemos Anísio Teixeira? uma tradição esquecida*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 83-140.
- XAVIER, L. N. Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e a Universidade de Brasília. In: Porto Jr., Gilson (Org.) *Anísio Teixeira e o ensino Superior*. Brasília: Barbara Bela, 2001, p. 231-252.

XAVIER, L. N. Fernando de Azevedo e o legado de uma geração. In: GARCIA, W. (Org.). Educadores Brasileiros do século XX. Brasília: Plano, 2002, p. 117-140.

XAVIER, L. N. Intelectuais, estado e educação: aproximações e recuos nos anos 1950-60. In: Mendonça, S. (Org.). O estado brasileiro: agências e agentes. Niterói: EDUFF / Vício de Leitura, 2005, p. 233-245.

XAVIER, L. N. Manifestos, cartas, educação e democracia. In: Magaldi, A. M.; Gondra, J. G. (Org.). A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifestos e manifestantes. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003, p. 9-28.

XAVIER, L. N. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova como divisor de águas na história da educação brasileira. In: Xavier, M. C. (Org.). Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: FGV/FUMEC, 2004, p. 21-38.

XAVIER, L. N. Particularidades de um campo disciplinar em consolidação: balanço do I Congresso Brasileiro de História da Educação. In: SBHE. (Org.). Educação no Brasil: história e historiografia. São Paulo: Autores Associados, 2001, p. 206-217.

XAVIER, L. N. Reformar a Escola, Modernizar a Cultura. In: Porto Jr., G. (Org.). Anísio Teixeira e a Escola Pública. Pelotas: Ed. UFPel, 2000, p. 39-58.

XAVIER, L. N.; Brandão, Z. As ciências sociais e a formação dos educadores. In: Brandão, Z.; Mendonça, A. W. P. C. (Org.). Porque não lemos Anísio Teixeira? uma tradição esquecida. Rio de Janeiro: Ravil, 1997, p. 47-57.

XAVIER, L. N.; FREIRE, A.. Consenso e conflito: Fernando de Azevedo e a reforma da instrução pública no DF (1927-1930). In: Sento Sé, J. T.; Paiva, V. (Org.). Pensamento social brasileiro. São Paulo: Cortez, 2005, p. 45-66.

YAZBECK, D. C. M. Um projeto modernizador: o grupo escolar numa cidade de vocação industrial. In: VIDAL, D. G. (Org.). Grupos Escolares: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893 - 1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006, p. 259-276.